

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Denise Adélia Vieira Prata

DE ALLAN KARDEC A CHICO XAVIER:
UMA VISÃO HISTÓRICA DAS POESIAS E DOS ROMANCES
MEDIÚNICOS

Juiz de Fora
2016

Denise Adélia Vieira Prata

DE ALLAN KARDEC A CHICO XAVIER:
UMA VISÃO HISTÓRICA DAS POESIAS E DOS ROMANCES
MEDIÚNICOS

Tese apresentada como parte das exigências para obtenção do Grau de Doutora em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva.

JUIZ DE FORA

2016

Denise Adélia Vieira Prata

DE ALLAN KARDEC A CHICO XAVIER:
UMA VISÃO HISTÓRICA DAS POESIAS E DOS ROMANCES
MEDIÚNICOS

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Teresinha Vânia Zimbrão da Silva - UFJF

Prof^ª. Dr^ª Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves - UFJF

Prof. Dr. Dilip Loundo - UFJF

Prof. Dr Sidney Barbosa - UnB

Prof. Dr Altamir Celio de Andrade - CES

JUIZ DE FORA

2016

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Alice, pela dedicação e amor, durante todos estes anos, pela paciência, carinho, colaboração em todos os momentos em que precisei de seu amor. Seu apoio incondicional, nas horas difíceis foi, certamente, um grande estímulo para a realização deste trabalho. Suas palavras meigas e seus exemplos de bondade, fé e humildade repercutirão na minha vida para sempre.

Ao meu pai, Altair, que foi, sem dúvida, um grande Doutor. Sua vida foi e sempre será um espelho para as minhas ações e realizações e, mesmo ausente deste plano físico, continua sendo minha maior inspiração.

Ao meu marido, Rogério, pela doce presença em minha vida, pela paciência e pela compreensão em virtude da minha ausência em certos momentos de sua vida. Seu apoio transformou-se em joia de luz no meu coração, seu otimismo e serenidade são, sem dúvida, escoras infalíveis para o meu progresso.

Ao meu irmão, Altair Filho, meu amigo e colaborador incondicional, nos momentos em que mais precisei de sua ajuda.

À minha irmã, Márcia, e à sobrinha, Alice, pelo precioso humor que me ajudou a superar as ansiedades e por terem acrescentado um colorido especial neste trabalho.

À minha irmã, Izabel, e às minhas sobrinhas, Laura, Fabiana e Lívea, pelo carinhoso afeto.

À minha sogra, Heremita, por estar sempre orando para o meu êxito.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter a mim concedido a oportunidade desta reencarnação para meu aperfeiçoamento e evolução, por ter-me presenteado com uma família unida e colaboradora, responsável direta desta conquista e por ter colocado em meu caminho pessoas solidárias, sem as quais minha vida seria vazia.

A Jesus Cristo, que habita meus pensamentos, orienta as minhas boas escolhas e a quem agradeço tudo que tenho e sou hoje.

À minha Orientadora, professora Dr^a. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva, pelo interesse desde o primeiro momento em que falamos do tema deste trabalho, mas, sobretudo, pela paciência e dedicação no decorrer desta pesquisa, pelos ensinamentos, pelas lições de humildade e de perseverança imprescindíveis e pela inquestionável competência na execução deste estudo.

À Banca Examinadora, composta pelos professores doutores Teresinha Vânia Zimbrão da Silva, Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, Dilip Loundo, Sidney Barbosa, Altamir Celio de Andrade, Juliana Gervason Defilippo, Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira, Fernando Fábio Fiorese Furtado, pela participação e pela valiosa contribuição com seus conhecimentos para o enriquecimento deste trabalho.

À Coordenação do PPG-Letras – Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, por toda atenção a nós dispensada nestes quatro anos.

Aos Professores do PPG-Letras – Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela competência e confiança em sempre nos direcionar para caminhos acadêmicos profícuos.

Às Funcionárias do PPG-Letras – Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, Gisele Ambrósio Gomes e Daniele de Souza Leite Molina, pela assistência e pelos lembretes pontuais que jamais me deixaram esquecer os compromissos assumidos.

Aos colegas do PPG-Letras – Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelos quatro anos de colaboração vividos nesta Instituição. Especialmente à inesquecível amiga Helaine de Oliveira, pelos bons momentos vividos durante nossa trajetória no doutorado. Certamente, nas minhas lembranças, ficará a boa saudade.

À Direção do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – *Campus* Juiz de Fora, pelo apoio concedido por meio do Programa de Apoio à Qualificação – PROAQ e por toda a atenção que demonstra por seus funcionários.

Aos Professores do Núcleo de Línguas do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais- *Campus* Juiz de Fora, pela colaboração e pela boa vontade em atender a todos os meus pedidos.

À Professora Eunice Maria Godinho Morando, pela dedicação à revisão do texto deste trabalho, com uma boa vontade ilimitada e uma competência inquestionável. Saiba que jamais esquecerei sua rica colaboração.

À Federação Espírita Brasileira (FEB), pela cessão de materiais relevantes de seu acervo, para a realização desta pesquisa.

À Clara Betânia de Souza, Assistente Administrativa do setor de Documentos Patrimoniais do Livro da Federação Espírita Brasileira (FEB), pela disponibilidade empenho irrestritos em fornecer-me informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos Leci Miranda Teixeira e Antônio Carlos Teixeira da **Casa Espírita** de Juiz de Fora, pela solicitude em disponibilizar os materiais de pesquisa para o enriquecimento deste trabalho.

À amiga Maria Cristina Schlinz Larcher do **Centro Espírita Luz Divina**, pelos jatos de **Luz** lançados em meu coração.

Ao amigo e ex-aluno Wallace Silva Candido, pela colaboração com seus conhecimentos técnicos na área de informática.

Às Casas Espíritas da cidade de Juiz de Fora, pelo acolhimento para a obtenção de dados para a realização desta pesquisa.

Aos Professores Alexandre Caroli Rocha e Glaucio Cardoso pela preciosa colaboração e solicitude indispensáveis para a execução desta pesquisa e ao professor André Luis Gomes (UnB), pela participação na Banca do Exame de Qualificação.

À Manuela Vasconcelos, do Centro Comunhão Espírita de Lisboa, pela incondicional boa vontade em atender a todas minhas solicitações.

A Francisco Cândido Xavier, por ter doado à humanidade, segundo ele disse, a PAZ que nunca lhe pertenceu.

A todas aquelas pessoas que contribuíram de maneira sincera para a realização deste trabalho.

Nascer... lutar... morrer... Será só isto a vida?
Morrer... parar... findar... Será só isto a morte?
Será o humano ser como a folha perdida
Que em vendaval fortuito o Acaso em si transporte?

Nascer, sofrer, lutar! Que vã e inglória lida
Seria, para ter tão miserável sorte!
Que inútil criação, que coisa incompreendida
Se o nosso Ser findasse ao regelar da morte!

Que valia o viver nas garras da Tortura,
E o nosso esforço ingente em busca da Verdade
No amor, no Ideal, na Fé, no âmago da Natura,

Se o Ser se aniquilasse, inútil, ao morrer?
Mas não... não se aniquila. É dele a eternidade.
Morrer é progredir e acumular saber.

Fernando de Lacerda, póstumo.

RESUMO

O presente trabalho imprime um olhar histórico sobre as produções literárias mediúnicas representadas pelas poesias e romances. Pretende recuperar as discussões, debates e polêmicas que se materializaram em torno dessas modalidades, desde a Codificação da Doutrina Espírita por Allan Kardec, na França, até e após o surgimento do médium Chico Xavier, no cenário espírita brasileiro. Para tanto, foram utilizadas fontes bibliográficas, tais como a *Revista Espírita*, fundada por Kardec e as edições da revista *Reformador*, órgão de comunicação oficial da Federação Espírita Brasileira, dentre outras. O trabalho, ao destacar Allan Kardec e Chico Xavier como os pilares para uma reconstituição histórica a que nos propusemos, oferece uma releitura singular da trajetória da literatura mediúnica, desde a França até o Brasil. As discussões levantadas na tese, em virtude da eclosão da literatura mediúnica, pretendem contribuir para a disseminação do tema, uma vez que são poucos os estudos existentes a respeito deste tipo de literatura. Procuramos destacar as discussões, controvérsias e polêmicas em torno da literatura dita de além-túmulo, a fim de referendar essa literatura como um objeto passível de estudo pela academia.

Palavras-chave: Allan Kardec. Chico Xavier. Literatura mediúnica. Poesia espírita. Romance espírita.

ABSTRACT

This paper prints a historical look on mediumship literary productions represented by poems and novels. It wants to retrieve the discussions, debates and controversies that materialized around these forms from the Codification of Spiritism by Allan Kardec, in France, until the emergence of medium Chico Xavier in the Brazilian spiritualist scenario. Therefore, bibliographic sources have been used such as the *Spiritist Magazine*, founded by Kardec and the issues of the *Reformador* magazine, the official communication organ of the Brazilian Spiritist Federation, among others. The work, by highlighting Allan Kardec and Chico Xavier as the pillars for a historical reconstruction we set, offers a unique reinterpretation of the history of mediumship literature, from France to Brazil. The discussions raised in the thesis, because of the outbreak of mediumship literature, intend to contribute to the spread of the theme, since there are few existing studies about this type of literature. We seek out the discussions, disputes and controversies around the literature from beyond the grave in order to ratify this literature as a subject of study by the academy.

Keywords: Allan Kardec. Chico Xavier. Mediumship literature. Spiritualist Poetry. Spiritualist Novel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CODIFICAÇÃO DA DOUTRINA ESPÍRITA	17
1.1 Hydesville, nos USA: a explosão da mediunidade e o início do Espiritismo moderno	17
1.2 O professor Rivail e o contexto intelectual do século XIX	22
1.3 Allan Kardec, as mesas girantes e a codificação do Espiritismo	23
1.4 A <i>Revista Espírita</i>	26
1.5 A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	29
1.6 Auto de Fé das obras espíritas em Barcelona	30
1.7. A mediunidade psicográfica	32
1.7.1 A Psicografia e os estudos acadêmicos atuais	37
1.8 Kardec: a poesia mediúnica e o romance de temática espírita	39
2 AS IDEIAS DE ALLAN KARDEC CHEGAM AO BRASIL	68
2.1 Bahia - Berço do Espiritismo no Brasil	68
2.2 As primeiras obras espíritas divulgadas no Brasil	69
2.3 Os grupos de estudos espíritas e a fundação da Federação Espírita Brasileira	72
2.4 O Espiritismo e o Código Penal Brasileiro	77
2.5 As contribuições do Espiritismo para a cultura nacional	79
2.6 A recepção do Espiritismo pelos literatos brasileiros	81
2.6.1 O Espiritismo nas crônicas jornalísticas de Machado de Assis	84
2.6.2 O Espiritismo nos contos machadianos	91
2.6.3 Os romances machadianos em diálogo com o Espiritismo	100
2.6.4 Augusto dos Anjos e as sessões de psicografia	105
2.6.5 As manifestações mediúnicas nas crônicas de Lima Barreto	107
2.6.6 O Espiritismo na vida e na obra de Monteiro Lobato	108
2.7 Poesias e Romances mediúnicos traduzidos e produzidos no Brasil	112
2.7.1 Romances mediúnicos traduzidos	119
2.7.2 Romances psicografados no Brasil	125

3 CHICO XAVIER: A MEDIUNIDADE A SERVIÇO DA CONSTRUÇÃO DA LITERATURA ESPÍRITA BRASILEIRA	133
3.1 As edições de <i>Parnaso de Além-Túmulo</i> : a primeira obra mediúnica de Chico Xavier	141
3.2 Os temas da obra <i>Parnaso de Além-Túmulo</i>	145
3.3 A pré-estreia de <i>Parnaso de Além-Túmulo</i>	150
3.4 As polêmicas em torno de <i>Parnaso de Além-Túmulo</i>	155
3.5 Chico e o processo judicial	167
3.6 O olhar da academia sobre <i>Parnaso de Além-Túmulo</i>	172
3.7 Chico e a Série <i>Nosso Lar</i>	191
3.8 <i>Nosso Lar</i> – o romance	192
3.9 As versões traduzidas e as edições do romance <i>Nosso Lar</i>	199
3.10 As polêmicas sobre o romance <i>Nosso Lar</i>	208
3.11 A configuração da vida no Além no romance <i>Nosso Lar</i> com base na literatura espírita anglo-saxônica	216
3.12 O olhar da academia sobre o romance <i>Nosso Lar</i>	222
3.13 <i>Nosso Lar</i> – o filme	229
3.14. O crescimento da literatura espírita	240
CONSIDERAÇÕES FINAIS	242
REFERÊNCIAS	245

INTRODUÇÃO

A presente tese propõe uma visão histórica da literatura mediúnica, representada aqui pela poesia e pelo romance. Por “literatura mediúnica” entenda-se um conjunto de textos atribuídos a uma entidade conhecida como espírito que se comunica por escrito através de um médium consciente ou inconsciente, pelo fenômeno denominado “psicografia”.

Por que conhecer e estudar a literatura mediúnica? A intenção de nossa pesquisa será oferecer uma contribuição à história, à divulgação e à recepção da literatura mediúnica, ressaltando as poesias e os romances, desde a época da codificação do Espiritismo por Allan Kardec, na França, até as reproduções desses dois gêneros materializados pelas mãos do médium mineiro Chico Xavier no Brasil. Para realizar esse intento, pesquisamos e estudamos o acervo da Federação Espírita Brasileira (FEB), disponibilizado diretamente pelo seu setor de Documentos Patrimoniais do Livro. Usufruímos também do acervo digital da Federação. O contato direto com a FEB assegurou-nos a aquisição de um riquíssimo repositório de registros e informações sobre a história dos primeiros romances publicados, traduzidos e psicografados.

Asseguramos que a qualidade literária de algumas produções da chamada literatura de além-túmulo foi fator primário para despertar nosso interesse pela poesia e pelo romance mediúnicos, uma vez que, de fato, existem textos que conseguem harmonizar forma e conteúdo na construção de um universo coerente, estabelecendo relações de pertinência com a sociedade, a história e a cultura.

O principal motivo que nos impulsionou a estudar a literatura mediúnica é a contundente abstenção da crítica literária e do meio acadêmico, em geral, em desenvolver estudos e pesquisas em relação a este tipo de literatura. Ainda são incipientes as pesquisas envolvendo a temática espírita nas universidades brasileiras. Contudo percebe-se há algum tempo certa presença desse tema em trabalhos acadêmicos. Durante a nossa pesquisa, observamos que a temática espírita é mais recorrente nos Programas de Ciências das Religiões, História, Educação e Antropologia. Iniciativas acadêmicas e do próprio movimento espírita estão sendo realizadas com o objetivo de dar maior visibilidade aos trabalhos relacionados ao Espiritismo que estão sendo desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação nas universidades brasileiras. Na área de Letras, existem poucos trabalhos que versam sobre a poesia e o romance mediúnicos.

O pesquisador Tiago Paz e Albuquerque, mestre em Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com o trabalho *A representação social de perfeição na memória das personalidades do Espiritismo* (2009), reuniu no caderno *Pesquisando Espiritismo* cento e

setenta e um trabalhos, entre teses de doutorado e dissertações de mestrado, sobre a Doutrina Espírita defendidas em diferentes áreas do conhecimento e em diversas instituições de ensino superior no Brasil, entre os anos de 1982 e 2012. A pesquisa percorreu diferentes bases de dados, mas, principalmente, as provenientes do Banco de Teses da CAPES e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Contudo, são escassos os trabalhos na área de Letras que tratam das poesias e dos romances mediúnicos.

Iniciativas pioneiras da década de 1980, como a da professora Thaís Montenegro Chinellato, exemplificam um possível diálogo entre a temática espírita e a academia. A dissertação de mestrado de Chinellato, intitulada *O espírito da paraliteratura: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester*, recebeu nota máxima da banca examinadora da Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo. Na pesquisa, Chinellato desenvolveu uma análise sobre a produção psicográfica atribuída ao espírito Conde Rochester, poeta satírico britânico que viveu no século XVII.

A pesquisa de mestrado de Ângela Maria de Oliveira Lignani, na área de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, tem como abordagem central a psicografia. A dissertação intitulada *Psicografia e Inscrições Discursivas: A Escrita de Chico Xavier*, defendida em 2000, discute a caracterização da discursividade romanesca das produções psicográficas de Chico Xavier, concentrando-se, no romance *Há dois mil anos...*

O trabalho de mestrado *A Study of Reincarnation of Poe's "Ligeia" and "Morella"* de Francisco Alves de Sousa, defendido no curso de Letras, em 2001, da Universidade Federal da Paraíba tem o Espiritismo como temática central. Conforme Sousa explicou, o propósito do trabalho foi analisar o tema da reencarnação em dois contos "Ligéia" e "Morella", de Edgar Allan Poe.

A dissertação de mestrado de Sandra Mara Moraes Lima intitulada *Conforme Compadre meu Quelemém é quem diz: uma Voz Espírita em "Grande Sertão: Veredas"*, defendida em 2005, no curso de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, aborda a temática espírita na obra *Grande Sertão: Veredas* do escritor Guimarães Rosa.

A monografia *Ethos, Estilo e Autoria nos sonetos mediúnicos de Florbela Espanca* apresentada por José Antônio Ferreira da Silva, em 2011, no curso de Letras do Instituto Superior de Educação de Pesqueira-ISEP, Pernambuco, analisa três sonetos mediúnicos atribuídos à poetisa Florbela Espanca, psicografados por Jorge Rizzini, publicados na coletânea de poemas mediúnicos *Antodlogia do mais além* (RIZZINI, 1993) e os compara com três sonetos da própria poetisa publicados na coletânea *Sonetos* (ESPANCA, 1989).

Os trabalhos acadêmicos arrolados corroboram a possibilidade de que o Espiritismo seja visto como um possível objeto de estudo a ser desenvolvido pela academia. Temos consciência de que assuntos concernentes à religião, geralmente, suscitam críticas e debates acalorados. Sabemos que trabalhos dessa natureza são desafiadores e que uma pesquisa que tenha como assunto central a Doutrina Espírita pode sofrer rejeições por ser considerada como indesejada. Sem dúvida, segundo o pesquisador Bernardo Lewgoy, “O Espiritismo é um mundo ainda a ser desbravado, pleno de silêncios e questões de pesquisas as quais merecem um tratamento histórico e antropológico” (LEWGOY, 2004, p. 19).

O importante é saber que, mesmo “pleno de silêncios”, o campo discursivo espírita é também pleno de oportunidades de pesquisas e funda questões que estimulam novos trabalhos. Por isso, decidimos estudar a poesia e o romance mediúnicos, a fim de somar mais uma pesquisa acadêmica às precedentes e, inquestionavelmente, importantes sobre a literatura mediúnica.

A presente tese está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, estudaremos o aspecto histórico do Espiritismo, por entendermos que o surgimento e o desenvolvimento da literatura mediúnica são indissociáveis da estruturação e da configuração da Doutrina Espírita. A discussão inicial do capítulo prende-se aos relatos dos fenômenos mediúnicos de Hydesville, estado de Nova Iorque, protagonizados pelas irmãs Fox, que criaram um código de batidas nas paredes, o “alfabeto tiptológico”, promovendo assim os primeiros ensaios para a materialização de mensagens advindas do além-túmulo no mundo moderno. Na sequência, analisaremos os desdobramentos ocorridos logo após os fenômenos de Hydesville e estudaremos a codificação do Espiritismo por Allan Kardec. A biografia do mestre lionês será apresentada em duas fases: a primeira como professor Rivail e a segunda como codificador do Espiritismo. Discorreremos acerca dos estudos e esforços de Kardec para o êxito da divulgação da Doutrina Espírita. Citaremos a produção e a publicação da primeira obra da codificação, *O Livro dos Espíritos*, em 1857, e a fundação da *Revista Espírita* (1858) que, em suas várias edições, veiculou a crítica de Kardec às primeiras poesias mediúnicas e aos primeiros romances com temática espírita, assim denominados pelo mestre lionês. Comentaremos a fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos (1858) e ainda aludiremos ao episódio, em Barcelona, conhecido como o Auto de Fé (1861), em que foram queimados em praça pública livros da Doutrina recém-lançados, além de romances autobiográficos. Todas essas ocorrências deram visibilidade ao Espiritismo. O capítulo abordará também a psicografia, o que é fundamental para entendermos a evolução e a sedimentação da escrita mediúnica, bem como os novos debates e estudos sobre o assunto. Discutiremos ainda a relação de Allan Kardec com as primeiras manifestações literárias

mediúnicas no campo poético e suas pesquisas em relação aos romances espíritas surgidos no século XIX. Seleccionamos, para análise, duas poesias da obra mediúnica *Ecos Poéticos de Além-Túmulo* (*Échos Poétiques d'Outre-Tombe*). Comentaremos, na parte final do capítulo, a recepção de Kardec aos primeiros romances espíritas surgidos e veiculados na imprensa francesa no século XIX.

No segundo capítulo, estudaremos a chegada do Espiritismo ao Brasil. Descreveremos as primeiras obras divulgadas, os grupos de estudos formadores de adeptos da Doutrina, a fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB), os obstáculos judiciais enfrentados e as contribuições do Espiritismo para a cultura nacional. Sublinharemos ainda as marcas deixadas pelo Espiritismo na vida literária brasileira: de Machado de Assis a Monteiro Lobato a Doutrina Espírita se fez presente em crônicas jornalísticas, em textos ficcionais e até mesmo na vida pessoal de alguns literatos. Finalizaremos o capítulo com o estudo de poesias e romances mediúnicos produzidos ou traduzidos no Brasil, a partir de 1890.

No terceiro capítulo, traçaremos um perfil do trabalho mediúnico de Chico Xavier e destacaremos a importância que a obra do médium teve para a divulgação e consolidação da Doutrina Espírita no Brasil. Faremos referência também às publicações no exterior dos livros psicografados por Chico. Analisaremos a repercussão da publicação da primeira obra psicografada pelo médium, *Parnaso de Além-Túmulo*. Resgataremos a fase de divulgação, as mudanças nas edições e os temas abordados na obra. As polêmicas levantadas pela crítica literária a respeito do livro *Parnaso de Além-Túmulo* e o processo judicial enfrentado por Chico, devido a algumas produções psicografadas virem assinadas pelo escritor Humberto de Campos, sustentarão também os debates do capítulo. Mencionaremos trabalhos acadêmicos referentes à obra *Parnaso de Além-Túmulo*, a fim de reforçar as discussões em torno da antologia. Analisaremos o fragmento de um poema de Castro Alves, escrito em vida e uma poesia mediúnica ditada por ele ao médium Chico Xavier.

Na parte final do capítulo, abordaremos a produção romanesca mediúnica de Chico e seleccionamos a obra *Nosso Lar*, assinada pelo espírito André Luiz, para objeto de estudo. Faremos alusão às primeiras avaliações do livro, às versões traduzidas e às edições iniciais do romance. Levantaremos as polêmicas sobre a obra, materializadas pela imprensa em revistas, em sites da *internet* e também no meio espírita. Analisaremos as teorias acerca da configuração de *Nosso Lar*, levando em conta a concepção kardequiana e a visão doutrinária da literatura anglo-saxônica e ainda citaremos trabalhos acadêmicos sobre o livro de André Luiz. O filme *Nosso Lar* também ganha espaço no trabalho. Buscaremos resgatar o contexto de veiculação do

longa-metragem, bem como discutir o novo alcance que o romance ganhou com a divulgação do filme. As polêmicas quanto à versão cinematográfica da obra serão também discutidas. Na parte final do capítulo, abriremos uma reflexão acerca do crescimento da literatura mediúnica romanesca.

1 CODIFICAÇÃO DA DOUTRINA ESPÍRITA

O que fez o professor Rivail se transformar em Kardec, o “Codificador da doutrina espírita”? O que o levou a acreditar que as mesas que se erguiam do chão e bailavam no ar, nos salões nobres da sociedade francesa, eram movidas por espíritos e não por charlatões? O que o convenceu a lançar perguntas ao invisível para receber de volta, pelas mãos de duas adolescentes, as irmãs Julie e Caroline Baudin (equipadas com “cestas de bico”), respostas atribuídas a espíritos?

Marcel Souto Maior

O início oficial da Doutrina Espírita leva em conta duas interpretações, conforme esclarece o historiador espírita Fabio Alessio Romano Dionisi, em seu livro *A História do Espiritismo – Da França de Kardec ao Brasil de Chico* (2013): a primeira é baseada na convicção dos espíritas de países latinos, que sustentam ser a publicação de *O Livro dos Espíritos*, compilado por Kardec, o marco inicial do Espiritismo. Dionisi explica que essa primeira interpretação é reforçada pelas palavras de José Herculano Pires¹: “(...) O Espiritismo, como doutrina, só apareceu no mundo em 18 de abril de 1857 – numa data exata -, aquela em que surgiram nas livrarias de Paris os primeiros volumes de *O Livro dos Espíritos*” (DIONISI, 2013, p. 27). De acordo com o historiador, a segunda interpretação resguardada pelos espíritas americanos e ingleses tem em conta que o marco inicial do movimento espírita ocorreu a partir do episódio mediúnico de Hydesville², em 31 de março de 1848.

Ainda sobre outras divergências acerca do surgimento do Espiritismo, Dionisi (2013) cita o livro *A história do Espiritualismo – De Swedenborg ao início do século XX*, de Arthur Conan Doyle³, para apontar um possível estranhamento do leitor brasileiro ao livro de Doyle,

¹ José Herculano Pires é autor de oito dezenas de livros distribuídos nas áreas de filosofia, ensaios, histórias, Psicologia, Parapsicologia e Espiritismo, alguns em parceria com o médium Francisco Cândido Xavier, e é considerado um dos autores mais críticos dentro do movimento espírita (Nota da autora).

² O episódio mediúnico de Hydesville será comentado no item 1.1.

³ Arthur Ignatius Conan Doyle foi médico e escritor mundialmente conhecido por suas sessenta histórias relatando as aventuras do detetive Sherlock Holmes, personagem por ele criado. Travou o seu primeiro contato com o Espiritismo no ano de 1887, iniciando neste mesmo ano sessões mediúnicas. Após as mortes de sua esposa Louisa (1906), do seu filho Kingsley, do seu irmão Innes, de seus dois cunhados e de seus dois netos, logo após a Primeira Guerra Mundial, Conan Doyle mergulhou em profundo estado de depressão. Encontrou consolação no Espiritismo e esse envolvimento levou-o a escrever sobre o assunto, tornando-se um de seus maiores divulgadores e defensores (DOYLE, 2013, p. 9).

uma vez que ele o inicia pela vida e obra de Emmanuel Swendenborg⁴ e somente inclui o nome de Allan Kardec no capítulo 21, ao estudar “Espiritismo francês, alemão e italiano”:

Kardec aparece, assim, como uma espécie de figura secundária, de influência reduzida ao âmbito nacional do movimento Espírita francês. É que, no movimento Espírita, como em todos os movimentos, as coisas vão se definindo aos poucos, através do tempo, não se mostrando logo com a precisão necessária. Somente agora, quase trinta anos depois da morte de Conan Doyle, é que a figura de Kardec, reconhecida há muito, nos países latinos, como o codificador do Espiritismo, vai se impondo também, nas suas verdadeiras dimensões, ao mundo anglo-saxão (DIONISI, 2013, p. 27).

O fato é que o Espiritismo tomou fôlego a partir do momento em que houve, segundo Kardec, a planificação do desenvolvimento de seu trabalho: aos espíritos caberia a construção doutrinária e ao codificador e seus seguidores a sua formatação e a sua comunicação por meio da organização temática, da expressão literária e das suas diversas manifestações sociais.

1.1 Hydesville, nos USA: a explosão da mediunidade e o início do Espiritismo moderno

Nos Estados Unidos da América, por volta de 1850, a atenção pública foi atraída para diversos fenômenos estranhos, que consistiam em ruídos, pancadas e movimentos de objetos, sem causa conhecida. Muitas vezes, esses fenômenos se produziam espontaneamente, com persistência e intensidade singulares; mas, também se observou que ocorriam mais particularmente sob a influência de certas pessoas, que foram designadas pelo nome de *médiuns* e que, de algum modo, os podiam provocar à vontade, o que permitia a repetição das experiências.

Alla Kardec

⁴ Muitos são os nomes e formas de manifestações mediúnicas que compõem o percurso da história da Doutrina Espírita. O sueco Emmanuel Swedenborg (1688–1772) foi considerado o precursor do Espiritismo, devido às suas visões dos fenômenos do mundo extrafísico. Em uma delas, o médium descrevia uma espécie de vapor que exalava dos poros do seu corpo, que sendo aquoso e muito visível caía no solo sobre o tapete. O relato de Swedenborg assemelha-se à descrição do ectoplasma utilizado nas manifestações mediúnicas de efeitos físicos. A mediunidade de Swedenborg foi reforçada ainda mais quando o médium, em uma de suas visões, descreveu um incêndio em Estocolmo a 300 milhas de distância. O acontecimento foi investigado pelo filósofo Kant (História de alguns médiuns e suas notáveis faculdades). **Jornal Ciência Espírita**. Disponível em: <<http://jornalcienciaespirita.org/historia-de-alguns-mediuns-e-suas-notaveis-faculdades/>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

Segundo a Doutrina Espírita, a mediunidade e os fenômenos psíquicos são tão antigos quanto o mundo, contudo só despertaram a atenção dos intelectuais e pesquisadores quando estranhos fenômenos impactaram o anonimato da família Fox.

O episódio mediúnico envolvendo as irmãs Fox – Katherine (1841-1892) e Margaret (1838-1893), protagonistas dos célebres episódios de efeitos físicos, deu-se nos Estados Unidos, no pequeno lugarejo de Hydesville, situado no Condado de Wayne, Estado de Nova Iorque⁵. Quando a família Fox mudou-se para Hydesville, em dezembro de 1847, era composta pelo Sr. John Fox, sua esposa e três filhas: Katherine (Kate), Margaret (Magie) e Leah, a mais velha, que tempos depois mudou-se, pois lecionava música em Rochester.

Conforme expôs o escritor e historiador espírita Jorge Rizzini, em seu livro *Kardec, irmãs Fox e outros* (1995), a casa dos Fox já havia pertencido aos Weekeman, que haviam se mudado dali, porque vinham sendo perturbados, constantemente, por ruídos e pancadas nas paredes.

Nos três primeiros meses, a família Fox viveu uma pacata rotina caseira. Porém, na madrugada de 31 de março de 1848, a casa começou a produzir estranhos fenômenos: pancadas no assoalho, abrir e fechar de portas e móveis que se deslocavam sem nenhuma causa aparente. Foram em vão as diligências efetuadas pela família, no intuito de descobrir a causa dos singulares episódios. Contudo, as irmãs Kate e Margareth, à época com onze e quatorze anos, respectivamente, conseguiram estabelecer contato com o suposto espírito, por meio de um critério de batidas, a fim de identificarem quem realmente estava tentando se comunicar. Segundo suas informações, o espírito era de Carlos Rosma, que fora mascate e havia sido assassinado pelo Sr. Bell, antigo morador da casa, com um golpe na garganta desferido com uma faca de açougueiro. O assassino o matou para roubar-lhe quinhentos dólares e sua mercadoria. O corpo fora levado para a adega e na noite seguinte enterrado ali mesmo.

De fato, naquela casa, em 1844, havia residido o casal, Sr. e Sra. Bell, que não possuía filhos. No inquérito aberto para apurar a veracidade da revelação do espírito Carlos Rosma, uma antiga criada dos Bell, Lucretia Pulver, em seu depoimento, contou que se lembrava de um vendedor ambulante haver pernoitado na casa dos patrões, mas que não havia presenciado nada, uma vez que fora dispensada para que eles acomodassem melhor o visitante. Disse que, no dia

⁵ Ao contrário do que se julga no Brasil e no estrangeiro, as irmãs Fox não eram norte-americanas. Os Arquivos Históricos da Cidade de Nova Iorque atestam que a médium Margaret Fox nascera em Bath, uma vila próxima da cidade de Kingston, na província de Ontário, no dia 7 de outubro de 1833. Ela era canadense como seus seis irmãos, contando David, o único varão (RIZZINI, 1995, p. 48).

seguinte, ao retornar fora informada de que o mascate havia partido bem cedo e não se comentou mais nada.

Curiosamente, em 1904, passados cinquenta e seis anos da manifestação do suposto espírito na casa dos Fox, um grupo de crianças brincando nas redondezas da casa em ruínas se deparou com um esqueleto e um baú de ferro. A comprovação de que a ossada era de Rosma revelou que a narrativa do espírito à família Fox correspondia ao que havia ocorrido. Atualmente, os restos mortais do mascate e o seu baú encontram-se em um museu, em Lily Dale, nos Estados Unidos.

Após este fato que alcançou grande repercussão, as irmãs Fox empreenderam uma série de apresentações públicas, fazendo demonstrações da própria mediunidade em todos os estados do oeste americano, o que ocasionou a fundação de centenas de centros espíritas. A família Fox fixou residência em Rochester, onde já gozava de grande fama e pôde aperfeiçoar sua comunicação com os espíritos. Surgiram assim as movimentações das mesas girantes e dançantes: as irmãs Fox, instruídas pelos espíritos, imprimiram maior rapidez às comunicações, adaptando um lápis a um cesto ou objeto semelhante, sobre uma folha de papel em branco. A cesta seria movida por uma força oculta, que traçaria com o lápis letras que formariam frases e textos, às vezes longos, em tempo bem mais rápido do que o sistema anterior (as batidas). Bastaria que as pessoas, presentes à sessão, colocassem as pontas dos dedos de suas mãos sobre a mesa. As irmãs Fox alcançaram grande fama e se mudaram para Nova York, onde repetiram os mesmos fenômenos e sempre atraíram muitas pessoas às reuniões e às demonstrações.

Contudo, sob a influência de sua irmã mais velha, Leah Fox, as médiuns se deixaram envolver na exploração de suas faculdades mediúnicas e passaram a promover exibições, em que cobravam ingressos, produzindo fenômenos à base de fraudes. Ao se retratarem publicamente pelos desmedidos gestos, a credibilidade mediúnica das irmãs Fox já estava, porém, comprometida.

Segundo Rizzini (1995, p. 47), “As irmãs Fox são um marco na história da mediunidade. Graças a elas, pela primeira vez o fenômeno mediúnico chamou a atenção dos homens de cultura (...) a imprensa americana e a europeia, enfocando as irmãs Fox, induziram milhares de pessoas a praticar a mediunidade (...)”. O acontecimento de Hydesville ecoou pela Europa, despertando as consciências e, ao lado dos fenômenos chamados de *mesas girantes e falantes*⁶

⁶ Trataremos deste assunto no item 1.3.

ocorridos a partir de 1853, preparou o aparecimento do Espiritismo enquanto movimento organizado.

Se há dúvidas sobre quem foi ou qual foi o episódio que lançou o Espiritismo para o mundo, conforme vimos anteriormente, elas desaparecem quando se trata da autoria do termo Espiritismo. O termo “Espiritismo” foi criado por Allan Kardec pelas razões que ele mesmo explica na Introdução de *O Livro dos Espíritos*:

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e Espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas ou, se quiserem, os espiritistas (KARDEC, 2013, p. 13).

De acordo com estudos de Kardec, o neologismo “Espiritismo” traduzia acentuadamente o novo conjunto de ideias que surgia naquele momento: “O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” (KARDEC, 1993, p. 50). Foi ainda Kardec que, ao tomar contato com os fenômenos espíritas, logo percebeu suas várias nuances e os múltiplos rumos que esses acontecimentos poderiam tomar.

O item a seguir discorrerá sobre a trajetória de vida do codificador da Doutrina Espírita: como professor Rivail e como Allan Kardec.

1.2 O professor Rivail e o contexto intelectual do século XIX

A educação é a arte de formar os homens; isto é, a arte de fazer eclodir neles os germes da virtude e abafar os do vício; de desenvolver sua inteligência e de lhes dar instrução própria às suas necessidades; enfim, de formar o corpo e de lhe dar força e saúde. Numa palavra, a meta da educação consiste no desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais.

Rivail, H.-L.-D.

Hippolyte-Léon-Denizard Rivail⁷ nasceu em Lyon⁸, na França, no dia 3 de outubro de 1804. A vida do codificador da Doutrina Espírita é pouco conhecida, principalmente a fase que antecede a adoção do pseudônimo Allan Kardec.

Segundo o biógrafo Edson Audi (2013), com dez anos de idade, após seus primeiros estudos em Lyon, o jovem Rivail foi transferido para a Suíça, onde estudou no Instituto Pestalozzi, de Yverdon, fundado e dirigido pelo professor Johann Heinrich Pestalozzi⁹. É importante destacar, a partir deste momento, que muitos leitores conhecem somente a extensão dos trabalhos de Kardec à frente da implantação do Espiritismo, mas não é menor o seu esforço na área pedagógica. Dessa forma, podemos dizer que o professor Rivail imprimiu fôlego na carreira de magistério e também na de tradutor de livros. Em 6 de dezembro de 1823, publicou seu *Curso prático e teórico de aritmética*, seu primeiro livro¹⁰. Ainda em 1823, direcionou sua

⁷ O nome civil que consta na certidão de nascimento do codificador do Espiritismo é Hippolyte-Léon- Denizard Rivail (Nota da autora).

⁸ Antiga colônia romana de *Lugdunum* fundada em 43 a. C. (AUDI, 2013, p. 8).

⁹ Pestalozzi criou uma nova metodologia de ensino, na qual aplicou teorias próprias e aprofundou, na prática, teses de Jean-Jacques Rousseau. Partindo do princípio de que: “a intuição é a fonte de todos os nossos conhecimentos”. Pestalozzi fundou o edifício do ensino novo:

- 1- “A intuição é o fundamento da instrução”.
- 2- “A linguagem deve estar ligada à intuição”.
- 3- “A época de ensinar não é a de julgar e criticar”.
- 4- “O ensino deve seguir a via do desenvolvimento e jamais a da exposição dogmática”.
- 5- “A individualidade do aluno deve ser sagrada para o educador”.
- 6- “As relações entre mestre e aluno, sobretudo no que concerne à disciplina, devem ser fundadas no amor e por ele governadas” (PESTALOZZI, *apud* AUDI, 2013, p. 12).

Segundo Pestalozzi, o papel do pedagogo é o de desenvolver a individualidade da criança em lugar de simplesmente lhe transmitir conhecimentos. Suas ideias e métodos influenciaram vários dos sistemas de ensino primário do mundo ocidental desde então (AUDI, 2013, p. 15).

¹⁰ O livro foi lançado em dois volumes e elaborado em harmonia com o sistema pestalozzinano. Com esta obra, objetivou introduzir o conhecimento da aritmética, através de uma instrução sólida e acessível a todos, dando-lhe

atenção ao estudo sobre o mesmerismo¹¹ ou magnetismo animal, tornando-se um magnetizador. Em 1825, dirigiu a “Escola de Primeiro Grau” sob os alicerces dos métodos de seu mestre Pestalozzi¹². Em 1826, fundou o Instituto Técnico Rivail, modelado no recém-extinto Instituto de Yverdon. Casou-se em 1832, com Amélie-Gabrielle Boudet, professora de Letras e Belas Artes. Em *Vida e Obra de Allan Kardec*, o biógrafo Edson Audi ressalta que:

O professor Rivail foi um burguês liberal, imbuído do ideal republicano de liberdade, igualdade e fraternidade e pertenceu à geração dos socialistas utópicos¹³. Acreditava que para criar uma nova humanidade, seria necessário criar uma nova criança e confiar na ciência. Rivail acreditava que o homem que estudar as ciências “rirá da credulidade supersticiosa dos ignorantes. Ele não mais crerá em almas do outro mundo e em fantasmas. Não mais tomará fogos-fátuos por espíritos” (AUDI, 2013, p. 36).

1. 3 Allan Kardec, as mesas girantes e a codificação do Espiritismo

Paris, rua Grange Batelière, número 18, maio de 1855. Eram oito horas da noite de uma terça-feira quando a sessão na casa da Sr^a. De Plainemaison começou. Em silêncio absoluto, os convidados tomaram seus lugares à mesa, mãos espalmadas sobre o tempo de carvalho. Entre os mais compenetrados estava o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, 50 anos. Em poucos minutos, se tudo desse certo, ele seria testemunha de um fenômeno que

um sentido prático e utilitário. Com grande aceitação, o livro teve duas edições em 1824 e continuou a ser publicado até o ano de 1876 (AUDI, 2013, p. 25).

¹¹ Mesmerismo: teoria de Franz Anton Mesmer, médico austríaco (1733-1815), segundo a qual todo ser vivo seria dotado de um fluido magnético capaz de ser transmitido a outros indivíduos, estabelecendo-se assim influências psicossomáticas recíprocas, inclusive com fins terapêuticos (AUDI, 2013, p. 26).

¹² A ênfase dos historiadores e também a nossa ao retratar Pestalozzi e destacar sua participação na vida de Rivail é extremamente apropriada, tendo-se em vista a enorme influência positiva que exerceu sobre ele. Um exemplo que Rivail/Kardec seguiria de seu mestre foi o de destinar o produto dos seus direitos autorais às obras humanitárias. Da mesma forma que Pestalozzi deixou os direitos autorais de todas as suas obras publicadas entre o período de 1819 e 1824 à fundação de uma escola para crianças abandonadas, seu discípulo faria o mesmo com tudo o que publicou (DIONISI, 2013, p. 37).

¹³ As primeiras formulações da crítica ao capitalismo e em favor de uma sociedade igualitária foram feitas pelos socialistas utópicos. Eles receberam essa denominação porque pregavam a construção de uma sociedade ideal sem, no entanto, mostrar formas concretas de viabilizá-la. A nova sociedade surgiria como produto da ação de homens bons. Os principais representantes dessa corrente filosófica e política foram os franceses Saint-Simon (1760-1825), um dos mais importantes teóricos “utópicos”, Charles Fourier (1772-1837) e Louis Blanc (1811-1882); além de Robert Owen (1771-1859), um empresário inglês cujas fábricas, em New Lanark, eram dirigidas de modo a criar melhores condições de vida e de trabalho para os operários e que fundou colônias-modelo e cooperativas de trabalhadores. Essas primeiras ideias socialistas estiveram presentes nas revoluções liberais de 1830 (MORAES, 1998, pp. 326-327).

causava espanto e polêmica na Europa e nos Estados Unidos do século XIX: o espetáculo das mesas girantes.

Marcel Souto Maior

Allan Kardec interessou-se pelas mesas girantes¹⁴ em 1854, quando um amigo, o Sr. Fortier, lhe falou a respeito. Contudo, somente em maio de 1855 é que Kardec foi convidado às reuniões realizadas na residência da Sr^a. de Plainemaison. Na ocasião, teve a oportunidade de assistir “a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica, numa ardósia, com o auxílio de uma cesta” (KARDEC, 2009, p. 348). Esse processo da “cesta de bico” refere-se a uma cestinha com um lápis amarrado ao lado, pendurada sobre a mesa, e em cujas bordas os médiuns colocavam as mãos, produzindo a escrita. Em *O Livro dos Médiuns* (2013), no capítulo XI, Kardec relata que as primeiras manifestações inteligentes de espíritos foram obtidas por meio de pancadas, fenômeno batizado por Kardec como tiptologia. Inicialmente obtinham-se as comunicações por respostas monossilábicas – sim ou não – o que proporcionava grandes limitações para o efetivo e claro entendimento das mensagens. Conforme explica Kardec, as comunicações só começaram a se aperfeiçoar, apesar de ainda lentas, quando surgiu a tiptologia alfabética que determinava o número de pancadas a cada letra. Esse método, sem dúvida, contribuiu para a construção de frases e discursos completos. Embora limitadas, essas comunicações tiveram seu valor ressaltado por Kardec, como sendo as primeiras provas perceptíveis do pensamento do espírito em relação ao do médium e aos dos comunicantes assistentes. Kardec constatou ainda, pela primeira vez, a “dança das mesas”, que descreveu nestes termos: “Presenciei o fenômeno das mesas, que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não havia lugar para qualquer dúvida” (KARDEC, 2009, p. 348).

Na sequência das reuniões, Kardec conheceu a família Baudin. O Sr. Baudin o convidou para assistir às sessões semanais que se realizavam em sua casa. Os encontros eram conduzidos pelas filhas do Sr. Baudin, as médiuns Julie e Caroline, de 14 e 16 anos respectivamente. Conforme expôs Kardec sobre as sessões na casa dos Baudin: “Os assistentes se ocupavam, principalmente, de coisas respeitantes à vida material, ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério; a curiosidade e o divertimento eram os objetivos capitais de todos” (KARDEC, 2009, p. 349).

¹⁴ O fenômeno das “Mesas Girantes” era composto por mesas que tinham uma base com três pés; as pessoas colocavam suas mãos na superfície delas ou ficavam em torno da mesa e aguardavam os movimentos ou giros. O interessante era que as mesas não só se levantavam num pé para responder às perguntas, mas também se moviam em todos os sentidos, giravam nos dedos dos participantes e, às vezes, até se elevavam no ar (KARDEC, 2004, p. 50).

Entretanto o teor frívolo das reuniões foi sendo modificado com a constante presença de Kardec, que a partir de então imprimiu fôlego aos estudos sobre as manifestações:

Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como a fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. (...) Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurava em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levanamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir (KARDEC, 2009, pp. 349-350).

As questões levantadas nas reuniões, sucessivamente desenvolvidas e aprofundadas por Kardec com o auxílio do Espírito de Verdade¹⁵ e, posteriormente, com a ajuda de outros espíritos constituíram a base do primeiro livro da Codificação: *O Livro dos Espíritos*¹⁶, publicado em 18 de abril de 1857. Foi também em um desses encontros que o codificador extrairia a justificativa e o aconselhamento para adotar o pseudônimo de Allan Kardec¹⁷.

¹⁵ O pseudônimo “Espírito de Verdade” aparece na literatura espírita brasileira grafado de duas maneiras: ora com uma contração ora com preposição. Essas duas formas geram dúvidas, por isso optamos em esclarecer, pautados na explicação do livro *Obras Póstumas*, que pela tradição lê-se e se escreve “Espírito de Verdade”. Além da tradição histórica, acrescenta-se este fato: em uma das mensagens em língua francesa dirigidas a Allan Kardec, o pseudônimo da Entidade crística aparece com a preposição, ou seja, “Espírito de Verdade” em conformidade com o Novo Testamento. O insigne “Espírito de Verdade” é uma individualidade que, em sua primeira mensagem (psicografada em 1856, em Paris pelas irmãs Baudin), dirigiu-se a Kardec afirmando: “- Para ti, eu me chamarei A VERDADE...” (AUDI, 2013, p. 58).

¹⁶ *O Livro dos Espíritos* contém os princípios da Doutrina Espírita. Trata da imortalidade da alma, da natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade – recebidos e coordenados por Allan Kardec. Divide-se em quatro tópicos: “As causas primeiras”; “Mundo espiritual ou dos Espíritos”; “Leis morais” e “Esperanças e consolações” (RIVAS, 2014, p. 17).

¹⁷ “Uma noite, seu Espírito protetor Z., deu-lhe, por um médium, uma comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos Druidas, viviam juntos nas Gálias. Ele se chamava, então, Allan Kardec e, como a amizade que lhe havia votado só fazia aumentar, prometia-lhe esse Espírito secundá-lo na tarefa muito importante a que ele era chamado e que facilmente levaria a termo” (SAUSSE, *apud* AUDI, 2013, p. 55).

As razões para ele adotar o pseudônimo encontram-se na questão da notoriedade. Na época, Kardec já era conhecido como o mestre Rivail e autor de vários livros sobre educação. Ele já era famoso não somente na França

Dando sequência a seu trabalho mediúnico publicou outras quatro obras consideradas básicas da Codificação: *O Livro dos Médiuns* (1861)¹⁸, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864)¹⁹, *O Céu e o Inferno* (1865)²⁰, *A Gênese* (1868)²¹. Kardec escreveu ainda dois outros pequenos livros: *O que é o espiritismo?* e *O Principiante Espírita*. Após sua morte, a partir de 1890, Pierre-Gaëtan Leymarie, espírita francês, deu continuidade à obra do codificador e publicou mais um livro *Obras Póstumas*, que continham artigos de Kardec ainda não conhecidos pelo público.

1.4 A Revista Espírita

Apressei-me a redigir o primeiro número e fi-lo circular a 1º de janeiro de 1858, sem haver dito nada a quem quer que fosse. Não tinha um único assinante e nenhum fornecedor de fundos. Publiquei-o correndo eu, exclusivamente, todos os riscos e não tive de que me arrepender, porquanto o resultado ultrapassou a minha expectativa. A partir daquela data, os números se sucederam sem interrupção e, como previa o Espírito, esse jornal se tornou um poderoso auxiliar meu.

Allan Kardec

como na Europa inteira. Todos os livros que escrevia, na área didática, eram sucesso garantido assim que chegavam às livrarias. O professor Rivail achou por bem não colocar o seu nome nas obras espíritas porque, certamente, o público as compraria pelo seu nome e não pelo conteúdo que nelas era apresentado. Preferia que o Espiritismo chegasse às pessoas por força do seu conteúdo e não pela força do nome de um autor famoso. Por isso, adotou o pseudônimo de Allan Kardec (Nota da autora).

¹⁸ O livro orienta a conduta prática das pessoas que exercem a função de intermediar o mundo espiritual com o material. Mostra aos médiuns os inconvenientes da mediunidade, suas virtudes e os perigos provindos de uma faculdade descontrolada. Ensina a forma de obter contatos edificantes junto à espiritualidade. A obra demonstra ainda as consequências morais e filosóficas decorrentes das relações entre o invisível e o visível. É considerado pelos espíritas o maior tratado de paranormalidade já escrito (RIVAS, 2014, p. 17).

¹⁹ Trata-se da parte moral e religiosa da Doutrina Espírita. Ensina a teoria e a prática do Cristianismo, através de comentários sobre as principais passagens da vida de Jesus feitos por Allan Kardec e pelos espíritos superiores (RIVAS, 2014, p. 17).

²⁰ Neste livro, Allan Kardec apresenta O Céu, o Purgatório e o Inferno conforme as instruções dos espíritos. Põe fim às penas eternas, demonstrando que tudo no universo evolui e que as teorias sobre o sofrimento no fogo do inferno nada mais são do que imaginação. Comunicações de espíritos desencarnados, de cultura e hábitos diversos são analisadas e comentadas pelo codificador, mostrando a situação de felicidade, de arrependimento ou sofrimento dos que habitam o mundo espiritual (RIVAS, 2014, p. 17).

²¹ Este livro é um estudo a respeito de como foi criada a terra, como apareceram as criaturas e como é o universo em suas faces material e espiritual; é a parte científica da Doutrina Espírita. Explica a Criação, colocando Ciência e Religião face a face. Os “milagres” realizados por Jesus são explicados como sendo produto da modificação dos elementos da natureza, sob a ação de sua mediunidade e não transgressão das leis naturais (RIVAS, 2014, p. 17).

O êxito de *O Livro dos Espíritos* estimulou Kardec a criar outros meios de divulgação do Espiritismo. Em 1º de janeiro de 1858 começou a circular a *Revista Espírita*, cujo objetivo era articular informações com diferentes grupos sobre a Doutrina Espírita, dirimir dúvidas e buscar respostas para os amplos questionamentos surgidos. Recebeu, segundo informou o pesquisador Luiz Hu Rivas, instruções da espiritualidade sobre como deveria conduzir a publicação da *Revista*:

A ideia é boa, publicar um primeiro número como ensaio, mas um só número não bastará; entretanto, é conveniente e mesmo necessário, para abrir caminho. Será preciso que lhe dispenses muito cuidado, a fim de assentares as bases de um bom êxito durável. Apresentá-lo defeituoso, melhor será nada fazer, porquanto a primeira impressão pode decidir do seu futuro. De começo, debes cuidar de satisfazer à curiosidade; reunir o sério ao agradável: o sério para atrair os homens de Ciência, o agradável para deleitar o vulgo. Esta parte é essencial, porém a outra é mais importante, visto que sem ela o jornal careceria de fundamento sólido. Em suma, é preciso evitar a monotonia por meio da variedade, congregar a instrução sólida ao interesse que, para os trabalhos ulteriores, será poderoso auxiliar (RIVAS, 2014, p. 104).

Editada por Kardec durante doze anos²², a *Revista Espírita*, conhecida também como *Jornal de Estudos Psicológicos*, foi fundamental para o entendimento das reflexões feitas pelo Codificador. Muitos textos que aparecem em suas páginas foram anexados às outras obras de Kardec que se seguiram à publicação de *O Livro dos Espíritos*. Na apresentação do número inicial, Kardec destacou como um dos objetivos do periódico “unir por um laço comum os que compreendem a Doutrina Espírita sobre seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e da caridade evangélica com todos” (KARDEC, 1858, p. 22).

Kardec dirigiu a *Revista Espírita* até 31 de março de 1869, sendo responsável pelo fascículo de abril do mesmo ano, o qual já estava concluído dias antes de sua morte. De 1869 até 1914, a *Revista Espírita* continuou sendo editada, agora, por Pierre-Gaëtan Leymarie, que assumiu essa tarefa logo após a morte de Kardec e dirigiu-a durante trinta anos. Entre 1914 e 1918, as edições sofreram interrupções por motivo da I Guerra Mundial. Em outubro de 2000

²² Em princípio, Allan Kardec, buscou ajuda de amigos para veiculação do periódico, mas não conseguiu e se viu obrigado a redigir e a publicar o primeiro e os demais números por sua própria conta (DIONISI, 2013, p. 73).

foi aprovada, na sétima reunião do Conselho Espírita Internacional (CEI), a proposta da *Union Spirite Française et Francophone* (USFF) para a publicação em conjunto da *Revista*.

No Brasil, segundo relata o escritor espírita Dalmo Duque dos Santos, em seu livro *Nova História do Espiritismo – Dos Precursores de Kardec a Chico Xavier* (2010), a *Revista Espírita*, inicialmente, foi traduzida por Júlio de Abreu Filho, no início dos anos de 1960, por iniciativa de José Herculano Pires, que responsabilizou-se pelas traduções das poesias. Este último considerava que a iniciativa da tradução era o marco de uma nova era do Espiritismo na América Latina. De acordo com Santos, na apresentação do primeiro volume da *Revista Espírita*, Herculano Pires define assim a importância histórica desta publicação:

Até agora, entretanto, essa obra era simples raridade bibliográfica, reservada ao conhecimento de alguns privilegiados que a possuíam no original francês. E é inacreditável que no Brasil, onde o espiritismo encontrou por assim dizer o clima espiritual mais apropriado ao seu desenvolvimento, só agora a *Revista Espírita* seja colocada ao alcance do público, em tradução para a nossa língua. Kardec revela, como vimos, que a revista foi o seu mais importante instrumento de pesquisa, verdadeira sonda para a captação das reações do público, ao mesmo tempo que instrumento de divulgação e defesa da doutrina. Mais que isso, porém, constitui-se numa espécie de laboratório para as manifestações mediúnicas, colhidas à luz dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e controladas pelas experiências da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e pelas novas manifestações espirituais recebidas (SANTOS, 2010, p. 259).

Existem atualmente três traduções brasileiras disponíveis: a primeira, conforme vimos acima, realizada por Abreu Filho. A tradução de Salvador Gentile, editada em 1993 pelo Instituto de Difusão Espírita (IDE), de Araras-SP, é considerada a segunda. A terceira tradução foi efetuada e disponibilizada pela Federação Espírita Brasileira²³ para *download*, em 2004, por ocasião do bicentenário de nascimento de Allan Kardec. No site oficial da FEB (www.febnet.org.br), encontra-se toda a coleção de 12 volumes da *Revista Espírita* de Allan Kardec, relativos aos anos de 1858 a 1869, período em que essa revista esteve sob a responsabilidade do Codificador da Doutrina Espírita. As traduções foram assinadas por Evandro Noleto Bezerra. As poesias foram vertidas para o português por Inaldo Lacerda Lima.

²³ Parque editorial da FEB, situado na cidade do Rio de Janeiro – RJ (Nota da autora).

A FEB, por meio do Conselho Espírita Internacional, conseguiu o registro oficial do nome da revista, que é editada em vários idiomas. O periódico também circula atualmente em vários países, mas encontra-se descaracterizado. A coleção completa também pode ser obtida, em edição digital, nos seguintes endereços: <http://www.bibliotecaespirita.com>, site mantido pela Federação Espírita do Paraná, e ainda no portal *Esnips*, para busca de livros em formato PDF e DOC: <http://www.esnips.com>. A revista pode ser lida no original pelo site Encyclopédie Spirite: <http://www.spiritisme.net>.

1.5 A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Apresentavam grandes interesses tais reuniões, pelo caráter sério de que se revestiam e pelas questões que ali se tratavam. Lá não raro compareciam príncipes estrangeiros e outras personagens de alta distinção.

Allan Kardec

Em virtude da crescente disseminação das ideias espíritas e dos sistemáticos encontros entre os estudiosos da nova doutrina, Kardec fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), em 1º de abril de 1858, praticamente um ano após o lançamento do 1º volume da Codificação. Para ele, as reuniões espíritas deveriam ser levadas a efeito em instituição especialmente criada com esse objetivo, a fim de evitar a frivolidade e a interferência de contingências e interesses da vida privada dos participantes. Na *Revista Espírita* de maio de 1858, o Codificador deu ciência da criação da Sociedade:

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Fundada em Paris a 1º de abril de 1858 e autorizada por portaria do Sr. Prefeito de Polícia, conforme o aviso de S. Ex. o Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral, em data de 13 de abril de 1858 (KARDEC, 1858, p. 233).

O Estatuto dessa entidade, reconhecida como primeiro Centro Espírita regularmente constituído no mundo, estava normatizado por vinte e nove artigos que se encontravam

dispostos em seis seções: Dos objetivos e fins, Da constituição, Dos sócios, Da administração, Das sessões e Outras disposições. Segundo Dalmo Duque dos Santos (2010), Kardec era rigoroso no cumprimento das disposições estatutárias e da disciplina na condução das atividades realizadas pela Sociedade. Essas exigências contribuíram para dar credibilidade à instituição e aos seus pronunciamentos acerca dos assuntos tratados. Era também extremamente prudente e austero nos pareceres exarados e nunca permitiu que a Sociedade se tornasse arena de controvérsias e debates estéreis. As atividades levadas a efeito na época podem ser apreciadas pela leitura do "Boletim", usualmente inserido nas edições da *Revista Espírita*.

De acordo com o relatório de abril de 1862, publicado na *Revista Espírita*, a Sociedade experimentou considerável crescimento nos dois primeiros anos de funcionamento. Entre os membros figuravam cientistas, literatos, artistas, médicos, engenheiros, advogados, magistrados, membros da nobreza, oficiais do exército e da marinha, funcionários civis, empresários, professores e artesãos. O número de visitantes chegava a quase mil e quinhentas pessoas por ano.

Embora a SPEE tenha sido, conforme apontamos, a primeira entidade espírita oficialmente constituída, ela nunca teve sobre outras quaisquer vínculos de ascendência, filiação ou solidariedade material. Quando houve a criação de laços com outras instituições, estes se referiam à identidade de objetivos e à troca de experiências.

Apesar do esforço de Kardec para manter a sobriedade das tarefas executadas na Sociedade, a entidade viu-se sujeita a muitas vicissitudes. No entanto, ela se sobrepôs às calúnias e às maledicências de toda sorte, firmou-se, cresceu e veio a ser modelo para numerosas associações de estudo e propaganda do Espiritismo, posteriormente criadas na França e em várias outras partes do mundo, inclusive no Brasil, como veremos mais adiante.

1.6 Auto de Fé das obras espíritas em Barcelona

Podem queimar-se livros, mas não se queimam idéias (...).

Allan Kardec

Considerado um ato de intolerância religiosa, o Auto de Fé ocorreu na Espanha em 1861, na cidade de Barcelona. Kardec enviara vários exemplares de *O Livro dos Espíritos*, de *O Livro*

dos Médiuns, das coleções da *Revista Espírita*, de autobiografias póstumas, além de diversas obras e brochuras espíritas, em um total de aproximadamente trezentos volumes. Eles pertenciam ao editor e livreiro francês Maurice Lachâtre, que se encontrava exilado em Barcelona²⁴, mas que acompanhava com interesse o grande movimento de livros espíritas, a fim de comercializá-los em sua livraria. Kardec enviou dois caixotes, contendo trezentos livros. O objetivo era a divulgação do Espiritismo em solo espanhol. A remessa atendia a todos os requisitos legais da alfândega espanhola, mas a sua liberação foi sustada, sob a alegação de ser indispensável a aprovação do bispo de Barcelona, Antônio Palau y Termens. Lidas as obras, o bispo concluiu que se tratava de livros perniciosos, que deviam ser lançados ao fogo, “por serem imorais e contrários à fé católica” (SANTOS, 2010, p. 80). Todos os volumes acabaram confiscados e queimados em praça pública pela Igreja Católica. A execução ocorreu no dia 9 de outubro de 1861, ficando conhecida entre os espíritas como o Auto de Fé de Barcelona. Na *Revista Espírita* de 1861, Kardec relata as obras incineradas:

Hoje, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:
A Revista Espírita, diretor Allan Kardec;
A Revista Espiritualista, diretor Piérard;
O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec;
O Livro dos Médiuns, pelo mesmo;
O que é o espiritismo, pelo mesmo;
Fragmentos de sonata ditada, pelo Espírito Mozart;
Carta de um católico sobre o Espiritismo, pelo Dr. Grand;
A História de Joana d’Arc, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufau²⁵;
A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta, pelo Barão de Guldenstubbé (KARDEC, 1861, pp. 466-467).

²⁴ O editor Maurice Lachâtre, nascido, em 1814, em Issoudun, no departamento de Indre, mudou-se ainda jovem para Paris, atraído pela vida intelectual da capital francesa. Editor e escritor, foi em ambas as atividades um contestador por excelência, em choque permanente com o regime político e a religião católica dominante. Em 1857, foi condenado a um ano de prisão e a uma multa de seis mil francos, por ter editado o romance *Os mistérios do povo*, de Eugène Sue, que difundia os ideais socialistas e fazia críticas à sociedade francesa e às suas injustiças. No ano seguinte, sofreu nova condenação pelo regime de Napoleão III agora pela publicação do *Dicionário universal ilustrado*. A pena era duríssima: seis anos de prisão. Para escapar da prisão Lachâtre refugiou-se na Espanha (PONTES, 2004, pp. 160-161).

²⁵ Nota do tradutor: *Dufau*, no original. O correto é *Dufaux* - Ermance Dufaux (SANTOS, 2010, p. 80).

Em *Obras Póstumas* (2009), Kardec revela que o senhor Lâchatre lhe perguntou se ele desejaria recorrer à autoridade superior, a fim de suspender o ato arbitrário da Igreja. Contudo, o codificador opinou que deixasse ser consumado o fato.

Mais tarde, segundo “Nota” consignada em *Obras Póstumas*, no mesmo artigo que se refere ao Auto, Kardec revelou que de Barcelona lhe haviam enviado uma aquarela feita *in loco* por um artista da cidade, retratando a cena do “espetáculo”. Disse também que recebera um pouco de cinza apanhada na fogueira, onde se encontravam fragmentos ainda legíveis de folhas queimadas, tudo conservado por ele em uma urna de cristal. Esse material foi guardado no *Maison des Spirités* (Casa dos Espíritas), em Paris, mas foi destruído pelos nazistas, quando da ocupação de Paris, em 1940, na Segunda Guerra Mundial.

O certo é que esse ato produziu um efeito contrário, pois houve uma grande repercussão que ganhou toda a Espanha e, conseqüentemente, contribuiu para propagar as ideias espíritas na Terra de Cervantes. Na edição da *Revista Espírita* de novembro de 1861, Kardec conclui:

A perseguição sempre foi proveitosa à idéia que se quer proscrever. Por ela se exalta a sua importância, chama-se a atenção dos que a ignoravam e que passam a conhecê-la. Graças a esse zelo imprudente, todo mundo na Espanha vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que é ele. Eis tudo quanto desejamos. Podem queimar-se livros, mas não se queimam idéias: as chamas das fogueiras superexcitam, em vez de abafar. Aliás, as idéias estão no ar e não há Pirineus bastante altos para as deter. E quando uma idéia é grande e generosa encontra milhares de corações prontos a aspirá-la. A despeito do que tenham feito, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; cinzas da fogueira vão fazê-las frutificar (KARDEC, 1861, pp. 468-469).

Frise-se que o episódio em Barcelona estimulou o incipiente movimento espírita internacional a prosseguir seus estudos e sua ação pela busca da consolidação de seus conceitos.

1.7 A mediunidade psicográfica

Se eu pudesse recomeçar minha vida, deixaria de lado tudo o que fiz para estudar a paranormalidade.

Sigmund Freud

O movimento espírita considera a mediunidade psicográfica como um dos principais canais de comunicação dos “encarnados” com o mundo espiritual.

Conforme vimos, os primeiros contatos de Allan Kardec com os fenômenos de efeitos físicos foram por meio das mesas girantes. O fenômeno visto, em um primeiro momento, como forma de entretenimento, representou o ponto de partida do Espiritismo na Europa. Após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, os estudos do mestre lionês se concentraram na organização das pesquisas referentes à mediunidade. Em 1861, aparece a segunda obra da codificação *O livro dos médiuns*²⁶, também conhecida como *Guia dos médiuns e dos evocadores*. Kardec, nos capítulos X a XIII, relata que as primeiras manifestações inteligentes de espíritos foram obtidas por meio de pancadas, fenômeno batizado por Kardec de tiptologia²⁷. Inicialmente obtinham-se as comunicações por respostas monossilábicas – sim ou não – o que proporcionava grandes limitações para o efetivo e claro entendimento das mensagens:

As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas ou da tiptologia. Esse meio primitivo, que se ressentia das condições iniciais da arte, só oferecia recursos muito limitados, tudo se reduzindo, nas comunicações a respostas monossilábicas, por *sim*, ou por *não*, mediante convencionado número de pancadas. Mais tarde, como já dissemos, esse método foi aperfeiçoado (KARDEC, 2013, p. 153).

As comunicações só começaram a se aperfeiçoar, apesar de ainda lentas, quando surgiu a tiptologia alfabética que determinava o número de pancadas a cada letra, conforme explica Kardec:

De acordo com o método adotado, a mesa dará tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma pancada para o *a*, duas pancadas para o *b* e assim por diante. Enquanto isso, uma pessoa irá escrevendo as letras, à medida que forem sendo indicadas. Quando termina o ditado, o Espírito adverte os assistentes por meio de um sinal que se haja convencionado para isso (KARDEC, 2013, p. 155).

²⁶ Da mesma maneira que *O Livro dos Espíritos* teve uma edição preparatória, de contato, para depois surgir em edição definitiva e ampliada, *O livro dos Médiuns* foi precedido por um opúsculo sob o título *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, que foi publicado por Kardec, em 1858. Dando sequência à obra da Codificação do Espiritismo, Allan Kardec lançaria, no princípio de janeiro de 1861, *O Livro dos Médiuns*, editado por Didier & Cia. Em 1862, sob a sua supervisão pessoal e com o ‘curso dos Espíritos’, como consta do original em francês, surgiu, acrescida de grande número de novas instruções, a 2ª edição: a definitiva (RIVAS, 2014, p. 40).

²⁷ Em *O Livro dos Médiuns* (2013), além dos ruídos e das pancadas, Kardec esclarece que os espíritos também imitam a voz humana e podem ser ouvidos com clareza pelas pessoas, geralmente, essa comunicação ocorre no estado de transição entre a vigília e o sono e recebeu de Kardec o nome de pneumatofonia (KARDEC, 2013, p. 162).

Esse método, sem dúvida, contribuiu, posteriormente, para a construção de frases e discursos completos. Embora limitadas, essas comunicações tiveram seu valor ressaltado por Kardec, como sendo as primeiras provas perceptíveis do pensamento do espírito em relação ao médium e aos dos comunicantes assistentes.

A produção discursiva mediúnica psicográfica consagrou-se como uma marca identitária do Espiritismo e contou, inicialmente, com a utilização das pranchetas e cestas munidas de lápis. Outros objetos como a cesta-pião e a mesa miniatura também foram usados como elo entre os homens e os espíritos. A escrita obtida por esses instrumentos foi chamada mais tarde de "psicografia indireta". Após essa fase inicial, alguns experimentadores tiveram a ideia de substituir as cestinhas pela mão do próprio médium, o que deu origem à "psicografia direta" ou "psicografia manual", utilizada até os dias de hoje.

A escrita manual ou psicográfica foi considerada por Kardec a maneira mais simples de se estabelecer contato com o mundo astral: “De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. É para ele que devem tender todos os esforços, por permitir que se estabeleçam com os Espíritos relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós” (KARDEC, 2013, p. 183). Essa relação se dá entre um sujeito-Espírito e um médium psicógrafo. O psicógrafo atua como intérprete do invisível e possibilita a materialização do pensamento do espírito comunicante.

Os médiuns escreventes viram ser despertadas suas faculdades à medida que os estudos kardequianos ganhavam fôlego. A comunicação entre os dois mundos (físico e extrafísico) populariza-se e a psicografia “(...) tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com as nossas próprias correspondências” (KARDEC, 2013, p. 165).

Kardec, em *O Livro dos Médiuns* (2013), relata que, na mediunidade psicográfica, o médium escrevente: “Às vezes se acha num estado de crise mais ou menos acentuado. É o que lhe causa fadiga e por isso precisa de repouso. Entretanto, na maioria das vezes, seu estado quase não difere do estado normal, principalmente quando se trata de médiuns escreventes” (p. 225). O codificador, no item seis da obra supracitada, esclarece ainda que o médium é um intérprete, pois transmite os conteúdos repassados pelos espíritos. Quanto maior o conhecimento do médium sobre o assunto e sua afinidade com o autor da mensagem, maior será a precisão das comunicações. Kardec esclarece também que o médium pode eliminar, na recepção das mensagens, o que lhe parecer supérfluo ou aquilo que possa ter ficado mal entendido. Essas interferências podem ocorrer tanto com os médiuns mecânicos quanto com

os intuitivos, uma vez que existe intermediário inteligente em ambas as manifestações e ele interfere no processo.

Para o Espiritismo, a mediunidade psicográfica é uma manifestação extremamente natural que pode ser vivenciada por qualquer indivíduo, independentemente da religião, da classe social e do grau de instrução, em qualquer fase de sua vida. Deve, porém, ser desenvolvida de forma criteriosa, com exercícios regulares e estudos permanentes, a fim de que o médium portador dessa faculdade adquira segurança e eficácia para o desempenho da função. Kardec classificou os médiuns escreventes como mecânicos, semimecânicos e intuitivos²⁸.

Na mediunidade mecânica, os médiuns não têm consciência do que escrevem; quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último e ela se move sem interrupção, podendo o Espírito exprimir diretamente suas ideias, movimentando um objeto ou a própria mão. Os médiuns semimecânicos sentem que à sua mão é dada uma impulsão independente de sua vontade, mas ao mesmo tempo têm consciência do que escrevem à medida que as palavras se formam. Os intuitivos possuem consciência do que escrevem. Agem como o faria um intérprete: para transmitir o pensamento, precisam entendê-lo, apropriar-se dele para traduzi-lo fielmente²⁹.

A psicografia, de acordo com a percepção espírita, é, pois, obra consorcial entre os dois planos de vida, isto é, há a coparticipação de encarnados e de desencarnados. Entendida dessa forma, a faculdade mediúnica psicográfica reproduz uma configuração autoral pouco convencional, formada pela ação simultânea de dois sujeitos: um autor espírito e um autor vivo – o médium.

Os postulados da Doutrina Espírita esclarecem também que ao espírito é dada a responsabilidade da autoria dos textos psicografados, porque sua função é elaborar o texto que será reproduzido pelo médium, apenas intérprete material. Porém essas distintas posições complementam-se. O médium não se posiciona como um simples instrumento para a

²⁸ Em *O livro dos médiuns*, capítulo XVI, do item 187 a 199, encontra-se o “Quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns” (KARDEC, 2013, pp. 191-202).

²⁹ Várias outras obras doutrinárias estudam o funcionamento da mediunidade psicográfica. Entre elas temos *Missionários da luz* (1980), psicografado por Chico Xavier pelo espírito André Luiz. As observações contidas na obra vão ao encontro das instruções de Kardec quando lembra que o espírito do médium não é completamente passivo e nunca inteiramente neutro. Ele tem, portanto, participação ativa no fenômeno da psicografia, “seu concurso é sempre necessário, como o de um intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos” (XAVIER, 1980, p. 227). Na obra *Mecanismos da mediunidade* (2001) do mesmo autor espiritual, a discussão sobre os mecanismos da psicografia é retomada e há ênfase na atuação do espírito no cérebro do médium (XAVIER, 2001, pp.133-134).

materialização dos textos, seu “protagonismo” colabora para que a autoria do discurso mediúnico seja instaurada e a transmissão da mensagem pelo espírito seja repassada de maneira clara. Quando se trata de textos psicografados, a questão autoral abre espaço para considerações importantes. Ao atribuir a autoria do texto psicografado ao espírito comunicante, o médium declina da posição de autor para afirmar sua pertença à Doutrina, ou seja, ele recebe os textos e realiza a cessão dos direitos autorais, isentando-se completamente de qualquer julgamento que o aponte como autor ou co-autor da obra. Essa atitude demonstra a afinação do médium com a concepção espírita sobre o trabalho de produção psicográfica, que concebe o médium como o intérprete das comunicações e o espírito como o autor delas.

Remetendo-nos aos primeiros escritos de Kardec, à época da Codificação, verificamos que ele designa claramente os papéis que cada um (espírito e médium) deve ocupar nas produções psicográficas. Ao compilar as perguntas feitas por ele aos espíritos, mais tarde veiculadas em *O Livro dos Espíritos*, atribui a autoria das respostas ao conjunto de espíritos colaboradores. Confirma, portanto, a tese de que o Espiritismo é discurso revelado pelos espíritos e se mantém convicto de que é mero organizador ou codificador dos postulados que embasam a Doutrina Espírita.

Para o Espiritismo, o médium só será considerado “autor” médium psicógrafo espírita se ele desvincular seu nome da autoria dos textos mediúnicos. Essa atitude também vai influenciar na recepção das obras psicografadas, uma vez que os leitores podem condicionar a credibilidade dos textos à posição do médium em relação à autoria da obra.

A realização do trabalho psicográfico, de acordo com a Doutrina Espírita, incorre na decisão consensual entre o médium, o espírito e a própria Doutrina. O médium deve estar apto a exercer a função “autor” psicógrafo, o espírito preparado para assumir a função legítima de autor dos textos psicografados e, finalmente, a Doutrina deve regulamentar os procedimentos adequados e produtivos para o exercício dessas funções, a fim de que o material obtido pela produção psicográfica esteja apropriado para se tornar público.

De maneira geral, o discurso espírita possui regras próprias no que concerne ao exercício mediúnico psicográfico, que pode contar com a colaboração de mais de um médium, como também materializar-se por outras percepções dos sentidos como a audição e a visão³⁰.

Ainda conforme postulou Kardec (2013), a psicografia é, entre as faculdades mediúnicas, a mais suscetível a ser desenvolvida pelo exercício e seu desenvolvimento não está atrelado ao nível intelectual do médium. Dessa maneira, existem os chamados “médiums

³⁰ Kardec estuda no capítulo XIV da obra *O Livro dos Médiuns* (2013) os médiums audientes e videntes.

iletrados” que escrevem fluentemente em transe mediúnico, os médiuns políglotas ou xenoglotas que têm a faculdade de falar ou escrever em línguas que lhe são desconhecidas e até em dialetos já extintos no mundo e ainda há os médiuns polígrafos, cujo dom passa pela capacidade de mudar e “melhorar” a escrita do espírito que se comunica ou de reproduzir a escrita que o espírito possuía em vida.

Independente da disposição orgânica, da manifestação ou da capacidade técnica para exercer a função de médium psicógrafo, o fenômeno psicográfico permite que o discurso de inúmeros autores espirituais possa ser materializado por meio de variados gêneros discursivos que irrompem como modalidades enunciativas de grande produção e circulação.

Para o campo discursivo espírita, a psicografia atua como instrumento de naturalização dos princípios da imortalidade da alma, da comunicabilidade entre os encarnados e desencarnados e do modo de vida extrafísica.

1.7.1 A Psicografia e os estudos acadêmicos atuais

Embora seja uma faculdade já bastante conhecida e explorada desde a codificação kardequiana, a psicografia é alvo de especulações, mas também assunto de estudos importantes até hoje. Um deles teve sua divulgação promovida pela revista *Época*, em 16 de novembro de 2012, com base nas declarações da jornalista Denise Paraná³¹. A reportagem revelou que, em 2008, dez médiuns brasileiros psicógrafos (quatro homens e seis mulheres), parte deles com uma larga experiência psicográfica e outros com apenas alguns anos de exercício mediúnico, foram selecionados por um grupo de cientistas do Brasil e dos USA para que suas faculdades mediúnicas fossem avaliadas. Durante dez dias, os pesquisadores investigaram se haveria alterações específicas na atividade cerebral no transcorrer do trânsito mediúnico ou fora dele. Segundo Paraná, os médiuns selecionados tiveram que cumprir alguns pré-requisitos: serem destros e saudáveis, não terem nenhum tipo de transtorno mental e não usarem medicações psiquiátricas, a fim de que esses aspectos não viessem a interferir nos resultados

³¹ Denise Paraná é jornalista da revista *Época*. Participou da experimentação realizada com os médiuns pela equipe de cientistas brasileiros e americanos (PARANÁ, Denise. Os avanços da ciência da alma. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/11/os-avancos-da-ciencia-da-alma.html>>. Acesso em: 03 mar. 2014).

dos trabalhos. Os pesquisadores garantiram o uso de critérios rigorosamente científicos na execução das etapas propostas.

Esta experiência pioneira no mundo realizada no Hospital da Universidade da Pensilvânia, USA, deu-se em virtude da produção de exames de neuroimagem (conhecidos como tomografia por emissão de pósitrons³²) com médiuns psicógrafos em transe. O estudo foi desenvolvido pelo cientista Júlio Peres, da Universidade de São Paulo, e contou com a participação de outros três pesquisadores: os médicos Alexander Moreira-Almeida, da Universidade Federal de Juiz de Fora; Leonardo Caixeta, da Universidade Federal de Goiás e Andrew Newberg, da Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia. Isolados em uma sala de alta radiação, os procedimentos seguiram seu curso:

Por meio do método conhecido pela sigla Spet (Single Photon Emission Computed Tomography, ou Tomografia Computadorizada de Emissão de Fóton Único), mapeou-se a atividade do cérebro por meio do fluxo sanguíneo de cada um dos médiuns durante o transe da psicografia. Como tarefa de controle, o mesmo mapeamento foi realizado novamente desta vez durante a escrita de um texto original de própria autoria do médium, uma redação sem transe (...) (PARANÁ, 2012, p. 3).

Paraná explica que os cientistas acreditavam que a área do cérebro dos médiuns associada à criatividade e ao planejamento seria igualmente exigida durante o transe mediúnicos ou fora dele. Os resultados obtidos foram surpreendentes:

(...) durante a psicografia os cérebros ativaram menos as áreas relacionadas ao planejamento e à criatividade, embora tenham sido produzidos textos mais complexos do que aqueles escritos sem “interferência espiritual”. Para os cientistas, isso seria compatível com a hipótese que os médiuns defendem: a autoria das psicografias não seria deles, mas dos espíritos comunicantes. Os médiuns mais experientes tiveram menor atividade cerebral durante a psicografia, quando comparada à escrita dos outros textos. Isso ocorreu apesar de a estrutura narrativa ser mais complexa nas psicografias que nos outros textos, no que diz respeito a questões gramaticais, como o uso de sujeito, predicado, capacidade de produzir texto legível, compreensível (...) (PARANÁ, 2012, p. 3).

Outro dado significativo da pesquisa apontado por Paraná é a possibilidade de a mediunidade ser considerada uma manifestação saudável:

³² É a antipartícula do elétron, também denominada antielétron (FERRARO, Nicolau Gilberto. **Os Fundamentos da Física**. Disponível em: <osfundamentosdafisica.blogspot.com/2012/02/especial-de-sabado_11.html>. Acesso em: 23 maio 2014).

Apesar de haver mais semelhanças entre a ativação cerebral dos médiuns estudados e pacientes esquizofrênicos, os resultados deixaram claro também que aqueles voluntários não tinham esquizofrenia ou qualquer outra doença mental. Os cientistas afirmam que a descoberta de ativação da mesma área cerebral sublinha a importância de mais pesquisas para distinguir entre a dissociação (processo em que as ações e os comportamentos fogem da consciência) patológica ou não patológica. Entre o que é e o que não é doença, quando alguém se diz tocado por outra entidade. Os médiuns estudados relataram ilusões aparentes, alucinações auditivas, alterações de personalidade e, ainda assim, foram capazes de usar suas experiências mediúnicas para tentar ajudar os outros. Pode haver, portanto, formas saudáveis de dissociação. Uma das conclusões a que os cientistas chegaram é que a mediunidade envolve um tipo de dissociação não patológica, ou não doentia. A mediunidade pode ser uma expressão comum à natureza humana (PARANÁ, 2012, p. 3).

De acordo com Paraná, as primeiras conclusões da pesquisa deixam lacunas quanto à existência da comunicação entre vivos e mortos, uma vez que, aos olhos dos cientistas, haveria uma possibilidade de a psicografia poder ser produzida em outra área do cérebro ainda não detectada³³.

Certamente que estas investigações inauguraram um caminho profícuo de estudos para futuras ações rumo à compreensão, sob o ponto de vista científico, de algo que acompanha o ser humano desde os primórdios da vida e que, fora das lides do Espiritismo, merece e precisa encontrar suas próprias explicações e respostas.

1.8 Kardec: a poesia mediúnica e o romance de temática espírita

O romance pode ser uma maneira de exprimir pensamentos espíritas sem se comprometer, porque o autor temeroso pode sempre responder à crítica zombeteira que não pretendeu senão fazer uma obra de fantasia, o que é certo para o grande número. Ora, tudo é permitido à fantasia. Mas, fantasia ou não, não deixa de ser uma das formas a favor da qual a idéia espírita pode penetrar nos meios onde não seria aceita sob uma forma séria.

Allan Kardec

As manifestações psicográficas tomam impulso a partir da publicação de *O Livro dos Espíritos*. Em 18 de abril de 1857, os primeiros mil e quinhentos exemplares vendidos na França

³³ A pesquisa integral encontra-se na revista científica americana *Plos One* (PERES, Júlio Fernando; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; CAIXETA, Leonardo; LEÃO, Frederico; NEWBER, Andrew. **Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation**. Disponível em: <eletrônico:dx.plos.org/10.1371/journal.pone.0049360>. Acesso em: 03 mar. 2014).

veiculavam mensagens assinadas por nomes ilustres. Kardec vai presenciar o trabalho mediúnico de uma jovem francesa de quatorze anos, Ermance de La Jonchère Dufaux, conhecida como a “médium historiadora”. O “título” recebido refere-se ao fato de a jovem ter psicografado duas autobiografias póstumas: a primeira, foi a do rei canonizado Luís IX, intitulada *Vida de Luís IX, escrita por ele mesmo* “uma autobiografia póstuma repleta de informações sobre os bastidores do poder real, no século XIII, conhecido como o ‘século de ouro de São Luís’” (MAIOR, 2013, p. 101). Em 1854, esse livro chegou a ser publicado, porém a censura do governo de Napoleão III proibiu sua distribuição. Após dez anos de proibição, a autobiografia póstuma de Luís IX foi liberada pela censura e finalmente publicada pela revista *La Verité* de Paris, em 1864³⁴. A segunda autobiografia mediúnica *A história de Joana D’Arc, ditada por ela mesma*³⁵ foi o primeiro livro de Ermance a ser distribuído e vendido pela editora Meluu de Paris, em 1855. A médium ainda receberia mais duas autobiografias mediúnicas, durante o ano de 1858, de autoria dos reis franceses Luís XI e Carlos VIII. Não se tem notícias da publicação dessas duas últimas autobiografias póstumas.

Em 1861, Kardec enviou vários exemplares da autobiografia de Joana D’Arc juntamente com suas obras para o editor francês Maurice Lachâtre, que se encontrava exilado em Barcelona, com o propósito de fazer a divulgação do Espiritismo em solo espanhol. Contudo, conforme vimos, todos os volumes acabaram confiscados e queimados em praça pública pela Igreja Católica no famoso Auto de fé em Barcelona.

Com o objetivo de popularizar o Espiritismo sem prejuízo das obras básicas da doutrina e, ao mesmo tempo, publicar “comunicações dignas de interesse” (KARDEC, 2013, p. 9), Kardec redigiu uma série de opúsculos e os distribuiu por toda a França com valores extremamente acessíveis à população. Muitas matérias desses opúsculos foram veiculadas na *Revista Espírita*, quando Kardec ainda era vivo.

Na edição de 1862 desta revista, Kardec faz a propaganda de um desses opúsculos intitulado “O Espiritismo na sua Expressão mais Simples” ou “A Doutrina Espírita Popularizada”. De acordo com Kardec:

O objetivo desta publicação é dar, num panorama muito sucinto, um histórico do Espiritismo e uma idéia suficiente da Doutrina dos Espíritos, a fim de que se lhe possa compreender o objetivo moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo,

³⁴ A obra referente a Luís IX já não é encontrada no mercado livreiro francês (Nota da autora).

³⁵ No início de 1997, a editora brasileira Edições LFU traduziu *A história de Joana D’Arc* para o português. Essa autobiografia é distribuída até hoje pela editora Léon Denis do Rio de Janeiro.

procuramos pô-la ao alcance de todas as inteligências. Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas para ajudarem a sua propagação (KARDEC, 1862, p. 51).

A Federação Espírita Brasileira publicou, em 2013, quatro desses opúsculos³⁶: *O Espiritismo na sua Expressão mais Simples*, *Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas*, *Caráter da Revelação Espírita* e *Catálogo Racional das Obras para se Fundar uma Biblioteca Espírita*. Em nosso estudo, utilizaremos a compilação feita pela FEB.

O opúsculo *Catálogo racional das obras para se fundar uma biblioteca espírita* teve sua primeira edição em fins de março de 1869. Trata-se de um sumário minucioso de obras do acervo da Livraria Espírita, cuja inauguração, prevista para o dia 1º de abril de 1869, foi adiada em virtude da morte de Kardec ocorrida na véspera. Muitos títulos que compunham esse opúsculo já estavam esgotados naquela época e também já haviam sido veiculados e comentados na *Revista Espírita*. O referido opúsculo está dividido em três partes: "I - Obras Fundamentais da Doutrina Espírita por Allan Kardec", incluindo livros, folhetos e a *Revista Espírita*; "II - Obras Diversas sobre o Espiritismo (ou complementares da Doutrina)", inclusive poesia, música e desenhos; "III - Obras Realizadas fora do Espiritismo" (Filosofia e História, romances (novelas), teatro, ciências, magnetismo e obras contra o Espiritismo)".

Na segunda parte, três obras poéticas mediúnicas, surgidas no auge da codificação, tornaram-se emblemáticas devido ao valor histórico e crítico: a primeira, intitulada *Fábulas e Poesias Diversas*, segundo Kardec, foi transmitida por um Espírito batedor³⁷; a segunda, *Poesias de Além-Túmulo*, surgiu na Sociedade Espírita de Constantina, posteriormente rebatizada como Sociedade Africana de Estudos Espíritas. Essa instituição localizava-se na Argélia, à época uma colônia francesa, e foi fundada sob a égide do patrono espiritual Santo Agostinho e também sob os auspícios da Sociedade de Paris. A terceira obra, *Ecos Poéticos de*

³⁶ Os opúsculos publicados pela FEB foram traduzidos por Evandro Noletto Bezerra. Na publicação da FEB, foi incluído o opúsculo *Discursos Pronunciados pelo Aniversário de Morte de Allan Kardec* que trata da inauguração do dólmen do Codificador no Cemitério Père-Lachaise, em Paris, ocorrida em 31 de março de 1870, com todos os discursos que foram pronunciados naquela ocasião e ainda uma mensagem póstuma do Espírito Allan Kardec, recebida por um médium da Sociedade Espírita de Paris (KARDEC, 2013, p. 10).

³⁷ Esclarecimentos de Allan Kardec sobre a designação de "Espírito batedor": "(...) Os Espíritos sérios rejeitam com razão o qualificativo de batedores: este título convém apenas àqueles que poderiam ser chamados de batedores profissionais, isto é, Espíritos levianos ou malévolos, que se servem de pancadas para se divertirem ou atormentarem; as coisas sérias não são da sua conta. Mas a tiptologia, como qualquer outro, é um meio para comunicações inteligentes, de que se podem servir os Espíritos mais adiantados, em falta de outro meio, embora prefiram a escrita, porque responde melhor à rapidez do pensamento. É certo dizer que, neste caso, não são eles próprios que batem; limitam-se a transmitir a idéia, deixando a execução material a Espíritos subalternos, como um escultor deixa ao aprendiz o cuidado de talhar o mármore" (*Revista Espírita*, 1862, p. 466).

Além-Túmulo (Écho Poétique D'Outre-Tombe), foi concebida pelas mãos do Sr. Vavasseur³⁸. Um estudo de Allan Kardec sobre poesia mediúnica precede essa coletânea.

Em *Fábulas e poesias diversas*, temos poesias com perfil de fábulas e também poesias sem esse traço. Esses textos foram obtidos pelo Sr. Jaubert³⁹ através da tiptologia, conforme esclareceu Kardec:

Embora a tiptologia seja um meio muito lento de comunicação, com paciência é possível obter trabalhos de fôlego. O Sr. Jaubert, de Carcassonne, houve por bem remeter-nos uma coleção de fábulas e de poesias obtidas por ele através daquele processo. Se nem todas são obras-primas, com o que o Sr. Jaubert não se sentiria ofendido, pois não lhe dá a menor importância, algumas são notáveis, abstração feita à fonte de onde procedem (...) (KARDEC, 2004, p. 465).

Na obra *Poesias de Além-Túmulo*, os textos veiculados na coletânea são de autoria de espíritos diversos e versam sobre questões concernentes à evolução do homem.

A antologia mediúnica *Ecos Poéticos de Além-Túmulo*, de 1867, congrega sessenta e quatro poesias, que tratam de temas como: esperança, morte, amor, fraternidade, sofrimento, vida além-túmulo, lembranças, mediunidade. Em 1866, um ano antes de sua publicação na *Revista Espírita*, Kardec destacou as habilidades do médium versificador, Sr. Vavasseur:

(...) O Sr. Vavasseur é um médium versificador na acepção da palavra, porque só muito raramente obtém comunicações em prosa e, embora muito letrado e conhecedor das regras de poesia, de si mesmo jamais fez versos. Mas, dirão, o que sabeis a respeito e quem vos diz que aquilo que supondes obter mediunicamente não será produto de sua composição pessoal? Nós o acreditamos, primeiro porque ele o afirma e porque o temos por incapaz de mentir; em segundo lugar porque a mediunidade, sendo nele completamente desinteressada, nenhuma razão teria de se dar a um esforço inútil e de representar uma comédia indigna de um caráter honrado. Sem dúvida a coisa seria mais evidente e, sobretudo, mais extraordinária se ele fosse completamente analfabeto, como se vê em certos médiuns, mas os conhecimentos que possui não infirmariam a sua faculdade, desde que demonstrada por outras provas.

Que expliquem por que, por exemplo, se ele quiser compor algo de si mesmo, um simples soneto, nada obtém, ao passo que, sem o buscar, e sem desígnio premeditado, escreve trechos de grande fôlego, de um jacto, mais rapidamente e mais correntemente do que se escreveria prosa, sobre um assunto improvisado, no qual não pensava? Qual o poeta capaz de semelhante proeza, que se repete quase diariamente? (...) (KARDEC, 2004, pp. 340-341).

³⁸ Médium poeta à época de Allan Kardec (Nota da autora).

³⁹ Timoléon Jaubert, contemporâneo de Allan Kardec. Foi o articulador do Espiritismo em Bordeaux, França. Era médium de efeitos físicos. (**Autores Espíritos Clássicos**. Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Mediuns/Timoleon%20Jaubert/Timol%C3%A9on%20Jaubert%20.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2016).

Conforme já ressaltado, precedendo as poesias de *Ecos Poéticos de Além-Túmulo*, há um estudo⁴⁰ de Allan Kardec sobre poesia mediúnica. O codificador inicia seu ensaio com o seguinte questionamento acerca dos textos poéticos, inseridos na coletânea, sob a psicografia do Sr. Vavasseur: “O que prova que os versos dessa coletânea são produtos do outro mundo?” (KARDEC, 2004, p. I). Ele irá dar três justificativas:

Três coisas capitais: sua idoneidade inicialmente, que o coloca acima de toda suspeita de fraude; em segundo lugar, ele não fazia aquilo como trabalho e nem era espetáculo, ele não tinha nenhum interesse envolvido, compor uma comédia cansativa e enfadonha; e terceiro, o fato, igualmente notório que fora da mediunidade, ele nunca pode compor o menor quarteto (KARDEC, 2004, p. VII).

Na última frase da terceira justificativa “(...) ele nunca pode compor o menor quarteto”, notamos a ênfase de Kardec em ressaltar a ausência de habilidades literárias de Vavasseur, a fim de dar credibilidade à psicografia dos poemas. Esclarece que o senhor Vavasseur não era um homem iletrado, mas que “(...) pode-se ter muita instrução sem ser o menor poeta do mundo” (KARDEC, 2004, p. I). Todas as afirmações convergem para justificar a legitimidade mediúnica dos textos.

Continuando sua explanação, o codificador diz:

Além disso, se esses versos fossem dele, por que ele se privaria do mérito de tê-los feito? A modéstia não é a virtude preponderante nos poetas. Não tendo nenhum motivo para rejeitá-los, nada lhe seria mais fácil que adornar-se – impunemente – das plumas do pavão, pois que tais provas o colocariam em segurança de toda reivindicação jurídica. As pessoas que não conhecem o Espiritismo fazem naturalmente essa pergunta: Por que os médiuns não se apropriam das poesias? Para responder a essa questão, seria preciso desenvolver novamente os princípios da ciência do espírito; para aqueles que não admitem o mundo espiritual, seria preciso remontar à prova da existência da alma e dos Espíritos, o que nos levaria muito longe; isso seria um curso do Espiritismo que não é possível de se fazer em algumas palavras (KARDEC, 2004, p. VIII).

Allan Kardec, para responder a essa pergunta “Por que os médiuns não se apropriam das poesias?” (KARDEC, 2004, p. VIII), elabora uma sucinta lição sobre os fenômenos mediúnicos. Ele constrói toda a argumentação para justificar a autoria espiritual das poesias.

⁴⁰ A análise que Kardec faz e que comentaremos está em francês e foi traduzida pela professora Priscila Bastos Giesbrecht, formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora, nas licenciaturas de língua francesa, em 2009, e na de língua portuguesa, em 2010.

Esclarece que o médium atua como um intérprete e mediador dos textos, funções que são executadas com sucesso, quando os espíritos percebem uma fluidez de escrita no médium:

O médium, ao invés de ser uma simples máquina cega torna-se um intérprete ou tradutor inteligente. Seu papel é o de mediador ou secretário. Ainda, mesmo que se prefira ter por secretário um homem que saiba escrever (fluentemente e corretamente) àquele que não sabe nada, os Espíritos preferem médiuns que não se ocupem da execução material. Compreendemos, por exemplo, que o médium que sabe a música e possui o mecanismo do instrumento será mais apto a traduzir o pensamento musical que lhe é transmitido do que aquele que não é músico. Pela mesma razão, aqueles aos quais os termos técnicos de arte ou de ciência são familiares, escreverá mais facilmente uma dissertação sobre um tema científico. É nesse sentido que deve-se compreender o princípio que: os Espíritos se servem do mobiliário cerebral do médium, sendo mais fácil quanto mais rico for tal mobiliário. Por mobiliário cerebral, não devemos entender pensamentos ou ideias próprias dos médiuns, mas os clamores próprios da manifestação dos pensamentos (...) (KARDEC, 2004, p. XI).

Para Kardec, esse “mobiliário cerebral” que um médium retém, levando em conta o caso estudado do Sr. Vavasseur, não tem raiz na existência atual, mas, sim, no acúmulo do desenvolvimento intelectual de outras vidas:

Mas essa riqueza não está na instrução efetiva da existência atual, ela está, sobretudo, no desenvolvimento intelectual proveniente de uma outra cultura anterior à existência presente, o que faz com que o médium esteja apto a interpretar magistralmente as comunicações sobre temas que lhe são, aparentemente, estranhos (...) (KARDEC, 2004, p. XII).

Kardec levanta a polêmica questão acerca da qualidade e da autoria das obras:

Uma objeção que muitas vezes foi feita é esta: Se os Espíritos poetas podem se manifestar, porque escrevem apenas poesia vulgar e não obras-primas? Porque não vem Homero nos dotar de uma nova *Ilíada*, Racine de um novo *Atlântico*? E assim todos os homens de ironia de todos os gêneros, a história, a literatura, a música, etc. É preciso, primeiramente, penetrar no objetivo essencial e providencial das manifestações. Esse objetivo é de provar por fatos materiais a existência dos Espíritos, e por consequência, da Alma, do seu destino e de sua vida futura. Ainda que a mínima palavra, o mínimo traço sejam suficientes para atestar a presença de seres humanos em outra parte do mundo, que cremos ser deserta, as manifestações mais vulgares podem nos provar que o espaço está povoado de seres inteligentes e que esses seres são as Almas ou Espíritos dos homens. A questão capital não é saber se os Espíritos podem fazer obras-primas, mas se eles existem de fato. (...)

Os Espíritos superiores têm, aliás, ocupações apropriadas ao meio em que eles se encontram, às missões que eles têm que cumprir, o que é mais útil do que refazer, para nosso agrado, o que já fizeram na terra. Quando eles vêm à nós, é para nos instruir e não para procurar aplausos. (...) As relações que se estabelecem entre Espíritos e

homens, tem por objetivo a melhora e instrução dos homens a um ponto especial: seu futuro. Para isso, são suficientes palavras simples e sem pretensão literária, que o mais comuns dos médiuns pode perfeitamente transmitir. Obras excepcionais de gênios surpreenderiam os homens, mas não lhes faria melhor (...) (KARDEC, 2004, pp. XIII-XV).

O codificador enfatiza que as comunicações possibilitam a materialidade dos fenômenos mediúnicos e por essa razão bastam pelo seu valor.

(...) São elas (as comunicações) boas ou ruins, dignas ou indignas do nome que carregam? Isso é outra questão. O autor dessa coletânea não caiu nesse erro, tão comum aos médiuns e nós o felicitamos. Também não considera essas poesias nem como obras-primas, nem como modelos do gênero, mas sim como amostras várias de produções medianímicas, deixando a cada um o cuidado de julgar a probabilidade da identidade das assinaturas.

Quanto à nós, nosso objetivo não é de julgamento sobre esse trabalho. O que propomos é mostrar um meio de apreciá-lo, explicando àqueles que os ignoram, os princípios fundamentais da mediunidade (KARDEC, 2004, p. XIV).

Kardec destaca que o mérito dos versos da coletânea *Ecos Poéticos de Além-Túmulo* provém de as poesias aliarem a fluidez da linguagem às reflexões e às lições acerca dos postulados espíritas. Seleccionamos duas poesias da coletânea psicografada por Vavasseur, de autoria do espírito Jean: “A Prece da morte para os mortos” e “Irmão e Irmã”, traduzidas para o português, a fim de analisar as características levantadas por Kardec⁴¹:

A Prece da morte para os mortos

(Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866, médium Sr. Vavasseur) Casimir Delavigne

Os séculos rolaram no abismo dos tempos,
Sem piedade, flores e frutos, frios invernos, doces primaveras
E a morte passou sem bater à porta
Que escondia o tesouro que em segredo ela guarda;
A vida! Ó morte! a mão que dirige tua mão
Deixa de ter ferido, não pode ela amanhã
Suspendre um pouco seus golpes? Tua fome mal

La Prière de la mort pour les morts

(VAVASSEUR, 1867, p. 99)
Casimir Delavigne

Les siècles ont roulé dans le gouffre des temps,
Sans pitié, fleurs et fruits, froids hivers, doux printemps.
Et la mort a passé sans frapper à la porte,
Qui cachait le trésor qu'en secret elle emporte,
La vie. O mort! la main qui dirige ta main,
Lasse d'avoir frappé, ne peut-elle demain,
Suspendre un peu ses coups? Ta faim mal assouvie

⁴¹ As traduções dos dois poemas “A Prece da morte para os mortos” e “Irmão e Irmã” foram retiradas da internet e não registram os nomes dos tradutores. (**Autores espíritas clássicos**.

Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/allan%20kardec/Vavasseur/L.%20Vavasseur%20-%20Ecos%20Po%C3%A9ticos%20do%20Al%C3%A9m%20T%C3%BAmulo.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

saciada
 Quer ainda perturbar o banquete da vida?
 Mas, se vens sem cessar, a qualquer hora do dia
 Procurar entre nós os mortos para povoar tua morada,
 O universo é muito pouco para os teus profundos abismos,
 Onde teu sorvedouro é sem fundo para tuas pobres vítimas.
 Ó morte! vês chorar a virgem sem chorar,
 E tu secas as flores que devem enfeitá-la,
 Sem permitir à sua frente cingir a coroa
 De rosas e de lírios que seu esposo lhe dá.
 Ó morte! não ouves os gritos da pobre criança,
 E vens sem piedade feri-la ao nascer,
 Sem permitir aos seus olhos conhecer a mãe
 Que lhe dá o céu em lhe dando a terra.
 Ó morte! não ouves os votos desse velho
 Implorando o favor, na hora da partida,
 E de abraçar seu filho e bendizer sua filha,
 Para dormir mais rápido e morrer mais tranqüilo.
 Mas, cruel! digo eu, em que se tornam os mortos
 Que deixam nossa margem e se vão para as tuas bordas?
 Sofrerão sempre as dores da Terra
 Nessa eternidade dos tempos, e a prece
 Não poderia ao menos adoçá-las um dia?
 E a morte respondeu: Nessa sombria morada
 Onde, livre, fixei meu tenebroso império,
 A prece é poderosa e é Deus quem a inspira
 A meus súditos, a mim. Quando retorno, à tarde,
 Sobre meu trono sangrento pomposamente me assento,
 Olho os céus e sou a primeira
 A recitar muito baixo para os meus mortos a prece.
 Escuta, filho, escuta: "Ó Deus, Deus todo-poderoso,
 Do alto dos céus sobre mim, sobre eles, lance em passando
 Um olhar de piedade. Que um raio de esperança
 Clareie enfim os lugares onde chora o sofrimento.
 Faze ver, ó meu Deus! a terra do perdão,
 Esse rio sem margem, essa praia sem nome,
 A terra dos eleitos, a eterna pátria
 Onde crias para todos uma eterna vida;
 Faze com que cada um de nós, diante de tua vontade,
 Se incline com respeito, diante da majestade
 De teus secretos desígnios, se prosterne e adore;
 Diante de teu nome se curve e se levante ainda,
 Exclamando: Senhor! Se me haveis banido
 Da morada dos vivos, se me haveis punido
 Na morada dos mortos, diante de vós eu confesso
 Ter merecido mais; feri, feri sem cessar,
 Senhor, eu sofrerei sem jamais murmurar,
 E meus olhos não poderão jamais bastante chorar
 Para lavar do passado a inapagável mancha
 Que sempre no presente vergonhosamente se aplica.
 Sofrerei vossos golpes, levarei a minha cruz

Veut-elle encor troubler le banquet de la vie ?
 Mais pour ainsi venir à toute heure du jour
 Chercher chez nous des morts pour peupler ton séjour,
 L'univers est trop peu pour tes profonds abîmes,
 Ou ton gouffre est sans fond pour tes pauvres victimes.
 O mort ! tu vois pleurer la vierge, sans pleurer,
 Et tu sèches les fleurs qui devaient la parer,
 Sans permettre à son front de ceindre la couronne
 De roses et de lys que son époux lui donne.
 O mort un jeune enfant à tes bras s'enlaçant,
 Te supplie et tu viens le frapper en naissant,
 Sans permettre à ses yeux de connaître la mère,
 Que le ciel lui donnait, en lui donnant la terre!
 O mort! tu n'entends pas les vœux de ce vieillard,
 Implorant la faveur à l'heure du départ
 Et d'embrasser son fils et de bénir sa fille, Pour
 s'endormir plus vite et mourir plus tranquille.
 Mais, cruelle, dis-moi, que deviennent les morts
 Qui quittent notre rive et s'en vont sur tes bords?
 Souffriraient-ils toujours les douleurs de la terre
 Dans cette éternité des temps, et la prière
 Ne pourrait-elle au moins les adoucir un jour?
 Et la mort répondit: « Dans ce sombre séjour,
 Où, libre, j'ai fixé mon ténébreux empire,
 La prière est puissante, et c'est Dieu qui l'inspire
 A mes sujets, à moi. Quand je reviens le soir
 Sur mon trône sanglant, pompeusement m'asseoir,
 Je regarde les cieus et je suis la première
 A réciter tout bas pour mes morts la prière.
 Écoute, enfant, écoute : O Dieu ! Dieu tout-puissant,
 Du haut des cieus sur moi, sur eux, jette en passant
 Un regard de pitié; qu'un rayon d'espérance
 Éclaire enfin les lieux où pleure la souffrance.
 Fais-nous voir, ô mon Dieu! la terre du pardon,
 Ce rivage sans bords, cette plage sans nom,
 La terre des élus, l'éternelle patrie
 Où tu créas pour tous une éternelle vie.
 Fais que chacun de nous devant ta volonté
 S'incline avac respect; devant la majesté
 De tes secrets desseins se prosterne et adore;
 Devant ton nom, se courbe et se relève encore,
 En s'écriant: Seigneur ! si vous m'avez banni
 Du séjour des vivants, si vous m'avez puni
 Dans le séjour des morts, devant vous je confesse
 Avoir mérité plus. Frappez, frappez sans cesse,
 Seigneur, je souffrirai sans jamais murmurer ;

Sem maldizer um único dia as vossas equitativas leis,

E quando julgardes minha prova acabada,
Senhor, se retornardes à minha sombra pálida
Os bens que perdeu em seu cativoiro,
A brisa, o sol, o ar puro, a liberdade,
O repouso e a paz, diante de vós eu me obrigo
A pedir ao meu turno, sobre minha nova margem,
Para meus irmãos curvados sob o penoso peso dos ferros

Que os retêm cravados no fundo de seus infernos;
Por suas sombras em prantos, às bordas da outra margem,

Mudas, olhando a minha fugitiva
Fugir em lhes dizendo: Coragem, meus amigos,
Realizarei nos céus o que aqui prometi".

Irmão e irmã

Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866,
médium Sr. Vavasseur)

Dois jovens são: irmã e irmão,
Juntos em noite de verão,
Entram na choça. E a noite avança
A passo lento, sem palrança,
Por detrás deles, vaporosa
Como uma sombra misteriosa.
Já dorme o pássaro na mata,
E o vento norte se recata;
Tudo sonhava em doce arcano.
E diz a irmã, baixinho, ao mano:
Estou com medo; ouves irmão
Chorar um sino ao longe, então?
É um dobre lúgubre a finados,
A um morto, pois. Não assustados,
Irmã, fiquemos, é uma alma
Que sai da Terra e que com calma
Reclama prece para pagar
No eterno além o seu lugar.
Vamos, irmã, orar na igreja
De laje cinza e poenta, seja
Local em que de luto, um dia,
Por trás do esquife em que dormia,
A pobre mãe nós vimos pois.
Vamos orar também, irmã;
Bênçãos teremos amanhã.
Vamos já, vamos! – Logo, os dois,
De olhos em lágrimas, depois,
Deram-se as mãos e, com carinho,
Tomam, assim, logo o caminho
Que ambos conduz à velha igreja.

Et mes yeux ne pourront jamais assez pleurer,
Pour laver du passé l'ineffaçable tache,
Qui, toujours, au présent honteusement
s'attache.

Je subirai vos coups, je porterai ma croix,
Sans maudire un seul jour vos équitables lois.
Et quand vous jugerez mon épreuve finie.
Seigneur, si vous rendez, à mon ombre bannie,
Les biens qu'elle a perdus dans sa captivité
La brise, le soleil, l'air pur, la liberté,
Le repos et la paix. Devant vous je m'engage
A prier à mon tour sur mon nouveau rivage
Pour mes frères courbés sous le lourd poids des fers

Qui les retient cloués au fond de leurs enfers,
Pour leurs ombres en pleurs aux bords de l'autre rive

Muettes, regardant la mienne fugitive
S'enfuir en leur disant : Courage, mes amis,
Je tiendrai dans les cieus ce qu'ici j'ai promis.

Soeur et Frère

(Le spirit, Jean. Le médium VAVASSEUR,
1867, p. 102)

Deux enfants, la soeur et le frère,
Rentraient ensemble à la chaumière,
Un soir d'été. Déjà à la nuit,
A pas lents, s'avavançait sans bruit,
Pâle, sombre et silencieuse
Comme une ombre mystérieuse.
L'oiseau dormait au fond du bois,
Et la brise glissait sans voix.
Tout rêvait dans un doux mystère.
La soeur dit tout bas à son frère :
«Frère, j'ai peur ! n'entends-tu pas
Une cloche pleurer là-bas?
On dirait que sa faible plainte
Vient mourir ici presque éteinte. »
—C'est le lugubre et triste glas
D'un, trépassé. Ne tremble pas,
Soeur, dit le frère, c'est une âme
Qui fuit la terre et qui réclame
Une prière pour payer
Sa place à l'éternel foyer.
Allons, soeur, prier à l'église,
Sur la dalle poudreuse et grise,
Où l'on nous vit, un jour de deuil,
Tous deux derrière un long cercueil,
Où dormait notre pauvre mère,
Dire en pleurant notre prière.
Allons prier pour les morts, soeur,
Cela nous portera bonheur,
Pressons le pas. Et soeur et frère,
Une larme sur la paupière,

Segunda vez o sino harpeja
 E lhes oferta o triste adeus
 Do morto em busca de seu Deus,
 Cessando o sino o seu lamento;
 Mudos de medo e em desalento
 Caminham as duas crianças
 Com o olhar nos céus, têm esperanças.
 Da igreja, então, já quase à entrada
 Uma mulher viram sentada
 À sombra da pilastra triste
 Que a pia benta erguer lhe assiste.
 Tendo os pés nus, face velada,
 Pálida, louca e desgrenhada,
 Ela exclamava alto: Ó meu Deus!
 Vós que se adora aqui, nos céus,
 Em todo o tempo, em toda a Terra,
 E, no céu, pobre mãe se encerra
 Tremendo aos pés de vosso altar,
 Ante o amor vosso singular,
 Diante de vós, ouse a aflição
 De lamentar-se a estar então.
 Senhor! Não tinha eu mais que um filho,
 Um só; de um róseo e de um brilho
 Qual branco raio que colora
 Uma manhã de fresca aurora.
 O terno azul dos olhos seus
 Lembrava o azul dos vossos céus,
 E em sua boca um riso doce
 Fulgia assim como se fosse
 Dizer: Não chores em teu lar;
 É Deus que vem de me enviar.
 Vê, a tormenta, mãe, cessou;
 Espera! o céu limpo ficou;
 E eu esperava. Mas, infante,
 Tu te enganavas, inconstante.
 Do vento o sopro sobre a praia
 Tudo destrói e se desmaia,
 Senão caniços que deixando
 Ao pé das águas vão chorando.
 E quando a morte bate à porta
 De um lar, ela entra e então transporta
 Consigo tudo! E por reduto
 Só deixa a marca atroz do luto.
 Sabia eu pois que um belo sonho
 De uma manhã, finda tristonho,
 À tarde aqui; que a noite, entanto,
 Do sol inveja o brilho santo
 Que empalidece a sua sombra,
 Lançando um véu por toda a alfombra
 A escurecer seus mil fulgores,
 Fechando aos olhos esplendores.
 Sim, eu sabia; a mãe, porém,
 Ignora tudo; e não lhe vem
 O que ela espera crente em tudo;
 Bem para o filho, sobretudo.
 Toda uma vida de ventura,
 Eu não podia sem loucura
 Um dia ter felicidade?
 E outra é, Senhor, vossa vontade!

Tous deux, se tenant par la main,
 Prirent l' étroit et vert chemin
 Qui menait à la vieille église
 Une seconde fois la brise
 Le apporta le triste adieu
 Du trépassé, cherchant son Dieu
 Et la cloche cessa sa plainte;
 Et muets et tremblants de crainte,
 Nos deux enfants silencieux
 Marchaient en regardant les cieux
 Arrivés à la vieille église,
 Ils virent une femme assise
 Seule, dans un coin retiré
 Où souvent ils avaient pleuré,
 Los pieds nus, la face voilée
 Pâle, folle et échevelée,
 Elle s'écriait: O mon Dieu !
 O vous! qu'on adore en tout lieu,
 En tout temps, partout, sur la terre
 Comme au ciel, une pauvre mère
 Tremblante, aux pieds de vos autels.
 Devant vos desseins éternels,
 Ose à peine, en votre présence,
 Se plaindre et conter sa souffrance.
 Un enfant faisait mon bonheur;
 Il était rose et blanc, Seigneur,
 Comme un blanc rayon qui colore
 Un frais matin à son aurore :
 Le miroir de ses grands yeux bleus
 Réflétait l'azur de vos cieux ;
 Et sur sa bouche un doux sourire
 Semblait se poser et me dire :
 Ne pleure plus; à ton foyer
 C'est Dieu qui vient de m'envoyer.
 Vois, l'orage s'est enfui, mère,
 Le ciel est sans nuage, espère,
 Dieu nous protège et nous défend.
 Mais tu te trompais, pauvre enfant,
 Quand le vent souffle sur la plage,
 Il détruit tout sur son passage,
 Ne laissant que quelques roseaux,
 Pour pleurer aux bords de leurs eaux:
 Et quand la mort frappe à la porte
 D'un foyer, elle entre et emporte
 Tout... tout... ne laissant à son seuil
 Qu'un drap noir pour cacher son deuil.
 Je savais aussi qu'un beau rêve,
 S'il commence un matin, s'achève
 Un soir ici-bas ; que la nuit,
 Jalouse du soleil qui luit,
 Et fait trop tôt pâlir son ombre,
 Étend aussi son voile sombre
 Pour obscurcir ses mille feux
 Et les cacher à tous les yeux.
 Oui, je le savais, mais la mère
 Ignore tout, quand elle espère;
 La pauvre mère croit à tout
 Pour un fils, au bonheur surtout.
 L'adversité, toute ma vie,

Seja ela feita, assim suspiro,
 Só, neste humilde e atroz retiro,
 Onde eu já vi morrer-me o esposo,
 Onde, sem cor no ermo espinhoso,
 Eu recebi de um pai o adeus,
 Onde tirais da mãe os seus
 Últimos sonhos de esperança
 Diante do algoz de uma criança.
 Morte, que a vítima vigia
 Com cruel riso de alegria,
 Senhor! Eu lhe suplico a mão
 Que fere os meus, um dia, então,
 Da própria mãe não lhe poupar
 De o filho à terra reclamar.
 E o sino última vez badala,
 A estas palavras a voz fala
 Da alma do filho sobre a terra
 Consolo à pobre mãe encerra,
 Ao lhe dizer: Nos céus estou!
 Quando o casal de irmãos deixou
 A velha igreja logo à entrada,
 Vêem a mulher inda sentada.

M'avait bien assez poursuivie,
 Pour avoir un jour de bonheur.
 Il en fut autrement, Seigneur,
 Que votre volonté soit faite.
 Seule, dans cette humble retraite
 Où j'ai vu mourir un époux,
 Où, pâle et tremblante, à genoux
 J'ai reçu les adieux d'un père,
 Où vous enlevez à la mère
 Son dernier espoir, son enfant;
 Devant mon bourreau triomphant
 La mort, qui contemple sa proie,
 Avec un sourire de joie,
 Seigneur, je demande à sa main
 Qui frappa tous les miens, demain,
 De ne point épargner la mère
 Réclamant son fils à la terre.
 La cloche, une dernière fois,
 A ces mots fit parler sa voix.
 Et l'enfant jugé, sur la terre
 Revenait consoler sa mère,
 En lui disant : Je suis aux cieux.
 Quand frère et soeur silencieux
 Sortirent de la vieille église
 La femme était encore assise.

Nos dois poemas, a morte é o tema principal. Em “A prece da morte para os mortos”, observa-se que quando a morte chega, ela traz junto divergências e indagações: “Ó, morte! a mão que dirige tua mão/ Deixa de ter ferido, não pode ela amanhã/ Suspende um pouco seus golpes? Tua fome mal saciada/ Quer ainda perturbar o banquete da vida?” A morte sempre foi um tema delicado. Fazendo uso de rimas mistas, de apóstrofes, vocativos e verbos no imperativo, que sugerem um forte apelo, a voz-lírica mediúnica do primeiro poema estabelece um diálogo com a morte e externa a dificuldade de aceitar a finitude das coisas, o que a leva a olhar para a morte como uma inimiga. A partir dessas iniciais inquirições, formam-se gradativamente imagens que colaboram para dissuadir a morte de sua presença no mundo. As apóstrofes reforçam o apelo argumentativo:

Ó morte! vês chorar a virgem sem chorar
 E tu secas as flores que devem enfeitá-la,
 Sem permitir à sua frente cingir a coroa
 De rosas e de lírios que seu esposo lhe dá.
 Ó, morte! não ouves os gritos da pobre criança,
 E vens sem piedade feri-la ao nascer,
 Sem permitir aos seus olhos conhecer a mãe
 Que lhe dá o céu em lhe dando a terra.
 Ó, morte! não ouves os votos desse velho
 Implorando o favor, na hora da partida,

E de abraçar seu filho e bendizer sua filha,
Para dormir mais rápido e morrer mais tranqüilo.

Em um segundo momento do poema, a argumentação da Morte é construída por meio da prece que ela própria ensina para os mortos. Observa-se que é no contexto das decepções que a morte surge como solução: “Ó Deus, Deus todo-poderoso, /Do alto dos céus sobre mim, sobre eles, lance em passando/ Um olhar de piedade. Que um raio de esperança/ Clareie enfim os lugares onde chora o sofrimento”. Contudo, a ideia de morrer, que poderia, a princípio, ser considerada um profundo castigo, transforma-se em oportunidade de renovação. A voz lírica busca descobrir ou reencontrar sua essência e encontrar um sentido e valor espiritual para sua vida. Pela prece que a Morte ensina aos mortos, quanto mais unido à dimensão divina, mais preparado o homem estará para morrer:

Faze com que cada um de nós, diante de tua vontade,
Se incline com respeito, diante da majestade
De teus secretos desígnios, se prosterne e adore;
Diante de teu nome se curve e se levante ainda,
Exclamando: Senhor! Se me haveis banido
Da morada dos vivos, se me haveis punido
Na morada dos mortos, diante de vós eu confesso
Ter merecido mais; feri, feri sem cessar,
Senhor, eu sofrerei sem jamais murmurar,
E meus olhos não poderão jamais bastante chorar
Para lavar do passado a inapagável mancha
Que sempre no presente vergonhosamente se aplica.
Sofrerei vossos golpes, levarei a minha cruz
Sem maldizer um único dia as vossas eqüitativas leis (...)

No final do poema, nota-se que a morte não é um castigo, porque garante a esperança de renovação da existência em outra dimensão: “Realizarei nos céus o que aqui prometi”. Nessa poesia mediúnica, visualizamos as considerações de Kardec, registradas em seu estudo sobre *Ecos Poéticos de Além-Túmulo* quanto a principal mensagem desses textos: provar que a imortalidade constitui um dos preceitos fundamentais da Doutrina, por meio dos princípios da mediunidade.

No poema narrativo mediúnico, “Irmão e irmã”, a fluidez da linguagem é obtida pela musicalidade presente no corpo do texto devido à comunhão das rimas emparelhadas AABBCC que materializam a história de dois irmãos órfãos que, sós, escutam o badalar de sinos prenunciando a passagem de alguém para o outro mundo: “É um dobre lúgubre a finados,/A

um morto, pois. Não assustados,/Irmã, fiquemos, é uma alma/Que sai da Terra e que com calma/Reclama prece para pagar/No eterno além o seu lugar”. O irmão convida a irmã a irem rezar para o morto, conforme já fizeram para a mãe: “Vamos, irmã, orar na igreja/De laje cinza e poenta, seja/Local em que de luto, um dia,/Por trás do esquife em que dormia,/A pobre mãe nós vimos pois/ Vamos orar também, irmã;/Bênçãos teremos amanhã./Vamos já, vamos!”.

Na igreja, os dois irmãos se depararam com uma mulher “(...) os pés nus, face velada,/Pálida, louca e desgrenhada” que questionava Deus pela morte de seu filho:

Ó meu Deus!/Vós que se adora aqui, nos céus,/Em todo o tempo, em toda a Terra,/E, no céu, pobre mãe se encerra/Tremendo aos pés de vosso altar,/ Ante o amor vosso singular,/ Diante de vós, ouse a aflição/ De lamentar-se a estar então./ Senhor! Não tinha eu mais que um filho, Um só; de um róseo e de um brilho/Qual branco raio que colora/Uma manhã de fresca aurora.

Os questionamentos feitos pela mãe a Deus dão densidade psicológica ao poema, pois retratam a angústia materna pela morte do filho. Observa-se que o estado de espírito da mãe revela sua revolta com a morte que, segundo ela “quando a morte bate à porta/De um lar, ela entra e então transporta/Consigo tudo! E por reduto/Só deixa a marca atroz do luto”.

Todo o poema apresenta, conforme podemos perceber, um contundente tom confessional, com base em um grande conflito: ao mesmo tempo em que a mãe desabafa sua revolta pela perda do filho, submete-se aos desígnios dos céus:

E outra é, Senhor, vossa vontade!/Seja ela feita, assim suspiro,/Só, neste humilde e atroz retiro,/Onde eu já vi morrer-me o esposo,/Onde, sem cor no ermo espinhoso,/Eu recebi de um pai o adeus,/Onde tirais da mãe os seus/Últimos sonhos de esperança/Diante do algoz de uma criança./Morte, que a vítima vigia/Com cruel riso de alegria,/Senhor! Eu lhe suplico a mãe/Que fere os meus, um dia, então,/Da própria mãe não lhe poupar/De o filho à terra reclamar.

Agora o badalar novamente dos sinos traz os auspícios de que o filho está bem, porque está no céu: “E o sino última vez badala,/ A estas palavras a voz fala/ Da alma do filho sobre a terra/ Consolo à pobre mãe encerra,/ Ao lhe dizer: Nos céus estou!”.

A morte que, a princípio, aparece como portadora de tristeza e luto surge, à medida que o sentimento de autocompaixão é superado, como o único meio de atingir a renovação espiritual. Esse aspecto da autocompaixão é bem visualizado no poema “Irmão e irmã”: a mãe sofre mais em sua caminhada no mundo material pela ausência do filho do que o próprio filho

que, por meio do último badalo do sino, parece lhe dizer resignado: “Nos céus estou!”. É interessante destacar as diferenças sonoras do badalar do sino (que objetivamente é sempre o mesmo), mas supostamente transmite, em um primeiro instante, a sonoridade do “dobre lúgubre a finados” e, em um segundo momento, é portador de esperança ao dizer, ao que parece ser a voz do filho, que está bem porque está no céu. A separação alma/corpo parece não ser mais tão penosa, pois a alma sobrevive. A morte é vista como meio de libertar a alma, que andava presa no cárcere do corpo. Aliás, essa ideia é vista em ambos os textos. Ao final do poema, os irmãos entram em cena novamente e se retiram da igreja, sem antes constatar que a mãe suplicante continua sentada na entrada da capela.

Conforme expôs Kardec, os poemas mediúnicos contêm um fundo doutrinário e aliam a fluidez da linguagem às reflexões e lições acerca dos postulados espíritas. A função desses textos é atender às necessidades profundas do ser humano, procurando despertá-lo para seu inevitável encontro com a realidade transcendental. Por meio de uma poesia laudatória, traço perceptível em ambos os poemas, a mensagem é repassada: a morte desaparece com o corpo, mas a alma liberta sobrevive.

Quando Allan Kardec fundou a *Revista Espírita* em 1858, *O Livro dos Espíritos* havia sido publicado um ano antes, era o momento em que a mediunidade psicográfica dava seus primeiros passos. Se as poesias mediúnicas já existiam, o romance mediúnico ainda não. Porém, alguns romances de temática espírita começavam a circular por Paris e foram objetos da crítica de Kardec. Na sua maioria, eram publicados em folhetim⁴², procedimento literário e editorial tão a gosto do século XIX, e posteriormente transformados em livros.

Na terceira parte do opúsculo, “Catálogo racional das obras para se fundar uma biblioteca espírita”, traduzido pela FEB, Kardec expõe uma lista de romances que, pela temática, considerou pertinentes para a divulgação da ideia espírita. Transcrevemos

⁴² Conforme relata Marlyse Meyer em seu portentoso livro de 472 páginas, *Folhetim, uma história*, o romance-folhetim foi um gênero narrativo concebido na França, na década de 1830, pelo editor Émile de Girardin. Dirigido a um público eclético, composto por diversas classes sociais, a linguagem do folhetim respaldava-se na simplicidade. No início dos anos 1840, o gênero já estava estabelecido e importantes escritores franceses eram disputados pelos jornais do país para criar romances-folhetins exclusivos. À medida que o novo gênero conquistava seu espaço nos periódicos, os leitores dispunham-se a participar da construção e do desenvolvimento da história, enviando suas sugestões aos jornais. Meyer ressalta que o romance-folhetim destacou-se pelas “novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando” (MEYER, 1996, p. 59). Dessa forma, podemos dizer que a atenção de Kardec para os romances espíritas que estreavam nas editoras francesas, justificava-se em virtude de sua preocupação com “(...) o leitor que pegou o bonde andando”, isto é, a crítica aos romances feita pelo Codificador levava em conta o público que desconhecia completamente a proposta da nova Doutrina surgida no cenário europeu. O romance-folhetim constituiu-se assim o caminho mais fácil para que as ideias espíritas fossem absorvidas gradativamente.

integralmente⁴³, a seguir, a listagem feita por Kardec dos romances que foram anexados ao catálogo da Livraria Espírita.

Romances

Em algumas das obras a seguir, a idéia espírita é dominante e serve de fundo ao tema; em outras, ela é apenas acessória e consiste na afirmação de certos fatos ou na emissão de pensamentos concordes com os princípios da Doutrina.

Séraphitus Séraphita. BALZAC. - No volume intitulado *Louis Lambert*. - 1 vol. in-18, 1 fr. 25 c; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

Tema fantástico cuja ação se passa na Noruega entre os adeptos de Swedenborg. Séraphitus Séraphita é um ser misterioso que pertence mais ao mundo espiritual do que ao mundo corporal e que toma alternadamente a aparência de homem ou de mulher. No fundo da obra está o desenvolvimento de idéias profundamente filosóficas e de alta moralidade sobre o futuro do homem.

* *Ursule Mirouet*. - 1 vol. In-12, 1 fr. 25 c; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy. Tema baseado nos efeitos da dupla vista natural e da lucidez magnética.

Assassinato da Ponte Vermelha (O). BARBARA (Charles). - 1 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c. Paris, Hachette.

Idéia surpreendente e verdadeira do castigo pela reencarnação da vítima como filho do assassino. (*Revue Spirite*, janeiro de 1867, pág. 14.)

Cabana do Pai Tomás (A). BEECHER-STOWE (Senhora), traduzido do inglês. - 1 vol., 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 30 c. Paris, Hachette.

Afirmção do princípio da reencarnação como fonte dos pendores inatos. É notável que essa doutrina seja afirmada numa das obras mais populares dos Estados Unidos. (*Revue Spirite*, novembro de 1868, pág. 332.)

Dupla Vista (A). BERTHET (Élie). - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Dentu.

Clarividência sonambúlica magnética e espontânea em ação, com detalhes que atestam perfeito conhecimento das condições inerentes a essa faculdade e os abusos que dela se podem fazer. (*Revista Espírita*, novembro de 1865, pág. 360.)

Louis Hubert. BONNEMÈRE (Eug.). - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Livraria Internacional.

⁴³ Optamos por transcrever fielmente a listagem dos romances compilada por Allan Kardec, apresentada na obra *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, editada pela FEB.

História de um pároco de aldeia e das tribulações que suas idéias avançadas e progressistas lhe suscitam. Essa obra faz parte das que foram escritas pelo jovem bretão em estado de mediunidade inconsciente. (*Revista Espírita*, julho de 1867, pág.215.)

Maga dos Alpes (A). CHAVE (Clément de la). 1 vol. in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr.40 c. Paris, 1861, Havard.

Acendedor de lampiões (O). CUMMINS (Miss), traduzido do inglês. - 1 vol. in-12, 1fr.; pelo correio, 1 fr. 30 c. Paris, Hachette.

Romance americano, deveras moral, em que a idéia da presença, entre nós, da influência e da proteção do Espírito daqueles a quem amamos é expressa com muita clareza.

Jane Eyre. CURRER BELL (Miss), traduzido do inglês. - 2 vol. in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 60 c. Paris, Hachette.

História de uma jovem órfã honesta e trabalhadora que triunfa sobre as vicissitudes da vida graças à sua coragem e perseverança. Aí se encontra a idéia da comunicação das almas entre vivos.

Contos de Natal. DICKENS, traduzido do inglês. - 1 vol. in-12, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Hachette.

Condessa de Monte-Cristo (A). DU BOYS. Romance-folhetim, publicado pela *Petite Presse* em maio de 1868, não editado em volume.

Relações com o mundo invisível; presença dos Espíritos à nossa volta. (*Revue Spirite*, maio de 1868, pág. 146.)

Madame de Chamblay. DUMAS (Alexandre), - 2 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr.50 c. Paris, Michel Lévy.

Afirmção do princípio da dupla vista, ou visão psíquica, espontânea e magnética; visão a distância e previsões.

Lenda do homem eterno (A). DURANTIN (Armand). - 1 vol. in-12, 3 fr. Pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Dentu.

Tema haurido evidentemente na Doutrina Espírita, considerada sob um ponto de vista sério, a despeito de alguns erros de princípio. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1864, pág. 161.)

Louco Yégof (O). ERCKMANN-CHATRIAN. 1 vol. in-18, 3 fr.; pelos correios, 3fr. 50 c. - Brochura in-8 ilustrada, 1 fr. 35 c; pelo correio, 1 fr. 75 c.

**A Casa Florestal*. 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. - Brochura ilustrada, 1 fr. 35 c; pelo correio, 1 fr. 75 c.

**Hugues, o Lobo* (contos de la Montagne). - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50c. -Brochura in-8 ilustrada, 1 fr. 25 c; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Hetzel.

Essas três obras se baseiam em dados inteiramente espíritas; aí se encontram em ação os princípios da previsão das coisas pela visão a distância; a expiação pelo encontro dos culpados nas existências sucessivas, etc.

Spirite. GAUTIER (Théophile), - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Charpentier. (Revue *Spirite*, dezembro de 1865, pág. 360; e março de 1866, pág. 91.)

**Avatar*. - 1 vol. in-18, 1 fr. 50 c; pelo correio, 1 fr. 75 c.

Avatar é uma palavra indiana que significa *encarnação, transformação*. O enredo desse romance fantástico está baseado na permutação, operada pela ciência de um velho médico, entre as almas de dois rivais vivos que, assim, tomam a aparência um do outro. O doutor, por sua vez, aproveita a ocasião para se apropriar do corpo do mais jovem, a fim de herdar sua própria ciência e prosseguir seus estudos com órgãos novos, que poderão durar mais tempo.

Falecido Bressier (O). KARR (Alphonse). - 1vol. in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 40 c. Paris, Michel Lévy.

Duas Filhas do Sr. Plichon (As). LÉO (André). - 1 vol. in-18, 3 fr. Pelo correio, 3 fr.50 c. Paris, Hachette.

Intriga fundada na diferença de caráter de duas irmãs, das quais uma, superficial e crédula, aceita sem exame todas as tradições; a outra, espírito sério, demonstra uma razão precoce. Sua equidade a faz revoltar-se contra os preconceitos sociais e as tradições religiosas que lhe parecem contrárias às leis da Natureza e da justiça. A solidez e a retidão de seu julgamento a fazem querida por um rapaz que diz: "Se, com toda minha fé, eu não acreditasse na imortalidade, eu a compreenderia através dela; esta alma tão *sábia e tão pura desde o nascimento já viveu*; pergunto-me apenas de que céu ela caiu". Esse romance, cujos caracteres são firmemente observados, foi escrito com pureza e transpira os mais honestos sentimentos.

LÍDIA OU A RESSUREIÇÃO - Trilby. NODIER (Charles). 1 vol. in-18, 3 fr. 50 c. Paris, Charpentier.

Escrevendo essas duas encantadoras novelas, o autor tinha certamente a intuição da reencarnação e dos Espíritos familiares.

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS. POE (Edgar). - 2 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

O caráter fantástico da maior parte dessas histórias tira-lhes qualquer probabilidade, mas nem por isso deixa de acusar um fundo de crença na pluralidade das existências e em certos fatos de ordem psicológica. As luzes trazidas pelo Espiritismo sobre os fenômenos desse gênero permitem separar o possível do lendário.

Robinson Crusóé, por DANIEL DE FOË. -Edição completa, 2 vol. in-12, 2 fr. 50 c.Paris, Ducros.

* *Reflexões de Robinson*; 3^e volume das *Viagens Imaginárias*; traduzido do inglês. Amsterdã, 1787. (Raro.)

Esta última obra é continuação da primeira; é Robinson isolado, refletindo sobre as aventuras de sua vida e daí tirando conclusões de elevado alcance filosófico. Encontra-se em ambos os livros a afirmação da maior parte dos princípios do Espiritismo: reencarnação, relações com o mundo invisível, assistência e manifestações dos Espíritos pela inspiração, etc. (*Revue Spirite*, março e setembro de 1867, págs. 74 e 279.)

A segunda vida. SAINTINE (Xavier). - 1 vol. in-8, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c.Paris, Hachette.

Narrativas de fatos psicológicos baseados nas relações dos homens com os seres do mundo invisível, alguns dos quais são pessoais ao autor.

Callirho Ë. SAND (Maurice). - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

Intriga inteiramente fundada sobre a reencarnação, mas levada além dos limites do possível constatado pela experiência, beirando o fantástico.

Consuelo. SAND (Senhora George). 3 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 75 c. Paris, Michel Lévy.

* *A Condessa de Rudolstadt*. - 2 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c.

Essas duas obras são continuação uma da outra. A reencarnação representa o papel principal em condições um pouco exageradas. Detalhes muito interessantes sobre os hussitas da Boêmia e a franco-maçonaria.

**Spiridion* - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c.

Esse livro não é um romance propriamente dito, pois nele a trama é quase nula. É um quadro para descrever os abusos da vida monástica, as peripécias e angústias de um crente conduzido à dúvida e à incredulidade e a emissão de uma doutrina religiosa em relação às idéias da época. As comunicações entre os mortos e os vivos, pela visão, audição e inspiração aí ocupam lugar considerável e esses diferentes fenômenos são descritos com realidade.

Entre as obras da mesma autora em que é possível encontrar pensamentos espíritas, podemos citar:

**Senhorita de la Quintinie*. 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c.

**O pecado do Sr. Antônio*. - 2 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c.

MIRETA. SAUVAGE (Élie). 1867. - 1 vol. in-18, 3 fr. Pelo correio, 3 fr. 50 c.

Narrativa simples, ingênua, de grande interesse, em que tudo é natural e verossímil; não há situações romanescas, mas cenas enternecedoras, pensamentos elevados, caracteres traçados conforme a Natureza. Livro essencialmente moral, cujo elementos foram hauridos na filosofia espírita, sendo conveniente à juventude de ambos os sexos. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1867, pág. 59.)

Novos Mistérios de Paris. SCHOLL (Aurélien). (*Revue Spirite*, janeiro de 1867, pág. 15). Publicado em folhetim, não editado em volume.

MAGNETIZADOR (O). SOULIÉ (Frédéric). - 1 vol. in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr.50 c. Paris, Michel Lévy.

Gilbert e Gilberte. SUE (Eugène). - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

Dois jovens esposos, inspirados por um gênio superior, experimentam sucessivamente as diversas posições sociais: fortuna, glória, nascimento, etc. Tema interessante; conseqüências bastante morais.

* *Memórias de um Marido*, por FERNAND DUPLESSIS. - 3 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Livraria Internacional. (*Revue Spirite*, setembro de 1868, pág. 268.) Os pensamentos espíritas emitidos nessa última obra não são o produto da imaginação de um romancista, mas a narrativa verídica dos sentimentos produzido no momento supremo, na família de um convencional, pela crença na reencarnação, numa época na qual essa doutrina ainda não havia sido formulada (KARDEC, 2013, p. 85-89).

Alguns dos romances citados na listagem receberam maior atenção de Kardec, tais como *A Dupla Vista*, de Elie Berthet; *Espírita*, de Théophile Gautier, considerado o primeiro romance espírita; *Mireta*, de Élie Sauvage; *O Assassinato da Ponte Vermelha*, de Charles Barbara e *Fernanda*, de Jules Doinel. Segundo a análise feita por Kardec, embora apresentassem desvios de alguns preceitos doutrinários, esses romances retratavam incisivas abordagens de temas espíritas.

O romance-folhetim *A Dupla Vista*, de Elie Berthet, foi publicado no *Siècle*, em setembro e outubro de 1865, e trata de reflexões referentes ao sonambulismo. A heroína é uma jovem tuberculosa e cataléptica. A faculdade que possui causa desgraça pela ignorância, inexperiência e imprudência aos que dela se servem desastrosamente. A jovem vidente descobre, em um subterrâneo de uma mansão, importantes papéis que devem por termo a um grave processo de família. Descreve os lugares e as circunstâncias minuciosamente. As escavações feitas, conforme suas indicações, atestam a seriedade de sua mediunidade. Encontram-se os papéis e o processo é anulado. Mais tarde, a médium encontra outro subterrâneo em que se concentram inúmeros tesouros. Um velho avaro, dono das terras, atraído por essas escavações insiste com a vidente para que lhe mostre a correta localização da fortuna, mas, prudentemente, ela o adverte que, se ele insistir em resgatá-la, poderá sobrevir-lhe uma desgraça. Kardec pontua alguns exageros na narrativa que, segundo ele, desestabilizam alguns aspectos doutrinários, mas considera que, de fato, o texto de Berthet, tem o seu lado essencialmente moral, instrutivo e verdadeiro.

Com efeito, não há exemplo de que Espíritos ou sonâmbulos tenham facilitado tais descobertas, assim como a recuperação de heranças, e todos os que, embalados por esta esperança, fizeram semelhantes tentativas, perderam tempo e dinheiro. Tristes e cruéis decepções aguardam os que firmam a esperança de enriquecimento por semelhantes meios. Não é missão dos Espíritos favorecer a cupidez e nos proporcionar riqueza sem trabalho, o que não seria justo nem moral. Sem dúvida o sonâmbulo lúcido vê, mas o que lhe é permitido ver, e os Espíritos podem, conforme as circunstâncias e por ordem superior, obliterar a sua lucidez, ou interpor obstáculos à realização das coisas que não estão nos desígnios da Providência. No caso de que se trata, foi permitido encontrar os papéis, que deviam pôr um termo às dissensões de família, e não para achar tesouros, que só serviriam para a satisfação da cupidez. Eis por que o velho avaro pereceu, vítima de sua obstinação (KARDEC, 2004, pp. 480-481).

O codificador ressalta ainda pontos relevantes no romance:

Uma outra instrução, não menos importante, ressalta do livro do Sr. Élie Berthet. A moça viu coisas positivas e em outra circunstância grave engana-se, atribuindo um crime a uma pessoa inocente. Que conseqüência daí tira o autor? É a negação da faculdade? Não, pois que, ao lado disto, ele a prova e chega a esta conclusão, justificada pela experiência: a mais comprovada lucidez não é infalível e nela não se poderia confiar de maneira absoluta, sem controle. A visão, pela alma, de coisas que o corpo não pode ver, prova a existência da alma; já é um resultado muito importante. Mas ela não é dada para a satisfação das paixões humanas (KARDEC, 2004, p. 481).

Mais tarde, na edição da *Revista Espírita* de 1867, Kardec afirmará que o romance de Berthet, embora não tenha sido escrito especialmente visando ao Espiritismo, a ele se liga de certo modo: “Aqui o autor dá provas de um conhecimento aprofundado dos fenômenos de que fala e o seu livro alia a este mérito, o do estilo e de um interesse contínuo. É, ao mesmo tempo, moral e instrutivo” (KARDEC, 2004, p. 32).

Na *Revista Espírita* de 1865, Kardec discute alguns aspectos que considera relevantes para a produção de um romance espírita:

Quem diz romance, diz obra de imaginação. É da própria essência do romance representar um assunto fictício, quanto aos fatos e personagens. Mas nesse mesmo gênero de produções, há regras de que o bom-senso não permite afastar-se e que, aliadas às qualidades do estilo, constituem o seu mérito. Se os detalhes não forem verdadeiros em si mesmos, ao menos devem ser verossímeis e de perfeito acordo com o meio onde se passa a ação. (...) Pode-se fazer romances sobre o Espiritismo, como sobre todas as coisas. Dizemos mesmo que o Espiritismo, quando for conhecido e compreendido em toda a sua essência, fornecerá às letras e às artes fontes inesgotáveis de poesias encantadoras. Mas por certo não será para os que só o vêem nas mesas girantes, nas cordas dos irmãos Davenport ou nas trapaças dos charlatães. Como nos romances históricos ou de costumes, é indispensável conhecer a fundo a tela sobre a qual se quer bordar, a fim de não se cometer disparates, que seriam outras tantas provas de ignorância; tal o músico que produz variações sobre um tema musical e é reconhecido pelas adições da fantasia. Aquele, pois, que não estudou a fundo o Espiritismo, em seu espírito, em suas tendências, em suas máximas, tanto quanto em suas formas materiais, é tão inapto para fazer um romance espírita de algum valor, quanto o teria sido Lesage de fazer *Gil Blas*⁴⁴, se não tivesse conhecido a história e os costumes da Espanha (KARDEC, 2004, pp. 474-476).

É respaldado nessas reflexões, que Kardec irá construir sua crítica acerca dos romances espíritas. Na sua análise do romance *Espírita* do escritor francês Théophile Gautier afirma:

Essas reflexões nos são sugeridas a propósito do romance-folhetim que neste momento o Sr. Théophile Gautier publica no grande *Moniteur*, sob o título de

⁴⁴ No texto “*As faces do realismo: Gil Blas e a tradição realista do século XVIII*” (2008) de Evaneide Araújo da Silva, relata que *L’Histoire de Gil Blas de Santillane* é uma autobiografia ficcional surgida entre os anos de 1715-1747 na França. Nesse período, o romance (gênero mais popular do século XVIII) ainda guardava certos resquícios da antiga forma dos romances de cavalaria. Foi justamente esse caráter forçoso dos romances, bem como a repetição de temas que entediavam os leitores, que fizeram surgir alguns autores preocupados em recuperar a verossimilhança nas narrativas romanescas. No século XVIII, alguns escritores deram continuidade a essa tendência realista do romance; entre os mais importantes figura Alain René Lesage. Em *L’Histoire de Gil Blas de Santillane*, percebe-se a preferência de Lesage por uma arte voltada para a observação crítica da realidade, de modo que sua literatura, confirmando a tendência ao Realismo, é um painel da realidade do século XVIII, não apenas na Espanha, onde a ação do romance se ambienta, mas em todas as sociedades européias do período”. (SILVA, Evaneide Araújo da. **As faces do Realismo: Gil Blas e a tradição realista do século XVIII**. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/view/2041/1669>>. Acesso em: 28 maio de 2014).

Espírita. Não temos a honra de conhecer pessoalmente o autor; não sabemos quais as suas convicções ou seus conhecimentos a respeito do Espiritismo; sua obra, que ainda está debutando, não permite ver a sua conclusão. Diremos apenas que se ele não encarasse o seu assunto senão sob um único ponto de vista – o das manifestações – desprezando o lado filosófico e moral da doutrina, não corresponderia à idéia geral e complexa que o seu título abarca, muito embora o nome *Espírita* seja o de um de seus personagens. Se os fatos que ele imagina, para a necessidade da ação, não se encerrassem nos limites traçados pela experiência; se os apresentasse como se passando em condições inadmissíveis, sua obra faltaria com a verdade e faria supor que os espíritas crêem nas maravilhas dos contos das *Mil e uma Noites*. Se atribuisse aos espíritas práticas e crenças que estes *desaprovam*, ela não seria imparcial e, sob esse ponto de vista, não seria uma obra literária séria (KARDEC, 2004, pp. 476-477).

O enredo de *Espírita* se passa na Paris do século XIX. Mesmo após seu falecimento, a jovem Lavínia busca seu amado para lhe declarar seu eterno amor. A princípio ele não a nota, mas, com o passar do tempo, conviverá com as aparições da jovem. Segundo Kardec, no romance de Gautier, “(...) a ideia espírita é seguramente afirmada e apresentada” (KARDEC, 2004, p. 131). A narrativa é pautada em uma história de amor cujas lembranças do passado entre os espíritos se fazem constantemente presentes e ainda em conceitos espíritas, como descrição do mundo espiritual e a possibilidade do intercâmbio entre os dois mundos.

A crítica ao romance se expandiu pela Europa. Segundo Kardec,

Embora Théophile Gautier seja um dos autores favoritos da imprensa, esta foi, contrariamente a seus hábitos, de uma sobriedade parcimoniosa a respeito desta última obra. (...) A forma romanesca levantou o embaraço; permitiu dizer que o autor tinha feito uma bela obra de imaginação, e não de convicção. Falaram, mas falaram pouco (KARDEC, 2004, p. 131).

Kardec lista uma série de opiniões significativas da imprensa francesa e estrangeira sem identificação autoral, desde 1865, acerca do romance. No *Courrier du Monde illustré*, de 16 de dezembro de 1865, lê-se:

É preciso crer, sem duvidar, sem professar a doutrina, sem mesmo ter sondado muito essas insondáveis questões de Espiritismo e sonambulismo, que o poeta Théophile Gautier, só pela intuição de seu gênio poético, acertou na mosca, fugiu com o dinheiro do caixa e encontrou o abre-te Sésamo das evocações misteriosas, porque o romance que publicou em folhetins no *Moniteur*, sob o título de *Espírita*, agitou violentamente todos os que se ocupam dessas perigosas questões. A emoção foi imensa e, para lhe avaliar todo o alcance, somos obrigados a percorrer, como o fazemos, os jornais da Europa inteira (KARDEC, 2004, pp. 131-132).

De jornais da Alemanha, Kardec destacou:

Toda a Alemanha espírita levantou-se como um só homem e como todos os que vivem na contemplação de uma idéia só têm olhos e ouvidos para ela, um dos órgãos mais sérios da Áustria pretende que o imperador encomendou a Théophile Gautier esse prodigioso romance, a fim de desviar a atenção da França das questões políticas. Primeira asserção, cujo alcance não exagero. A segunda asserção chocou-me por causa de seu lado fantástico.

Segundo a folha alemã, o poeta da *Comédie de la Mort*, muito agitado em conseqüência de uma visão, teria adoecido gravemente e sido levado para Genebra. Ali, dominado pela febre, teria sido forçado a guardar o leito durante várias semanas, vítima de estranhos pesadelos, de alucinações luminosas, joguete constante de Espíritos errantes. Pela manhã teriam encontrado ao pé da cama as folhas esparsas de seu manuscrito *Espírita*.

Sem atribuir à inspiração que guiou a pena do autor de *Avatar* uma fonte tão fantástica, cremos firmemente que uma vez entrado em seu assunto, o escritor do *Roman de la Momie* ter-se-ia extasiado com essas visões e que no paroxismo terá traçado essa descrição admirável do céu, que é uma de suas mais belas páginas.

A correspondência que deu origem à publicação de *Espírita* é extremamente curiosa. Lamentamos que um sentimento de conveniência não nos tenha permitido pedir cópia de uma das cartas recebidas pelo poeta dos *Émaux et camées* (KARDEC, 2004, p. 132).

Kardec exalta a profunda sensação produzida pela obra por toda a Europa. Ele expôs que era necessário que a ideia espírita fosse bem espalhada. O codificador cita um artigo intitulado “Livros de hoje e de amanhã”, assinado por Émile Zola, veiculado pelo jornal francês *Événement*, de 16 de fevereiro de 1866, sobre o romance de Gautier:

Ultimamente o *Moniteur* deu uma novela fantástica de Théophile Gautier: *Espírita*, que a livreria Charpentier acaba de publicar em um volume. A obra é para a maior glória dos Davenport. Ela nos faz passear no país dos Espíritos, mostra-nos o invisível, revela-nos o desconhecido. O jornal oficial deu os boletins do outro mundo. Mas eu desconfio da fé de Théophile Gautier. Ele tem uma bonomia irônica que cheira a incredulidade a uma légua. Suspeito que ele entrou no invisível pelo único prazer de descrever a seu modo horizontes imaginários. No fundo, ele não acredita numa palavra das histórias que conta, mas se deleita em contá-las e os leitores gostarão de ler. Tudo é, pois, para o melhor, na melhor das incredulidades possíveis. Não importa o que escreva, Théophile Gautier é sempre escritor pitoresco e poeta original. *Se acreditasse no que diz seria perfeito e isto talvez fosse uma pena* (KARDEC, 2004, p. 134).

Na *Revista Espírita* de 1866, Kardec ressalta que o romance *Espírita* tem sua importância por veicular pensamentos essencialmente espíritas:

Lamentamos que o espaço não nos permita fazer-lhe uma análise mais detalhada e, sobretudo, citar algumas de suas passagens, cujas idéias são incontestavelmente bebidas na própria fonte do Espiritismo; como, certamente, a maior parte dos nossos leitores já o leu, o relato detalhado seria supérfluo. Diremos apenas que a parte consagrada ao fantástico é certamente um pouco grande e que não se deve tomar todos os fatos ao pé da letra; não se trata, absolutamente, de um tratado de Espiritismo. A verdade está no fundo das idéias e pensamentos, que são essencialmente espíritas e narrados com uma delicadeza e uma graça encantadoras, muito mais que nos fatos, cuja possibilidade por vezes é contestável. Embora romance esta obra não deixa de ter grande importância, primeiro pelo nome do autor, e porque é a primeira obra capital saída dos escritores da imprensa, onde a idéia espírita é afirmada sem rodeios, e surgida no momento em que parecia um desmentido lançado na onda de ataques dirigidos contra esta idéia. A forma mesma do romance tinha sua utilidade; certamente era preferível, como transição à forma doutrinária de estilo severo. Graças a uma leveza aparente, penetrou em toda parte e, com ele, a idéia (KARDEC, 2004, pp. 130-131).

Ainda segundo Kardec, o romance *Espírita* atesta o talento do nome que o assina:

(...) O fantástico supera de muito o real e o possível, do ponto de vista da doutrina. É menos um romance espírita do que o romance do Espiritismo e que este não pode aceitar como um quadro fiel das manifestações; além disso, o dado filosófico e moral aí é um tanto nulo. Essa obra não deixou de ser muito útil à vulgarização da idéia, pela autoridade do nome do autor, que lhe soube dar o cunho de seu incontestável talento, e por sua publicação no jornal oficial. Ademais, era a primeira obra de real importância desse gênero, na qual a idéia era levada a sério (KARDEC, 2004, p. 91).

O codificador vaticinou que o ano de 1867 inauguraria “(...) a nova via aberta à literatura pela Doutrina Espírita” (KARDEC, 2004, p. 91) e que apareceriam várias obras importantes, como havia acontecido em 1865 com a publicação do romance *Espírita* de Gautier. Com efeito, pouco depois, surgiria a história de *Mireta*. Nesta ocasião, segundo Kardec, o Espírito Morel Lavallée disse na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para o mostrar, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e desabrochado. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se inicia sob os auspícios de *Mireta* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, em que o romance se fará filosofia e a filosofia se fará história ((KARDEC, 2004, p. 97).

O romance *Mireta*, de Élie Sauvage, de um modo geral, foi bem recebido pela crítica, conforme observou Kardec:

Mireta não é um desses livros em que a idéia espírita não passa de acessório, e como que lançada, *para o efeito*, ao acaso da imaginação, sem que a crença a venha animar e aquecer. É esta mesma idéia que lhe forma o dado principal, menos ainda pela ação que pelas conseqüências gerais dela decorrentes (KARDEC, 2004, p. 91).

Kardec ressalta que a ação do romance de Sauvage se passa em 1831, época em que nominalmente não se podia falar do Espiritismo, muito menos das obras espíritas, mas as ideias se aproximam muito do Espiritismo moderno.

No romance, o conde de Rouville foi forçado a deixar a França em virtude da Revolução e deixa sua fortuna sob a tutela de um suposto amigo, que se apodera de seus bens, deixando-o privado de todos os recursos financeiros. O conde sucumbe devido à traição e deixa sua filha Mireta aos cuidados de um amigo da família. O pai adotivo da jovem também morre um tempo depois e Mireta vê sua vida novamente ficar à mercê de estranhos. Ela é acolhida por Luciano, estudante de direito que havia prestado serviço, durante algum tempo, ao tutor de Mireta. O jovem é filho do homem que roubara o pai de Mireta e quando este homem fica sabendo da origem da menina, torturado de remorsos, cai doente e morre. Os dois jovens se casam.

Kardec relata que a crítica inicial do romance ressaltou a falta de esclarecimentos sobre alguns fenômenos arrolados na obra:

A ação começa sem preâmbulo, por um desses fatos de manifestações espontâneas, como se vêem tantos em nossos dias, e que consistem em batidas nas paredes. Esses ruídos levam ao encontro das duas principais personagens da história, Luciano e Mireta, a qual se desenrola a seguir. Dizem que o autor deveria ter dado uma explicação do fenômeno, para uso das pessoas estranhas ao Espiritismo, cujo ponto de partida não compreendem. Não partilhamos desta opinião, porque seria preciso dizer outro tanto das cenas de visões extáticas e de sonambulismo (KARDEC, 2004, pp. 93-94).

Na contramão da crítica, Kardec esclarece que:

O autor não quis, e nem podia, a propósito de um romance, fazer um tratado didático de Espiritismo. Todos os dias escritores apóiam suas concepções sobre fatos científicos, históricos ou outros, que não podem senão supô-los conhecidos dos leitores, sob pena de transformar suas obras em enciclopédias; aos que não os conhecem cabe buscá-los ou pedir uma explicação. O Sr. Sauvage, situando seu enredo em 1831, não podia desenvolver teorias que só foram conhecidas vinte anos mais tarde. Aliás, os Espíritos batedores, em nossos dias, têm bastante repercussão, graças mesmo à imprensa hostil, para que poucas pessoas dele não tenham ouvido

falar. Esses fatos são mais vulgares hoje do que muitos outros citados diariamente. Ao contrário, o autor nos parece ter realçado o Espiritismo, admitindo o fato como suficientemente conhecido para não precisar ser explicado.

Também não compartilhamos a opinião dos que lhe censuram o quadro um tanto familiar e vulgar, a pouca complicação da intriga do enredo, numa palavra, de não ter feito uma obra literária mais magistral, como certamente seria capaz de fazer. Em nossa opinião, a obra é o que devia ser para alcançar o objetivo proposto; não é um monumento que o autor quis erigir, mas uma simples e graciosa casinha, onde o coração pudesse repousar. Tal como está, dirige-se a todo o mundo: grandes e pequenos, ricos e proletários, mas, sobretudo, a certa classe de leitores aos quais teria convindo menos, se tivesse revestido uma forma mais acadêmica. Pensamos que sua leitura pode ser muito proveitosa à classe laboriosa e, a esse título, gostaríamos de ver a popularidade de certos escritos cuja leitura é menos salutar (KARDEC, 2004, pp. 93-94).

Naquela época em que os romances começaram a surgir, o Espiritismo era muito pouco conhecido pela via literária, por isso alguns assuntos não foram desenvolvidos com acuidade. Dessa maneira, certos trechos do romance, como aparições e incorporações foram discutidos superficialmente por alguns jornais. A parte final do romance, que retrata uma viagem extática de Mireta e Luciano já casados em um mundo bastante evoluído onde encontram o pai adotivo da jovem, também foi considerada desnecessária pela crítica.

De acordo com Kardec vários jornais referiram-se com elogios ao romance *Mireta*. Porém, parte da crítica fixou-se principalmente neste ponto:

Por que misturar o sobrenatural neste simples relato? Era útil à ação apoiar-se em casos de visões e aparições? Que necessidade tinha o autor de transportar os seus heróis para o mundo imaginário da vida espiritual, para chegar à realização da reparação decretada pela Providência? Não temos milhares de histórias edificantes sem o emprego de semelhantes recursos? (KARDEC, 2004, p. 107).

Diante de tantas inquirições, Kardec explicou:

Certamente isto não era necessário. Mas diremos a esses senhores: Se o Sr. Sauvage tivesse feito um romance católico, far-lhe-íeis, por mais cépticos que fôsseis, uma censura por empregar como recurso da ação o inferno, o paraíso, os anjos, os demônios e todos os símbolos da fé? Por fazer intervirem os deuses, as deusas, o Olimpo e o Tártaro num romance pagão? Por que, então, achar mau que um escritor, espírita ou não, utilize os elementos oferecidos pelo Espiritismo, que é uma crença como qualquer outra, tendo seu lugar ao sol, se esta crença se presta ao assunto? Com menos forte razão pode ser censurado se, em sua convicção, aí vê um meio providencial para chegar ao castigo dos culpados e à recompensa dos bons. Se, pois, no pensamento do escritor, essas crenças são verdadeiras, por que não as exporia num romance, tanto quanto numa obra filosófica? Mas há mais: é que, como temos dito muitas vezes, estas mesmas crenças abrem à literatura e às artes um campo vasto e

novo de exploração, onde colherão a mancheias quadros comoventes e as mais interessantes situações (KARDEC, 2004, p. 107).

O tema da reencarnação é um dos mais fecundos para os romancistas e pode fornecer efeitos tanto mais surpreendentes quanto em nada se afastam, segundo Kardec, das possibilidades da vida material. Dentro dessas perspectivas, ele realça o romance de Charles Barbara, *Assassinato da Ponte Vermelha* (1867). Conforme o codificador, o jovem escritor fez aplicação das mais felizes sobre o tema em seu romance.

O enredo gira em torno da morte de um agente de câmbio, Thillard, que foge para o estrangeiro levando a fortuna de seus clientes. Atraído por um indivíduo a uma casa miserável, sob o pretexto de favorecer-lhe a fuga, é assassinado e seu corpo despojado é jogado no Sena. O algoz de Thillard e sua cúmplice Rosália casam-se pouco tempo depois e daí por diante vivem na abastança sem temer perseguição alguma, a não ser a do remorso que se manifesta quando uma circunstância faz com que suas angústias atinjam o mais alto grau.

Rosália começou a sentir a presença do espírito do agente constantemente perto deles. Mas o tormento do casal atinge seu ponto culminante quando, após uma gravidez penosa, nasce um menino com os traços fisionômicos idênticos aos de Thillard: “Enfim, a semelhança se nos mostrou tal, que pareceu realmente que o agente de câmbio tivesse renascido em nosso filho” (KARDEC, 2004, p. 36). A mulher entra em um estado de delírio e agoniza até a morte. O narrador, marido de Rosália, desabafa: “A presença do menino enchia-lhe de horror ‘pelo ódio instintivo que me vota’” (KARDEC, 2004, p. 37). Ele confessa: “Conseguí subtrair-me ao suplício com que os homens castigam o assassino e eis que este suplício se renova para mim quase todas as noites” (KARDEC, 2004, p. 38). O personagem não consegue se livrar do passado e o filho é a renovação incessante e permanente daquele crime brutal em sua consciência. Segundo Kardec:

A idéia de fazer reviver a vítima no próprio filho do assassino, e que aí representa a imagem viva de seu crime, ligada aos seus passos é, ao mesmo tempo, engenhosa e muito moral. Quis o autor mostrar que o criminoso, se sabe escapar às perseguições dos homens, não poderá subtrair-se às da Providência. Há aqui mais que remorso: é a vítima que se ergue sem cessar à sua frente, não sob a aparência de um fantasma ou de uma aparição, que poderia ser considerada como efeito da imaginação ferida, mas sob os traços de seu filho; é o pensamento que esta criança pode ser a própria vítima, pensamento corroborado pela instintiva aversão do menino, embora idiota, por seu pai; é a luta da ternura paternal contra esse pensamento que o tortura, luta horrível, que não permite ao culpado gozar sossegadamente o fruto de seu crime, como disso se tinha gabado (KARDEC, 2004, p. 39).

Fernanda é o título do romance-folhetim de Jules Doinel, publicado no *Moniteur du Cantal*, nos dias 23 e 30 de maio e 6, 13 e 20 de junho de 1866. Na *Revista Espírita* de 1867, Kardec realça suas impressões acerca da nova publicação:

Lamentamos que, depois de ter sido publicada em folhetins, forma sob a qual uma idéia se espalha mais facilmente nas massas, esta novela não tenha sido enfeixada em volume e que os nossos leitores estejam privados do prazer de a adquirir. Embora seja uma obra sem pretensões e circunscrita num quadro muito pequeno, é um retrato verdadeiro e atraente das relações do mundo espiritual e do mundo corporal, que traz o seu contingente à vulgarização da idéia espírita, do ponto de vista sério e moral. Mostra os puros e nobres sentimentos que esta crença pode desenvolver no coração do homem, a serenidade que dá nas aflições, pela certeza de um futuro que corresponde a todas as aspirações da alma e dando plena satisfação à razão. Para pintar essas aspirações com verdade, como o faz o autor, é preciso ter fé *naquilo que se diz*. Um escritor, para quem semelhante assunto não passasse de um quadro banal, sem convicção, acreditaria que para fazer Espiritismo bastaria associar o fanatismo, o maravilhoso e as aventuras estranhas, como certos pintores julgam ser suficiente espalhar cores vivas para fazer um quadro. O Espiritismo verdadeiro é simples; toca o coração e não fere a imaginação com marteladas. Foi o que compreendeu o autor (KARDEC, 2004, pp. 313-314).

O enredo da novela é muito simples, conforme observou Kardec. A jovem Fernanda morre prematuramente. Seu noivo, Stéphen Standy, um tempo depois recebe a visita do espírito da noiva que revela como é sentir a nova vida e repensar as ações pregressas pelos olhos do espírito. A partir das conclusões a que chega o noivo de Fernanda, Kardec destaca alguns pontos conflitantes delas em relação aos postulados da Doutrina. Um deles esbarra com a questão da perfeição. Standy, em suas confissões a um amigo, defende que “No dia em que estivermos bastante puros para ver, compreender e amar a Deus inteiramente, só nesse dia morreremos. Note bem que nesse dia não amamos mais que Deus e nada senão Deus” (KARDEC, 2004, p. 318). As reflexões do jovem, segundo Kardec, retratam um grande equívoco recorrente na crença de algumas pessoas, quanto ao fim dos laços afetivos entre os familiares após à morte:

Depois de idéias como as que encerram as passagens precitadas, nós nos surpreendemos de encontrar uma doutrina como esta, que faz da felicidade perfeita uma felicidade egoísta. O encanto da Doutrina Espírita, o que dela faz uma suprema consolação, é precisamente a idéia da perpetuidade das afeições, depurando-se e estreitando-se à medida que o Espírito se depura e se eleva. Aqui, ao contrário, quando o Espírito é perfeito, esquece aqueles a quem amou, para pensar apenas em si; está *morto* para qualquer outro sentimento senão o de sua felicidade; a perfeição lhe tiraria a *possibilidade*, o *desejo mesmo* de vir consolar os que ele deixa na aflição. Forçoso

é convir que isto seria uma triste perfeição ou, melhor dizendo, seria uma imperfeição (KARDEC, 2004, p. 318).

Outro ponto da narrativa, que incomodou Kardec, diz respeito à crença do narrador: “Temos existências anteriores? Não o creio: Deus nos tira do nada; mas do que estou certo é de que, depois daquilo que chamamos morte, começamos – e quando digo nós, falo da alma – começamos, digo, uma série de novas existências” (KARDEC, 2004, pp. 317-318). Ele refuta a ideia de o personagem não acreditar em existências anteriores:

Quando o autor diz que não acredita nas existências anteriores, mas que está certo de que, depois da morte, começamos uma série de novas existências, não se deu conta de que cometia uma contradição flagrante. Se admite a pluralidade das existências posteriores, como coisa lógica e necessária ao progresso, em que se baseia para não admitir as existências anteriores? (KARDEC, 2004, p. 319).

Kardec ressalta ainda que o autor do romance admitiu ter um conhecimento superficial da Doutrina Espírita, na época em que o produziu e que, sem dúvida, nele havia várias coisas a censurar e hoje mais esclarecido, certamente, formularia alguns princípios doutrinários. O codificador completa: “À exceção dos pontos que acabamos de citar, não há nenhum que a Doutrina Espírita não possa aceitar. Cumprimentamos o autor pelo ponto de vista moral e filosófico em que se colocou, e consideramos seu trabalho como eminentemente útil à difusão da idéia espírita (...)” (KARDEC, 2004, p. 321).

Segundo Kardec, “A idéia espírita, de fato, fez sua entrada na imprensa pelo romance. Aí entra enfeitada: a verdade nua e crua chocaria esses senhores” (KARDEC, 2004, p. 136). Eis então uma exposição sobre a crítica literária de Kardec aos primeiros poemas mediúnicos e romances de temática espírita publicados na Europa da segunda metade do século XIX.

2 AS IDEIAS DE ALLAN KARDEC CHEGAM AO BRASIL

Enquanto o espiritismo, na Europa, entra pelos olhos e pelo cérebro dos povos, conduzido pela crítica, pela análise fria e controvertida da ciência experimental, disputando uma a uma as almas ao infortúnio da negação, no Brasil entra no espírito pelos corações, irradia na fé pela doçura, pelo encanto, pela verdade, pela consolação. É a religião dos simples e dos bons; dos que sofrem e dos que têm sede de justiça e de amor; e é, para ele, a religião da Promessa, a religião da Esperança, a que melhor se harmoniza com a visão deslumbrante do seu futuro. É como se fosse nascida aqui.

Fernando de Lacerda

O Espiritismo chega ao Brasil em uma época em que duas grandes questões mobilizavam os políticos e a intelectualidade brasileira: a campanha republicana e a campanha abolicionista. É nesse ambiente de mudanças e tensões na sociedade brasileira que o Espiritismo vai se instalar e se desenvolver.

Enquanto Allan Kardec dava seus primeiros passos para entender o fluxo de informações que se materializavam com o advento das mesas girantes e falantes e concebia, inicialmente, a possibilidade desses acontecimentos serem apenas eventos de magnetismo ainda não mapeados, no Brasil, jornais já tratavam o fato com bastante euforia. Os periódicos *O Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, de 14 de junho de 1853; *O Diário de Pernambuco*, de 2 de julho e *O Cearense*, em suas edições de 3 a 26 de julho, ambos do mesmo ano, noticiavam as “maravilhas das mesas”. O periódico *O Cearense*, de 19 de maio de 1854, com base nos depoimentos do Dr. Cesário, jornalista eminente da época que havia admitido ter conseguido respostas inteligentes das mesas, divulga que para se conseguir contato com os espíritos pelas mesas, deveria se convocar um médium (DIONISI, 2013, p. 131). Em solo brasileiro, antes mesmo de Kardec imprimir ritmo às suas pesquisas, já se admitia a existência dos espíritos e esses poderiam ser convocados por meio de médiuns, termo inusitado entre nós e que seria consagrado após a codificação da Doutrina por Allan Kardec.

A Federação Espírita Brasileira considera que o Espiritismo chegou ao Brasil no ano de 1865. Contudo, na versão de estudiosos contemporâneos, a Doutrina Espírita já registrava sua presença em solo nacional, no início da década de 1860 do século XIX. A pesquisa que Elaine Cristina Maldonado desenvolveu em sua dissertação de mestrado (2008), intitulada *Machado de Assis e o Espiritismo: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896)*, ressaltou que, em 1865, o Espiritismo já se fazia presente no Brasil. Segundo a autora:

(...) em 1865 o espiritismo já era assunto tão conhecido a ponto de ser publicado na imprensa sem maiores explicações acerca da doutrina, que de acordo com a história do espiritismo, estava começando a juntar adeptos que formaram os primeiros grupos de estudos e experiências (MALDONADO, 2008, p. 17).

Em consulta ao jornal *O Anuário Espírita 2006*⁴⁵ verificamos que, conforme vimos anteriormente, muitos periódicos em 1853 já divulgavam sessões mediúnicas em reuniões familiares:

Conquanto desde 1853 os jornais do país já registrassem reuniões familiares para a produção de fenômenos mediúnicos, o Espiritismo codificado por Allan Kardec só desembarca no Brasil por volta de 1860 com os primeiros exemplares de *O Livro dos Espíritos*. É no ano de 1860 que surge o primeiro livro espírita publicado no Brasil: *Os Tempos são chegados*, do professor francês Casimir Lieutaud, obra pioneira que abre caminho para a introdução do Espiritismo no Brasil (*Anuário Espírita*, 2006, p. 23).

No Brasil, o Espiritismo foi acolhido por setores mais privilegiados da sociedade, já que os livros que aqui chegavam estavam escritos em francês, idioma que o povo simples não lia. Dessa forma, as práticas mediúnicas tomaram impulso e se espalharam entre as classes mais abastadas, compostas por políticos, advogados, médicos, magistrados que frequentavam as reuniões de experimentação para discutirem sobre o advento das “mesas girantes”.

É importante destacar as relações do Espiritismo com a homeopatia. Segundo a obra espírita, *Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho*, de Chico Xavier pelo espírito Humberto de Campos, “As primeiras experiências espiritistas, na Pátria do Evangelho, começaram pelo problema das curas. Em 1818, já o Brasil possuía um grande círculo homeopático, sob a direção do mundo invisível. O próprio José Bonifácio se correspondia com Frederico Hahnemann”⁴⁶ (XAVIER, 2014, p. 136). De fato, a homeopatia surgiu no Brasil em 1818 segundo informações registradas no livro *História da homeopatia no Brasil*, obra apresentada no 1º Congresso de Homeopatia no Brasil, no Rio de Janeiro, em 1928, do Dr. José Emygdio Rodrigues, considerado o maior historiador da homeopatia brasileira.

⁴⁵ Anuário Espírita 2006, IDE Editora, Ano XLIII, N° 43, Araras, São Paulo, 2006.

⁴⁶ Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), médico alemão, fundador da homeopatia (XAVIER, 2014, p. 136).

Somente na década de 1840, os estudos sobre as curas homeopáticas tomaram um impulso maior. Conforme as considerações do Dr. Silvino Canuto Abreu⁴⁷, em seu livro *Bezerra de Menezes (subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895)*, a correlação entre a homeopatia e o Espiritismo teria sido estabelecida por dois imigrantes homeopatas: Benoit Jules Mure (Bento Mure)⁴⁸ e João Vicente Martins⁴⁹. De acordo com Canuto Abreu, os dois estudiosos aplicavam passes nos doentes como apoio aos tratamentos realizados. Por adotarem esse apoio terapêutico, lançaram a semente do Espiritismo entre nós.

2.1 Bahia - Berço do Espiritismo no Brasil

Se a França foi o berço do espiritismo em geral, a Bahia foi o nosso. Na revista *Reformador*, da Federação Espírita Brasileira (FEB)⁵⁰, o artigo do Sr. Adilton Pugliese, registra o início do Espiritismo na Bahia:

O berço mundial do Espiritismo foi a França, mas podemos considerar que, no Brasil, a nascente dos fenômenos provocados pelos Espíritos foi a Cidade do São Salvador, na Bahia, desde os idos de 1853, antes mesmo da iniciação do futuro Codificador, no mês de maio de 1855, em torno dos episódios das mesas girantes - que seriam considerados por ele como o ponto de partida da Doutrina Espírita (...). Desde 1853, enfatizamos, já aconteciam noticiários, na antiga Província da Corte Brasileira, sobre os fenômenos das *tables mouvantes* ou *tables parlantes*, que agitavam, desde 1850, a

⁴⁷ O Dr. Silvino, na condição de médico e adepto da homeopatia, legou-nos um precioso acervo a respeito das atividades dos fundadores dessa modalidade curativa e suas ligações e afinidades com o kardecismo. Foi uma das pessoas que mais contribuíram para a preservação da memória do Espiritismo (DIONISI, 2013, pp. 129-130).

⁴⁸ O francês Benoit Bento Mure (1809-1858) aportou no Rio de Janeiro no dia 21 de novembro de 1840 (data esta escolhida para a comemoração da homeopatia no Brasil). Portador da mediunidade da clarividência, “ele se dava a transes mediúnicos”. É considerado um dos introdutores e grande incentivador da homeopatia no Brasil (DIONISI, 2013, p. 130).

⁴⁹ João Vicente Martins (1808-1854), médico e um dos maiores divulgadores da homeopatia no Brasil. Psicógrafo, assumiu a direção da propaganda espírita no Brasil em 1848, atraindo grande número de adeptos para a Homeopatia. De acordo com as informações contidas na obra espírita *Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho*, os médicos Benoit Bento Mure e João Vicente Martins levaram a cabo a missão de cura por meio da homeopatia (XAVIER, 2014, p. 141).

⁵⁰ Segundo informações da funcionária da Federação Espírita Brasileira, Clara Betânia de Souza, “Quando o *Reformador* surgiu em 1883, era um jornal no formato tabloide e foi impresso desta forma até 1902. A partir de 1903, o jornal passou a ser impresso como revista permanecendo assim até hoje, mas com uma diferença: de 1903 até 1937, a publicação era bimensal e de 1938 em diante, passou a ser mensal”. Mensagem eletrônica pessoal recebida por denise.vieira@ifsudestemg.edu.br em 26 out. 2016. Falaremos da fundação da revista *Reformador* no item 2.3.

Europa e os Estados Unidos (...). Há, porém, registros de ocorrências de ‘intercâmbio com os mortos’ desde 1845, no antigo Distrito de Mata de São João, hoje município, distante 62 km de Salvador (...) (PUGLIESE, 2010, pp. 32 a 34).

É importante destacar que o Brasil fazia parte do conjunto de países onde, de forma quase simultânea, os fenômenos espíritas eclodiram, em meados de 1853. Ao lado da América do Norte, Europa e parte da Ásia, o fenômeno das mesas girantes e falantes despertava a curiosidade, tanto do povo simples quanto das classes sociais mais abastadas, intelectual e financeiramente falando.

2.2 As primeiras obras espíritas divulgadas no Brasil

Segundo registros sobre a chegada das obras espíritas ao Brasil, temos que “Por volta de 1860, o “Livro dos Espíritos” passa a fazer parte da bagagem de viajantes e imigrantes que aportavam no Brasil, vindos da França” (GIUMBELLI, 1997, p. 56). Outros apontamentos revelam que as obras “(...) foram trazidas principalmente por franceses que moravam no Rio de Janeiro ou pessoas ricas e instruídas da alta sociedade que tinham contato com o estrangeiro (...)” (FERNANDES, 2008, p. 10).

O fato é que, nos primeiros tempos de divulgação do Espiritismo no Brasil, as obras de Allan Kardec chegavam em francês e eram lidas e estudadas neste idioma, uma vez que a Corte, centro de irradiação da cultura daquela época, recebia grande influência francesa, pois os filhos dos nobres, como era de costume, estudavam na França e, ao retornarem, traziam consigo as novas ideias da Europa, entre elas as primeiras concepções kardecistas⁵¹. Os próprios membros da Corte, como D. Pedro II e a Princesa Isabel se interessavam pelas ideias espíritas. Foi também, na década de 1860 do século XIX, que os primeiros livros impressos em francês, no Brasil, começaram a ser divulgados.

A principal fonte de divulgação do Espiritismo no território nacional foi, portanto, o livro. O primeiro livro espírita editado em nosso país foi *Les temps sont arrivés* (Os tempos são chegados), em 1860, no Rio de Janeiro. Em 1862, o livro de Kardec *O Espiritismo na sua mais*

⁵¹ Registros apontam que, bem antes das primeiras obras kardecistas chegarem ao Brasil ou serem aqui traduzidas, o Marquês de Maricá, no ano de 1844, editou um livro em que já expunha ensinamentos de fundo espírita não kardecista divulgados no Brasil, pois era anterior aos estudos de Allan Kardec sobre as mesas girantes (SANTOS, 2010, p. 275).

simples expressão foi traduzido pela primeira vez para o português pelo professor Alexandre Canu. A aceitação do livro pelo público foi tão grande que, na *Revista Espírita* do mês de julho de 1864, Kardec reproduziu uma crônica extraída do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, do dia 23 de setembro de 1863, e fez o seguinte comentário final:

Constatamos com satisfação que a ideia espírita faz sensíveis progressos no Rio de Janeiro, onde conta expressivo número de representantes fervorosos e devotados. A pequena brochura *O Espiritismo em sua expressão mais simples*, publicada em português, não contribuiu pouco para ali espalhar os verdadeiros princípios da doutrina (KARDEC, 2004, pp. 289-290).

Em 1869, começaram as edições do primeiro jornal espírita impresso no Brasil *O Eco d' Além-Túmulo*, publicado mensalmente e dirigido pelo escritor e jornalista baiano Luís Olímpio Teles de Menezes. A contribuição de Menezes para a divulgação do Espiritismo já havia sido registrada com o lançamento, em 1866, do opúsculo *O Espiritismo. Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, páginas extraídas e traduzidas por ele da 13ª edição francesa de *O Livro dos Espíritos*. Deve-se ainda a Menezes a fundação do primeiro centro espírita do Brasil, denominado “Grupo Familiar do Espiritismo”, fundado em 17 de setembro de 1865, na cidade de Salvador, sendo Menezes seu primeiro dirigente. Ainda nessa época, houve o lançamento da primeira obra poética para divulgação do Espiritismo: *O Espiritismo – Meditações Poéticas sobre o Mundo Invisível Acompanhadas de uma Evocação*, pelo poeta alagoano Júlio César Leal, que também viria a presidir a Federação Espírita Brasileira (FERNANDES, 2008, p. 86).

O movimento espírita brasileiro daquele período não cessou de perseguir a ideia de criar um periódico que desse maior visibilidade à Doutrina Espírita, ainda em passos lentos para alguns. A Sociedade Espírita Grupo Confúcio⁵², lançou a *Revista Espírita – Publicação Mensal de Estudos Psicológicos* – produzida nos moldes da *Revue Spirite* de Allan Kardec, com

⁵² “Confúcio” não era uma homenagem ao grande filósofo chinês, mas a um Espírito que vinha desde algum tempo aos trabalhos particulares do Dr. Sequeira Dias, um dos diretores do grupo Confúcio, sugerindo alguns princípios de moral: conforme previsto no estatuto do Grupo, seus membros deveriam seguir os princípios e as formalidades expostos em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. A divisa da sociedade era: “Sem caridade não há salvação”. Suas atividades incluíam ainda o receituário gratuito de homeopatia e a aplicação de passes aos necessitados (HESSEN, Jorge. **Ismael – Um espírito, Bezerra de Menezes – Um Cristão e a seiva do evangelho na pátria “CORACÃO DO MUNDO**. Disponível em: <http://aluznamente.com.br/ismael-um-espírito-bezerra-de-menezes-um-cristão-e-a-seiva-do-evangelho-na-patria-coracao-do-mundo/>>. Acesso em: 20 jun. 2015).

formato e dizeres no frontispício parecidos com a da “matriz” francesa, sob direção de Antônio da Silva Neto e publicada em 1º de janeiro de 1875.

O periódico brasileiro foi o primeiro publicado no Rio de Janeiro e o segundo no Brasil, conforme vimos, o jornal baiano *O Eco d'Além Túmulo* foi o vanguardista em todo o nosso território. A *Revista Espírita* nacional explorava principalmente os artigos inseridos na edição francesa e ainda outros de jornais estrangeiros. Trechos das obras basilares de Allan Kardec eram também encontrados na revista. É importante destacar que em seu primeiro número, o periódico trouxe na página 38, sob a epígrafe “O livro dos Espíritos”, a notícia da tradução dessa obra para a língua portuguesa feita pelo Dr. Joaquim Carlos Travassos e editada pelo livreiro Baptiste Louis Garnier, do Rio de Janeiro. Ressaltamos também que logo após o lançamento dessa tradução pela livraria Garnier, a reação da imprensa nacional foi de repúdio à impressão e venda das obras kardecistas. Contra os ataques da imprensa, que tratava o Espiritismo como a “epidemia mais perigosa que a febre amarela” (*Jornal do Commercio*, 1875, p. 54), a *Revista Espírita* publicou artigos doutrinários e de refutação aos inimigos do Espiritismo.

O Grupo Confúcio manteve contato com a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas para a divulgação nacional da *Revista Espírita*, por meio de seu maior representante, o Sr. Leymarie⁵³, que dirigia a “Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec” (LEYMARIE, 1999, p. 21). A Sociedade Parisiense reconheceu e saudou os esforços dos confrades espíritas brasileiros pela grande iniciativa. Contudo, as publicações da *Revista Espírita* foram abortadas e, por motivos desconhecidos, atingiram somente seis exemplares.

2.3 Os grupos de estudos espíritas e a fundação da Federação Espírita Brasileira

Às 22h 30 min, de 17 de setembro de 1865, apenas oito anos depois da fundação oficial do espiritismo na França, foi realizada em Salvador a primeira sessão da doutrina no Brasil, liderada por um jornalista, Luís Olímpio Teles de Menezes. No mesmo ano, surgiu o primeiro centro do país. Em pouco tempo, a visão científica, filosófica e religiosa de Allan Kardec se transformaria em uma religião tipicamente brasileira, divulgada por intelectuais nas nossas maiores cidades. Anos antes de

⁵³ Espírita francês que colaborou com Kardec desde o início da publicação da "*Revue Spirite*" e das obras da codificação da Doutrina Espírita (LEYMARIE, 1999, pp. 21-22).

ganhar as massas com Chico Xavier, os seguidores de Kardec já tinham uma nova capital nos trópicos.

Tiago Cordeiro

Como vimos, na década de 1860, começaram a surgir os primeiros centros espíritas na Bahia, no Rio de Janeiro e em Sergipe. Vários grupos se formaram visando ao estudo das obras kardequianas, inclusive para a prática mediúnic.

O “Grupo Familiar do Espiritismo”, fundado por Luís Olímpio de Teles de Menezes, em 17 de setembro de 1865, na cidade de Salvador, funcionou com este nome aproximadamente por oito anos e foi rebatizado como “Associação Espírita Brasileira”, a fim de superar a intolerância religiosa ao Espiritismo que tomava impulso no país pelos idos da década de 1870.

Contudo, a morte de Allan Kardec, em 1869, proporcionou ao Espiritismo uma fase de grande instabilidade. Na França, ocorreram divergências internas e competição pelo poder e o quadro não era diferente no Brasil. Para alguns estudiosos da Doutrina Espírita, era preciso fundar “um núcleo regular para dirigir o Espiritismo e orientar a propaganda” (ABREU, 2001, p. 35). Perseguindo esse objetivo, foi fundada em 2 de agosto de 1873, a Sociedade Espírita Grupo Confúcio, que já mencionamos, a mesma que lançou a *Revista Espírita* e a primeira comunidade de orientação espírita da corte. Seu estatuto bem definido e impresso continha a orientação máxima de Kardec “Sem caridade não há salvação e sem caridade não há verdadeiro espírita” (DIONISI, 2013, p. 138). Este Grupo foi responsável pelas primeiras traduções para a língua portuguesa das obras básicas da codificação kardequiana.

Apesar do objetivo de se tornar um centro convergente do Espiritismo brasileiro, o Grupo Confúcio durou somente três anos, porém o curto período foi significativo para o desenvolvimento do Espiritismo no Brasil.

Em 26 de abril de 1876, surgiu a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”. Novamente ocorreria uma dissensão e a polarização desse incipiente grupo geraria o grupo dos “místicos” e dos “científicos”. Os “místicos” optaram por fundar a Sociedade Espírita Fraternidade, em 1880⁵⁴. Mais tarde, o Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo

⁵⁴ Os grupos existentes no Espiritismo nacional nascente dividiam-se em místicos e científicos: os espíritas que encaravam o Espiritismo como religião eram chamados de “místicos”; os que encaravam o Espiritismo como ciência, “científicos”. Os “Espíritas”, na época, eram os que apenas aceitavam *O Livro dos Espíritos*; enquanto que os “kardecistas” dedicavam-se a toda obra kardequiana (DIONISI, 2013, p. 143).

Ismael⁵⁵, também conhecido como “Grupo Ismael”, substituiria a Sociedade Espírita Fraternidade.

Com a extinção do Grupo Confúcio em 1876, o movimento espírita mergulhou em uma fase de muitas dissidências, pois cada dirigente queria dar ênfase a um único aspecto da Doutrina Espírita, ora o científico, ora o religioso. Assim, uns defendiam exclusivamente o estudo do Evangelho, outros se diziam Roustanguistas⁵⁶; uns arvoraram-se “científicos”, outros diziam-se “puros”. Como consequência, houve a separação e a desunião. A Federação Espírita Brasileira (FEB) surgiu como uma necessidade de consolidar a Doutrina Espírita por meio da unificação de todos os grupos espíritas já existentes. Para congregar tantas forças dispersas, o Sr. Augusto Elias da Silva reuniu em sua casa um grupo de dirigentes e fundou, no dia 2 de janeiro de 1884, a Federação Espírita Brasileira, que teve como primeiro presidente o Sr. Ewerton Quadros e como órgão oficial de divulgação da Doutrina, até os dias atuais, a revista *Reformador*, fundada um ano antes, no dia 21 de janeiro de 1883, também pelo Sr. Elias da Silva. Mesmo assim não foi fácil o trabalho de unificação. A FEB trabalhou, desde o início, pela difusão do Espiritismo.

⁵⁵ Há, no Espiritismo brasileiro, a crença em um mentor maior que estabeleceu as diretrizes da doutrina adotada no país, chamado Ismael. Considerado “anjo”, Ismael seria oficialmente o guia espiritual do Brasil (XAVIER, 2014, pp.7-8).

⁵⁶ A denominação *roustanguista* tem origem em Jean Baptiste Roustang. Conforme esclareceu Josué de Freitas, no site **Portal do Espírito**: “Jean Baptiste Roustang foi um advogado francês, nascido em Bordéus. Viveu na França, no tempo em que Allan Kardec estava preparando a Codificação. Chegou a trocar algumas correspondências com o codificador, mas a amizade entre ambos não foi adiante. Com a ajuda da médium Émile Collignon, Roustang publicou ditados de alguns espíritos que os assistiam, denominados mais tarde de *Os Quatro Evangelhos* ou *Revelação da Revelação*. Os Espíritos que ditaram *Os Quatro Evangelhos* disseram ser nada menos que os Evangelistas, assistidos pelos Apóstolos e pelo profeta Moisés. Essas obras se caracterizavam por apresentarem graves contradições doutrinárias, segundo Kardec, em relação aos princípios do Espiritismo. Os livros de Jean Baptiste Roustang vieram parar no Brasil e, por meio de uma série de acontecimentos ligados ao nascimento do movimento espírita brasileiro, tiveram uma rápida penetração, causando várias divergências no meio espírita. A polêmica entre Kardec e Roustang iniciou-se logo após a publicação dos comentários de Kardec sobre *Os Quatro Evangelhos* na *Revista Espírita*, de junho de 1866, de onde podemos destacar duas objeções básicas apontadas pelo codificador: a primeira, em relação à tese central do livro, ou seja, o corpo fluídico de Jesus, sobre a qual o codificador retornou posteriormente em seu último livro *A Gênese*, publicado em 1868, onde condenou definitivamente esta tese; e a segunda, a prolixidade da obra, que poderia ser reduzida a apenas um único volume. Outra contradição flagrante entre as duas obras é o princípio da Metempsicose combatido por Kardec e defendido por Roustang. Outro ponto bastante conflitante da obra foi quando Roustang afirmou que Jesus era demasiado puro para utilizar um corpo de carne, partindo do princípio que todo espírito encarnado ou já faliu ou deve falir, desta forma é culpado. Assim, Jesus não encarnou e, portanto, põe por terra um dos principais postulados do Espiritismo, ou seja, a encarnação e a reencarnação, através das quais operam as leis da evolução de causa e efeito, estabelecida em *O Livro dos Espíritos*, questão 133. Uma das preocupações básicas de Kardec, no que diz respeito aos princípios do Espiritismo, ficou patente no emprego sistemático do princípio da universalidade, onde uma questão era sempre submetida a vários médiuns em diferentes lugares e ocasiões, e as respostas compiladas em busca de uma resposta com o mesmo fundo moral, o que não ocorreu com *Os Quatro Evangelhos*” (FREITAS, Josué de. Jean Baptiste Roustang, o inimigo de Allan Kardec. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/gebm/roustaing-inimigo.html>>. Acesso em: 06 mar. 2015).

Apesar do esforço para cessar as inúmeras divergências internas do movimento espírita, os ataques externos foram contundentes, pois “desde a sua fundação, a FEB enfrentou grandes dificuldades financeiras, de espaço, políticas e sociais (...)” (DIONISI, 2013, p. 180). O futuro da FEB ficaria ainda mais comprometido em virtude da instabilidade política, na época:

Com a Revolta da Armada, de setembro de 1893 a março de 1894, intensificou-se a deserção e praticamente ficaram suspensas as atividades. Em 1895, a crise chegou ao auge, com as dificuldades financeiras da Sociedade, quando os poucos remanescentes recorreram a Bezerra de Menezes, como último recurso para evitar a dissolução completa (DIONISI, 2013, p. 181).

Por muito tempo ainda as fissuras no movimento espírita se mantiveram. Como vimos, além das dificuldades políticas, financeiras e sociais, o movimento se dividia entre místicos e científicos, entre Roustanguistas e Kardec.

Contudo, a partir de 1894, o esforço por uma unificação forte materializou-se com a indicação do nome do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, para comandar a recém-fundada Federação Espírita Brasileira. Bezerra de Menezes iniciou sua contribuição ao Espiritismo escrevendo para a revista *Reformador* e popularizou-se como primeiro cronista na divulgação da doutrina. Em 1886, no Salão da Guarda Velha, no Rio de Janeiro, diante de um seletivo auditório com mais de duas mil pessoas da sociedade fluminense, confirmou sua adesão ao Espiritismo, “iniciava-se a mitificação daquele que seria considerado o Allan Kardec brasileiro”⁵⁷ (DIONISI, 2013, p. 166). Médico, político, romancista, militante implacável contra o trabalho escravo⁵⁸, assumiu a presidência da FEB em 1895, aos sessenta e três anos, e ocupou o cargo até morrer em 11 de abril de 1900. Ele foi o traço de união que garantiu, e garante até hoje, as diferentes correntes dentro da FEB.

⁵⁷ Os espíritas consideram Bezerra de Menezes, o Kardec Brasileiro, porque, para eles, o médico estava preparado para difundir o Espiritismo, em virtude de sua inteligência, persuasão e de seus atos edificantes, conforme o mestre lionês (Nota da autora).

⁵⁸ Em 1869, Bezerra de Menezes publicou um estudo sobre a atuação da maioria dos políticos da época, intitulado *A escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação* (MENEZES, apud CURRY, 2007, pp. 103-114).

2.4 O Espiritismo e o Código Penal Brasileiro

A Doutrina Espírita não sofreu abalos só internamente, com a República recém-proclamada surge um Novo Código Penal, em 11 de outubro de 1890 e, segundo a nova redação do documento, o Espiritismo passou a ser crime passível de multa de até quinhentos mil réis⁵⁹ (Artigo 157) e de detenção de um a seis meses.

O delito incidia principalmente sobre as práticas dos “médiums receitistas”⁶⁰, que, segundo as autoridades, obtinham prescrições médicas da parte dos espíritos, em detrimento da medicina tradicional. Por conta da pressão da classe médica, que classificava a mediunidade como uma espécie de transtorno mental do médium e exigia que o governo combatesse essas práticas, efetuou-se a proibição do Espiritismo como prática religiosa. O jornal *A Gazetinha*, do Rio de Janeiro, no dia 6 de fevereiro de 1896, anuncia:

Não foi sem razão que no dia 19 de janeiro deste anno encetamos accerima campanha sobre esta seita religiosa, que se encobre cynicamente sob o aparato nome de SPIRITAS. Seita que acarreta consigo uma grande numero de responsabilidade, visto a correntesa que toma, dia para dia; a onda cresce, se avoluma, arrebenta, vomitando do seio pejado de sombras um sem numero de victimas inconscientes (*A Gazetinha*, 1896, p. 1).

Mesmo sob a égide de Estado laico na República, permitindo ao indivíduo a liberdade de culto; no Brasil, o Espiritismo foi considerado caso de polícia. Sobre o assunto, contamos com a dissertação de mestrado da socióloga Célia da Graça Arribas, defendida na USP em

⁵⁹ Artigo reproduzido do Código Penal de 1890, em que são relatadas as observações sobre a prática do Espiritismo constante no **TÍTULO III - Dos crimes contra a tranqüilidade pública e CAPÍTULO III - DOS CRIMES CONTRA A SAUDE PUBLICA**.

Art. 157. Praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica: Penas de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000 (CÓDIGO PENAL DE 1890. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/?id=66049>>. Acesso em: 18 fev. 2015).

Observação: A multa de 100\$000 a 500\$000, aplicada pela prática do Espiritismo no ano de 1890, corrigida pela moeda atual brasileira teria o valor entre R\$36.000,00 a R\$181.000,00 (Conversão feita pela autora).

⁶⁰ “As práticas terapêuticas se desenvolveram com bastante força no Espiritismo, desde seu ingresso no Brasil em meados do século XIX. A resposta dos porta-vozes espíritas aos ataques – em defesas judiciais, em manifestações na imprensa – enfatizou o enquadramento de suas práticas à noção de “religião” (GIUMBELLI, 1997, p. 84).

2008, “Afinal, espiritismo é religião? – A Doutrina Espírita na formação da diversidade religiosa brasileira”, orientada pelo professor Flávio Pierucci:

Nem a declaração do país como Estado laico [que pertence ao povo cristão como tal e não à hierarquia eclesiástica], em 1891, ajudou. Antes da República, os Espíritas eram alvos costumeiros de ataques da imprensa, reclamações de médicos e oposição da Igreja Católica. Depois, com Constituição republicana e tudo, ficou ainda pior. Espíritas também teriam sido usados como bodes expiatórios para diminuir a oposição do catolicismo ao regime republicano (ARRIBAS, 2008, p. 145).

A socióloga ainda explica que:

Na primeira Carta republicana, promulgada em fins de fevereiro de 1891, o artigo 72 previa que ‘todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto’.

Um ano antes, um decreto (o 119-A) já instituía plena liberdade religiosa: ‘é proibido à autoridade federal, assim como à dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e crear diferenças entre os habitantes do paiz, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões philosophicas ou religiosas’.

Mas entre uma norma e outra, em 1890, o Código Penal tornou o espiritismo, por não considera-lo uma religião, assunto para delegacias de polícia. (...) Em consequência do novo Código Penal, vários Espíritas foram presos a partir de 1891. Em muitos processos, foram acusados de ‘atentar contra a saúde pública’ (ARRIBAS, 2008, pp. 145-146).

Apesar de várias manifestações contrárias ao Código Penal, sobretudo da Federação Espírita Brasileira, a truculência policial persistiu. Sob o estado de sítio, os policiais invadiam as reuniões mediúnicas e penetravam nas residências em busca de “conspiradores”. Várias foram as discussões nascidas em torno da querela entre o Espiritismo e o Código Penal, tendo esta batalha se prolongado nos tribunais por toda a Primeira República. Com a aprovação pelo Congresso Nacional do novo Código Penal Brasileiro, sancionado pelo Presidente Getúlio Vargas em 1949, o termo “Espiritismo” foi excluído do referido documento, permanecendo apenas, como delito grave, a prática do “curandeirismo” e do “charlatanismo”.

2.5 As contribuições do Espiritismo para a cultura nacional

Apesar das agruras, a Doutrina Espírita aclimatou-se bem no Brasil. Se procurarmos uma justificativa coerente quanto à receptividade do Espiritismo no Brasil, vamos encontrar argumentos que levam em conta a formação do povo brasileiro. Conforme observou o sociólogo paulista Reginaldo Prandi, professor da USP, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 04 de novembro de 2012:

Quando o espiritismo se constituiu no Rio de Janeiro e na Bahia, você já tem ali as religiões afro-brasileiras, funcionando a todo o vapor e toda a tradição indígena, dos pajés e da pajelança, do xamanismo, a idéia de que os espíritos ajudam. De um lado você tem isto. De outro lado tem uma intelectualidade que queria se libertar da dominação católica.⁶¹

Como se vê nesse contexto, o Espiritismo encontrou terreno fértil no Brasil, uma vez que havia, já algum tempo, uma grande participação na formação da cultura nacional, das religiões africanas e de rituais indígenas que concebiam noções de transe, de incorporação e de reencarnação em seus cultos. As ideias kardecistas irão questionar as concepções de religiosidade e a intelectualidade vai se afastar de qualquer autoridade do padre, do bispo, da paróquia e, assim, desestabilizar as incursões de controle ideológico e político da Igreja. A elite intelectual, no Brasil do século XIX, irá estudar, pesquisar e ler a respeito das novas ideias e, dessa forma, o aparecimento de questionamentos dos dogmas católicos serão inevitáveis e bem-vindos.

Inicialmente confundido com mesmerismo, por utilizar-se de algumas técnicas como os passes magnéticos, o Espiritismo ganhou aos poucos a simpatia da população, à medida que as obras espíritas iam sendo traduzidas. Os pajés e os pais de santo passaram a ser chamados de “médiuns espíritas”, pois agora conheciam as ideias da doutrina considerada das elites. Desse “idioma comum” entre o Espiritismo e os cultos afro-brasileiros estabeleceram-se duas posturas religiosas: a primeira refere-se ao que se chamou “Baixo Espiritismo” ou “Espiritismo” popular,

⁶¹ PRANDI, Reginaldo. **A ciência e os espíritos**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515243-a-ciencia-e-os-espirtos-entrevista-com-reginaldo-prandi>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

que era imbuído de crenças da cultura negra e índia e ainda de traços do catolicismo popular⁶² e definido, segundo Emerson Giumbelli, como “(...) o “sincretismo” de formas culturais originalmente africanas com elementos advindos do "Espiritismo" e a existência de práticas curativas inspiradas na mediunidade”⁶³; a segunda foi designada “Espiritismo das elites”, seus adeptos mantinham fidelidade aos princípios de Kardec e procuravam se afastar das supostas crendices e superstições.

Comprometido com o apoio às mudanças sociais, o Espiritismo se consolidou no cenário cultural brasileiro. Várias foram as contribuições dadas pela Doutrina Espírita em solo nacional, destacando-se, dentre elas, a prática da caridade e o acolhimento e o tratamento dos doentes mentais.

Na segunda metade do século XIX, o sentimento republicano e abolicionista renasce com força suficiente para mobilizar vários segmentos sociais. Os debates entre os intelectuais, profissionais liberais, funcionários públicos e comerciantes cresciam abertamente e tinham como foco o fim da escravidão e mudanças no sistema político.

Na esteira desses acontecimentos, o Espiritismo também registra seu comprometimento com as causas sociais e externas e sua intolerância com a escravidão do homem pelo próprio homem. Na primeira obra da codificação, *O Livro dos Espíritos*, os instrutores espirituais de Kardec registram suas observações sobre o caráter nefasto da escravidão, esse “costume bárbaro” que só iria desaparecer quando a humanidade desse um passo a frente na sua evolução moral.

A ideia republicana foi também apoiada pelos espíritas, uma vez que viam nesse sistema uma forma mais democrática e racional de governo. Supunham que a República poderia promover a laicização do Estado e, deste modo, o Espiritismo ocuparia uma posição mais confortável dentro da sociedade.

⁶² Ainda conforme expôs o pesquisador João Everton da Cruz em sua dissertação de Mestrado (2010), intitulada *FREI DAMIÃO: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro*, o “Catolicismo Popular veio com os próprios colonos lusitanos e se caracteriza pela devoção aos santos, dos quais se espera proteção para superar as dificuldades e resolver os problemas desta vida, bem como para obter a salvação eterna. As suas práticas religiosas são de âmbito familiar e nas pequenas comunidades rurais. Comumente o povo se reúne na casa de alguém ou na capelinha local para rezar o terço ou fazer uma novena. O devoto vai estabelecer uma relação com a divindade dentro da sua singularidade. Os leigos assumiam funções religiosas como rezadores, curandeiros, parteiras, conselheiros.” Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp150058.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2016.

⁶³ GIUMBELLI, Emerson. **O "baixo Espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832003000100011>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

Outra questão recorrente nos debates espíritas foi a ampliação da participação da mulher nas questões sociais. Para a Doutrina Espírita, em uma sociedade moralizada não se compreende a diferença de tratamento entre o homem e a mulher, porque ambos, perante os códigos divinos, possuem os mesmos direitos e deveres. A diferença dos sexos existe por força da necessidade de experiências específicas pelas quais o espírito precisa e deve passar. O espírito, ensina o Espiritismo, não possui sexo no modo como entendemos esse vocábulo; é por isso que, embora as funções do homem e da mulher sejam diferentes e específicas, seus direitos são exatamente os mesmos e todo privilégio concedido a um ou a outro é uma forma de preconceito. Assim, para ser equitativa, a lei humana deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. A sociedade patriarcal do século XIX silenciava a voz feminina; o Espiritismo vinha na contramão dizer que os sexos existem apenas na organização física; os espíritos encarnam-se em um e em outro e devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos. Essas vanguardistas concepções espíritas, disseminadas no calor das mudanças sociais e políticas do século XIX, deram maior visibilidade à mulher na sociedade e fortaleceram a luta por esses direitos. Por exemplo, o Espiritismo foi a primeira religião, na França e no Brasil, a apoiar a instituição do divórcio.

Outra expressiva influência do Espiritismo, em nossa sociedade, deu-se na vida e na obra de alguns escritores. Resgatar a relação desses literatos com o Espiritismo bem como a projeção deste, em suas obras, é uma forma de mostrar o alcance que a Doutrina teve em um período de fortes transformações ideológicas no país. Trataremos disto no próximo item.

2.6 A recepção do Espiritismo pelos literatos brasileiros

Alguns escritores e poetas da literatura nacional, entre 1860 e 1920⁶⁴, abordaram o Espiritismo em suas poesias, romances, contos, crônicas e relatos pessoais.

Os românticos foram os primeiros a serem seduzidos pelas ideias espíritas. Os preceitos de Kardec estimulavam a livre expressão dos sentimentos e a intrepidez dos românticos para

⁶⁴ O período selecionado diz respeito à recepção do Espiritismo por alguns literatos nacionais, nos primeiros anos em que a Doutrina Espírita tentava se firmar no Brasil, antes da eclosão mediúnica de Chico Xavier, com a publicação do *Parnaso de Além-Túmulo* (Nota da autora).

superarem as frustrações. O Espiritismo, de fato, aguçou o interesse da geração romântica. Alguns literatos, com maior ou menor envolvimento, dispuseram-se a conhecer as novas ideias.

O poeta maranhense Gonçalves Dias não foi de todo indiferente ao Espiritismo, pois inteirava-se de todas as novidades referentes à nova doutrina, em correspondência entre ele e um amigo residente em Paris⁶⁵.

Dos românticos da última geração, o poeta Castro Alves, conhecido pelo seu estilo arrebatadamente hiperbólico quando tratava das causas sociais, demonstrou também interesse pelo Espiritismo. Muitas especulações surgem quando o nome do poeta condoreiro é associado à Doutrina Espírita. Sob a possível influência da literatura e da vida de Victor Hugo, Castro Alves pode ter encontrado uma forte motivação para interessar-se pelo Espiritismo, pois o escritor francês relacionou-se diretamente com os postulados kardecistas.

Em 1867, Castro Alves esteve em Salvador, a fim de prestigiar a estreia de seu drama *Gonzaga* e estendeu por sete meses sua estada na capital baiana. Durante esse tempo, inteirou-se das polêmicas acerca da formação dos grupos espíritas e voltou para São Paulo fascinado pelas novas ideias. Estas ficaram ainda mais acirradas quando o romancista Victor Hugo assumiu sua paixão pelo Espiritismo. Para o poeta baiano, alguém maior que ele também havia se interessado pela doutrina dos espíritos e essa confissão foi fundamental para deixar-se “seduzir” pelas ideias kardecistas. Porém, em novembro de 1869, o poeta adoeceu gravemente e procurou no Espiritismo uma cura milagrosa, contudo sua saúde não se restabeleceu. Mergulhado em um profundo desânimo, agravado por uma frustração amorosa, suas convicções sobre a Doutrina se esvaíram e a carga de pessimismo diante dessas vicissitudes iria lhe acompanhar até os seus últimos dias.

Jorge Rizzini, em seu livro *Escritores e Fantasmas* (1992), comenta um artigo intitulado “Seria Castro Alves espírita?”, publicado em *O Globo* de 19 de agosto de 1961, em que o crítico e ensaísta baiano, Dr. Eugênio Gomes, conta que Castro Alves desejava escrever o poema “A República dos Palmares”, projeto que não se desenvolveu completamente. Ubiratan Machado também registra em seu livro *Os Intelectuais e o Espiritismo* essa vontade do poeta em levar adiante esse projeto. Segundo relatou Machado, “O poema começaria pela morte de Ema e

⁶⁵ Segundo Ubiratan Machado, “Provavelmente o amigo de Gonçalves Dias chamava-se Borja. O que obtivemos sobre ele é que era brasileiro, diplomata e residia já algum tempo em Paris, suposto amigo de Allan Kardec. Não conseguimos identificar o nome completo desse Borja. Outro amigo com quem o poeta maranhense trocou ideias sobre a Doutrina Espírita foi o barão Manuel de Araújo Porto Alegre, autor de *Voluntários da Pátria*. Durante o ano de 1865, após a morte de Gonçalves Dias, realizou várias sessões de psicografia em sua casa onde, segundo ele, conseguia obter contato com o poeta falecido” (MACHADO, 1997, p. 77).

narraria, através de vários séculos e encarnações, a sua história e a de um outro espírito, que terminaria vivendo junto a ela no outro mundo” (MACHADO, 1997, p. 106).

De fundo reencarnacionista, o poema narra as várias vidas de dois espíritos, Ema e Stênio, que só irão se unir definitivamente no plano espiritual:

É noite! No alto de uma montanha, Stênio e o bardo escutam as vozes ignotas da natureza. O espírito profundo de Stênio serve de intérprete às lamentações da terra (África-vozes). Uma tristeza profunda lhe tem eivado a ânsia de viver. Ema – o espírito que Deus havia criado noiva do seu – acaba de morrer – isto é - atingir a perfeição. Teoria do espiritismo. Diferentes vidas, destas duas almas, através dos séculos. Agar! O Ilota! O Gaulês, etc. são as diversas encarnações (CASTRO ALVES, *apud* MACHADO, 1997, p. 106).

Podemos dizer que Castro Alves não teve vínculos com o Espiritismo, mas que demonstrava curiosidade pela Doutrina. Em carta, enviada em 1870, ao amigo e cunhado Augusto Álvares Guimarães, Castro Alves pede um exemplar de “Poética do Espiritismo”, obra que, equivocadamente, julgou ser de autoria de Allan Kardec, mas que na verdade não existia (RIZZINI, 1992, p. 59).

Outro romântico que demonstrou interesse pelo Espiritismo foi o escritor José de Alencar. Na obra *Guerra dos Mascates* chegou a tratar a sua época como “século dos espiritistas em que se tiram fotografias às almas do outro mundo” (ALENCAR, 1953, p. 222). O fato mencionado por Alencar referia-se aos inusitados fenômenos das “fotografias espíritas”⁶⁶, que de certa forma despertaram sua atenção para as incipientes ideias kardecistas. Contudo, ao virem à tona as desconfianças quanto à mediunidade do fotógrafo Édouard Buguet, principal agente na divulgação dessas manifestações, e com elas a formalização do “Processo dos Espíritas”⁶⁷, Alencar abandona sua inclinação aos postulados espíritas por ver naquelas

⁶⁶ O livro *Processo dos Espíritas* (1999) registra que, no início da década de 1870, no século XIX, começaram a surgir em Paris as chamadas “fotografias espíritas”, ou seja, retratos de pessoas vivas, junto às quais apareciam, mais nítidos ou menos nítidos, seres desencarnados. As fotos despertaram grande interesse da parte do público e a *Revue Spirite*, a essa altura sob a gerência de Pierre-Gaëtan Leymarie, passou a importá-las para atender às inúmeras solicitações dos seus assinantes (LEYMARIE, 1999, p. 32).

⁶⁷ O livro *Processo dos Espíritas* (1999), tradução resumida pela equipe da FEB do *Procès des Spirites*, relata o episódio da questão judicial instaurada, em Paris, em 16 de junho de 1875, contra espíritas na França do século XIX, em que o então diretor da *Revue Spirite*, Pierre-Gaëtan Leymarie, foi julgado e condenado sob a acusação de publicar fotografias fraudulentas de pessoas mortas. Outros pioneiros do Espiritismo, assim como a própria viúva de Allan Kardec, já octogenária tiveram que comparecer à presença de um Juiz para prestar esclarecimentos. Houve condenações. *Leymarie* (Pierre-Gaëtan Leymarie) sofreu pena de prisão de um ano e multa. O caso teve início porque um médium - Buguet - que exercia a profissão de fotógrafo, fora denunciado como explorador da boa-fé. Apesar de ter havido fraude fotográfica, os espíritas defendiam que algumas fotografias eram realmente

possíveis fraudes a desmoralização do Espiritismo. De uma efêmera inclinação pela Doutrina, Alencar inicia sua retaliação aos espíritas. Aproveitando-se da polêmica com seu opositor, o jornalista Joaquim Nabuco⁶⁸, compara a sanidade mental de Nabuco com a dos adeptos do Espiritismo:

Alguma vez aconteceu ao predestinado reformador dos costumes, visitar um hospício de loucos? Não há um só desses espiritistas que não se considere homem de são juízo, e não veja no curioso que o contempla um doudo varrido (ALENCAR, *apud* MACHADO, 1997, p. 122).

Para Alencar, as novidades trazidas pelo Espiritismo, no século XIX, transformaram-se em uma grande decepção. Com a saúde abalada e o espírito angustiado, o escritor intensificaria sua hostilidade à Doutrina.

Posteriormente, com o avanço das ideias espíritas no Brasil, outros escritores como Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Lima Barreto e Monteiro Lobato registraram de maneira singular suas impressões acerca do Espiritismo.

2.6.1 O Espiritismo nas crônicas jornalísticas de Machado de Assis

Por nossa parte, nunca prestamos fé a essas superstições, apesar de conhecermos algumas pessoas para quem o espiritualismo⁶⁹ é uma verdade incontestável e uma ciência adquirida.

Machado de Assis⁷⁰

de espíritos, devidamente identificados. Buguet, de fato, teria faculdade mediúnica, mas não seria um médium bem orientado, sob os princípios espíritas. Desvirtuou a mediunidade, depois de certo tempo, e caiu realmente na mistificação. Formalizada a denúncia foram arrastadas diversas pessoas que com ele mantinham relações, principalmente Leymarie, por haver publicado fotografias na *Revue Spirite*, fundada por Allan Kardec (LEYMARIE, 1999, pp. 37-38).

⁶⁸ A polêmica envolvendo Joaquim Nabuco e José de Alencar foi gerada pela maneira rude com que Nabuco analisou as obras do escritor cearense que, por sua vez, lhe respondeu devidamente, fazendo justa defesa à sua tão popular produção literária (MACHADO, 1997, p. 122).

⁶⁹ Machado tratava o Espiritismo como espiritualismo (Nota da autora).

⁷⁰ ASSIS, *apud* MACHADO, Ubiratan, 1997, p. 63.

Uma das personalidades literárias mais marcantes em sua relação com o Espiritismo foi o escritor Machado de Assis. O escritor, por meio de romances, contos e crônicas, manteve seu estilo múltiplo, inventivo e desconcertante para criticar as ideias kardecistas. Muitas foram as crônicas jornalísticas em que Machado de Assis polemizou com o Espiritismo.

As crônicas de Machado de Assis, escritas entre 1865 a 1896 e veiculadas na imprensa carioca, chamam a atenção para o olhar crítico do escritor acerca do Espiritismo à medida que a Doutrina ganhava terreno no Brasil.

A primeira crônica de Machado de Assis sobre o Espiritismo foi veiculada em 1865. O escritor, sempre atento ao que ocorria no Rio de Janeiro, registrava todos os fatos relevantes nos jornais para os quais escrevia. Em uma dessas incursões jornalísticas, ele emitiu suas impressões sobre os acontecimentos da Guerra do Paraguai. Machado acrescenta então que seus comentários chamaram a atenção dos espíritas que lhe enviaram uma carta, fruto de uma sessão mediúnica. No documento, havia várias previsões sobre o conflito bélico. No dia 21 de março de 1865, ao comentar a assinatura do convênio de paz que colocava fim ao conflito armado em Montevideú, Machado de Assis traz à tona as supostas previsões recebidas. Era o início de uma série de críticas que o escritor materializaria acerca do Espiritismo:

Não sabemos se o leitor crê ou não crê no espiritualismo. Pela nossa parte, nunca prestamos fé a essas superstições, apesar de conhecermos algumas pessoas para quem o espiritualismo é uma verdade incontestável e uma ciência adquirida. Uma dessas pessoas, muito antes da notícia do convênio, remeteu-nos uma folha de papel, contendo o resultado de duas sessões de espiritualismo, nas quais algumas profecias foram feitas relativamente à guerra do Sul. Uma dessas profecias dizia assim: ‘Montevideú começou a ser bombardeada no dia 9 do corrente mês; no dia 14 ainda se sustentava, apesar dos horríveis estragos sofridos; mas dentro de poucos dias se renderá.’ Daí a dias a notícia do célebre convênio de paz, com o qual só se bombardeou a dignidade nacional (ASSIS, 1959, p. 333).

É importante salientarmos que o depoimento de Machado de Assis (...) “apesar de conhecermos algumas pessoas” (...) expõe um fato relevante: em 1865, dez anos antes de *O Livro dos Espíritos* ser publicado no Brasil e dezenove anos antes da criação da Federação Espírita Brasileira em 1884, já existiam adeptos da Doutrina Espírita na corte carioca, que demonstravam por meio das psicografias que o movimento espírita não era tão incipiente.

Machado de Assis termina suas observações a respeito das previsões, advertindo que eram apenas induções lógicas dos fatos:

A maior parte dos acontecimentos anunciados pelo espiritualismo não eram predições, eram induções. Quase todos eram a consequência provável dos fatos conhecidos. O bombardeamento de Montevideu estava no caso. A atitude da praça, a tenacidade dos chefes, a surdez do governo oriental, tudo fazia crer no ataque, nada fazia crer no convênio. Era indução lógica. Mas estará neste caso a seguinte profecia da mesma sessão: - ‘Caxias vai para o Paraguai? – Limitamo-nos a este ponto de interrogação (ASSIS, 1959, p. 333).

Nas crônicas seguintes, Machado de Assis não comentou mais nada sobre o ocorrido e, durante algum tempo, assuntos concernentes ao Espiritismo ficaram adormecidos.

A partir do momento que as manifestações mediúnicas disseminaram-se com maior intensidade na França, com o advento das “mesas girantes e falantes” e posteriormente com os avanços das pesquisas de Kardec, o Espiritismo volta à cena na imprensa carioca. O *Jornal do Comércio*, em 13 de dezembro de 1874, protagoniza o repúdio em relação a essas manifestações:

(...) vem a propósito passar a um assunto grave e tristonho: o da influência do Espiritismo, que vai-se generalizando de modo assustador. O Espiritismo vem produzindo loucos. É uma epidemia mais perigosa que a febre amarela. De tempos em tempos vem-nos a notícia de que mais uma vítima tombou no abismo. Uns fetiches asiáticos e outros africanos exigiam sangue, Allan Kardec exige a razão. (...) Fizeram de Allan Kardec um Deus e é um Deus de sombras que vai envolvendo em trevas e na dúvida a todos os princípios de moral e religião (MALDONADO, 2008, p. 36).

Nesse contexto de difusão do Espiritismo, com a formação de grupos de estudos espíritas e publicações doutrinárias, Machado de Assis reitera sua incredulidade em relação à nova doutrina, citando a prisão de um casal de adivinhos, que, segundo o escritor, usava o sonambulismo e o Espiritismo para predizer coisas futuras⁷¹.

Com a fundação da Federação Espírita Brasileira, no dia 1º de janeiro de 1884, houve uma maior popularização do Espiritismo. Neste clima de congregação dos confrades espíritas, Machado de Assis publicou, em 5 de outubro de 1885, em sua coluna “Balas de Estalo”, na *Gazeta de Notícias*, uma das crônicas mais sarcásticas contra a Doutrina Espírita, em que ele narra em tom galhofeiro que seu espírito visitara a Federação Espírita Brasileira, graças ao fenômeno mediúnico conhecido como “projeção”.

⁷¹ Conforme o próprio Machado cita, na crônica de 16 de junho de 1878, o casal de adivinhos é o senhor Miroli e a senhora Locatelli (Nota da autora).

Mal adivinham os leitores onde estive sexta-feira. Lá vai; estive na sala da Federação Espírita Brasileira, onde ouvi a conferência que fez o Sr. M. F. Figueira⁷² sobre o espiritismo. Sei que isto, que é uma novidade para os leitores, não o é menos para própria Federação, que me não viu, nem me convidou; mas foi isto mesmo que me converteu à doutrina, foi este caso inesperado de lá entrar, ficar, ouvir e sair, sem que ninguém desse pela coisa (ASSIS, 1997, p. 473).

Conforme observamos, o cronista, sarcasticamente, confessa que se converteu ao Espiritismo e acrescenta:

Confesso a minha verdade. Desde que li em um artigo de um ilustre amigo meu, distinto médico, a lista das pessoas eminentes que na Europa acreditam no espiritismo, comecei a duvidar da minha dúvida. Eu, em geral, creio em tudo aquilo que na Europa é acreditado. Será obcecação, preconceito, mania, mas é assim mesmo, e já agora não mudo, nem que me rachem. Portanto, duvidei, e ainda bem que duvidei de mim (ASSIS, 1997, p. 473).

Talvez a crítica maior de Machado ao Espiritismo seja que este seria mais uma imitação subserviente da antiga colônia à metrópole. Mais adiante relata como foi tomado de súbita força que o levou até a sede da Federação e o fez admitir que os postulados espíritas eram legítimos:

Estava à porta do espiritismo; a conferência de sexta-feira abriu-me a sala de verdade. Achava-me em casa e disse comigo, dentro d'alma, que, se me fosse dado ir em espírito à sala da Federação assistir à conferência, jurava converter-me à doutrina nova. De repente, senti uma coisa subir-me pelas pernas acima, enquanto outra coisa descia pela espinha abaixo; dei um estalo e achei-me em espírito, no ar. No chão jazia o meu triste corpo, feito cadáver. Olhei para um espelho, a ver se me via, e não vi nada; estava totalmente espiritual. Corri à janela, saí, atravessei a cidade, por cima das casas, até entrara na sala da Federação. Lá não vi ninguém, mas é certo que a sala estava cheia de espíritos, repimpados em cadeiras abstratas. O presidente, por meio de uma campainha teórica, chamou a atenção de todos e declarou abertos os trabalhos. O conferente subiu à tribuna, traste puramente racional, levantaram-lhe um copo d'água hipotético, e começou o discurso (ASSIS, 1997, p. 473).

Machado de Assis também relatou que, após ouvir o orador combater as religiões do passado, decidiu expurgar o diabo que, provavelmente há muito tempo, o tentava a não aceitar o Espiritismo e saiu da FEB sem que ninguém percebesse. Ao chegar a casa, teve uma estrondosa surpresa: seu corpo, no sofá, estava possuído pelo diabo. Nesse momento da crônica, o escritor conta que travou um diálogo com o seu suposto inimigo e que este lhe revelara que

⁷² Manoel Fernandes Figueira, espírita e médium atuante, no século XIX e começo do XX, foi um dos fundadores da Federação Espírita Brasileira (Nota da autora).

estava sozinho, nos últimos tempos (possivelmente por culpa dos convertidos ao Espiritismo). O diabo exhibe ao cronista um jornal com a notícia de uma medicação que havia sido lançada com a promessa de curar todas as doenças. É provável que, ao fazer uso dessa alegoria, Machado quis aludir ao Espiritismo que, na sua concepção, prometia extinguir todos os males, tanto os físicos quanto os morais.

Não ponho aqui o discurso, mas um só argumento. O orador combateu as religiões do passado, que têm de ser substituídas todas pelo espiritismo, e mostrou que as concepções delas não podem mais ser admitidas, por não permiti-lo a instrução do homem; tal é, por exemplo, a existência do diabo. Quando ouvi isto, acreditei deveras. Mande o diabo ao diabo, e aceitei a doutrina nova, como a última e definitiva.

Depois, para que não dessem por mim (porque desejo uma iniciação em regra), esgurei-me por uma fechadura, atravessei o espaço e cheguei a casa, onde... Ah! que não sei de nojo como o conte! Juro por Allan Kardec, que tudo o que vou dizer é verdade pura, e ao mesmo tempo a prova de que as conversações recentes não limpam logo o espírito de certas ilusões antigas.

Vi o meu corpo sentado e rindo. Parei, recuei, avancei e disse-lhe que era meu, que se estava ocupado por alguém, esse alguém que saísse e me restituísse. E vi que a minha cara ria, que as minhas pernas cruzavam-se, ora a esquerda sobre a direita, ora esta sobre aquela, e que as minhas mãos abriam uma caixa de rapé, que os meus dedos tiravam uma pitada, que a inseriam nas minhas ventas. Feitas todas essas coisas, disse a minha voz.

— Já lhe restituo o corpo. Nem entrei nele senão para descansar um bocadinho, coisa rara, agora que ando a sós...

— Mas quem é você?

— Sou o diabo, para o servir.

— Impossível! Você é uma concepção do passado, que o homem...

— Do passado, é certo. Concepção vá ele! Lá porque estão outros no poder e tiram-me o emprego, que não era de confiança, não é motivo para dizer-me nomes.

— Mas Allan Kardec...

Aqui, o diabo sorriu tristemente com a minha boca, levantou-se e foi à mesa, onde estavam as folhas do dia. Tirou uma e mostrou-me o anúncio de um medicamento novo, o rábano iodado, com esta declaração no alto, em letras grandes: “Não mais óleo de fígado de bacalhau”. E leu-me que o rábano curava todas as doenças que o óleo de fígado já não podia curar — pretensão de todo medicamento novo. Talvez quisesse fazer nisto alguma alusão ao espiritismo. O que sei é que, antes de restituir-me o corpo, estendeu-me cordialmente a mão, e despedimo-nos como amigos velhos:

— Adeus, rábano!

— Adeus, fígado! (ASSIS, 1997, pp. 473-474).

Os ataques de Machado de Assis ao Espiritismo eram atualizados, à medida que novos acontecimentos iam surgindo no cenário nacional. Do próprio discurso espírita, retirava material para as suas críticas. Em 1888, a revista espírita *Reformador* anunciou a visita ao Brasil de um famoso médium de efeitos físicos, Dr. Slade⁷³. Ele havia sido acusado, no passado, de

⁷³ Ubiratan Machado (1997) explica que a FEB não quis polemizar sobre as irregularidades praticadas envolvendo o Sr. Slade, preferiu, conforme postulou Machado de Assis, “dar um golpe de mestre”, isto é, não atacá-lo frontalmente (MACHADO, 1997, p. 179).

simular uma comunicação mediúnica. Em crônica de 19 de julho de 1888, o escritor comenta a visita do médium e a forma como a Federação Espírita Brasileira tratou o incidente. De acordo com o escritor, os espíritas deram um “golpe de mestre”, pois não se aprofundaram em especulações e, polidamente, se desvencilharam do caso:

(...) Os espiritistas brasileiros acabam de dar um golpe de mestre. Apareceu por aqui um médium, Dr. Slade é o seu nome, com a fama de ser prodigioso. A Federação Espírita Brasileira nomeou uma comissão para estudar os fenômenos de escritura direta sobre ardósias e outros efeitos físicos produzidos com o médium. Pois, senhores, não achou que o homem valesse a fama; declarou que os trabalhos ficaram muito abaixo do que esse mesmo médium conseguiu na Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Austrália. É verdade que a própria Federação explica a diferença. “Todos os que estudam os fenômenos espíritas (diz ela) conhecem que as mediunidades estão sujeitas a esses eclipses.” E noutra lugar: “Sabem todos que os invisíveis não estão servilmente à nossa disposição.” (...) Valha-me Nossa Senhora! Que porção de coisas obscuras que nunca hei de entender! E daí, quem sabe? (ASSIS, 1997, p. 498).

As reflexões de Machado de Assis mostram sua indignação com a postura adotada pela FEB, que apesar de reconhecer os desvios do médium, esquivou-se de dar maiores detalhes sobre os fatos. Ele chega a declarar que se fosse “bei de Tunes”⁷⁴, exigiria uma retratação sincera, a fim de afastar a obscuridade dos acontecimentos:

Ora tudo isto, que parece algaravia, sendo lido por um espírita, é como a língua de Voltaire, pura, límpida, nítida e fácil. “Os invisíveis não estão servilmente à nossa disposição!” Não falo do enriquecimento da língua com a palavra mediunidade, que é nova, sem ser esbelta. Fosse eu bei de Tunes e o meu colégio me explicaria tudo isso (...) (ASSIS, 1997, p. 498).

⁷⁴ O termo “bei de Tunes” é a designação aplicada aos governantes do que é hoje a Tunísia entre o início de século XVII (ou século XVIII segundo outros autores) e 1957, quando foi instituída a República. Originalmente o bei de Tunes era basicamente um governador civil do Império Otomano, que em 1574 tomou definitivamente o controle do Império. A partir do início do século XVIII, os beis alcançam uma autonomia, quase uma espécie de independência, mas continuam sob suserania do sultão de Constantinopla. Possivelmente, Machado de Assis tenha se referido aos beis, devido à autoridade deles em aplicar leis rigorosas a fim de manterem a ordem do Império (**Bei de Tunes**. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bei_de_Tunes>. Acesso em: 05 fev. 2015).

A veia irônica de Machado de Assis explora também a sanidade mental do crente espírita. Na crônica de 29 de agosto de 1889, explicita o que pensa sobre o Espiritismo e seus seguidores de maneira bem-humorada:

O espiritismo é uma fábrica de idiotas e alienados, que não pode subsistir. (...) Quando eles me vêm contar uns ditos de Samuel e de Jesus Cristo, sublinhados de filosofia de armarinho, para dar na perfeição sucessiva das almas, segundo estas mesmas relatam a quem as quer ouvir, palavra que me dá vontade de chamar a polícia e um carro. Os espíritas que me lerem hão de rir-se de mim, porque é balda certa de todo maníaco lastimar a ignorância dos outros. Eu, legislador, mandava fechar todas as igrejas dessa religião, pegava dos religionários e fazia-os purgar espiritualmente de todas as suas doutrinas; depois, dava-lhes uma aposentadoria razoável (ASSIS, 1997, p. 530).

A visão que Machado de Assis tinha do Espiritismo é bastante curiosa. Na crônica de 03 de julho de 1892, publicada no periódico *A Semana*, revela seus conhecimentos sobre o processo desencarnatório e reencarnatório e ainda nas entrelinhas cita Allan Kardec ao mencionar um dos mais conhecidos postulados kardequianos: “(...) nascer, morrer, tornar a nascer e renascer ainda, progredir sempre”:

(...) Eu fui criado com sinos, com estes pobres sinos das nossas igrejas. Quando um dia li o capítulo dos sinos em Chateaubriand, tocaram-me tanto as palavras daquele grande espírito, que me senti (desculpem a expressão) um Chateaubriand desencarnado e reencarnado. Assim se diz na igreja espírita. Ter desencarnado quer dizer tirado (o espírito) da carne, e re-encarnado quer dizer metido outra vez na carne. A lei é esta: nascer, morrer, tornar a nascer e renascer ainda, progredir sempre. Convém notar que a desencarnação não se opera como nas outras religiões, em que a alma sai toda de uma vez. No espiritismo, há ainda um esforço humano, uma cerimônia, para ajudar a sair o resto. Não se morre ali com esta facilidade ordinária, que nem merece o nome de morte. Ninguém ignora que há caso de inumações de pessoas meio vivas. A regra espírita, porém, de auxiliar por palavras, gestos e pensamentos a desencarnação impede que um sopro de alma fique metido no invólucro mortal. Posso afirmar o que aí fica, porque sei (ASSIS, 1997, p. 539).

A crônica em que “o escritor carioca se mostrou particularmente ácido para com a doutrina de Kardec, escrevendo uma das mais biliosas investidas que saiu de sua pena” (MACHADO, 1997, p. 199), data de 27 de outubro de 1895. Machado de Assis comenta a morte de uma jovem durante uma sessão espírita:

Ignéz, assistindo à prática do Sr. Abalo, que é o presidente da associação, teve um ataque nervoso que, segundo os depoimentos, se transformou em sonambulismo. Transferida pelos fundos da casa n. 146 para a casa n. 144, ali morreu às 5 horas da manhã. Paulina, que é o médium da associação, depôs que Ignéz nunca antes assistira a tais sessões, e que ali chegara meio adoentada. (...)

A questão substancial, e posso dizer a única, é a liberdade. O presidente Abalo e o médium Paulina confessaram já terem sido processados, com outros membros da associação, por praticarem o espiritismo. O primeiro acrescentou que, se bem conhece o art. 157 do código penal, exerce o espiritismo de acordo com a disposição do art. 72 da Constituição.

(...) Realmente, a Constituição, mãe do código, acaba com a religião do Estado, e não lhe importa que cada um tenha a que quiser. Desde que a porta fica assim aberta a todos, em que me hei de fundar para meter na cadeia o espiritismo? (...) Quando o médium Paulina declara que recebe os espíritos, e transmite os seus pensamentos aos membros da associação, eu se fosse o código, diria ao médium Paulina: Uma vez que a Constituição te dá o direito de receber os espíritos e os corpos, à escolha, fico sem razão para autoar-te, como merecer, minha finória; mas não te exponhas a tirar algum relógio aos associados, que isso é comigo.

O espiritismo é uma religião, não sei se falsa ou verdadeira; ele diz que verdadeira e única. (...) Verdadeiros ou não, escrevem-se e publicam-se inúmeros livros, folhetos, revistas e jornais espíritas. Aqui na cidade há uma folha espírita ou duas, não se gasta tanto papel, em tantas línguas, senão crendo que a palavra que se está escrevendo é a própria verdade. Admito que haja alguns charlatães; mas o charlatanismo bem considerado que outra coisa é senão uma bela e forte religião? (...) (ASSIS, 1997, p. 683).

A partir desses escritos, podemos afirmar que, sem dúvida, Machado de Assis conheceu bem o Espiritismo, contudo as leituras de nosso maior literato não foram geradoras de um diálogo amistoso com a Doutrina Espírita.

2.6.2 O Espiritismo nos contos machadianos

Como vimos anteriormente, à medida que o Espiritismo ganhava fôlego no Brasil, o escritor Machado de Assis procurava atualizar todas as novidades em suas crônicas. Atitude idêntica ficou registrada nos seus contos e romances.

Um dos contos expressivos do escritor “Uma visita de Alcibíades” reforça sua ironia em relação às demandas do Espiritismo e é a primeira obra em prosa de ficção da literatura brasileira em que surge um personagem espírita.

O conto teve duas versões: Machado publicou a primeira delas em 1876, no *Jornal das Famílias*, sob o pseudônimo de Victor de Paula. A segunda versão, em forma de carta, sofrendo modificações em seu enredo, reaparece em 1º de janeiro de 1882, nas páginas da *Gazeta de*

Notícias e ainda é incluída na famosa coletânea *Papéis Avulsos* neste mesmo ano. Conforme o próprio escritor explicou, somente foi aproveitada a ideia original da primeira versão, as demais ações foram modificadas: “Este escrito teve um primeiro texto, que reformulei totalmente mais tarde, não aproveitando mais do que a ideia. O primeiro foi dado com um pseudônimo e passou despercebido” (ASSIS, 1997, v. II, p. 366). É importante destacar que as características do Espiritismo têm relação com o perfil dos seus leitores nas duas versões do conto.

O *Jornal das Famílias* era uma revista conservadora voltada para os “(...) interesses domésticos das famílias brasileiras” (PEREIRA, 2014, p. 4). Dessa forma, exigia dos escritores enredos amenos e sentimentais, condizentes com o cotidiano das famílias abastadas oitocentistas. Os escritores e críticos literários Lúcia Miguel-Pereira e Jean-Michel Massa relatam as principais características do periódico e descrevem suas principais sessões:

O jornal, como o nome indica, era dedicado às mulheres: entre figurinos, receitas de doces, moldes de trabalho e conselhos de beleza, para ocupar os ócios e a imaginação das senhoras elegantes, um pouco de literatura, quase sempre da lavra de Machado de Assis. E, a despeito do nome do autor, correspondia à expectativa das leitoras: literatura amena, de pura fantasia, sem nenhum fundamento da realidade (MIGUEL-PEREIRA, 1949, p. 102).

A revista trazia em cada mês um ou dois contos, cujo prosseguimento ou fim eram publicados no mês ou nos meses seguintes. Frequentemente, a edição era completada por algumas poesias de caráter sentimental ou de inspiração religiosa. Páginas de modas, ilustradas em cores, enriqueciam cada número. Uma crônica culinária, acompanhada de receitas assinadas por Paulina Filadélfia, instruía as donas de casa e as jovens donzelas candidatas a casamento. Às vezes uma página da Bíblia, narrada por um dos cônegos da relação, dava uma nota religiosa (MASSA, 1971, p. 541).

Em 1869, uma nota expedida pela revista esclarecia o seu público, as damas da elite, que a direção perseguia a preservação moral do periódico e a qualidade dos temas a serem explorados entre os quais figuravam os romances amenos, anedotas pueris, conselhos domésticos e a descrição da tendência da moda parisiense.

Machado de Assis foi durante algum tempo colaborador das páginas do periódico e elaborava seus contos em consonância com as características exigidas pela revista. Dessa forma, a primeira versão do conto “Uma visita de Alcibiades” desenvolve um enredo mais condensado, mas com descrições detalhadas quanto à ambientação em que desfilam mocinhas ingênuas da sociedade, jovens que se preparavam para entrar no mundo dos saraus e das festas, cujo comportamento deveria ser o esperado de uma boa moça em uma reunião social: conversar

sobre generalidades inocentes, sorrir sempre, acompanhar seu par pelo salão. Essa é a feição da sociedade descrita por Machado de Assis no conto. Sendo assim, para essa versão, Machado criou um protagonista que vinha ao encontro das expectativas dos leitores do periódico e introduziu o desembargador Alvares, descrito como galhofeiro, bonachão e palrador, frequentador de reuniões prazerosas e de bom gosto, conforme expõe o narrador do conto:

O desembargador Alvares bebeu a última gota do genuíno café, limpou os bigodes ao guardanapo e dispôs-se a obedecer às moças que lhe pediam uma anedota. Era noite de Natal; e o comendador costumava reunir alguns amigos. O desembargador era figura obrigada de tais festas. Conversado, galhofeiro, palrador, trazendo sempre no alforje da memória boa cópia de anedotas que distribuía às meninas e rapazes curiosos, não era possível passar sem ele naquelas noites de festa anual (ASSIS, s.d., p. 133).

É importante destacar que Machado de Assis, embora tenha nessa primeira versão explorado a temática espírita, faz isso de uma forma que a história contada pelo desembargador Alvares sirva de entretenimento para a plateia afeita a divertimentos de salão. Ubiratan Machado (1997) fornece-nos uma clara explicação para a atitude do personagem machadiano em tratar o Espiritismo com pilhéria:

Nesta perspectiva, de pouca seriedade das palavras do narrador, a história assume um indisfarçável tom de galhofa. A violência da sátira ao espiritismo não está na loucura do personagem. O desembargador é um homem cordato. Machado ainda não concluíra que o espiritismo fosse uma fábrica de loucura. Por enquanto, Kardec e seus discípulos não passavam de tolos joviais. E para estes, basta a mordacidade e a ironia. O contista veria o espiritismo, então, como um simples motivo, entre gente sensata, para urdir uma história de salão, destinada a encher os ócios de uma noite de festa. Nada de mais sério (MACHADO, 1997, p. 144).

Parece-nos que o projeto literário de Machado, naquele momento, era retratar em sua narrativa o próprio público do *Jornal das Famílias*, sobretudo o feminino, e para isso propôs-se criar uma história mais simples e mais didática, que se adequasse a uma roda de salão:

Não contarei uma anedota mentirosa, dessas que os redatores de folhinhas aumentam ou remendam para regalo dos fregueses. Vou referir o que me aconteceu sábado passado. Sábado passado, logo depois do jantar, estirei-me no divã e abri uma página de Plutarco. Estas meninas talvez não saibam que Plutarco é um autor grego. Pois

fiquem sabendo. É autor profano e pagão. Sem embargo disso, tem muitos merecimentos (ASSIS, s.d., p. 133).

É possível então depreender que Machado tenha nessa primeira versão criado situações ditadas pelo periódico, justificando-se assim a forma jocosa com que o Espiritismo é discutido. Era preciso distrair e divertir a sociedade. O conto cumpria, deste modo, duas funções complementares: dava representação literária à elite brasileira, por meio de personagens criadas à sua imagem e semelhança, e contribuía para a divulgação de valores considerados importantes para aquele tipo de sociedade; no caso do Espiritismo, motivo de risos e ironias.

Na segunda versão de “Uma visita de Alcibíades”, Machado abandona o tom galhofeiro e mantém a ideia central (a aparição inesperada do general grego), mas modifica a configuração do enredo. A releitura do conto “conserva” alguns aspectos da versão de 1876 como a função do protagonista (desembargador), a estrutura dialógica, materializada agora na forma epistolar, e o desfecho inesperado da narrativa. Outros elementos, porém, foram modificados; entre eles, a voz narrativa, que, diferentemente da anterior em terceira pessoa, foi pontuada nessa releitura em primeira pessoa, contribuindo assim para uma visão unilateral das ações.

É possível que o escritor tenha procurado, com essa reescrita, desestabilizar amenas leituras atreladas aos hábitos das famílias e possibilitar novas reflexões sobre temas pulsantes infiltrados na sociedade como o Espiritismo. Entendemos que, essa nova versão tenha sido para Machado muito importante, pois o conto foi um dos poucos de sua fase inicial a compor a coletânea *Papéis Avulsos*, cujos textos “(...) foram organizados a partir dos debates científicos e filosóficos da segunda metade do século XIX” (SILVEIRA, *apud* PEREIRA, 2014, p. 21). Certamente, foram imprescindíveis as reformulações feitas para a segunda versão, o que revela a maturação do escritor, pois o conto deixa de figurar em um periódico conservador, voltado para o público feminino e migra para o jornal *Gazeta de Notícias*, expressivo veículo de informação das várias tendências ideológicas do século XIX.

Na versão de 1882, a ação do conto se passa em 1875, na casa do Desembargador X⁷⁵, e tem como foco o polêmico fenômeno da materialização dos espíritos. O magistrado escreve uma carta ao Chefe de Polícia da Corte, relatando sua aventura mediúnica. Ele revela à autoridade que, preguiçosamente estirado em um sofá, folheava durante sua “digestão literária” as *Vidas Paralelas* de Plutarco e ao acaso escolheu como destino as páginas que discorriam sobre a vida de Alcibíades, o célebre general ateniense. Com o livre fluxo dos pensamentos ao

⁷⁵ Na segunda versão, o protagonista não tem nome próprio (Nota da autora).

sabor do fortuito, o cultor das letras helênicas diz que, a partir daquela leitura, surgiram reflexões sobre quais seriam as impressões que o vestuário moderno causaria em Alcibíades. Em seguida relata que decidiu evocar, amparado em sua nova crença “espiritista”, o espírito do lendário ateniense:

Sou espiritista desde alguns meses. Convencido de que todos os sistemas são puras niilidades, resolvi adotar o mais recreativo deles. Tempo virá em que este não seja só recreativo, mas também útil à solução dos problemas históricos; é mais sumário evocar o espírito dos mortos, do que gastar as forças críticas, e gastá-las em pura perda, porque não há raciocínio nem documento que nos explique melhor a intenção de um ato do que o próprio autor do ato. E tal era meu caso desta noite. Conjecturar qual fosse a impressão de Alcibíades era desperdiçar tempo, sem outra vantagem, além do gosto de admirar a minha própria habilidade. Determinei, portanto, evocar o ateniense; pedi-lhe que comparecesse em minha casa, logo, sem demora (ASSIS, 2006, p. 161).

O relato do desembargador expõe, ao mesmo tempo, seu triunfo e sua vaidade como “médium”, mas também seu medo, conforme ele mesmo explica, quando Alcibíades redivivo aparece e assume prontamente os rumos do diálogo:

- Que me queres? – perguntou ele.

Ao ouvir isto, arrepiaram-se-me as carnes. O vulto falava e falava grego, o mais puro ático. Era ele, não havia duvidar que era ele mesmo, um morto de vinte séculos, restituído à vida cabalmente como se viesse de cortar agora mesmo a famosa cauda do cão. Era claro que, sem o pensar, acabava eu de dar um grande passo na carreira do espiritismo; mas aí de mim! Não o entendi logo e deixei-me ficar assombrado (ASSIS, 2006, pp. 161-162).

Segundo as revelações da carta, o general Alcibíades empreende uma dinâmica conversa com o desembargador a respeito de Atenas. A presença tangível de tão remota figura, longe de ser portadora de contentamento, provoca uma exaustiva aflição no atordoado desembargador. Sob o pretexto de ir ao baile no cassino, o magistrado procura livrar-se da incômoda aparição de Alcibíades, contudo o ateniense manifesta o desejo de ir com seu anfitrião à festa. Em vão, o desembargador tenta dissuadi-lo, objetando ser seus trajes de ateniense antigo impróprios para a ocasião. Alcibíades replica: “Que tem? A roupa muda-se, irei à maneira do século. Não tem alguma roupa que me emprestes?” (ASSIS, 2006, p. 165). Sem argumento, o “espiritista” começa a se vestir entre murmúrios e espanto do general acerca dos “canudos fechados”, as calças, e dos “canudos abertos”, a casaca, ambos de sombria e

uniforme cor negra: “És a cousa mais singular que jamais vi na vida e na morte. Estás todo côr de noite (...). O mundo deve andar imensamente melancólico, se escolheu para uso uma côr tão morta e tão triste. Nós éramos mais alegres; vivíamos...” (ASSIS, 2006, p. 166). Acertando os últimos detalhes da roupa, o desembargador coloca o chapéu sobre a cabeça e estupefato diante de tão estranha indumentária, Alcibíades tomba morto pela “segunda vez”, aos pés do assombrado magistrado. A carta termina com a súplica do seguidor de Kardec pedindo ao Chefe de Polícia que providencie a remoção do corpo, pois, devido a sua exaustão, não poderia formalizar o pedido pessoalmente:

Rogo a V. Ex.^a se digne de expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério e se proceda ao corpo de delito, relevando-me de não ir pessoalmente à casa de V. Ex.^a agora mesmo (dez da noite) em atenção ao profundo abalo por que acabo de passar, o que aliás farei amanhã de manhã, antes das oito (ASSIS, 2006, p. 167).

É provável que o escritor tenha intencionado por trás dessa história, supostamente patética, mas sobretudo irônica, desestabilizar os estudos doutrinários quanto ao fenômeno das materializações. A materialização dos espíritos sempre foi um tema muito controverso e Machado pode ter se inspirado no caso das fraudes espíritas envolvendo Buguet, o médium fotógrafo da década de 1870⁷⁶, e construído para a segunda versão um enredo em que o desembargador X presenciara esse fenômeno em sua própria casa. Quando escreveu este conto, Machado ainda não havia formalizado ser o espiritismo uma “fábrica de idiotas e alienados”, (ASSIS, 1997, p. 530) mas já havia deixado subentendido no texto que o magistrado não passava de um lunático.

Já o conto “A segunda vida” foi originalmente publicado na *Gazeta Literária*, no ano de 1884 e, posteriormente, compilado em *Histórias Sem Data*. Apesar de Machado de Assis não citar o termo “Espiritismo” no enredo, ele ousou novamente e retratou outro controverso tema: a reencarnação. Na contramão dos preceitos doutrinários espíritas, que postula o esquecimento das vidas passadas pelo homem, a fim de se redimir de possíveis erros, o escritor criou um personagem, José Maria, que, contundentemente, recorda os instantes finais de sua vida pregressa e relata a oportunidade de uma nova reencarnação.

⁷⁶ Este caso foi relatado quando falamos sobre José de Alencar (Nota da autora).

José Maria informa ao Monsenhor Caldas, para quem relata suas vidas, que falecera no dia 20 de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã, quando tinha 68 anos. O padre se convenceu de que estava diante de um lunático, por isso interrompeu a conversa e ordenou ao serviçal João que chamasse a polícia e lhe trouxesse reforços. Enquanto esperava, distraía o visitante, concordando com tudo que lhe era narrado. O suposto reencarnacionista relatou que sua alma teria voado pelo espaço, até perder a terra de vista; que subindo a uma distância de quarenta mil léguas, ouvira uma deliciosa música, e que logo que chegou a cinco mil léguas, foi levado por uma multidão de almas a um palanquim. Nesse local indefinível e incompreensível, foi recebido com festas que duraram dois séculos ou nas contas dos vivos 48 horas. Descobriu que sua alma era a de número mil, razão pela qual fora premiado com o retorno à terra para uma nova vida. Tentou recusar, mas isso não lhe era facultado: “(...) Convidaram-me a tornar à terra para cumprir uma vida nova; era o privilégio de cada alma que completava um milheiro. Respondi agradecendo e recusando, mas não havia recusar. Era uma lei eterna” (ASSIS, 2005, pp. 174-175). Competia-lhe apenas optar por retornar como príncipe ou como condutor de ônibus. Desejou voltar com experiência não se importando ser pobre ou rico.

Segundo José Maria, seu renascimento ocorreu em cinco de janeiro de 1861. Neste momento da narrativa, Machado de Assis introduz reminiscências do personagem, numa provável tentativa de reforçar a tese da reencarnação: o personagem, aos dezenove anos recusou comer e beber em uma ceia, pois lembrou-se de uma indigestão que tivera há 40 anos:

Fui à ceia; era no Jardim Botânico, obra esplêndida. Comidas, vinhos, luzes, flores, alegria dos rapazes, os olhos das damas, e, por cima de tudo, um apetite de vinte anos. Há de crer que não comi nada? A lembrança de três indigestões apanhadas quarenta anos, na primeira vida, fez-me recuar (ASSIS, 2005, pp. 177-178).

A reencarnação de José Maria é resumida da seguinte forma por ele: "A minha segunda vida é assim uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreada por uma experiência virtual e tradicional. *Vivo como Eurico, atado ao próprio cadáver...* Não, a comparação não é boa"⁷⁷ (ASSIS, 2005, p. 178). Esse desabafo do personagem expõe os transtornos emocionais que vivencia por estar atrelado às recordações da vida pregressa e ele confessa ao padre que essas

⁷⁷ Metáfora usada por Machado de Assis para referir-se ao romance de Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero* (Nota da autora).

ininterruptas lembranças contribuíram para os grandes conflitos conjugais, pois transformaram sua vida e a da esposa, D. Clemência, em um tormento. Revela que, em um desses momentos de angústia, o Diabo veio ao seu encontro ofertando-lhe flores. O ensandecido José Maria, na presença do padre, começa a imitar a gargalhada do demônio, excomunga-o e avança para cima do sacerdote que recua aterrorizado: “Não miserável! Não! Tu não me fugirás!” bradava José Maria investindo para ele. Tinha os olhos esbugalhados, as têmporas latejantes; o padre ia recuando... recuando... Pela escada acima ouvia-se um rumor de espadas e pés” (ASSIS, 2005, p. 185).

Nos dois contos apresentados até agora, nota-se a inclinação de Machado de Assis para desconstruir os postulados kardecistas. Essa conduta não será diferente no conto “A idéia do Ezequiel Maia”. Publicado originalmente no jornal *A Gazeta de Notícias*, em 30 de março de 1883, o conto narra a história de Ezequiel Maia, mais um personagem criado por Machado de Assis para compor o rol dos lunáticos. O protagonista “negava a existência dos corpos” e achava que tudo não passava de ilusão do espírito:

A idéia do Ezequiel Maia era achar um mecanismo que lhe permitisse rasgar o véu ou revestimento ilusório que dá o aspecto material às coisas. Ezequiel era idealista. Negava abertamente a existência dos corpos. Corpo era uma ilusão do espírito, necessária aos fins práticos da vida, mas despida da menor parcela de realidade (ASSIS, s/d, p. 168).

O personagem-título do conto de Machado, considerado louco pelos amigos, manifesta sua vontade de abstrair as questões referentes ao mundo material por meio de uma renovação constante de suas ideias:

A opinião dos amigos e parentes era que este homem tinha o juízo a juros naquele banco invisível, que nunca paga os juros e, quando pode, guarda o capital. Parece que sim; parece também que ele não tocou de um salto o fundo do abismo, mas escorregando, indo de uma restauração da cabala para outra da astrologia, da astrologia à quiromancia, da quiromancia à charada, da charada ao espiritismo, do espiritismo ao niilismo idealista. Era inteligente e lido; formara-se em matemáticas, e os professores desta ciência diziam que ele a conhecia como gente (ASSIS, s/d. p. 168).

Machado de Assis destaca que Ezequiel “(...) empreendeu um estudo que lhe comeu cinquenta e seis dias: achar a filiação das idéias, e remontar à primeira idéia do homem”

(ASSIS, s/d, p. 169). Porém Maia ousou mais e desejou uma coisa muito simples: eclipsar o mundo ilusório da matéria e por o próprio espírito em contato com os demais espíritos. Persegue seu intento por meio de uma técnica que ele chama “abstrair-se”: fitar os olhos na ponta do nariz e entrar em um estado de hipnose autoinduzida, que lhe permite visitar as mentes alheias, saber o que estão pensando, se acordadas; acompanhar o que lhes acontece, se estão sonhando.

A aventura mental de Ezequiel concentra-se em perscrutar a alma de seus dois vizinhos, o Delgado e o Neves. Debruça-se à janela e olha para dentro da alma deles. O Delgado é um homem de bem, que, após praticar pequenas irregularidades contábeis para mascarar os prejuízos da firma, passa a ser consumido por remorsos terríveis, desespero, impulsos suicidas. Ezequiel, que acompanha telepaticamente seu drama, vê quando ele vai consultar-se com o Neves, cuja moral era considerada pelos amigos, imaculada:

(...) O Neves lia os jornais no terraço, quando o Delgado lhe apareceu. A fisionomia daquele era tão bondosa, a palavra com que o saudou — “Anda cá, Juca!” vinha tão impregnada da velha familiaridade, que o Delgado esmoreceu. Sentou-se ao pé dele, acanhado, sem força para lhe dizer nem lhe pedir nada, um conselho, ou, quando menos, uma consolação. Em que língua narraria o delito a um homem cuja vida era um modelo, cujo nome era um exemplo? Viveram juntos; sabia que a alma do Neves era como um céu imaculado, que só interrompia o azul para cravejá-lo de estrelas. Estas eram as boas palavras que ele costumava dizer aos amigos. Nenhuma ação que o desdourasse. Não espancara a mulher, não jurara falso, não emendara a escrituração, não mentiu, não enganou ninguém (ASSIS, s/d. p. 171).

Após as revelações de Delgado, Ezequiel constata admirado como o Neves não parecia ter o menor senso moral. Nada o preocupava, nada o escandalizava, nada lhe provocava indignação e chegou a sugerir ao amigo que o caso fosse abafado.

Ezequiel espanta-se com a displicência do Neves e decide esquadriñar sua conduta:

“Justos céus! exclamou consigo o Ezequiel, dar-se-á que este Neves não tenha o senso moral?”

Não o deixou mais. Esquadriñou-lhe a vida; talvez alguma ação do passado, alguma coisa... Nada; não achou nada. As reminiscências do Neves eram todas de uma vida regular, metódica, sem catástrofes, mas sem infrações. O Ezequiel estava atônito. Não podia conciliar tanta limpeza de costumes com a absoluta ausência de senso moral. A verdade, porém, é que o contraste existia. Ezequiel ainda advertiu na sutileza do fenômeno e na conveniência de verificá-lo bem. Dispôs-se a uma longa análise. Entrou a acompanhar o Neves a toda a parte, em casa, na rua, no teatro, acordado ou dormindo, de dia ou de noite (ASSIS, s.d, p. 171).

Ezequiel “ensandecido” pelo desejo de descobrir alguma contradição entre o comportamento do Neves e sua consciência promete aos amigos que, quando descobrisse o segredo dessa contraditória personalidade, registraria tudo em um livro de trezentas páginas e acrescentava que assim o faria, senão preferiria morrer:

Realmente, um tal contraste era de ensandecer ao homem mais ajuizado do universo. O Ezequiel fez essa mesma reflexão aos amigos e parentes; acrescentou que jurara aos seus deuses achar a razão do contraste, ou suicidar-se. (...) E estendia três dedos. Depois descreveu o livro. Trezentas páginas, com estampas, uma fotografia da consciência do Neves e outra das suas ações. Jurava que ia mandar o livro a todas as academias do universo, com esta conclusão em forma de epígrafe: — “Há virtualmente um pequeno número de gatunos, que nunca furtaram um par de sapatos” (ASSIS, s.d, p. 172).

O contista Machado se assemelha à sua “criatura”, pois em relação ao Espiritismo “tinha o juízo a juros”. Certamente, sabia aplicar os “juros” de sua crítica ao Espiritismo em seus intrigantes contos. Parece-nos que a loucura desses dois últimos personagens, José Maria e Ezequiel Maia fazia parte de um certo consenso, entre aqueles que criticavam a propagação das ideias espíritas, de que a doutrina era realmente uma “fábrica de fazer doidos”.

2.6.3. Os romances machadianos em diálogo com o Espiritismo

O foco de nossa atenção, agora, será os romances *Esau e Jacó* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, nos quais o escritor burilou seus enredos com os conceitos espíritas.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um romance engenhoso de Machado de Assis. Imaginemos que, no florescer do Espiritismo codificado por Allan Kardec, um escritor brasileiro seja espiritoso o bastante para cunhar um título de livro com essa forte carga transcendental. De fato, não havia limites para a fina ironia e o sarcasmo empregados por Machado de Assis em seus escritos. No romance publicado em 1881, o narrador póstumo consegue contar sua experiência em vida, mesmo depois de enterrado e “devorado pelos vermes”. Responsável pela organização dos relatos e na condição privilegiada de autor-defunto

ou de defunto-autor revela que utilizou para a floração de suas memórias uma porção de galhofa e outra de melancolia: “Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio” (ASSIS, 1994, p. 5). Consciencioso em relação à credibilidade de sua história, o narrador acrescenta que “(...) a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas máximas da opinião” (ASSIS, 1994, p. 5). Haveria nas entrelinhas desse prólogo uma intenção de Machado, ao distinguir o público entre frívolos e graves, de mostrar a possibilidade de aceitação ou não da característica mediúnica do livro? Ou as memórias do ressurreto Brás Cubas foram apenas um rompante do seu gênio criador? Não poderemos asseverar, mas temos consciência de que o escritor, sendo um homem de muitas leituras, exprimia-se com uma aguda percepção do que ocorria ao seu redor e em suas reflexões buscava respostas às suas dúvidas.

Podemos dizer que o romance desenvolve um enredo simples, até mesmo corriqueiro: Brás Cubas, legítimo representante da nossa oligarquia patriarcal, vive sua vida entre alegrias e frustrações e morre sem ter conseguido lançar no mercado um emplastro milagroso, um suposto tônico anti-hipocondríaco que lhe traria fama.

Contudo, não iremos vasculhar as memórias póstumas do personagem Brás Cubas, pois temos o privilégio de já contarmos com excelentes trabalhos sobre esta questão. Nosso objetivo é discutir a possibilidade de que, por meio de um narrador defunto, Machado de Assis tenha trabalhado manifestações espíritas como a psicografia, nesse irreverente enredo.

O crítico Sílvio Romero, na obra *Machado de Assis – Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*, postulou ser *Memórias Póstumas de Brás Cubas* uma espécie de “espiritismo literário”:

Pegue o leitor commigo nas Memórias Posthumas de Braz Cubas, vamos percorrelas desde as primeiras paginas. O leitor conhece por certo a carcassa do livro; sabe que o autor imaginou um sujeito que do outro mundo nos brinda com as memórias da própria vida, onde se acham narrados seu nascimento, educação, amores, negócios, até o desenlace final da morte, sendo este ultimo passo contado logo em principio da narrativa. Esta espécie de espiritismo litterario pôde ser para muita gente o signal de grande profundeza; mas lhe não descubro a menor significação. Como originalidade é de gênero inferior (ROMERO, 1897, p. 274).

Estudos contemporâneos também discutiram a atribuição “espiritismo literário” dada por Sílvio Romero ao romance machadiano. O professor Glaucio Cardoso em seu artigo “O Espiritismo como recurso narrativo na obra de Machado de Assis” explora o uso que o escritor fez, em seus textos, da temática espírita:

Começamos com a própria idéia da obra em si: um morto que escreve suas memórias a partir do além. Se levarmos em conta que desde o século XVIII surgiram livros atribuídos a espíritos e que Machado foi contemporâneo da chegada dos primeiros livros espíritas no Brasil, poderemos concluir que a referência cultural é clara, não trazendo portanto nada de tão novo assim, mesmo na época em que é publicado, o que levou o temido Sílvio Romero a classificá-lo como uma “espécie de espiritismo literário”. Ironicamente, eu diria que machadianamente, Sílvio Romero deu-nos a primeira chave para analisar o romance em questão: espiritismo literário seria a criação ficcional apoiada ou inspirada em conceitos espíritas. O defunto autor das *memórias póstumas* é, portanto, a representação ficcional dos defuntos autores presentes nas obras espíritas desde os livros organizados por Allan Kardec (CARDOSO, s.d, p. 14).

Dessa forma, ao esclarecer que o “(...) espiritismo literário seria a criação ficcional apoiada ou inspirada em conceitos espíritas”, (CARDOSO, s.d, p. 14) Cardoso incita-nos a considerar a possibilidade de que Machado de Assis tenha buscado no pressuposto espírita da psicografia a inspiração para a composição de seu romance⁷⁸.

Na história, o narrador Brás Cubas resguarda-se em relação ao meio que utilizou para relatar sua experiência terrestre: “(...) evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias* trabalhadas cá no outro mundo” (ASSIS, 1994, p. 5) e alega ainda que “Seria curioso, mas nimamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra” (ASSIS, 1994, p. 5). Uma aura de mistério que encobre a “autobiografia espiritual” de Brás Cubas poderia ser expressa na questão: Teria sido realmente intenção de Machado criar uma autobiografia alicerçada nas reminiscências de um defunto narrador a fim de associá-la às manifestações dos espíritos que enviavam suas mensagens por intermédio dos médiuns

⁷⁸ Outro romance que Machado de Assis possa ter buscado, nas ideias espíritas, inspiração para compor foi *Quincas Borba*. José Roberto de Lima Dias, em sua dissertação de mestrado intitulada *A Evolução* (1892-1893): uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita (2006), relata que “Quincas Borba acentuava as preocupações de Machado com relação ao Espiritismo, pois é possível perceber que a trama é de origem espírita, uma vez que está vinculada aos problemas da degenerescência mental. No romance, a crença em múltiplas vidas está situada em um nível inconsciente de loucura. A idéia da reencarnação está no delírio paranóico de Rubião, embora acreditasse ser apenas Luis Napoleão, que era espírita, discípulo de Kardec e freqüentador assíduo de sessões. Da mesma forma, o mestre Quincas Borba afirmava, com toda a autoridade, ser a encarnação de Santo Agostinho. Sem aludir ao Espiritismo, está aí uma sátira ferina de Machado de Assis a um dos princípios da doutrina kardequiana” (DIAS, 2006, p. 95).

psicógrafos? O que se nos apresenta, de imediato, é a resposta que Machado colocou na pena do seu narrador: “O melhor prólogo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado” (MACHADO, 1994, p. 5) isto é, não era seu desejo esclarecer o motivo de escolher como narrador um defunto para contar suas memórias.

Machado criticava a religião espírita e qualquer movimento que possuísse a pretensão de se apresentar como solução dos males "não resolvidos" pelos seres humanos. Nesse sentido, as crônicas do escritor publicadas nos jornais seriam uma forma mais precisa para entender seu real pensamento em relação à Doutrina Espírita, por isso, se houve, por parte de Machado, alguma pretensão de aludir à escrita psicográfica no romance, provavelmente, foi para ironizar essa manifestação mediúnica, com a criação de um narrador defunto.

O penúltimo romance de Machado, *Esau e Jacó*, publicado em 1904, retrata a proliferação das práticas mediúnicas na sociedade carioca do século XIX, à medida que o Espiritismo se expandia no país.

É importante destacarmos que, no ambiente religioso do Rio de Janeiro, no século XIX, aderir ao Espiritismo era compactuar com a escolha religiosa da elite social. Por isso houve, nesse período, uma profusão de cartomantes, adivinhos, gurus, que forneciam previsões para se ganhar no jogo-do-bicho, ter sucesso nos negócios ou ser feliz no amor. Seja qual fosse o propósito, os supostos seguidores desejavam aproximar-se da doutrina de Kardec que, além de ser europeia, era apreciada e estudada pela classe abastada da sociedade brasileira. Para esses emergentes médiuns, a corrida para ser espírita era uma forma de aproximação do universo dos ricos.

Assim que foi anunciado o lançamento do romance *Esau e Jacó*, o diplomata Oliveira Lima escreveu para o jornal a *Gazeta de Notícias* a seguinte observação: “Os romances de Machado de Assis repousam sempre sobre uma intriga leve... Mas por acaso, será a vida constantemente tumultuosa? A trivialidade é viva e atraente; a questão está, literariamente, no modo de tratá-la” (LIMA, *apud* COSTA, s.d., p. 179). Digamos que literariamente Machado teceu em *Esau e Jacó* uma “intriga” sobre a validação do poder da mediunidade de uma cartomante e a de um kardecista. Observamos que no capítulo I, “Cousas Futuras”, Natividade, a mãe dos gêmeos Pedro e Paulo, visita a “cabocla do Castelo” Bárbara, vidente conhecida no subúrbio carioca, com o objetivo de lhe indagar sobre o futuro dos filhos. Essa consulta gera uma revelação que fomentará um debate sobre a credibilidade das revelações da cabocla e as reflexões feitas por Plácido, o espírita do romance, acerca do destino da relação dos gêmeos:

Natividade não tirava os olhos dela. Como se quisesse lê-la por dentro. E não foi sem grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer:

- Brigado?
- Brigado, sim, senhora.
- Antes de nascer?
- Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra? Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos e dores e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu (ASSIS, 1976, p. 11).

As previsões feitas pela vidente de que os gêmeos seriam grandes e que, apesar de terem brigado no ventre, teriam um glorioso futuro, chegaram a Santos, marido de Natividade. Ele procura Plácido, seu amigo espírita, a fim de o questionar o fundamento daquela profecia. Já no primeiro momento da conversa, verificamos a disputa de forças entre a revelação da vidente e as teorias kardecistas. Dirigindo-se ao espírita Plácido, Santos antecipa: “Venho consultá-lo, e as suas luzes são as verdadeiras do mundo” (ASSIS, 1976, p. 31). A reação de Plácido às palavras de Santos expõe uma velada vaidade do médium em relação ao efeito que seu trabalho com o Espiritismo causava nas pessoas: “Plácido agradeceu sorrindo. Não era novo o elogio, ao contrário; mas ele estava tão acostumado a ouvi-lo que o sorriso era já agora um sestro. Não podia deixar de pagar com essa moeda aos seus discípulos” (ASSIS, 1976, p. 31).

O capítulo em que essa conversa ocorre é o de número XV, intitulado “Teste David cum Sibylla”. No decorrer da conversa, Plácido revela ao amigo que, embora fosse raro acontecer o que a cabocla dissera sobre a briga dos gêmeos ainda no ventre, não era uma possibilidade improvável e arremata suas reflexões acrescentando que os nomes Pedro e Paulo sinalizavam uma rixa, pois os dois apóstolos dos quais viera a inspiração dos nomes das crianças teriam brigado muito sobre alguns aspectos do cristianismo. Admite que os nomes poderiam ter sido predestinados. Ao consultarem a Bíblia e se certificarem das contendas entre os apóstolos Pedro e Paulo, Santos chega a pensar que seus filhos pudessem ser os espíritos reencarnados dos dois santos. Contudo Plácido, serenamente, confessa a Santos que os espíritos dos apóstolos já haviam atingido a perfeição e não voltariam mais a terra. Sugere uma bandeira branca entre o amigo e a cabocla:

- Deixe às senhoras as suas crenças da meninice, concluiu; se elas têm fé na tal mulher do Castelo, e acham que é um veículo de verdade, não as desminta por ora. Diga-lhes que eu estou de acordo com seu oráculo. *Teste David cum Sibylla* (ASSIS, 1976, p. 32).

Santos revela à Natividade a conversa com Plácido e a aquiescência dele e do médium às previsões da vidente: “É nota que eu creio na cabocla, e o doutor também; ele até me escreveu isto em latim, conclui tirando e lendo o papelinho: *Teste David cum Sybilla.*” As revelações da cabocla e a parcial validação de Plácido das profecias da vidente denotam a crítica de Machado para a imatura base religiosa daqueles que se rogavam a praticar o Espiritismo à época. A cabocla com suas previsões das “Cousas futuras” não aprofunda suas revelações, dizendo apenas que os gêmeos serão grandes. Por outro lado, a aparente concordância de Plácido com as previsões de sua “parceira” sobre as decifrações transcendentais, revela uma velada prepotência do médium, que tangencia suas impressões ao sugerir ao amigo que deixasse “(...) às senhoras suas crenças de meninice”.

Diante de todas essas análises, percebemos que as ideias espíritas tiveram um espaço significativo na obra machadiana. Seja por meio das crônicas, dos contos ou dos romances, o escritor ironizava a atração que o Espiritismo exercia sobre as pessoas. Atração atuante nele mesmo, se assim pudermos dizer, pois durante trinta e um anos, com toda sua sagacidade e estilo singular, soube fazer uma análise miúda e em certas situações bem-humorada do pensamento espírita. É pertinente destacar que Machado de Assis não especulava sobre o Espiritismo. Embora tenha, em um primeiro momento, julgado indistintamente videntes, cartomantes e espíritas como elementos constitutivos de um mesmo grupo, à medida que as ideias iam se sedimentando, o escritor foi buscar chaves interpretativas adequadas para atualizar sua crítica, que, conforme vimos, nunca foi favorável ao kardecismo. Todas essas observações de Machado confirmam que nada lhe escapava à observação e à pena.

2.6.4 Augusto dos Anjos e as sessões de psicografia

Todas as entidades malfazejas,
Siva e Ahriman, os duendes, o Yn e os trasgos,
Imitando o barulho dos engasgos,
Davam pancadas no adro das igrejas.

Augusto dos Anjos

O poeta Augusto dos Anjos realizava sessões mediúnicas em sua própria casa no Engenho Pau d’Arco, onde nasceu, localizado no estado da Paraíba. Embora todos de sua

família se intitulassem católicos, divertiam-se promovendo sessões espíritas, uma vez que a virada do século trazia, em seu bojo, a febre dessas sessões sociais muito praticadas na Europa em torno de manifestações curiosas que alimentavam a crença nos espíritos desencarnados, capazes de interferir em nosso mundo e nos trazer mensagens do Além. Augusto dos Anjos resolveu investigar o outro mundo por si mesmo. Passou a promover as sessões na sala de jantar de sua casa, para desespero de sua mãe, D. Mocinha que, nestas horas, agarrava-se ao terço ou recitava o responso de Santo Antônio, temendo o sobrenatural. A obra *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*, de Ademar Vidal, registra a inclinação do poeta paraibano pelo Espiritismo. Vidal afirma que Augusto dos Anjos: “(...) chegou a praticar o Espiritismo. Promovia ‘sessões memoráveis’ na sala de jantar. Era ‘médium’ classificado” (VIDAL, 1967, pp. 69-70).

Vidal (1967) relata que o poeta psicografou versos de Gonçalves Dias sobre os quais ninguém punha a menor dúvida como da autoria do lírico maranhense. Teria Augusto dos Anjos psicografado, de fato, poemas de Gonçalves Dias? Convém lembrar que o autor de “Versos Íntimos” conhecia o estilo de outros grandes poetas, ele próprio era repentista nato, capaz de fazer sonetos de cabeça em questão de dois ou três minutos, para só depois transcrevê-los.

Nessa época o pessoal do Pau d’Arco foi assaltado por grandes medos decorrentes de assombração. A família presenciara fenômenos na casa grande, eram batidas que à noite assustavam. Na capela Pau d’Arco, que também servia como cemitério, pegada à casa, surgiram manchas de gordura em seus ladrilhos, às quais o poeta chamou de “óleo malsão”. À noite não havia quem abrisse as janelas com medo dos espíritos e os empregados se apavoravam, julgando que a gordura que escorria na capela era dos espíritos perturbados que haviam acordado com as sessões praticadas pelo poeta. Dessa forma, a prática do Espiritismo trouxe dissabores:

As sessões espíritas estavam trazendo sérios transtornos à pacatez do ambiente. Já se ouviam ruídos estridentes, bastando para tanto que entrasse a noite, esta viesse com as suas escuridões e mistérios, ventos frios de junho. Diante disso, Dona Mocinha (mãe de Augusto dos Anjos) resolveu proibir as ‘sessões’, visto o Espiritismo estar perturbando a vida tranquila da casa grande. Com a proibição, os trasgos⁷⁹ não andaram mais soltos no terreiro – que vinham dando rebuliços às noites silenciosas do velho engenho de açúcar (VIDAL, 1967, p. 70).

⁷⁹ Diabrete doméstico, que supostamente derruba objetos, fazendo barulhos estranhos e outras molecagens (Nota da autora).

As sessões foram então interrompidas devido à desestabilização emocional que estavam causando nas pessoas dos arredores. No poema *As Cismas do Destino*, da obra *Eu e Outras Poesias* (1998), o poeta reproduziria as pancadas que atemorizavam Pau d'Arco, destacando que todos os tipos de entidades malfazejas imitavam engasgos e batiam no adro das igrejas.

2.6.5 As manifestações mediúnicas nas crônicas de Lima Barreto

Lima Barreto, pioneiro ao retratar os subúrbios cariocas em sua prosa, explorou os comportamentos místicos religiosos atribuídos a muitos seguidores de Kardec. O escritor não era religioso, mas narrava histórias que abordavam as manifestações mediúnicas.

Na crônica “Queixa de defunto”, publicada inicialmente na revista *Careta* em 20 de março de 1920 e mais tarde incluída no livro *Vida urbana* (1956), Lima Barreto utiliza uma possível mensagem psicográfica para relatar o caso de um morto, Antônio da Conceição, que enviara uma carta ao prefeito queixando-se de ter caído de seu caixão em um buraco de uma rua do subúrbio do Rio de Janeiro, no dia de seu sepultamento: “Antônio da Conceição, natural desta cidade, residente que foi em vida, a Boca do Mato, no Méier, onde acaba de morrer, por meios que não posso tornar público, mandou-me a carta abaixo que é endereçada ao prefeito” (BARRETO, 1956, p.103). O “Brás Cubas” barretiano em sua autobiografia póstuma relata que sempre foi um homem honrado e que, apesar das privações, nunca precisou recorrer ao Espiritismo para resolver seus embaraços:

Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar depois de minha morte um sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais. Nunca fui ao espiritismo, nunca fui aos “bíblis”, nem a feiticeiros, e apesar de ter tido um filho que penou dez anos nas mãos dos médicos, nunca procurei macumbeiros nem médiuns (BARRETO, 1956, p. 103).

O defunto-autor revela-se indignado pela sentença aplicada a ele por São Pedro, que o enviou para o inferno devido às escoriações, apresentadas por ele no plano espiritual, provocadas pelos solavancos do caixão nas ruas esburacadas da cidade. Culpa o prefeito da cidade do Rio de Janeiro por sua passagem pelo inferno:

(...) estava certo de ir direitinho para o Céu, quando, por culpa do Senhor e da Repartição que o Senhor dirige, tive que ir para o inferno penar alguns anos ainda.

Embora a pena seja leve, eu me amolei, por não ter contribuído para ela de forma alguma. A culpa é da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro que não cumpre os seus deveres, calçando convenientemente as ruas. Vamos ver por quê. Tendo sido enterrado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro do Méier, o coche e o acompanhamento tiveram que atravessar em toda a extensão a Rua José Bonifácio, em Todos os Santos.

Esta rua foi calçada há perto de cinquenta anos a macadame e nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e larguras, por ela afora. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola sofre o diabo. De uma feita um até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivinho da silva, tendo ressuscitado com o susto.

Comigo não aconteceu isso, mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo. O bom do velho santo interpelou-me logo:

— Que diabo é isto? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem-comportado — como é então que você arranhou isso? Brigou depois de morto?

Expliquei-lhe, mas não me quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno (BARRETO, 1956, pp. 103-104).

O espírito do reclamante ainda confirma a autoria da carta: “Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível. Sou, etc., etc. Posso garantir a fidelidade da cópia a aguardar com paciência as providências da municipalidade” (BARRETO, 1956, p. 104).

Essa crônica exemplifica a forma como Lima Barreto utiliza elementos ficcionais, a fim de veicular as críticas que dispara, repletas de ironia e humor, na direção dos relatos supranormais surgidos com a divulgação do Espiritismo no Brasil.

2.6.6 O Espiritismo na vida e na obra de Monteiro Lobato

(...) o Espiritismo ganhou um avanço enorme. Reflexo disso temos na imprensa. Todos os jornais abrem sessões permanentes às coisas do Espiritismo, ao lado das sessões consagradas à religião velha. E os que não fizeram ainda fá-lo-ão amanhã, por injunções da clientela. Editores surgem, especializados em livros espíritas, e prosperam grandemente, num país de editores ou falidos ou queixosos. Grandes nomes nas letras e nas ciências passam-se com estrondo para os novos arraiais. O Espiritismo já não é um riacho. Tem tudo da onda que rola.

Monteiro Lobato

Monteiro Lobato, o “pai” literário de Jeca Tatu, consagrado porque em sua obra denunciou problemas sociais atrelados à vida dos habitantes do interior, interessou-se pela

Doutrina Espírita, primeiramente por volta de 1909, pelo seu suposto aspecto científico, quando estabeleceu contato com os textos dos cientistas William Crookes⁸⁰ e Oliver Lodge⁸¹. Sua atenção para o espiritismo científico foi tão grande que chegou a lançar no mercado obras espíritas:

O Espiritismo para Lobato valia pela ciência nova que apresentava. Quando, mais tarde, vendeu sua fazenda do Buquira e tornou-se editor, em São Paulo, lançou obras espíritas, mas só as científicas. Chegou a traduzir “Raymond”, de Oliver Lodge e “Rumo às Estrelas” de Dennis Bradley. Foi, também, por influência sua que Amadeu Amaral Júnior traduziu “O Outro Lado da Vida”, do cientista Karl du Prel (RIZZINI, 1992, p. 109).

Inicialmente Monteiro Lobato expunha suas ideias sobre o Espiritismo, através de cartas endereçadas ao amigo Godofredo Rangel⁸². Somente a partir de 1919, publicou seu primeiro artigo sobre aspectos da Doutrina Espírita, intitulado “Curioso Caso de Materializações, Camilo Castelo Branco em São Paulo”. O texto, inserido na obra *Ideias de Jeca Tatu*, não recebeu atenção na época.

O interesse de Monteiro Lobato pelo Espiritismo intensificou-se ao longo de sua vida literária e pessoal. Em 1922, Lobato lançou a novela “Os Negros”. Elogiada pela crítica literária, recebeu uma atenção especial dos espíritas, por ter sido um trabalho pioneiro no campo da ficção nacional espírita. A novela, narrada em primeira pessoa, desenvolve-se através de uma comunicação mediúnica e pode ser considerada mais um “causo” do que um conto.

O narrador é um tropeiro que viaja com um amigo pela região do café: “Viajamos certa vez pelas regiões estéreis por onde, há um século, puxado pelo Negro, o carro triunfal de Sua Majestade o Café passou, quando grossas nuvens reunidas no céu entraram a desmanchar-se” (LOBATO, 1934, p. 67). Chegam a uma fazenda abandonada e conhecida como mal assombrada, do Capitão Aleixo. Lá encontram um homem, o preto Bento, que morava em uma tapera longe da casa grande.

Por causa da chuva, os dois têm que passar a noite no local. O companheiro do narrador, o tropeiro Jonas recebe o espírito de Fernão, um jovem português que havia se apaixonado pela

⁸⁰ Cientista inglês do século XIX, que aprofundou-se no estudo dos fenômenos mediúnicos (DOYLE, 2013, pp. 199-200).

⁸¹ Físico e escritor inglês do século XIX. O cientista também foi um grande defensor da existência da vida após a morte e é lembrado pelos seus estudos sobre o tema (Nota da autora).

⁸² Escritor e tradutor de renome no Brasil e amigo inseparável de Monteiro Lobato (RIZZINI, 1992, p. 112).

filha do Capitão Aleixo, Isabel. É esse espírito que conta a história de sua paixão pela filha do patrão. Ajudado pela mulata Liduína, o amor dos dois floresceu. Quando o Capitão Aleixo soube, entrou no quarto de Fernão, amarrou-o e sepultou-o vivo na parede. O espírito termina a história pela manhã e o preto Bento esclarece que Liduína morreu no chicote aos 19 anos. Isabel foi levada para a Corte e acabou no hospício. Jonas “acorda” do transe, mas não se recorda de nada. Na viagem de volta, o amigo de Jonas lhe conta o que havia ocorrido e o suposto médium reage duvidando do acontecimento: “riu-se à larga e disse, estendendo-me o dedo minguinho: - Morde aqui! ...” (LOBATO, 1934, p. 108).

Após seis anos da publicação da novela “Os Negros”, Lobato volta a tratar do Espiritismo publicamente por meio do artigo “Krishnamurti”⁸³, no qual denota uma verdadeira profissão de fé. O texto encontra-se na obra *Na Antevéspera*, surgida em 1933. Nele Lobato faz uma comparação entre a fé católica e a fé espírita:

Assistimos hoje no mundo ao belo fenômeno do choque de uma religião velha com uma religião nascente, em estado de nebulosa ainda, muito vaga e tateante, mas perfeitamente perceptível em suas linhas gerais. Essa religião nova é o espiritismo. Ninguém mais de boa fé, nem sequer a ciência positiva, nega as manifestações metapsíquicas. E como tudo leva a crer que o metapsiquismo cresce na humanidade e cada dia que se passa mais amplia as suas manifestações, o homem volta-se para ele e inconscientemente o vai ordenando em religião.

Surtem “verdades”, cristalizam-se dogmas, uma moral viva e praticante vai se codificando, enquanto cresce prodigiosamente o número dos adeptos. Inultimente a religião velha guerreia a nova, e de todos os seus baluartes lhe despeja em cima obuses anatematizantes. Inutilmente a ciência positiva, cansada de negar os fenômenos, resolve-se a estudá-los, declarando de antemão que nada há sobrenatural nesse metapsiquismo. A religião nova, em estado cósmico, segue o seu curso, indiferente à negação ou à análise. Já tem fanáticos e terá mártires se a antagonista conseguir reacender suas fogueiras depuradoras. (...)

Estamos em pleno período de entrechoque de duas formas de apelo ao incognoscível. Quanto tempo durará ele? Cem, duzentos anos? O futuro o dirá. O presente só diz que a luta está travada. E que diz o passado, por meio de suas férreas lições? Diz que sempre vence a forma que ‘promete mais’. Ora, uma nos deu a imortalidade da alma, com o paraíso para a alma dos bons legalistas e o inferno para a oposição. A outra dá-nos o paraíso perto de nós; deixa-nos as almas dos entes queridos ao alcance do nosso espírito; podemos ouvi-las, receber seus conselhos, vê-las em certos casos. Não é isso

⁸³ O título do artigo “Krishnamurti” refere-se ao nome de um grande líder religioso indiano, *Krishnamurti*, na época em que Monteiro Lobato escreveu o artigo, conforme esclarece: “No fundo da Índia, eterno ninho de religiões, um messias vem sendo criado a preceito para o grande embate. Iniciou-o Annie Besant, essa mulher-força, talvez a que mais tem influenciado cérebros de quantas mulheres aparecerem no mundo. Chama-se Krishnamurti o eleito da luz nova e seu campo de ação vai ser imenso; abrangerá desta vez todo o mundo budista e todo o mundo cristão. A moral da religião nova, provisoriamente denominada espírita, participará das duas mais belas morais existentes, a de Buda e a de Jesus, ecletismo que fará superior a ambas. Quem viver verá... e verá daqui a séculos o Krishnamurtismo vitorioso esclerosar-se em igreja e por sua vez morrer contrabatido por uma religião que ainda prometa mais – e só poderá ser a que acene com absoluta supressão da morte. Chamar-se-á “Ciência” esta última religião?” (LOBATO, 1951, p. 205).

o 'mais' que vai decidir da vitória? Foi muito sabermos que as almas dos mortos não acabam com o corpo; mas é muitíssimo tê-las à mão, consultáveis e manejáveis (LOBATO, 1951, pp. 202-205).

Monteiro Lobato conclui seu artigo afirmando que “O espiritismo será a religião de amanhã porque “prova” a sobrevivência” (LOBATO, 1951, p. 205). Lobato não apreciava a religião católica e, por expor suas opiniões um tanto ácidas, mas jamais desrespeitosas sobre a Igreja e os padres, atraiu desafetos até mesmo entre as freiras do Colégio Sagrado Coração de Jesus: as religiosas promoveram a queima dos livros infantis do escritor no pátio da escola, em um verdadeiro auto de fé literário.

Em 1939, o escritor novamente usará as ideias espíritas na composição de seus contos. Após o sucesso de “Os Negros”, publica o conto “Herdeiro de si mesmo” cuja temática aborda a reencarnação.

O conto narrado em terceira pessoa conta a história do solteirão, o “Coronel” Lupércio Moura. Ele havia enriquecido, impulsionado por uma “força”. Enganado por um corretor, que lhe vendeu um casco de navio inglês naufragado e encalhado, após uma longa noite de bebedeira, pôde recuperar suas economias revendendo a sucata do navio por um preço bem superior, pois com a Grande Guerra o valor do metal estava em alta. Movido pela “força” que sempre o impulsionou, investiu no marco alemão. Vendeu sua economia pelo máximo da cotação alcançada no mercado pela moeda germânica e se tornou milionário. Contudo, aos sessenta anos, Lupércio foi tomado de pavor: “(...) o pavor de ter de largar a maravilhosa fortuna reunida. Tão integrado estava no dinheiro, que a idéia de separar-se dos milhões lhe parecia uma aberração da natureza. Morrer! Teria então de morrer, ele que era diferente dos outros homens? Ele que viera ao mundo com a missão de chamar a si quanto dinheiro houvesse?” (LOBATO, 1934, p. 293). Decidiu espiritualizar-se. Começou a estudar o Espiritismo e a doutrina da reencarnação. Lia tudo o que lhe caía nas mãos. Já estava ficando um sábio. Mas queria saber “(...) se a alma de um vivo pode antecipadamente escolher a criatura em que vai futuramente encarnar-se” (LOBATO, 1934, p. 296). O que Lupércio pretendia, pois já estava doente, era fazer-se herdeiro de si mesmo, por isso encarregou o Dr. Dunga, diretor do Centro Espírita, de encontrar a mulher em que seu espírito iria reencarnar. Apesar da jocosidade da história, Lobato explorou com bastante sensibilidade a temática reencarnacionista, assunto até hoje delicado para muitos, embora evidente para outros.

A experiência mediúnica entrou definitivamente na vida de Monteiro Lobato por motivo de perdas familiares. O escritor perdeu seus dois filhos, Guilherme e Edgard ainda jovens. Contudo não esmoreceu. Em carta ao amigo Godofredo Rangel, ele revela que “morrer significa passar do estado sólido para o gasoso, como o bloco de gelo que com a mudança de temperatura derrete e se transforma em vapor. (...) Se aqui estamos numa escola de aperfeiçoamento, meus filhos acabaram o curso mais depressa do que eu – prova de que eram melhores que eu” (LOBATO, *apud* RIZZINI, 1992, p. 115).

Lobato encontrou alento nas sessões mediúnicas que passou a realizar em sua casa. Com o intuito de estabelecer contato com os filhos mortos, utilizava um copo, que sob a ação dos espíritos e sendo tocado pelo médium e assistentes, deslizava sobre um alfabeto disposto de maneira circular sobre a mesa. Nas sessões, cabia a Lobato anotar as letras do alfabeto que tinham sido escolhidas pelos espíritos, em resposta às perguntas formuladas; bem como a tarefa de escrever as atas. A médium do grupo familiar era sua esposa, dona Purezinha.

Esse método já era considerado primitivo e ultrapassado naquela época, além do que já existiam diversos médiuns psicógrafos e psicófonos no Brasil, mas foi dessa forma que o escritor supostamente estabeleceu contato com os espíritos.

Durante os encontros que se deram entre 1943 e 1947, o escritor registrou em atas as sessões mediúnicas das quais participava em grupo familiar, conforme consta no livro *Monteiro Lobato e o Espiritismo*, de Maria José Sette Ribas. No livro de Ribas, foram publicadas as atas das reuniões em que ocorreram suas experimentações com a mediunidade. No prefácio do livro, José Herculano Pires⁸⁴ esclarece que Monteiro Lobato aprendeu a "dialogar" com os espíritos comunicantes e chegou até mesmo a obter a transformação moral de um que se identificou pelo nome K, que inicialmente atormentava os encontros.

2.7 Poesias e romances mediúnicos traduzidos e produzidos no Brasil

⁸⁴ Escritor espírita, pesquisador e filósofo (Nota da autora).

Resumidamente, talvez se pudesse afirmar que entre meados e o final do século XIX se confrontam duas tendências: de um lado, perdura o declínio da literatura bíblica e outros textos cristãos face à concorrência dos novos gêneros literários; de outro, o processo de laicização da leitura passa a defrontar com o surgimento de novos movimentos, grupos e correntes religiosas, cujas ideias e práticas são difundidas por meio de livros.

Sandra Jacqueline Stoll

No universo da literatura mediúnic, as poesias sempre ocuparam um lugar de destaque. Vislumbramos produções poéticas expressivas que, desde a codificação do Espiritismo, desfilaram pelas páginas da *Revista Espírita* fundada por Kardec. Quando veio a lume *Parnaso de Além-Túmulo*, obra psicografada pelo médium mineiro Chico Xavier e que estudaremos mais adiante, já existiam várias publicações poéticas que ilustravam o intercâmbio entre os dois mundos. Em um artigo sem data de Aureliano Alves Netto, intitulado “Lira de Além-túmulo”, veiculado no *Anuário Allan Kardec*, há várias citações de produções poéticas mediúnicas estrangeiras anteriores à obra de Chico. Ressaltamos que o estudo de Netto também contempla a antologia poética de *Parnaso de Além-Túmulo* considerada por ele como “obra ciclópica que supera no gênero ‘tudo quanto a antiga musa canta’”. Netto inicia o artigo com o seguinte comentário: “Há nos anais do Espiritismo, o registro de numerosas produções poéticas de autores desencarnados. Citemos algumas delas, transcrevendo apenas uma ou outra estrofe, para identificarmos o estilo de cada autor” (ALVES NETTO, s.d, p. 23). O artigo de Netto está repleto de trechos de poemas veiculados na *Revista Espírita*. Segundo ele, na edição da *Revista* de dezembro de 1858, o poema “O despertar de um espírito”, assinado por Jodelle, foi recebido por meio de um cesta tocada por um senhor e um menino. O texto transmitido em francês foi traduzido para o português por José Herculano Pires. Vejamos:

Como é bela a natureza e como o ar é doce!
 Senhor, rendo-te graças e, genuflexo, te admiro.
 Possa o hino alegre de meu reconhecimento subir à tua onipotência como o incenso.
 Assim como ante olhar das duas irmãs enlutadas, outrora fizeste Lázaro sair do sepulcro e a bem-amada filha de Jairo em desespero foi reanimada em seu leito por tua voz, também, ó Deus onipotente, estendeste-me a mão e disseste-me: “Levanta-te”.
 (JODELLE, *apud* ALVES NETTO, s.d, p. 23).

Netto cita a edição de fevereiro de 1863 da *Revista Espírita* e assinala o tom satírico da poesia “O doente e o médico”:

(...) encontramos, de autoria do Espírito batedor de Carcassone, uma produção em verso que Kardec classifica de conto, intitulada “O doente e o médico”. Sua originalidade reside no fato de ter sido recebida por tiptologia, bem ao gosto de um “Espírito batedor”. Assinale-se, nesta estrofe, a tendência satírica:

Fala-te de progresso!... Doutor, isto é ridículo!
 Passando para trás o planeta recua.
 Um caos!... Um cabo, um fio de ferro.
 De Calais a Pekim tagarela no mar.
 Um alfaiate costura sem agulhas;
 Da água fazem fogo; do algodão; pólvora;
 Um troca-tintas sem pincel, mas com caixa
 Vende retratos fabricados ao sol!

(ALVES NETTO, s.d, p. 23).

Outra manifestação poética mediúnica, citada por Netto e traduzida por J. Herculano Pires, relaciona-se com os poetas Alfred de Musset e Lamartine. Musset transmitiu ao médium Sr. X o poema “A Nova Era”. Vejamos a quadra inicial do poema: “Eu vos falo esta noite em versos e a linguagem/Provavelmente irá vos espantar, Senhores;/A linguagem dos deuses vem de antiga usagem;/E os versos de hoje são pouco merecedores” (MUSSET, *apud* ALVES NETTO, s.d, p. 23). Lamartine em seguida manifesta-se:

Se o meu corpo, esta noite, sob flores repousa,
 Não deve a minha voz solitária ficar
 Muda perante vós.
 Se o meu corpo, esta noite, sob flores repousa,
 O Espírito, de leve, levantou a lousa
 Para saudar a vós

(LAMARTINE, *apud* ALVES NETTO, s.d, p. 23).

Podemos constatar que outras comunicações poéticas encontram-se em mais quatro números da *Revista Espírita*: março de 1863, fevereiro de 1865, agosto de 1866 e fevereiro de 1867. No artigo, Netto cita também o livro de Ernesto Bozzano *Literatura de Além-Túmulo*, traduzido para o português por Francisco Kjors Werneck, em que o autor refere-se a duas “excelentes obras poéticas de autores desencarnados”. Segundo Netto:

A primeira, ditada ao médium prof. Francesco Scaramuzza, de Parma, Itália, pelo consagrado poeta Ludovico Ariosto (Espírito) e denominada “Poema Sacro”. Consta de nada menos que 29 cantos e 3.000 oitavas.

A segunda, um extenso poema de 70.000 palavras, que recebeu o título de *Telka*, ditado por Patienne Worth à médium americana Pearl Lenore Curran.

Gaspar Yost, autor de um livro sobre a mediunidade da sra. Curran, escreve: *Telka* é a única na pureza de sua língua anglo-saxônica, na combinação das diversas formas dialetais de localidades e épocas diversas, em algumas de suas formas gramaticais particulares, nos desvios e nas extensões conferidas à significação de certas palavras (ALVES NETTO, s.d, p. 23).

Outra antologia mediúnica citada por Netto refere-se a *Do País da Luz*, coletânea de mensagens mediúnicas psicografadas pelo médium português Fernando de Lacerda. Nessa obra nos volumes 1, 2, 3 e 4, estão inseridas poesias de João de Deus⁸⁵. Já os textos poéticos de Antero de Quental estão presentes no volume 3 e 4. Vejamos o quarteto inicial do soneto “Remorso” arrolado no artigo, de autoria espiritual de Antero de Quental. A poesia completa está inserida no volume 4 da antologia *Do País da Luz*: “Ó Morte, estranha Esfinge Indecifrada,/Que eu amei com desvelo, com ternura,/Quando via na tua noite escura/Da promissora Paz branca alvorada!” (QUENTAL, *apud* ALVES NETTO, s.d, p. 23). Segundo a apreciação de Netto, “Aí está patente a marca estilística do torturado autor de *Primaveras Românticas*. A morte sempre presente em suas perquirições. O tema de antanho que ressurge com espontaneidade e apuro artístico” (ALVES NETTO, s.d, p. 23). Essa é a última citação de Netto referente às produções mediúnicas estrangeiras. Em seguida, ele irá abordar as poesias de *Parnaso de Além-Túmulo*. Podemos dizer que a poesia mediúnica ocupou um papel expressivo na história da literatura espírita e não menos importantes foram os romances.

Na segunda metade do século XIX, entre as décadas de 1870 e 1880, constata-se uma efervescente procura de livros espíritas devido à formação de grupos de leitores interessados na nova doutrina que despontava no cenário nacional. Neste período, vimos que eclodiram várias instituições espíritas, sobretudo na capital do Império. Porém, não havia unificação entre elas porque as concepções díspares das interpretações doutrinárias provocaram a formação de um cenário religioso espírita fragmentado.

Os romances espíritas traduzidos e produzidos no Brasil fizeram parte de um projeto literário que nasceu da necessidade dos escritores espíritas construírem uma literatura, sobretudo doutrinária, que abrangesse as questões concernentes à evolução espiritual do homem. Os romancistas contribuíram para que conceitos doutrinários enfeixados em livros teóricos fossem difundidos e repensados à luz de enredos contundentes.

Dessa forma, podemos destacar que o propósito comunicativo dos romances baseou-se na reflexão sobre a necessidade de empenho pessoal na busca pelo autodesenvolvimento, sendo este o projeto lítero-doutrinário destas produções.

É importante destacarmos que a compilação dos romances estudados neste item, inicia-se em 1898 e se estende até 1935, período, pois, antecedente às produções mediúnicas

⁸⁵ João de Deus de Nogueira Ramos, mais conhecido como *João de Deus*, foi pedagogo e poeta lírico português.

romances de Chico Xavier iniciadas em 1938. O período selecionado revela um dado significativo: os romances, mediúnicos ou não, anteriores à produção literária do médium mineiro, promoveram a disseminação desse gênero em solo nacional e, posteriormente, criaram vínculos com a literatura mediúnica praticada por Chico, ou seja, demonstraram que os romances psicografados pelo médium não circularam no vácuo, pois já existiam referências consolidadas no meio literário espírita brasileiro. O próprio Chico, em entrevista ao programa da TV Tupi “Pinga Fogo” de 1971, externou que sua vontade de psicografar romances provinha de seu conhecimento acerca do trabalho psicográfico desenvolvido pela médium Zilda Gama, que recebeu romances de autoria espiritual do escritor Victor Hugo, cujo caso estudaremos também mais adiante.

Os romances surgiram em uma época em que a FEB iniciava seu trabalho de consolidação da Doutrina Espírita no Brasil e para isso, nas campanhas de divulgação do Espiritismo, conquistou para as suas fileiras adeptos que não aceitavam ser somente leitores de livros espíritas, mas que queriam também ser produtores de romances da literatura espírita nacional. Nessa época, últimas décadas do século XIX, as primeiras produções romanescas tinham por objetivo a propaganda doutrinária, fim que é visível nos comentários críticos sobre os romances na revista *Reformador*, aos quais tivemos acesso. Procuramos listar, por ordem cronológica, os romances editados pela FEB. Agrupamos as diferentes edições comentadas de um mesmo romance, no intuito de simplificar a leitura, mesmo que algumas edições tenham datas bem posteriores à ordem cronológica estabelecida no trabalho. O material adquirido, por meio do setor de Documentos Patrimoniais do Livro da Federação Espírita Brasileira, não especifica quais foram os primeiros romances mediúnicos traduzidos ou quais foram os primeiros romances mediúnicos psicografados no Brasil. A reconstituição deste material foi realizada (e ainda está em andamento) por Clara Betânia de Souza - Assistente Administrativa do setor de Documentos Patrimoniais do Livro da Federação Espírita Brasileira - que nos relatou, por e-mail do dia 7 de abril de 2016, que o resgate dos artigos e das propagandas dos romances veiculados na revista *Reformador*, surgiu de uma pesquisa feita por ela na busca pelos primeiros livros vendidos e publicados pela FEB:

Foi uma pesquisa que eu fiz na revista *Reformador* (periódico de propriedade e orientação da Federação Espírita Brasileira) em busca dos primeiros livros vendidos e publicados pela FEB. O propósito dessa pesquisa é identificar se existe alguma obra que foi publicada pela Federação e não temos conhecimento e a revista *Reformador* é a única referência que nós temos, pois tudo o que refere à FEB é divulgado nesse periódico desde que foi fundada em 1884. Tudo o que eu encontrava, eu anotava.

Poderia ser um artigo grande, artiguete ou simplesmente uma nota sobre os livros febianos. Por causa da grande demanda de trabalho, eu tive que interromper as pesquisas, mas quero concluir essa busca. Eu devo ter parado na década de 20. Incluí também nessa lista, livros que não foram editados pela Federação. Esses livros foram uma oferta de um autor ou livreiro para a FEB. É uma delicadeza que existe até hoje no meio editorial.

A pesquisadora ainda destacou que do material enviado apenas sete romances são mediúnicos: *Do calvário ao Apocalipse*, *Do calvário ao infinto*, *O inferno ou Barqueira do Júcar*, *Marietta/Marietta e Estrela*, *Memórias do padre Germano*, *Na sombra e na luz* e *A vingança do Judeu*. Procuramos aqui destacar as traduções de romances mediúnicos e os romances mediúnicos psicografados no Brasil. Contudo existem romances traduzidos e outros tantos produzidos em solo nacional que não são mediúnicos, mas que abordam a temática espírita e que contribuíram para a configuração da literatura espírita nacional, sendo esta a razão de inicialmente falarmos deles. Ressaltamos que, na maioria das citações transcritas, não aparece o nome do autor do artigo, uma vez que uma grande parte desses registros era feita pela equipe de organização da revista *Reformador*, que não designava um autor específico. As resenhas dos romances, conforme veremos pelos comentários na revista possibilitam uma interação do leitor com o tema e procuram incitá-lo à leitura das obras. Os comentários mesclam pontos doutrinários com resumo dos enredos e cumprem o papel de fazer com que, por meio de advertências bem marcadas, o leitor entenda o que é correto ou não na vida, a fim de refletir sobre suas ações. A propaganda dos romances destaca para o público o bom uso do livre arbítrio como determinante para o êxito da caminhada à evolução espiritual. Nestes comentários, é possível verificar a visão proselitista da revista *Reformador*.

Desde o século XVIII e adentrando pelo século XIX, o gênero romance sempre esbarrou com obstáculos produzidos por alguns segmentos religiosos e moralistas, sobretudo o católico, que via nessas produções a ruína moral do homem. Mesmo os romances regidos pelo vínculo doutrinário não eram legitimados pelos religiosos como portadores da remissão dos pecados. Na tese de doutorado de Germana Maria Araújo Sales (2003), intitulada *Palavra e sedução, uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*, observamos que os romances até a segunda metade do século XIX representavam um gênero marginal, ou seja, não eram considerados textos nobres literariamente como as poesias e os textos clássicos (SALES, 2003, p. 17). Dessa forma, para os religiosos desse período, somente a leitura de textos cristãos poderiam promover a moralização da sociedade. Não admitiam que por meio de romances espíritas pudesse existir algum caminho para a Salvação. Essas narrativas simbolizavam a

concorrência com os livros adotados pelos grupos religiosos e por mais que veiculassem uma mensagem moralizante, estes grupos alegavam que os erros vividos pelos personagens incitavam ao pecado. Os representantes religiosos procuravam de alguma maneira desqualificar os romances espíritas, alegando que o público leitor criaria uma empatia apenas com as cenas degradantes inseridas nas narrativas, o que lhes causaria a desestabilização da saúde espiritual. No entanto, ainda que fossem criadas barreiras para a difusão desses romances, o gênero suplantou as leituras ortodoxas religiosas e se firmou na cena literária do século XIX, no Brasil, como um veículo possível de aprendizado doutrinário.

No cenário espírita nacional do século XIX, inicia-se a fase das traduções romanescas. A revista *Reformador* abriu espaço para a divulgação dos romances espíritas com a propaganda de *Miretta*, romance estudado por Kardec como vimos no capítulo 2, e traduzido no Brasil por A. J. Ferreira. Apesar de não ser mediúnico, o romance *Miretta* abriu caminhos para a crítica espírita de romances.

Vejamos a nota divulgada pela revista da FEB⁸⁶:

É o título de um antigo e bello romance, escripto por Elias Sanvaje, e que o nosso irmão em crença Sr. A. J. Ferreira acaba de traduzir e mandar publicar em idioma portuguez. Para recommendar sua leitura, basta dizer-se que esta foi uma das obras a que Allan Kardec fez honrosas referencias em sua *Revue Spirite* (REFORMADOR, 1898, p. 3).

Dos esforços da FEB para manter a integração doutrinária, vão decorrer duas consequências: o despontar do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes como personalidade que irá apontar os rumos para o desenvolvimento do Espiritismo no Brasil e o proliferar dos romances espíritas divulgados pela revista *Reformador*.

A adesão de Bezerra de Menezes ao Espiritismo começou em 1886. A partir dessa data, ele imprimiu grande fôlego às produções doutrinárias e aos romances. Entre os anos de 1890 e 1891, período em que foi vice-presidente da FEB, traduziu o livro *Obras Póstumas* de Allan Kardec. Após um período de afastamento, reassumiu a FEB em 1895 até o ano de sua morte em 1900. No período em que foi presidente da Federação, foi redator-chefe da revista *Reformador* e passou então a escrever livros doutrinários e romances que se tornariam célebres no meio espírita. Destacamos que Bezerra de Menezes utilizou o pseudônimo jornalístico Max

⁸⁶ Destacamos que foi nossa opção manter a grafia da época nos comentários críticos transcritos.

ao escrever seus romances. Havia também outro adotado em artigos, mas menos usado: Frei Gil.

Totalizando, foram onze romances: *A casa assombrada* (2010); *Lázaro, o leproso* (2010); *História de um sonho* (2010); *Casamento e mortalha* (2010); *Evangelho do Futuro* (2011); *A pérola negra* (2011); *Os carneiros de Panúrgio* (2011); *Libânio, o louco* (2014); *Os mortos que vivem* (2014); *Segredos da natureza* (2014) e *O banido* (2014). Podemos dizer que Bezerra de Menezes, ao produzir uma literatura romanesca, restringiu-a apenas a uma atividade inventiva para defender suas posições e preceitos espíritas, ou seja, seus romances não eram mediúnicos. Embora não tenha psicografado nenhum romance, Bezerra de Menezes inaugurou uma nova fase da literatura espírita brasileira. Dissemina-se nas páginas da revista *Reformador*, a partir desse trabalho pioneiro de Bezerra de Menezes, uma série de ensaios sobre a produção romanesca espírita.

2.7.1 Romances mediúnicos traduzidos

Em janeiro de 1902, a revista *Reformador* publica artigo do cronista cognominado “Laercio” sobre o romance mediúnico *Marietta*, psicografado pelo médium Daniel Soares Artazu. Não há referência à autoria espiritual nos comentários. A obra foi publicada por Visconde de Torres Sonalot e traduzida sob os auspícios da Federação Espírita Brasileira da 5ª edição espanhola. Vejamos o que o cronista relata sobre o romance:

Effectivamente ha n'esse livro, burilado em um estylo de exhuberancia litteraria, que apenas surprehenderá aos que desconheçam os opulentos primores que caracterizam as produções vindas á luz na pátria de Cervantes, ao lado do interesse crescente de uma narrativa profundamente emocional, paginas admiraveis de uma philosophia que, para se fazer digna de meditação e obrigar ao estudo, basta inspirar-se no conhecimento da psychologia humana e nos ensinios da Revelação spirita, cuja concepção geral nenhuma restricção poderia oppôr aos conceitos alli vigorosamente emittidos.

A par d'isso, os trechos descriptivos que, não raro, se succedem, postos em relevo por um colorido, ora energico e brilhante, ora revestindo tons de uma suavidade encantadora, põem ás vezes o leitor em presença de coisas que são uma verdadeira revelação, mesmo para os estudiosos, como esse admirável capítulo “O Mediterraneo e os fenômenos da luz” cujo alcance não sabemos se por muitos será atingido.

Girando em torno de episodios que constituiram a existência passional de dois espiritos n'este mundo, é o livro um composto dos dictados d'esses dois espíritos – Marietta e Estrella – personificando este os sentimentos da maldade, de que já se havia

despojado, ao vir inspirar os dictados que lhe pertencem n'essa narrativa, e penitenciando-se assim, humilde e arrependido, das suas crueldades, de cujo fundo sombrio se destaca a silhueta angélica de Marietta, ainda realçada pela doçura dos seus ensinamentos, nas paginas que inspirou, por sua vez.

Como produção de fonte espiritual, o que além d'isso atesta a origem d'esse livro é ter sido dictado a um médium de mediocre cultura litteraria, e cuja capacidade jamais se permitiria a vigorosa contextura que acentua as suas linhas magnificas.

E, todavia, como que para assignar o cunho de imperfeição, a que não escapa nenhuma produção humana, mesmo oriunda d'aquella fonte, devemos dizer, com a sinceridade e independencia a que temos habituado os leitores d'esta secção, que, a par de tantas bellezas que lhe asseguram excelente logar na litteratura spirita contemporanea, não está essa obra isenta de defeitos. Passando mesmo em silencio a estructura romantica, que para o fim se perde em uma vaga nebulosidade, sem desfecho, não podemos deixar de assignalar a accentuada melancolia de que se revestem as suas paginas, a partir de um certo ponto, melancolia que se vai tornando tão carregada, á força de desolação, que, ao terminar essa leitura, debalde tentará o leitor se subtrahir á impressão esmagadora e afflictiva com que o final do livro acabrunha.

É que, a desdobrarem, como um fecho magnifico, que tão apropositadamente o poderia completar, as consoladoras perspectivas em que a doutrina nos envolve as realidades da outra vida, os autores-espíritos preferiram circumcresver a acção ao domínio pungente das expiações, em que se detiveram, deixando que a imaginação do leitor versado no conhecimento da doutrina suppra o que lhes aprouve sepultar no silencio, isto é: a reunião das almas, que n'aquelle drama figuraram, em um largo amplexo, tocante e emocional, em pleno ether, depois das sombrias vicissitudes que na terra supportaram, o que, de resto, seria uma doce compensação aos seus martyrios e, sobre ser uma sancção dos ensinamentos spiritas em tal sentido, teria a vantagem de impressionar muito mais agradavelmente o espirito do leitor, mesmo versado na doutrina. Porque aos profanos, nem aquelle conforto restará. E receamos bem que no animo d'estes possa a deficiencia que indicamos produzir impressão bem differente da que visou o editor hespanhol, contando, sem duvida, com essa publicação attrahir proselytos ao conhecimento da Boa Nova.

O que, em summa, resalta d'esse livro, no ponto de vista das leis moraes a que estão submettidas as creaturas, e cuja revelação nos trouxe o spiritismo, é a applicação da Justiça inflexível, mediante a qual assistimos á punição de um espirito culpado, o que, como se vê, em nada discrepa dos ensinamentos relativos a taes leis. Mas porque aos olhos do leitor se subtrahem as compensadoras alegrias com que, necessariamente, foram galardoadas os que amaram, soffreram e progrediram na terra, pela humildade de coração e pela perserverança na virtude? Assim completado o plano da obra que, a nosso ver, ficou em meio, outra seria a impressão, ao terminar sua leitura. E melhor serviço, por esse modo, seria prestado á propaganda.

Tal é a opinião do chronista, cuja preocupação, alheia á crítica, para que lhe fallece competencia, foi antes de ser sincero, dizendo não sómente todo o bem a que faz jus, no esplendor das suas linhas geraes, o *Marietta*, mas offerecendo os reparos que a sua leitura suggeriu (LAERCIO, 1902, p. 4).

Outro romance mediúnico traduzido que ocupará as páginas da revista *Reformador* será *A Vingança do judeu*, obra inaugural da coleção de uma série de romances pelo espírito J. W. Rochester, psicografado pela médium russa Wera Krijanowski⁸⁷, no início do século XIX. Foi publicado pela livraria Garnier e traduzido em 1902, mas, como ainda era costume à época, não

⁸⁷ A médium Wera Krijanowsky recebeu uma sólida instrução no Instituto Imperial de São Petersburgo, mas não se aprofundou em nenhum ramo do conhecimento. Segundo a imprensa europeia, sua mediunidade “consistia, principalmente, da escrita mecânica” (CHINELLATO, 1989, p. 24).

há registro de quem realizou sua tradução. Possivelmente o grupo liderado pelo então presidente da FEB Manoel Quintão e seus colaboradores entre eles Guillon Ribeiro são os responsáveis por esta tradução. De acordo com os comentários da seção *Bibliographia* da revista *Reformador*, o romance é:

(...) vasado nos moldes de um romance, demonstrativo “dos preconceitos de raça e da influencia benéfica da doutrina espirita sobre a vida social”, o seu merito resulta não sómente do proprio thema n’elle desenvolvido e dos seus interessantes episodios, como do nome que o subscreve, e que pertenceu a um dos mais eruditos e festejados escriptores, cujas faculdades, brilhantemente desenvolvidas na vida espiritual, encontraram para as attestar essa preciosa mediunidade mecanica da Sra. Krijanowsky, graças á qual o pensamento do autor nada soffreu em sua espontaneidade e colorido.

Não é, pois, essa obra menos recommendavel que a precedente á atençaõ das pessoas desejosas de instruir-se no conhecimento da revelação espirita e das suas leis, sob um dos seus aspectos mais interessantes (REFORMADOR, 1902, p. 123).

Observemos que na contracapa do romance explica-se que a “Obra mediúnica é do Espírito do Conde J. W. Rochester” e foi obtida pela Sr^a. W. Krijanowsky - médium mecânico”. Parece-nos que a ênfase dada à mediunidade mecânica de Krijanowsky vinha com a intenção de afastar qualquer possibilidade de participação intelectual dela na produção do livro. O prefácio do tradutor, que, segundo vimos, não está identificado, persegue a mesma atitude editorial: a princípio, o leitor tem a informação da autoria espiritual “John Wilmot, Conde Rochester, célebre almirante sob reinado de Carlos II, da Inglaterra, foi em vida autor de diversas poesias mui estimadas sob o ponto de vista literário, viveu e morreu jovem ainda, no século XVII (1647-1680)” (Krijanowsky, 1938, p. 8). Em seguida, há a apresentação do autor empírico, W. Krijanowsky “(...) jovem filha de família russa mui distinta. Não obstante ter recebido no Instituto Imperial de S. Petersburgo uma sólida instrução, ela não se aprofundou em nenhum ramo de conhecimentos” (Krijanowsky, 1938, p. 8). Essa última informação “Não se aprofundou em nenhum ramo de conhecimentos” reforça a alegação da autoria espiritual da obra. Os dados sobre Krijanowsky enfatizam seus dons mediúnicos: “Sua mediunidade, segundo podemos saber pelas revistas europeias, consiste principalmente na escrita mecânica e no automatismo lhe é tão caracterizado que a sua mão traça as palavras com uma rapidez vertiginosa, com uma inconsciência completa de ideias” (Krijanowsky, 1938, p. 8). Outro dado importante para atestar a autoria espiritual do romance: na narrativa o componente histórico é relatado minuciosamente e denota (...) “conhecimento da vida e dos costumes antigos, trazem,

em suas minúcias, tal cunho de feição local e de verdade histórica, que será difícil ao leitor não lhes reconhecer a autenticidade” (Krijanowsky, 1938, p. 8). Dessa maneira conclui-se: como poderá ser negada a autoria espiritual da obra, diante dos detalhes e da precisão histórica do ambiente, das ações e dos costumes da sociedade da época? Todas essas observações referentes ao romance foram reunidas para afastar as dúvidas do leitor e estabelecer o pacto de leitura, centrado na responsabilidade autoral da obra: o “espírito” do conde Rochester. A ideia era que a médium Krijanowsky fora apenas um instrumento.

O romance mediúnico *Memórias do Padre Germano*, assinado por Amália Domingo Soler, teve sua primeira divulgação inscrita no catálogo da FEB em setembro de 1914. Na edição de 1918 da revista *Reformador*, à qual tivemos acesso, há um artigo crítico sobre a obra e a menção de que foi o Sr. Geminiano Brazil quem convenceu Manoel Quintão a traduzir o romance:

A nossa livraria, vencendo dificuldades faceis de imaginar em época como a que atravessamos, acaba de receber a segunda edição desta magnífica obra mediumnica. Trata-se, na verdade, de um dos melhores tesouros de ensinamentos e consolações, que o intercambio espiritual tem produzido.

“Memórias do Padre Germano” são uma serie de communicações recebidas pela nossa irmã Amália Soler (hoje desencarnada) no Centro Espirita “A Boa Nova”, da ex-villa da Gracia, Hespanha.

O Padre Germano, sacerdote christão na mais lata accepção do termo, sujeito á férrea disciplina canonica dos tempos do obscurantismo em que perlustrou a terra, medium de altas e poderosas faculdades, vem contar trechos da sua existência, profundamente lyricos, uns, grandemente dramaticos, outros, todos, porem, perfumados de uma crença superior, tanto mais admiravel quanto incomprehendida dos seus coevos.

Suspeitado, perseguido, desterrado, em luta aberta, e franca com os grandes e poderosos, elle nos demonstra como venceu o mundo pela fé e pela caridade.

Nosso saudoso companheiro Dr. Geminiano Brazil, que foi quem induziu o nosso Director a traduzir esta obra, tinha-a como seu livro de cabeceira, porque, dizia, nunca o seu espirito, ao fim de um dia de trahalho exhaustivo, ao folhear-lhe as paginas emotivas, deixou de repousar tranquilo, acalentado por – não sabia – que doces cavatinas de esperanças.

Traduzia bem, ou antes, bem synthetisava assim o valor maior da obra, que nas suas paginas tem olencias brandas, amavios suaves, que são aromas estonteantes e improvisos.

Não obstante, ha personagens e scenas de uma tonalidade forte, que ficam com traços de vivida realidade.

Do cunho moral da obra, não diremos senão que é um Evangelho romantizado. Não ha, em todo elle uma phrase, um conceito de timbre duvidoso; e em torno dos problemas que adduz, deixa sempre uma conclusão luminosa que pode ser havida como phanal seguro aos que estas veredas sinuosas collimam o mesmo pouso de salvação.

Para concluir: - o maior elogio que podemos fazer a “Memórias do Padre Germano” é consignar que, sem ser um livro orthodoxo, tem convertido muita gente ao Espiritismo, tanto quanto tem consolado a irmãos outros, de outros credos, porque foi dictado em nome d’O Christo, para todos os que amam e soffrem.

Questões religiosas a miude suscitadas entre estudiosos, como o baptismo, a confissão, as festividades onomaticas da Egreja; e questões sociaes como pauperismo, o direito penal e outras, são pelo formoso espirito do Peregrino sacerdote

medieval encaradas com uma elevação de vistas incontestável e inteiramente de acordo com as correntes do pensamento contemporâneo.

Dando esta notícia aos nossos leitores, congratulamo-nos conosco mesmo em poder espalhar estas fecundas sementes de consoladoras verdades, em tempo de tanta angústia e desolação.

E, já agora, não calaremos que esta segunda edição foi expurgada de senões e lacunas que a primeira comportara, attento o atropelo com que foi lançada (REFORMADOR, 1918, pp. 268-269).

Como vimos, Manoel Quintão, então presidente da Federação, foi o tradutor da obra. Soler, médium espanhola, no prefácio da edição de 1923, diz que as *Memórias do Padre Germano* começaram a ser publicadas em 29 de abril de 1880, no jornal espírita *A Luz do Porvir* e só depois foram reunidas em livro. Soler esclarece ainda que a história do romance foi obtida em sessões mediúnicas do Centro Espírita Boa Nova, na antiga vila espanhola de Grácia, hoje Distrito de Barcelona. A princípio, o romance teria sido recebido oralmente por um médium inconsciente e só depois grafado para ser publicado. A autora elucida também que coube a ela fazer as anotações e publicá-las em formato de folhetim primeiramente e em seguida como romance. Soler trabalhou como médium na redação dessas memórias até 10 de janeiro de 1884.

Em relação ao romance *Memórias do Padre Germano* consideraremos ainda alguns dados importantes. Em nota introdutória, Soler afirma não ser a autora. Ela atribui a autoria ao espírito cognominado Padre Germano e com essa atitude confirma a tendência dos médiuns de admitirem ser somente instrumentos para a materialização das obras. O romance configura-se em formato de coletânea de mensagens autobiográficas. Dessa forma, a narrativa apresenta-se como um relato verídico, baseada nas experiências sacerdotais do Padre.

Em 1932, o espírito Padre Germano reatualiza suas memórias, por meio de novas mensagens psicografadas pelo então desconhecido Chico Xavier, pois ainda não havia sido lançada a antologia *Parnaso de Além-Túmulo*. Esses novos relatos, sob o título “Recordações” foram publicados pela FEB na revista *Reformador* durante um ano, entre 16 de fevereiro a 16 de março de 1932. Vejamos a apreciação veiculada sobre as mensagens, na edição da revista de fevereiro de 1932:

Esta página de recordações da terra, preñe de emoções vivíssimas e de profundos ensinamentos, páginas de cujo sabido valor dirão os leitores a quem a oferecemos, certos de que eles saberão apreciá-la devidamente, dictou-a o Espírito que foi entre os homens o Padre Germano. Serviu-lhe de instrumento médiumnico o nosso jovem irmão Francisco Cândido Xavier, de Pedro Leopoldo, Minas, a cuja médiumnidade devemos a belíssima poesia do Espírito de Guerra Junqueiro – O Padre João – publicada no *Reformador* de 1 de dezembro do anno passado, e muitas outras, dos maiores poetas, brasileiros e lusitanos, as quaes, reunidas em volume, serão breve entregues à publicidade, pela Livraria da Federação (REFORMADOR, 1932, p. 89).

Interessa-nos registrar aqui que “Recordações”, considerada a primeira narrativa em prosa recebida mediunicamente por Chico, desenvolverá uma temática que será recorrente nos posteriores romances psicografados pelo médium: a reencarnação. As reminiscências abordam novamente a experiência do Padre Germano relacionada ao sacerdócio. Em uma extrema-unição, Padre Germano descobre que a condessa de sua paróquia envenenara o marido com a ajuda de seu amante, o médico da localidade. O viés principal será a reencarnação da condessa que será marcada por grandes sofrimentos, devido ao homicídio cometido na vida pregressa: defeitos físicos, privações materiais, solidão, desprezo no convívio social. O marido assassinado reencarna como seu filho, para resgatar os afetos rompidos por ela na última existência. Contudo, a criança morre em um acidente e a antiga condessa sofre assim o derradeiro suplício de sua vida. O retorno ao mundo espiritual, após anos de sofrimento com a morte do filho, restitui à condessa a oportunidade de evolução com a nova realidade *post mortem*. Podemos dizer que há partes embrionárias, relativas ao retorno dos personagens ao mundo espiritual e o modo como vivenciam essa nova realidade, que serão vistas e consolidadas apenas no romance *Nosso Lar*, editado em 1944.

Outros trabalhos mediúnicos marcariam a história dos romances no Brasil. O romance *Barqueira do Júcar*, também conhecido pelo título de *O Inferno*, surgiu como novela mediúnica e foi traduzido por Guillon Ribeiro. A revista *Reformador*, na seção *Bibliographia* de 16 de julho de 1932, anunciava a primeira publicação pela FEB do original do romance psicografado:

A livraria da Federação Espírita Brasileira acaba de editar a novela que com o nome acima, foi recebida mediumnicamente, no Grupo “la Paz”, de Barcelona, no ano de 1870. O grupo era dirigido por Fernandez Colavida, um dos grandes pioneiros do Espiritismo, e o médium que recebeu o interessante romance, chamava-se Aquino. A novela já foi publicada em diversos números do *Reformador* e a procura que esta revista teve na ocasião, especialmente pelos que acompanhavam a narrativa, mostrou o interesse que ela havia despertado no público, mesmo entre os que ainda não aceitavam o Espiritismo. Diante da manifesta curiosidade que o aludido trabalho provocou e das constantes reclamações dos leitores, muitos dos quais não conseguiram ter completa a coleção do *Reformador* em cujos números saiu publicada a “Barqueira”, ficou resolvido que seria ela editada em livro, o que acaba de realizar-se para gaudío dos amantes do romance espírita. A *Barqueira do Júcar* vem, pois, aumentar a coleção romântica das obras mediúnicas, gênero da literatura bastante apreciado entre nós, o que é facilmente verificável, pelas sucessivas edições que se têm feito das referidas obras românticas, as quais, imediatamente, se esgotam. O trabalho que vem de ser impresso não é inferior em nada aos que o tem precedido, sendo seu enredo assaz empolgante e sobremaneira elevada a filosofia que encerra. Nota que merece destacada é a de que a obra foi traduzida do espanhol por Guillon Ribeiro, o que importa dizer que, além do fundo atraente, ela prima pela forma (...) (REFORMADOR, 1932, pp. 392-393).

Pelos comentários sobre o romance *Barqueira de Júcar*, recebido (...) “mediumnicamente, no Grupo “la Paz”, de Barcelona, no ano de 1870”, percebemos que a psicografia de romances já era atividade praticada pelos europeus desde então. No Brasil, somente em 1930 inicia-se a tradução e publicação pela revista *Reformador* dessa obra em folhetim. Mais tarde, devido ao sucesso, ela é transformada em romance, gênero preferido dos leitores. A identidade do autor espiritual não foi divulgada, pelo menos não nestes comentários críticos da revista. Sabemos que é um romance mediúnico, devido à informação do comentarista que revela o nome do médium pelo qual o livro foi ditado e também devido à afirmação de Colavida que assegura não ser o autor do texto. Estabelece-se então o pacto de leitura, em que o leitor concebe as informações, com base nos depoimentos do dirigente da casa e se solidariza com a leitura da obra.

2.7.2 Romances psicografados no Brasil

Os romances psicografados, no Brasil, surgiram invariavelmente com uma finalidade específica. Esta finalidade, por sua vez, derivou de um conjunto de objetivos e expectativas dos editores que, conforme mencionamos, eram as vozes que faziam vir à lume a intenção do autor espiritual: induzir os leitores à reflexão sobre a existência na perspectiva espírita. Norteados por esses princípios, em novembro de 1907, a revista *Reformador* veicula o artigo intitulado “Do Calvário ao Apocalypse”, que comenta o romance mediúnico *Do Calvário ao Apocalypse*, cuja autoria espiritual é atribuída a Bittencourt Sampaio.

Acêrca d’esta importante obra mediumnica, dictada pelo espirito de Bittencourt Sampaio e recebida no “Grupo Ismael”, externou a seguinte apreciação o nosso collega da *Evolucion*, de Barcelona: “Este livro, que conta de 291 paginas, merece a atenção de todos os adeptos da nossa doutrina. Consiste num detido estudo dos Evangelhos, o qual vem pôr em destaque a magnificência das doutrinas christãs, unidas à fé e à razão.

“O que dá maior merito a este trabalho são os commentarios que se fazem acerca de cada um dos assumptos de que trata, entre os quaes uma boa parte é formulada em favor da caridade, do progresso, da paz e da relação que existe entre os seres incarnados e seus afins do espaço, sendo ao mesmo tempo combatidos com verdadeiro calor todos os abusos commettidos em nome de ideal que sustenta (REFORMADOR, 1907, p. 347).

Na propaganda do romance *Do Calvário ao Apocalipse*, percebemos que a autoria empírica da obra não é divulgada, há somente a citação de que foi recebido pelo Grupo Ismael e apreciado por um confrade espírita de Barcelona. Observamos, nos comentários do crítico, que o romance volta-se para a divulgação de exemplos trazidos pelas lições e pelos princípios do Evangelho, ofertados aos leitores pelo espírito Bittencourt Sampaio. Esta obra tem a finalidade de servir de roteiro e fonte de inspiração, para que o homem conduza a sua vida em termos morais.

Outro trabalho psicográfico expressivo de romances foi o da juiz-forana Zilda Gama (1878-1959). Gama foi considerada a primeira médium, no Brasil, a receber uma vasta literatura do mundo espiritual e a inaugurar um novo ciclo para a literatura mediúnica. Inicia-se na psicografia em 1912, quando psicografa uma mensagem, cuja autoria foi atribuída a Allan Kardec. O codificador, segundo os espíritas, será seu mentor durante quinze anos. Em 1916, conforme relatório biográfico ao qual tivemos acesso⁸⁸, psicografa seu primeiro romance *Na Sombra e na Luz*, pelo espírito Victor Hugo. É importante destacarmos que a FEB publicou de 1916 a 1946, sob a tutela do mesmo Espírito Victor Hugo, os romances *Do Calvário ao Infinito* (1922), *Redenção* (1929), *Dor Suprema* (1939) e *Almas Crucificadas* (1946).

Quanto ao primeiro romance mediúnico de Zilda Gama, os minuciosos comentários inseridos na revista *Reformador*, revelam claramente o cunho pedagógico adotado pela crítica a fim de aproximar o leitor do texto da médium. Reproduzimos as partes mais expressivas, voltadas para a crítica do romance. O primeiro comentário do artigo de julho de 1918, da coluna *Echos e Factos* da referida revista, informa o início das vendas do romance na livraria da Federação. O texto faz observações do novo romance e expõe a questão autoral da obra:

⁸⁸ Em 1931, quando no Brasil houve intenso movimento em prol dos direitos femininos, Zilda Gama foi autora de tese, aprovada oficialmente, sobre o voto feminino, no Congresso Nacional. Essa tese influenciou na Constituição de 1932, a partir da qual a mulher teve reconhecido o seu direito de votar (Federação Espírita do Paraná - FEFP). **Jornal Mundo Espírita**, de agosto de 2015. Disponível em: <www.mundoespirita.com.br/?materia=zilda-gama>. Acesso em: 20 abr. 2016).

Zilda Gama escreveu contos e poesias para vários jornais, destacando-se o *Jornal do Brasil*, a *Gazeta de Notícias* e a *Revista da Semana*, todos da antiga capital federal. Exerceu o jornalismo profissional em jornais de Juiz de Fora, Ouro Preto, São Paulo e Rio de Janeiro. Os livros mediúnicos psicografados por Zilda Gama fizeram época na literatura espírita. Outras publicações produzidas pela sua mediunidade: *Solar de Apoleo*, *Na Seara Bendita*, *Na Cruzada do Mestre* e *Elegias Douradas*. Didata por excelência, organizou os seguintes livros: *O Livro das Crianças*, *Os Garrotilhos*, *O Manual das Professoras* e *O Pensamento* (“Zilda Gama”. Disponível em: <<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/zildagama>>. Acesso em: 25 jun. 2016).

Talvez em o proximo numero do *Reformador* possa a Livraria da Federação anunciar a venda de uma novella espirita intitulada “Na Sombra e na Luz”.

Entre as já numerosas obras ditadas do mundo invisivel por esclarecidos e altos espiritos, sempre empenhados em banhar de luz os nossos, que nas trevas da ignorancia ainda se debatem ávidos de esclarecimentos acerca da vida no além, a novela “Na Sombra e na Luz” occupará logar saliente, pelos modos originalíssimos em que é vasada. Seu autor como que nos quis offerecer palpitante exemplificação da maneira por que se executam as leis divinas, que a revelação espirita veio tornar conhecidas da humanidade terrena, de reencarnação, de expiação e reparação, de progresso animico.

Ditou-a um espirito que disse ser o do grande Victor Hugo. Para nós outros espiritas, essa questão de nomes, sobretudo em se tratando de espiritos elevados, é absolutamente secundaria, pois bem sabemos que nas eminencias da espiritualidade os nomes se apagam, por inuteis entre seres irmanados e unificados no amor do bem, no cultivo das mais excelsas virtudes e no devotamento ás ovelhinhas retardatarias no immenso rebanho de Jesus, á frente do qual elles caminham, mostrando ás demais as veredas que levam ao aprisco do divino pastor.

Errados andam os que, espiritas ou não, aquilatam do valor de uma mensagem ou de uma obra vinda do Além pelo nome que a firma. A medida desse valor temol-a unicamente na profundidade, na elevação, no cunho de profundidade moral que apresentam os conceitos ou os ensinios que a obra ou a mensagem contemham.

Applicada essa medida á novela “Na Sombra e na Luz”, forçoso se torna reconhecer-lhe elevada origem.

Fazendo-nos acompanhar um pequeno grupo de espiritos, durante largo trecho do seu jornadaer infinito pela via do progresso, ora encarnados na terra, ora livres no espaço, ella nos traça como que um graphico das expiações de grandes crimes e do processo pelo qual se opera e redempção das almas e a sua ascenção na intermina escla espirital.

Tem ainda um aspecto de particular e momentoso interesse. Mostra-nos, nesta hora em que as paixões patrioticas avassalaram o mundo, como o espirito, evoluindo, se liberta do predomínio do amor patrio, modelo ainda acanhado do amor universal, enchendo-se de igual amor, já mais proximo do amor supremo, a todas as fracções da humanidade.

D. Zilda Gama, distinctissima professora em Minas Geraes, foi a medium que serviu á execução dessa obra, que a Federação tomou a si editar, certa de concorrer para o enriquecimento da bibliografia espiritalista, offerecendo aos espiritas do Brasil um livro de agradável, instructiva e reconfortadora leitura (REFORMADOR, 1918, p. 220).

O romance *Na Sombra e na Luz* ganha destaque em outro artigo de dezembro de 1918, da coluna *Echos e Factos* da revista *Reformador*. Comenta-se que

(...) O livro encanta de começo ao fim, banhando a alma do leitor de esplendorosa luz que transcorre incessantemente da profundidade moral que é o expoente máximo de seu escopo.

De toda a oportunidade é essa novella nesta prova historica em que a maior das guerras divide em campos oppostos o sentir e o pensar do homem, filho da terra.

Ella é a historia de tres individuos que se acharam aqui divididos por uma convenção, separados por uma raça, em cujos corações se radicou o odio filho de preconceito tendencioso ao predomínio e por cuja razão tombaram na sepultura todos tres: dois na mais dolorosa das condições – o suicídio – e o terceiro varado pela arma fraticida em um duello de morte.

Este é o producto da Terra, que é treva, ignorancia – Sombra.

Na luz, isto é, no espaço infinito – se desenrola, então através de um caridoso trabalho do guia espiritual, todo o tenebroso passado recente e remoto, o ajuste de contas da sublime justiça, na grande cadeia das existências multiplas dessa trilogia de dôr.

Entre descrições interessantíssimas da pátria espiritual que nos aguarda, desenvolve o espirito protector tão belas lições e tão estupendos ensinamentos, que o nosso sêr é como que transportado a essas regiões celestes haurindo por momentos as delicias da felicidade e as fragancias perfumosas da maior ventura.

Ante as grandezas a conquistar, mostra elle os erros, quedas e crimes que deram causa á fallencia e infortunios dos tutelados. Pinta com côres tão vivas e razões tão solidas a sabedoria infinita e misericórdia absoluta, que a pobreza do nosso intellecto a não pôde resumir nestas ligeiras e modestas linhas.

Ante a grandeza do amor do Pae Celestial ligeiramente observada pelos culpados, eil-os reanimados, fortalecidos e promptos para a volta ao ergastulo da carne, á dolorissima expiação.

Foi na gloriosa França, o novo berço offerecido aos tres naufragos da onda revolta das paixões desordenadas.

Cégo um e todos açoitados pela miséria a mais dolorosa, marcharam no entanto, dentro da lei, que é humildade e resignação, fieis ao compromisso tomado com o seu guia em nome do Pae de Infinita Misericórdia.

Não falliram, pois; e por isso na volta á Luz, são todos festejados lá na pátria verdadeira, com a alegria perfeita e a intima satisfação do filho prodigo, descripto na parábola de N.S. Jesus Christo.

É um livro de alto valor moral, cuja leitura enleva a quantos tenham a ventura de o conhecer; é um bello subsidio para levar ao espirito do desterrado deste mundo a fé viva de que ele tanto carece e a esperança de gosar em breve as harmonias divinas que elle nos pantenteia. É finalmente uma obra digna do esclarecido espirito a que é attribuida (REFORMADOR, 1918, pp. 381-382).

Em janeiro de 1919, a revista *Reformador* registra que “O nosso brilhante confrade Dr. Henrique Zamith dedicou ao magnifico livro *Na Sombra e na Luz*, psychographado por d. Zilda Gama, um bellissima chronica literária (...)”. Transcrevemos a seguir trechos relevantes da crônica:

A literatura psychica acaba de ser enriquecida com mais uma obra de grande merito, sob qualquer ponto de vista o que constitue um conjunto de paginas admiraveis, onde, a cada passo, fulge a luz forte da verdade, clareando as trevas que embotam a humanidade tropega, que caminha, atravez o imenso sahara da vida, incerta e vacilante.

É bello livro. Livro cheio de matizes encantadores, de ensinamentos profundos, de uma philosophia sã, extravasando essa moral consoladora que se transfunde, a cada momento, das passagens do Evangelho, unico phanal que nos surge no meio do tumultuar incessante da luta pela vida, em que quasi sempre no sobram incertezas e decepções. (...)

Na Sombra e na Luz é uma novella interessante, cujo entrecho agrada sobremaneira, além de escripta em um estylo suave e encantador.

O facto de ter sido dictada no mundo invisivel, não deve surprehender, porque hoje está mais que provada, scientificamente, a relação entre os dois mundos, mas para aquelles que desconhecem a doutrina espirita, poderá trazer ao canto dos labios um riso amarelo de descredito.

Não importa. Para esses terá valor como joia literaria que surge, ao passo que, para os que estudam o psychismo, esse livro se apresenta sob o duplo aspecto de literatura e doutrina.

Aquelles poderão não acceitar a sua transmissão por meio de um aparelho mediumnico, nem as suas conclusões, mas não poderão deixar de admirar as bellezas que encerra, tanto quanto estes se deleitarão, quer na magnificência litteraria, quer na sublimidade da doutrina que contem, porque *Na Sombra e na Luz* é um livro que, ao mesmo tempo, instrue e deleita.

No seu todo traz o nome de Victor Hugo, mais isto, porém não importa áquelles que conhecem a philosophia codificada por Kardec, sendo-lhes merito apenas, além da belleza litteraria, o ensino e as verdades apregoadas.

Na Sombra e na Luz é um livro que agrada desde a primeira pagina a ultima, pela beleza da frase construida, desvelado, cuidado e carinhoso engenho, caprichosamente burilada com arte, pelas colorações multiformes, suavidade, variação polychromica dos matizes, encantos differentes que, a cada passo, apparecem, pelo entrecho suave, cujos factos se vão desenrolando, naturalmente, diante dos olhos do leitor, como se reproduzidos numa tela cinematographica.

Por todas as paginas erra um perfume agradável, deixando-nos entrever o sentimentalismo de uma alma bôa devotada ao bem, ardentemente desejosa de caminhar para a Perfeição e de, nessa trajectoria, arrastar após si os seus semelhantes, irmãos que são todos, filhos do mesmo Pae Amantissimo e Eterno-Deus.

Ao iniciar a sua leitura, tem-se o desejo de chegar rapidamente ao fim, e, quando se o attinge, lamenta-se ter finalizado á ultima pagina. Tem-se, então, vontade de recommençar a sua leitura muitas vezes, porque ha ahi, além das bellezas literarias, além dos encantos naturaes da arte, a sublimidade dos conceitos, a magnitude dos juizos expendidos, que mostram ao homem a verdadeira trilha a palmilhar, para a escalada do Absoluto.

Nesse pelago immenso que é o mundo, onde as dores e as tristezas nos rodam a todo instante, onde só temos incertezas e soffrimentos, maguas e dissabores e onde a todo minuto nos apavora a idéa da morte, a leitura do *Na Sombra e na Luz* é um balsamo consolador ao nosso coração chagado; é um linitivo a todo o espirito que soffre, dando-nos a certeza de que a morte não é o espectro terrificante que nos amedronta, mas a libertadora da alma pela ruina do corpo.

Aquelles a quem na sua peregrinação terrena sobram agruras e desesperanças encontram nesse livro encantador uma nova fonte de energias para caminhar á conquista do Summo Bem; vêm; diante de si o phanal de uma epoca mais propicia; descobrem novos horizontes, mais bellos, paysagens mais pittorescas, oasis mais verdejantes, comprehendendo-se, emfim, que a morte é um transformista e que longo de ser o *somno eterno*, como dizem, *é o despertar da alma, constrangida no estojo carnal*.

Continúa a distincta psychographa a trabalhar, a lutar pelo aperfeiçoamento da humanidade, fornecendo-lhe obras do jaez do *Na Sombra e na Luz*, servindo de transmissora das mensagens do mundo invisivel, porque está escripto que *cada um receberá segundo suas obras, e fique certa que passarão os céus e a terra, mas minhas palavras não passarão*. Dizer, nesta chronica, que me encantou a obra psychographada pela senhorita Zilda Gama, é ridiculo, diante das palavras que ahi ficam; o que, porém, não será tolice, é dizer que encantaré a todos (ZAMITH, 1919, pp. 28-29).

A revista *Reformador* reproduz, em fevereiro de 1919, o artigo “Na Sombra e na Luz”, extraído do jornal *Gazeta de Leopoldina*, que ressalta as influências lítero-doutrinárias nas quais se baseou a educação espírita de Zilda Gama:

(...) Tendo lido e assimilado as obras philosophicas de Léon Denis, de Flammarion, de Paul Gibier, de W. Crookes, Gabriel Delanne e outros, teve sua fértil imaginação elevada á altura transcendental desses notáveis psychistas.

A cultura intellectual constituiu-se desde então, em Zilda, um aparelho psychico, forte pela penetração da intelligencia, brando pela sentimentalidade fraternal, e ainda eminentemente social pela acendrada dedicação ao problema da “*Regeneração humana*”, por meio do amor familiar, do amor patriotico e do amor divino, em um conjunto harmonico.

Tornou-se, portanto, um *aparelho psychico*, por assim dizer, realmente digno das sublimes inspirações de Victor Hugo ás quaes a erudita excriptora ajustou suas proprias aspirações, seus sentimentos sociaes e o brilho de suas armas, - intelligencia e coração, - contra os graves desvios que têm afastado, para muito longe, a concordia das pessoas e confraternização dos povos.

E assim, verdadeiro aparelho - psychico - afina-se, musicalmente falando, com as symphonias do amor humano e divino, simultaneamente, e nos apresenta, em sua novella original, o genio de Victor Hugo a se bater brilhantemente pelo engrandecimento moral do Homem.

A perfectibilidade humana, segundo o systema philosophico da autora, é continua no espaço e successiva em varias e multiplas manifestações ultteriores: - ascende sempre pelos degrãos da moralidade de cada um; o homem caminha incessantemente em busca do amor divino, sem deixar, com tudo, de prestar assistencia e conforto de espirito a outros seres humanos, dos quaes o aperfeiçoado se torna depois mentor.

Em torno desses principios corre o desenvolvimento da novella, cujos heroes nos apparecem sucessivamente, em tres phases evolucionaes, duas terrestres, com leves referencias a outras anteriores, e uma “astral”, a ultima.

A estreiteza de nossas columnas priva-nos do prazer de apresentar aos nossos queridos leitores um resumo da novella.

O poder de imaginação com que Zilda Gama descreve, em 325 paginas, o perenne evoluir de três pessoas entrelaçadas pelo destino, merece a nossa franca admiração; e procurando render uma justa homenagem ao seu mérito literário, confessamo-nos arrebatados por seu formoso talento (REFORMADOR, 1919, p. 65).

O romance *Do Calvário ao Infinito* de Zilda Gama também recebeu visibilidade na imprensa espírita e ocupou, em agosto e em novembro de 1922, as páginas centrais da revista *Reformador*. O artigo de agosto traz o parecer de Manoel Quintão a respeito do novo romance e o enfoque dado por ele à questão autoral da obra:

Tendo-me sido proporcionado o ensejo de opinar em primeira mão sobre o valor de outra obra identica, originariamente, nos seus meios como nos seus fins, permite-me (dirigia-se ao diretor da Livraria) achane o encargo dizendo que, do ponto de vista doutrinario, só me cabe confirmar, ampliando-os, os conceitos emittidos a respeito do *Na Sombra e na Luz*.

Naquele, como neste trabalho altamente romantico, o que para logo resalta é a impressão de que a contextura, o plano e o desdobramento da obra superam a vulgaridade intellectual do meio ambiente, para attingir a possibilidade de sua origem, ou seja, da que lhe attribue sua interprete mediumnica.

Fosse ella sua autora, simples e puramente, não haveria como negar-lhe o titulo de mais illustre e fecundo de nossas romancistas.

Para quem conhece e viveu em si a obra formidavel do Antheu da *Legende des siècles*, de *Notre Dame de Paris* e tantas obras primas do genio francez, não pode haver duvidas quanto aos traços accentuados de sua entidade, na perpetração destas duas obras. Falo, bem entendido, para os espiritas, que sabem nada haver de insolito nestas

demonstrações de além-tumulo. Dos outros, os scepticos, só conviria falar para inquirir de como explicariam o phenomeno. Nevrose, talvez, ou quiçá prodigios de sub-consciencia... Isto, os de boa fé, admittindo que os haja, pois os de má fé gritariam e talvez gritem – Impostura, farça!

Neste caso, a elles a glória da consagração de um astro de muita grandeza, na constellação da nossa litteratura e unico no genero, por mal delles.

Mas eu não creio que Zilda Gama, por mais cabedal litterario que lhe presumamos, escrevesse romances assim. Essa facundia de imaginação, essa subtileza de entrecchos, essa homogeneidade e firmeza de concepção, essa mobilidade de meios pela unidade de fins não se improvisam e são antes do tempo conquistadas demoradas de acerbo labor.

A qualquer dos mais dourados pavões litterarios do nosso tempo e do nosso meio, daria eu um anno para a gestação e outro para demonstração de obra semelhante e garanto que a não faria, tão opulenta e digna do seu paranymphe. Ainda porque, para tal, mistér lhe fôra fazer um estudo profundo e proficuo da doutrina espirita, em todos os seus matizes ascendentes e consequentes.

Nesses periodos, bem expresso se acha, sem que precisemos additar-lhes coisa alguma, quanto vale o *Do calvário ao infinito*, como obra de litteratura e como obra doutrinaria, como obra recreativa e como obra de educação moral. Lamentamos apenas que, para não ser confundida com outra já existente, tambem preciosissima e egualmente mediuimica – *Do Calvario ao Apocalypse* – ditada pelo elevado espirito de Bittencourt Sampaio, não houvesse a nossa prezada irmã acquiescido em fazer ligeira alteração, de nenhum modo prejudicial, no titulo da que vimos tratando.

Feito este ligeiro reparo, concluiremos apropriando-nos de mais estas palavras do companheiro a cujo parecer nos reportámos: ... o livro terá magnifica acceitação e não devemos perder de vista que esta – a romantica – é das melhores senão a melhor e mais fecunda fórmula de propaganda para educação dos lares pela mulher, o que vale dizer: das gerações que despontam para o acatamento integral da Verdade Espirita (QUINTÃO, pp. 319-320).

Em artigo de novembro de 1922 sem autoria esclarecida, intitulado “Do Calvário ao Infinito”, temos a seguinte observação sobre o romance:

(...) pois ha nesse livro farta messe de ensinamentos que muito aproveitam á alma, mórmente dos que se dedicam ás indagações da vida de além tumulo e, desejosos de contribuírem para os trabalhos espirituaes, na Vinha do Senhor, procuram conhecimentos que lhe facilitam o progresso moral. (...)

Do Calvário ao Infinito, como se o seu illuminado autor tivesse tido a preocupação de produzir um livro decalcado em conceitos identicos ao que vimos de transcrever, ampliando ao leitor o entendimento da vida futura e habilitando-o, pela boa orientação que transmite, á realização de uma existencia feliz na patria espiritual, evidencia, de modo seguro, irrefutavel, mesmo, que a justiça divina jamais deixa de intervir soberanamente em todos os departamentos da vida, onde quer que existam homens ou espiritos, incarnados ou desincarnados, estabelecendo laços de aproximação e de comunicabilidade entre todos os seres, da terra ao infinito, para que haja progresso, amor e sabedoria para todos e “não leis feitas para o forte em prejuizo do fraco”.

Do Calvário ao Infinito é, por consequente, uma novella que se impõe á leitura e á meditação de quantos se interessam pela verdadeira vida (REFORMADOR, pp. 460-461).

Ainda acerca da produção psicográfica de Zilda Gama, todos os outros romances já citados seriam também um sucesso literário. O trabalho mediúnico da mineira de Juiz de Fora seria superado apenas pelo confrade mineiro de Pedro Leopoldo, o então jovem Chico Xavier, que admitiu: “Quando ouvi falar a respeito dos romances mediúnicos recebidos pela médium Zilda Gama, cuja memória nós todos acatamos muito na Doutrina Espírita, eu senti aquele desejo de ser médium também de romances” (CHICO, *apud* GOMES, 2010, p. 40).

Percebemos, que a mediunidade ganha visibilidade na composição dos romances, porém a identidade do espírito comunicante nem sempre é revelada. A atitude de divulgar os nomes dos literatos famosos ganhará força com a psicografia do primeiro livro de Chico Xavier, *Parnaso de Além-Túmulo*. Os fatos referentes à identidade dos escritores na obra do médium mineiro serão estudados no próximo capítulo.

Diante de todos esses ensaios, veiculados pela revista *Reformador*, percebemos que a base argumentativa de todos eles se sustentava na exaltação das qualidades literárias das obras, como também nas virtudes pessoais e intelectuais de seus autores e tradutores. A ênfase nessas características delineava a intenção visível da FEB em divulgar os preceitos doutrinários espíritas de maneira séria e competente. Sem dúvida, esses romances nutriam um caráter pedagogizante, uma vez que, como vimos, em muitos dos artigos apresentados, havia a descrição comportamental de personagens, que poderia levar o leitor a refletir sobre seus erros e acertos. Ressaltamos ainda que, conforme citamos no início das discussões, os romances vinham com a missão de desmentir os segmentos religiosos que não os viam com autoridade para levar alento espiritual para os leitores e promover mudanças de atitudes. Contudo, esses romances foram considerados justamente instrumentos de moralização para os entusiastas articulistas da revista *Reformador*, segundo alguns, possivelmente mais poderosos do que outras produções.

3 CHICO XAVIER: A MEDIUNIDADE A SERVIÇO DA CONSTRUÇÃO DA LITERATURA ESPÍRITA BRASILEIRA

Deve haver algo de divindade no fenômeno Francisco Cândido Xavier, o qual, sozinho, vale por toda uma literatura.

Menotti Del Picchia

No introito da obra *Parnaso de Além-Túmulo*, Chico se apresenta aos leitores:

Nasci em Pedro Leopoldo, Minas, em 1910. E até aqui, julgo que os meus atos perante a sociedade da minha terra são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade; e creio mesmo que todos os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de árduas dificuldades, e mesmo de sofrimentos.

Filho de um lar muito pobre, órfão de mãe aos cinco anos, tenho experimentado toda a classe de aborrecimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome, porque a dor há muito já me convenceu da inutilidade das bagatelas que são ainda tão estimadas neste mundo. E, se decidi escrever estas modestas palavras no limiar deste livro é apenas com o intuito de elucidar o leitor, quanto à sua formação. Começarei por dizer-lhe que sempre tive o mais pronunciado pendor para a literatura; constantemente, a melhor boa vontade animou-me para o estudo.

Mas, estudar como? Matriculando-me, quando contava oito anos, num grupo escolar, pude chegar até ao fim do curso primário, estudando apenas uma pequena parte do dia e trabalhando numa fábrica de tecidos, das quinze horas às duas da manhã; cheguei quase a adoecer com um regime tão rigoroso; porém, essa situação modificou-se em 1923, quando então consegui um emprego no comércio, com um salário diminuto, onde o serviço dura das sete às vinte horas, mas onde o trabalho é menos rude, prolongando-se esta minha situação até os dias da atualidade. Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como o são as lições das escolas primárias. É verdade que, em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avesso à minha vocação para as letras, e muitas vezes tive o desprazer de ver os meus livros e revistas queimados.

Jamais tive autores prediletos; aprazem-me todas as leituras e mesmo nunca pude estudar estilos dos outros, por diferenciar muito pouco essas questões. Também o meio em que tenho vivido foi sempre árido, para mim, neste ponto. Os meus familiares não estimulavam, como verdadeiramente não podem, os meus desejos de estudar, sempre a braços, como eu com uma vida de múltiplos trabalhos e obrigações e nunca se me ofereceu ocasião de conviver com os intelectuais da minha terra. O meu ambiente, pois, foi sempre alheio à literatura; ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde se não pode pensar em letras (XAVIER, 2010, pp. 31-32).

Muito se escreveu sobre o médium. Da nossa parte podemos dizer que, do menino simples de Pedro Leopoldo ao médium candidato ao prêmio Nobel da Paz em 1980, os setenta

e cinco anos de mediunato de Chico foram bastante intensos e produtivos. Mas, de fato, quem foi Francisco Cândido Xavier ou simplesmente Chico⁸⁹?

Em nosso trabalho, não pretendemos realçar a biografia do médium. Aliás o próprio Chico, no introito do capítulo, fornece-nos parâmetros acerca de sua vida familiar “Filho de um lar muito pobre, órfão de mãe aos cinco anos”; profissional “trabalhando numa fábrica de tecidos, das quinze horas às duas da manhã” e “consegui um emprego no comércio, com um salário diminuto, onde o serviço dura das sete às vinte horas, mas onde o trabalho é menos rude” e, finalmente, de sua base intelectual “Jamais tive autores prediletos; aprazem-me todas as leituras e mesmo nunca pude estudar estilos dos outros, por diferenciar muito pouco essas questões”.

Aqui interessa-nos, então, os setenta e cinco anos de mediunato de Chico, que geraram para a propaganda espírita em torno de quatrocentos e sessenta e seis títulos, cujo número aumenta paulatinamente, com os trabalhos póstumos que estão sempre surgindo (DIONISI, 2013, p. 310). Importa-nos também a relevância que a obra do médium teve para a divulgação e consolidação da Doutrina Espírita no Brasil e ainda tem para a renovação e estudo das ideias espíritas nos dias de hoje.

Atualmente, segundo o último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010, o Espiritismo conta com mais de um milhão e meio de seguidores, crescimento que não corresponde ao empenho dos pesquisadores nacionais ao explorar a temática espírita. Segundo o professor Cláudio Bertolli Filho, em seu artigo “O quase silêncio da história: a literatura espírita e a crítica literária brasileira”, sem data, enviado a mim por e-mail, em 6 de janeiro de 2016, são poucas as iniciativas acadêmicas que mantêm a Doutrina Espírita como foco de seus trabalhos, apesar de intenso programa editorial que há mais de um século tem sido patrocinado pela Federação Espírita Brasileira. Existem, segundo este mesmo autor, “(...) algumas abordagens pontuais voltadas para o entendimento da recepção inicial do Espiritismo pela elite brasileira e para a biografia do principal médium brasileiro: Francisco Cândido Xavier” (BERTOLLI FILHO, 2016, pp. 1-2). Queremos, dessa forma, colaborar com mais um trabalho que contribua para o estudo da história do Espiritismo no Brasil, por meio da atividade

⁸⁹ O nome de batismo de Chico Xavier é Francisco de Paula Cândido e foi dado em homenagem ao santo do dia de seu nascimento (São Francisco de Paula). O nome de batismo foi substituído por parte do nome paterno (João Cândido Xavier), assim que psicografou os primeiros livros. Essa mudança foi oficializada em abril de 1966 (Nota da autora).

mediúnic de Chico que, durante sete décadas devotadas à Doutrina, possibilitou a materialização de seus mais de quatrocentos e sessenta e seis livros.

As produções psicográficas de Chico começaram em 1927 e foram, inicialmente, materializadas por mensagens doutrinárias de consolação, assinadas por espíritos diversos, que, posteriormente, estenderam-se aos contos, crônicas e romances, sob o lema “disciplina, disciplina e disciplina”, que por mais de setenta anos o acompanhou em seu trabalho mediúnico, compartilhado com seu mentor espiritual Emmanuel. Podemos afirmar que Chico Xavier popularizou o movimento espírita no país, atraindo multidões e inspirando uma série de instituições a propagarem o estudo da Doutrina. Na história do Espiritismo brasileiro, sem desconsiderar as contribuições de outros spiritistas, é possível falar e caracterizar o movimento espírita em antes e depois de Chico. A obra do médium mineiro registrou singularidades em relação aos postulados kardecistas e, seguramente, complementou-os e detalhou-os. Quanto a isso, remetemo-nos ao estudo feito por Bernardo Lewgoy em sua tese de doutorado (2000), intitulada *Os Espíritas e as Letras: Um estudo antropológico sobre a cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista*, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, para retratar como Chico contribuiu para que o Espiritismo brasileiro conquistasse sua própria autonomia:

MODELO DE ALLAN KARDEC	MODELO DE CHICO XAVIER
Racionalismo. Oposição à Igreja Católica Desimportância do médium. Espírito crítico mais importante.	Ênfase na “mediunidade com Jesus” – uma proposta sincrética. Suma importância do médium. Oposição não aberta à Igreja Católica, mas absorvendo muito de seu <i>ethos</i> e crenças.
Espíritos mentores giram entre comuns e históricos ligados a uma herança cristã e clássica e alguns da nacionalidade francesa: Fênelon, Sócrates, Santo Agostinho, São Luís. Espíritos identificados ilustres ou anônimos.	Espíritos ligados à Cristandade Heróica, à Nação Brasileira, ao Mundo da Literatura e à piedade espírita. Emmanuel, André Luiz, Meimei e os Literatos são exemplos típicos. Espíritos identificados, quando são mentores, tem o nome espiritual.
As redações da Codificação são conjuntamente assinadas, mas há muitas mensagens assinadas ocupam um lugar destacado.	Os livros não têm autores anônimos, as mensagens são sempre assinadas pelos autores espirituais.
Sistema da dívida/abolição da graça. Racionalismo moral abstrato. Justiça cármica assentada na inflexibilidade da lei de causa/efeito. Ênfase na reforma íntima. Caridade reflexiva.	Sistema da dádiva convivendo com o sistema da dívida, múltiplas situações em que um engloba o outro. Reingresso do circuito da intercessão e da graça, uma característica da espiritualidade católica (ressantificação sincrética espiritismo/catolicismo). Ênfase na caridade material tendo em vista simultaneamente a evolução e a graça.

Ênfase superlativa no estudo e na razão. Igualitarismo, cultura científica e ideologia do mérito como fator de evolução espiritual.	O estudo está subordinado ao culto e à piedade, como no Culto do Evangelho no Lar. Crítica ao intelectualismo. Piedade prática como tão ou mais importante do que a racionalidade Enorme destaque ao papel condutor e relacional da mãe: <i>ethos</i> hierárquico e relaciona associado ao <i>imitatio christi</i> , ao papel dos “espíritos missionários” e “espíritos de luz”.
A unidade de trabalho é o centro espírita.	A unidade de trabalho está dividida entre o centro espírita e o lar onde se pratica o Culto do Evangelho no Lar.
Kardec é compilador. Seleciona mensagens de acordo com preceitos metodológicos inspirados em princípios racionalistas. Não há subordinação pessoal imediata a um comando espiritual, mas uma subordinação mediata através da interpretação humana da doutrina espírita.	A atuação de Chico é completamente comandada pelo “Plano Espiritual”, sob supervisão de Emmanuel e sua “falange”. A relação com o plano espiritual é de dependência imediata e de subordinação a uma hierarquia. O serviço mediúnico, designado de “mediunato” tem o serviço militar e público como modelos.
Kardec funciona com um <i>ethos</i> burguês de honradez, e com um ideal cientificista de probidade e neutralidade. A confiabilidade de suas afirmações é avalizada pelo método que diz seguir e pelo teor intrínseco das mensagens.	É o carisma de Chico, conferido por sua santidade e relação privilegiada com o mundo dos espíritos que funciona como penhor de sua probidade. Exemplo de sacrifício e renúncia próprios ao sistema espírita. A revelação está acima da razão.
Ainda que originado no racionalismo iluminista francês, há um universalismo na proposta religiosa.	Construção da nacionalidade, referências com forte ênfase na história do Brasil.

(LEWGOY, 2000, p.176)

É importante esclarecer que o trabalho de Kardec foi essencialmente o de comunicação no aspecto técnico-científico e muito acentuadamente no aspecto ideológico. No aspecto técnico, percebe-se claramente não só sua habilidade de comunicador, herdada da Pedagogia, mostrando sempre um impecável ordenamento na organização e distribuição didática dos temas, mas também a sagacidade de um investigador a desvendar os paradigmas de uma nova ciência, cuja base filosófica de consequências morais, deveria ser informada e formada de maneira adequada para a cética sociedade do seu tempo e para as gerações futuras.

Podemos considerar que o trabalho de Chico frente à Doutrina Espírita, de certo modo, teve sua fundação alicerçada nos preceitos kardequianos. Porém, Chico surgiu como um desses personagens sem grandes pretensões, mas carregando armas e bagagens a fim de empreender seu próprio modelo doutrinário, amparado, sobretudo, na consolação dos corações combalidos. Chico faleceu em 30 de junho de 2002 aos 92 anos e, até àquela data, sua inclinação missionária refletiu na temática de sua extensa literatura mediúnica, diluída em mensagens, ensaios, crônicas, biografias e romances, que explora a necessidade do empenho pessoal na busca pelo autoburilamento. Importante é destacar que, dentre os títulos publicados pela Federação Espírita Brasileira, um quarto deles corresponde às obras psicografadas por Chico, quantitativo que consolidou a sua representatividade na popularização do Espiritismo em solo brasileiro. Nesse sentido, Bertolli Filho, (2016) registra que:

A leitura de uma parcela da vasta coleção mediúnica assinada por Chico Xavier e que abrange praticamente todos os gêneros literários possibilita o reconhecimento das principais idéias veiculadas pelas obras kardecistas. Tais idéias constituem basicamente na reiteração dos princípios doutrinários da religião espírita, ganhando um sentido monótono – apesar de pedagógico – pela frequência de repetição dos postulados (BERTOLLI FILHO, 2016, p. 11).

Seus livros abarcavam vários gêneros, inicialmente poesias e mensagens doutrinárias, posteriormente, contos, crônicas e romances. Nesta última categoria, aparecem enredos com conteúdos autobiográficos e históricos, que descrevem experiências vividas nos dois planos concebidos pelos espíritos: o material e o espiritual.

As poesias mediúnicas surgem sob autoria espiritual de escritores renomados e inauguram longos debates quanto à veracidade ou não dos textos. Este é o exemplo do livro mais famoso de Chico Xavier, *Parnaso de Além-Túmulo*. Congregando em sua sexta edição duzentos e cinquenta e nove poesias de autores famosos, o livro foi durante mais de uma década, desde sua primeira publicação em 1932, alvo de acalorados debates em torno da questão do *pastiche*⁹⁰. Outra obra psicografada por Chico, que já atingiu pelos dados repassados pela FEB dois milhões, cento e trinta e cinco mil exemplares, em sessenta e cinco edições, sendo sessenta e quatro em português e uma em esperanto, é o romance *Nosso Lar* - relatos autobiográficos de um espírito no plano extrafísico. O romance, adaptado para o cinema em 2010, teve seu texto também adaptado para o teatro e para os quadrinhos, além de ter sido traduzido para o inglês, francês, alemão, japonês, espanhol, russo, grego, tcheco e até ganhou uma versão em braile. Veremos no item 3.9, com mais detalhes, essas informações.

Estudaremos nos próximos itens os desdobramentos que se sucederam após a publicação destas duas obras. Não nos cabe julgar os fenômenos mediúnicos discutidos e os preceitos doutrinários disseminados nestes livros. Não será também foco do trabalho a discussão a respeito da veracidade das teorias acerca da sobrevivência da alma ou se o registro autoral é legítimo. Essas questões só serão vistas quando forem necessárias para o entendimento

⁹⁰ O termo *pastiche* deriva, etimologicamente, da palavra italiana *pasticcio*, que significa “massa ou amálgama de elementos compostos”. Em um primeiro momento, o termo foi empregado, no campo da pintura, para batizar falsos quadros que imitavam os originais. O termo *pasticcio* converteu-se, no século XVIII, em *pastiche* e a partir daí, consagrou-se também na arte literária. Deliberadamente cultivado por inúmeros autores, o *pastiche* afirma-se como a escrita “à maneira de” (CEIA, Carlos. **O Pastiche**. E-Dicionário de termos literários. Disponível em: <edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=Viewlink&link...2>. Acesso em: 10 mar. 2014).

do comportamento da crítica literária da época em relação a essa literatura mediúnica emergente.

As duas obras serão estudadas como fenômeno editorial, inserido dentro de uma complexidade cultural, que ao mesmo tempo pode aceitar como verdadeiros os relatos ali inscritos, como também os pode rechaçar. Primeiramente, estudaremos as implicações desenvolvidas com a publicação de *Parnaso de Além-Túmulo*; em seguida, discutiremos as desencadeadas em relação ao romance *Nosso Lar*.

Gostaríamos ainda de registrar que o nosso interesse pela obra mediúnica de Chico também perpassa pela publicação dos vários títulos, entre romances, livros doutrinários e infantis traduzidos para outros idiomas.

O Conselho Espírita Internacional-CEI, em parceria com a Federação Espírita Brasileira, tem, entre os seus principais objetivos, a edição de livros espíritas – em especial as obras de Allan Kardec e obras psicográficas de Chico Xavier, em espanhol, inglês, francês, alemão, russo e húngaro. O artigo “Obras de Chico Xavier publicadas em outro idioma”, da revista *Reformador* de abril de 2010, traz a relação de livros psicografados pelo médium mineiro traduzidos para outras línguas:

Romances de Emmanuel

Paulo e Estêvão (francês/inglês)
Há Dois Mil Anos (francês/inglês/russo)
Cinquenta Anos Depois (francês)
Ave, Cristo! (francês)
Renúncia (francês)

Coleção Fonte Viva

Vinha de Luz (francês)
Pão Nosso (francês)
Caminho, Verdade e Vida (francês e espanhol)
Fonte Viva (francês)

Outras obras

O consolador (francês)
A Caminho da Luz (francês)
Jesus no Lar (francês/inglês)
Seara dos Médiuns (espanhol)
Justiça Divina (espanhol)
Religião dos Espíritos (espanhol)
O Espírito da Verdade (espanhol)
Vida e Sexo (Espanhol)
Pensamento e Vida (espanhol)
Agenda Cristã (húngaro)

Infantis

Pai Nosso (inglês)*Cartilha do Bem* (inglês/espanhol)*Mensagem do Pequeno Morto* (inglês/espanhol) (REFORMADOR, 2010, p. 32).

Além desses, continuam sendo traduzidos outros títulos que se encontram em processo de edição. Os romances referentes à Série André Luiz serão listados posteriormente. Para ampliar a divulgação dos livros espíritas, o CEI vem participando ativamente das principais Feiras Internacionais de Livro, além das Bienais do Rio de Janeiro e de São Paulo, como as Feiras de Frankfurt (Alemanha), Guadalajara (México), Paris (França), Buenos Aires (Argentina) e New York (Estados Unidos). A Editora do Conselho Espírita Internacional-EDICEI⁹¹ em seu trabalho de tradução, impressão e distribuição de livros espíritas em vários idiomas tem como base operacional a *Edicei Europe* com sede em Winthetur, na Suíça, e a *Edicei of America*, com sede no Canadá. Transcrevemos abaixo a página da EDICEI, a fim de ilustrarmos como as obras são apresentadas no catálogo:

⁹¹ EDICEI - Editora do Conselho Espírita Internacional. Disponível em: <http://www.ediceiofamerica.com>. Acesso em: 20 fev. 2016.

- Showing all 10 results
- Libros Espíritas en Español —
- Adeilson Salles
 - Miriam Dussi
 - Juan Antonio Durante
 - Chico Xavier
 - Espíritus Diversos
 - Neio Lucio
 - Meimei
 - Emmanuel
 - Andre Luiz
 - Allan Kardec
 - Tieloy
 - André Trigueiro
 - Luis Hu Rivas
 - Divaldo Pereira Franco
 - Victor Hugo
 - Joanna de Angelis
 - Zeus Wantuily
 - Francisco Thiesen
 - Ebooks
 - Juan Antonio Durante
 - Chico Xavier
 - Neio Lucio
 - Espíritus Diversos
 - Emmanuel
 - Andre Luiz
 - Allan Kardec
 - Böcker på svenska +
 - Книги на български език +
 - Libri in Italiano +
 - Βιβλία στα Ελληνικά +
 - Spiritist Books in English +
 - Raamatud eesti keeles +
 - Spiritistische bücher in deutscher +
 - спиритических книг +
 - Livres Spirites en Français +
 - Livros Espíritas em Português +
 - Spiritist Children's Books +

SALE

SALE

SALE



Y LA VIDA CONTINÚA ...

~~\$ 20.00~~
\$ 15.00



SEXO Y DESTINO

~~\$ 20.00~~
\$ 16.50



OBREROS DE LA VIDA ETERNA

~~\$ 18.00~~
\$ 16.00

SALE

SALE

SALE



NUESTRO HOGAR

~~\$ 18.00~~
\$ 15.00



MISIONEROS DE LA LUZ

~~\$ 20.00~~
\$ 16.00



LOS MENSAJEROS

~~\$ 20.00~~
\$ 16.00

SALE

SALE



LIBERTACIÓN

~~\$ 18.00~~
\$ 15.50



ENTRE LA TIERRA Y EL CIELO

\$ 20.00



EN LOS DOMINIOS DE LA MEDIUNIDAD

~~\$ 20.00~~
\$ 16.50

SALE



AGENDA CRISTIANA

~~\$ 13.00~~
\$ 10.00

SPIRITUALITY BEST SELLERS

- 

The Messengers - Russian Version
~~\$ 20.00~~ **\$ 15.50**
- 

Et la Vie Continue
~~\$ 11.99~~ **\$ 9.99**
- 

Sexo y Destino
~~\$ 9.99~~ **\$ 9.52**
- 

Souvenirs de la Médiumnité
~~\$ 20.00~~ **\$ 15.00**
- 

Nos Domínios da Mediunidade
~~\$ 9.99~~ **\$ 9.76**

3.1 As edições de *Parnaso de Além-Túmulo*: a primeira obra mediúnica de Chico Xavier

Aqui, pelo contrário, não só concorrem poetas brasileiros e portugueses, como retinam cristalinas e constratantes as mais variadas formas literárias, como a facilitarem de conjunto a identificação da cada um. Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência dos seus intérpretes.

Manuel Quintão

Em 1931, quando Chico iniciava a psicografia de seu primeiro livro *Parnaso de Além-Túmulo*, em uma das sessões mediúnicas, conforme ele mesmo relatou, presenciou a clara manifestação de Emmanuel, seu benfeitor espiritual. A partir daí, os espíritos comunicantes passaram a assinar as mensagens, os poemas e outros textos mediúnicos sob a orientação do guia. Chico viveu com Emmanuel uma “mediunidade dirigida” (HARLEY, 2013, p. 217). As identificações autorais vieram acompanhadas de temor por parte do médium, pois os nomes veiculados nas comunicações eram de personalidades literárias respeitadas. Por isso a produção mediúnica de Chico foi submetida ao julgamento da Federação Espírita Brasileira: a consequência da decisiva avaliação apareceria em julho de 1932, com a publicação de *Parnaso de Além-Túmulo* “que inauguraria a fecunda produção do médium, com vistas a sustentar os princípios do Espiritismo Cristão no Brasil” (MOURA, 2010, p. 30).

O pesquisador Alexandre Caroli Rocha realiza em sua dissertação de mestrado, intitulada *A poesia transcendente de Parnaso de Além-Túmulo*, uma minuciosa pesquisa das edições do livro. De acordo com os estudos de Rocha (2001), a autoria dos sessenta poemas do primeiro volume da antologia mediúnica psicografada por Chico, *Parnaso de Além-Túmulo*, foi atribuída a nove poetas brasileiros entre os quais figuram Augusto dos Anjos, Auta de Souza, Bittencourt Sampaio, Casimiro de Abreu, Casimiro Cunha, Castro Alves, Cruz e Sousa, Pedro de Alcântara e Sousa Caldas; quatro portugueses: Antero de Quental, Guerra Junqueiro, João de Deus e Júlio Diniz; além de um poeta anônimo que se denominou “Um desconhecido”. Havia ainda um prefácio de Manuel Quintão⁹², responsável pela publicação da obra e o introito de Chico. Na segunda edição de 1935, cento e setenta e três poemas foram atribuídos a trinta e

⁹² Jornalista, escritor e presidente da Federação Espírita Brasileira nos anos de 1915, 1918, 1919 e 1929 (Nota da autora).

dois autores. Essa nova configuração agregou outros nomes ilustres: Antônio Nobre, Artur Azevedo, B. Lopes, Batista Cepelos, Cármen Cinira, Emílio de Menezes, Fagundes Varela, Hermes Fontes, José Duro, Juvenal Galeno, Luiz Guimarães Júnior, Marta, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Raul de Leoni e Valado Rosas. Manuel Quintão novamente se manifesta nesta edição, rebatendo as críticas emergentes direcionadas à obra. Há ainda um texto psicografado por Chico atribuído ao escritor Humberto de Campos. Além do aumento de textos e autores, nesta segunda edição, percebem-se modificações pontuais em alguns poemas em relação às correções ortográficas e permutas vocabulares para ajuste da metrificação. Na terceira edição da antologia, configuravam-se cento e noventa e nove poemas atribuídos a trinta e oito poetas. Os estreantes eram Alphonsus de Guimaraens, Antônio Torres, Augusto de Lima, Belmiro Braga, José Silvério Horta (Monsenhor Horta) e Rodrigues de Abreu. Neste volume, Manuel Quintão rechaça a hipótese de serem os poemas do *Parnaso de Além-Túmulo* meros pastiches. Outras mudanças de ordem vocabular continuaram a ser feitas.

Em 1944, surge a quarta edição da antologia. Havia agora duzentos e quarenta e oito poemas, atribuídos a quarenta e sete poetas. O novo plantel era constituído por Abel Gomes, Albérico Lobo, Alberto de Oliveira, Alma Eros, Amaral Ornellas, Cornélio Bastos, Gustavo Teixeira, Lucindo Filho e Luiz Murat. Novamente foram feitas outras modificações vocabulares e registraram-se ainda comentários de Manuel Quintão sobre as impressões do crítico e jornalista Agripino Grieco acerca da escrita mediúnica de Chico. Um ano depois, foi lançada a quinta edição de *Parnaso de Além-Túmulo*, em que a única mudança ocorrida foi o acréscimo de um poema atribuído a Olavo Bilac.

Em contrapartida, na sexta edição de 1955, registrou-se a maior e definitiva revisão da antologia. Veio anunciada da seguinte forma: *6ª edição, revista e ampliada pelos Autores Espirituais*. Nessa compilação, incluíram-se quinze poemas e mais nove autores: Alfredo Nora, Alvarenga Peixoto, Álvaro Teixeira de Macedo, Edmundo Xavier de Barros, Jésus Gonçalves, José do Patrocínio, Leôncio Correia, Luiz Pistarini, Múcio Teixeira. Contudo, esta edição trouxe mudanças significativas: foram excluídos cinco poemas da seção de Augusto dos Anjos e um da seção de Guerra Junqueiro. Nas páginas iniciais, permenceram o prefácio de Manuel Quintão da primeira edição, o introito de Chico e o texto psicografado de Humberto de Campos. Não ficou registrada na nova edição uma justificativa sobre a supressão dos poemas e isso gerou muitas críticas. A revisão teria sido, de fato, realizada pelos próprios autores espirituais?

Algumas cartas de Chico ao então presidente da FEB, Wantuil Antônio de Freitas, inseridas no livro de Suely Caldas Schubert, *Testemunhos de Chico Xavier* (1991), retratam as

intenções do médium e de seu mentor Emmanuel em revisar os poemas de *Parnaso de Além-Túmulo*. Muitos livros de Chico passaram, de fato, pela triagem doutrinária de Wantuil. Porém, quando voltava para as mãos de Chico, a palavra final era sempre de Emmanuel. O médium, em carta de 28 de maio de 1953, demonstra uma predisposição para suprimir alguns poemas da antologia.

Vou trabalhar na revisão final do ‘Parnaso’, sob a orientação de Emmanuel e de outros amigos. Espero enviar-te o volume, que se encontra comigo, há tempos, em breves dias. Ficas com a liberdade de aprovar ou não as sugestões que foram apresentadas daqui. Considero igualmente contigo que o ‘Parnaso’ está muito volumoso, mas se eu pudesse votar por alguma alteração, votaria pela supressão de algumas poesias, sem substituição. Assim, o livro ficaria num tamanho mais agradável. Concordas? A escolha das produções a serem afastadas dependeria de tua revisão. Organizarias uma relação delas e apresentá-la-ei aos nossos amigos espirituais para a solução definitiva (SCHUBERT, 1991, p. 311).

Desse modo, fica claro que o objetivo principal na efetuação da revisão de *Parnaso de Além-Túmulo* era deixar o livro menos volumoso, uma vez que aumentou para duzentos e cinquenta e nove poemas inscritos na sexta edição. Contudo Chico, novamente por meio de carta a Wantuil, datada de 10 de setembro de 1953, pondera a respeito da ideia de revisão:

(...) Meu caro Wantuil, na primeira oportunidade, enviarei o ‘Parnaso’. Emmanuel, porém, me disse que, considerando melhor as lutas do nosso campo de ação, seria interessante a reedição sem nada alterar, de modo a não oferecermos combustível à fogueira dos nossos adversários gratuitos. Que achas? Mais um abraço do - Chico (SCHUBERT, 1991, pp. 316-317).

Chico não escondia, conforme ele mesmo dizia, que sua mediunidade era dirigida por Emmanuel. A troca de correspondência entre ele e Wantuil confirma a influência do mentor quanto aos cuidados que deveriam ser levados em conta em relação à revisão de *Parnaso de Além-Túmulo*:

Minha referência ao ‘Parnaso’ em carta última foi feita porque eu havia pedido a Emmanuel estudássemos um recurso de retirar algumas das produções do livro referido, que julgo menos compatíveis com a respeitabilidade de nossa Consoladora Doutrina. Pensei me houvesse comunicado contigo, acerca do assunto, em correspondências anteriores. Nosso orientador espiritual, porém, conforme notifiquei

na missiva última, julga devemos deixar o ‘Parnaso’ tal como está, de modo a não atrairmos qualquer nova faixa de incompreensão. Aguardemos mais tempo (...) (SCHUBERT, 1991, pp. 319-320).

Na carta do dia 18 de junho de 1954, Chico dá sinais de que Emmanuel autorizava algumas modificações: “Sobre o ‘Parnaso’, Emmanuel me disse que poderás retirar do texto de 15 a 20 trabalhos que julgues menos adequados ao livro e daqui te enviarei 10 a 15 que possam figurar na nova edição com mais propriedade. Certo? Aguardo as tuas notícias”. Na sexta edição, foram incluídos quinze ou dezesseis poemas e, conforme comentado anteriormente, suprimiram-se cinco produções. Schubert, em seu livro, esclarece prováveis motivos de revisão dos textos de *Parnaso de Além-Túmulo*:

Chico psicografa as poesias geralmente em reuniões públicas, de modo muito rápido, e logo em seguida as páginas são lidas em voz alta por ele. Não há praticamente tempo para uma revisão por parte do autor e do médium. Esse trabalho ocorre continuamente, dia após dia. Embora todo o cuidado, é natural que ocorram pequenas falhas no mecanismo que acabamos de descrever. Quando o ‘Parnaso’ começou a passar por uma revisão mais detalhada, foi necessário a Chico Xavier entrar, de novo, em sintonia com todos os autores das poesias, o que demandou vários anos. Aí é que começou o trabalho notável de revisão. Pode-se imaginar, pelo menos de modo superficial, o que esse trabalho deve ter representado, em termos de minúcias e paciente esforço de ambas as partes (SCHUBERT, 1991, p. 330).

No artigo “Nos bastidores do *Parnaso de Além-Túmulo*” de Francisco Thiesen, ex-presidente da Federação Espírita Brasileira, publicado pela revista *Reformador* de setembro de 1973, há menções dicotômicas sobre quais foram os agentes (Emmanuel ou os espíritos) que, de fato, operaram mudanças significativas na sexta edição do livro. Segundo Thiesen,

Emmanuel ia comandando a formação do livro. Até à 5ª edição ele teve aumentado seu número de poesias (...). Porém, num certo momento, e isso lá pela altura de 1954, quando circulava a 5ª edição, o “Parnaso” foi considerado adulto e decidida, num esforço entre os dois planos, a execução de sua textualidade definitiva. Foi assim que, com a 6ª edição, revista e ampliada pelos Autores Espirituais, o “Parnaso de além-túmulo” ficou acrescido de característico incomum, único no gênero pelo seu vulto inusitado: não mais apenas o da ampliação, agora definitiva na parte mediúnica da obra, mas o da *revisão* pelos Espíritos! (THIESEN, 1973, p. 263).

Contudo, o próprio Thiesen admite a intervenção de Emmanuel na seleção e exclusão dos textos poéticos:

Houve aumento de páginas, novos colaboradores, mas ocorreram também supressões de algumas unidades (sonetos). É que, com a 6ª edição, a obra passou a obedecer a delineamentos estruturais de globalidade unificada, e isso exigiu modificações de variada gama em centenas de versos, estrofes, sonetos, poemas... Na oportunidade, a Editora da FEB encaminhou ao médium um exemplar da 5ª edição. Emmanuel, representando os Autores Espirituais, sugeriu emendas, supressões e inclusões de poesias. Chico Xavier tudo anotou, do próprio punho, às margens das páginas revisadas. E antes, ainda, de levada ao prelo a nova edição revista e ampliada, outras emendas iam sendo convencionadas através da troca de correspondência entre a Federação Espírita Brasileira, no Rio, e o médium, em Pedro Leopoldo. Seguiram-se as 7ª e 8ª edições, em que erros tipográficos foram corrigidos, como ocorre nas reedições em geral (THIESEN, 1973, p. 264).

Conforme nos esclareceu a editora da FEB, até a oitava e definitiva edição houve o acréscimo de novos textos e novos poetas; posteriormente não ocorreu qualquer inclusão de textos psicografados. A nona edição do ano de 1972 foi comemorativa dos quarenta anos do lançamento da obra e contou com um texto do escritor, médico, jornalista e poeta Elias Barbosa, no qual discute os estilos dos poetas. Em 2010, houve a publicação décima nona edição do *Parnaso de Além-Túmulo*, como forma de homenagear o Centenário de Nascimento de Chico Xavier.

As sistemáticas revisões do *Parnaso de Além-Túmulo* fomentariam mais tarde, com a obra já na sexta edição, as especulações, há muito instauradas, em torno da autoria dos poemas, controvérsias nascidas também dentro do próprio movimento espírita. Veremos esses fatos no item 3.4, em que falaremos sobre as repercussões do livro.

3.2 Os temas da obra *Parnaso de Além-Túmulo*

Poderíamos dizer que o tema pulsante de *Parnaso de Além-Túmulo* é o desvelamento da imortalidade e as consequências que essa nova realidade acarreta para os poetas que se manifestam pela psicografia de Chico Xavier. Os temas da coletânea mediúnica atuam como mecanismos de defesa voltados para os próprios leitores a fim de que evitem exageros e equívocos na edificação de seus valores ético-morais. As poesias apelam para a renovação interior do ser humano e chamam atenção para a recuperação da “bagagem avariada”, isto é, a mensagem dos poetas é uma tentativa de reconstrução de antigas concepções mundanas a que estavam submetidos quando vivos, a fim de repararem os equívocos cometidos.

Os conteúdos de *Parnaso Além-Túmulo* são bem diversificados e estão diluídos na antologia na ênfase aos valores morais e religiosos que conclamam à fé, à resignação diante das vicissitudes, à caridade e ao amor ao próximo. A morte é um dos temas recorrentes neste livro. Podemos verificar sua presença nos poemas de Abel Gomes, “A Morte”; Alberto de Oliveira, “Do último dia”; Antero de Quental, “Depois da morte”; Casimiro Cunha, “O beijo da morte”; Cruz e Souza, “A sepultura” e “Beleza da morte”; João de Deus, “Morrer”; Juvenal Galeno, “Sextilhas” e Raul de Leoni, “Post mortem”.

A esperança é outro foco preferido pelos poetas e a encontramos nas poesias de Antero de Quental, “Não choreis” e Hermes Fontes, “Poema da amargura e da esperança”. Aliás, é esse sentimento que parece perpassar o corpo de todas as poesias da coletânea: esperança na vida que ressurge após a morte. E é pela confiança nessa vida que a imortalidade também se corporifica nos poemas de Augusto dos Anjos, “Nos véus da carne”; de Belmiro Braga, “Quadras”; de Casimiro Cunha, “Na eterna luz” e de Fagundes Varela, “Imortalidade”. *Parnaso de Além-Túmulo*, que durante suas várias edições agregou outros tantos poetas, insere-se no contexto da Segunda Grande Guerra e traz poemas que discutem as apreensões diante do conflito bélico. Temos essa temática mais acentuada nas poesias de Augusto dos Anjos “Nas sombras”, “Homem-verme”, “Civilização em ruínas” e “Atualidade”. Recorremos a um dos poemas para ilustrar a percepção do poeta a respeito do tema:

Homem-verme

Desolação. Terror e morticínio.
O homem sôfrego e bruto, de ânsia em ânsia,
Sofre agora a sinistra ressonância
De sua inclinação para o extermínio.

É o doloroso e trágico domínio
Do homo homini lúpus da ignorância,
Exaltando a vaidade sem substância,
Ídolo podre sobre o esterquilínio.

Por toda parte, escorre o sangue horrível,
Ao crepitar de rúpidos incêndios,
Sobre a ideia cristã medrando em germe.

Em quase tudo, o pântano terrível,
De lodo e lama, em sombra e vilipêndios,
Atestando as vitórias do homem-verme!

(XAVIER, 2010, pp. 200-201).

A juventude é também explorada em *Parnaso Além-Túmulo*. Há na discussão dessa temática o apelo para aproveitar essa fase da vida com alegria e amor. O poeta Antônio Nobre fala com euforia sobre esta fase em “À mocidade”:

Cantai! Cantai! Ó mocidade! Moira
Encantada que ri nos prados verdes,
Cantai o amor que é luz que se entesoira,
Vibrai na luz da vida em que viverdes

(XAVIER, 2010, p. 131).

No poema “À juventude”, de Cármen Cinira, encontramos um apelo, semelhante à filosofia do *carpe diem*, para a mocidade aproveitar a vida, mas com olhos da virtude:

Juventude linda e ardente,
Mocidade querida que eu exorto,
Meu coração de carne, esse está morto,
Mas minha alma que é eterna está presente.
Zelai pelo plantio, ó juventude,
Das flores perfumadas da virtude,
Porque depois dos sonhos terminados
Em nossos ermos e últimos caminhos,
Ai! Como nos ferem os espinhos
Das belas rosas rubras dos pecados!

(XAVIER, 2010, p. 282).

O vocabulário científico mistura-se nos poemas de Augusto dos Anjos “Vozes de uma sombra”, “Vozes do Infinito”, “Matéria cósmica”, que denotam o *mea culpa* do poeta em relação ao que foi e como viveu na terra. O fragmento abaixo é do poema “Vozes de uma sombra”:

Donde venho? Das eras remotíssimas,
Das substâncias elementaríssimas,
Emergindo das cósmicas matérias.
Venho dos invisíveis protozoários,
Da confusão dos seres embrionários,
Das células primevas, das bactérias.
(...)

Na Terra, apenas fui terrível presa,
 Simbiose da dor e da tristeza,
 Durante penosíssimos minutos;
 A dor, essa tirânica incendiária,
 Abatia-me a vida solitária
 Como se eu fora bruto entre os mais brutos. (XAVIER, 2010, pp. 176-177).

A temática da saudade se faz presente no poema “À minha terra”, psicografada por Chico Xavier sob autoria espiritual de Casimiro de Abreu, com perfil que a aproxima do conhecido poema “Infância”, escrito em vida pelo poeta. A poesia “Ao meu caro Quintão”, do espírito Casimiro Cunha, também explora o mesmo tema, fazendo uma referência clara a sua pretérita amizade com o então presidente da FEB, Manuel Quintão.

Dor, Fortuna, Fraternidade e Trabalho são os temas que desfilam pelos poemas de Cruz e Souza, “Aos torturados” e “À dor”; de João de Deus, “A Fortuna” e “Fraternidade” e de Múcio Teixeira, “Honra ao Trabalho”. Temos ainda o poema conceitual de Casimiro Cunha sobre a própria Doutrina Espírita intitulado “Espiritismo”:

“Espiritismo é uma luz
 Gloriosa, divina e forte,
 (...)
 É uma fonte generosa
 De compreensão compassiva,
 (...)
 É árvore verde e farta
 Nos caminhos da esperança,
 (...)
 É a claridade bendita
 Do bem que aniquila o mal (...)”. (XAVIER, 2010, p. 308).

As poesias de *Parnaso Além-Túmulo* exploram ainda a temática da liberdade. Constatamos esse apelo à liberdade também em “Nova Abolição”, de José do Patrocínio. A metalinguagem faz-se presente em “Parnaso de Além-Túmulo”, poesia de João de Deus:

Além do túmulo o Espírito inda canta
 Seus ideais de paz, de amor e luz,
 No ditoso país onde Jesus

Impera com bondade sacrossanta.

Nessas mansões, a lira se levanta
 Glorificando o amor que em Deus transluz,
 Para o Bem exalçar, que nos conduz
 À divina alegria, pura e santa.

Dessa Castália eterna da harmonia
 Transborda a luz excelsa da Poesia,
 Que a Terra toda inunda de esplendor.

Hinos das esperanças espargidos
 Sobre os homens, tornando-os mais unidos,
 Na ascensão para o Belo e para o Amor.

(XAVIER, 2010, p. 494).

A Pátria é o conteúdo explorado nas poesias de Múcio Teixeira e Pedro de Alcântara (D. Pedro II). De Teixeira, temos a poesia “Brasil” que encerra, em seu último terceto, a referência ao livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* de autoria espiritual de Humberto de Campos:

E aparece o Brasil que, valoroso, avança,
 Encerrando consigo, em láureas de esperança,
 O Coração do Mundo e Pátria do Evangelho

(XAVIER, 2010, p. 609).

Do ex-imperador, as poesias “Meu Brasil” e “Exílio” revelam reminiscências de D. Pedro II acerca das saudades da pátria, quando forçoso foi deixá-la para retornar a Portugal:

Meu Brasil

Longe do meu Brasil, triste e saudoso,
 Bastas vezes sentia, mal desperto,
 Com o coração pulsando, estar já perto
 Do pátrio lar risonho e bonançoso

(XAVIER, 2010, p. 617).

Exílio

Pode o céu do desterro ser tão belo,
Quanto o céu do país em que nascemos;
Nada faz com que o nosso desprezemos,
Acalentando o sonho de revê-lo

(XAVIER, 2010, p. 618).

Os temas explorados pelas poesias de *Parnaso de Além-Túmulo* respaldam-se em anteriores postulados doutrinários, que têm *O Livro dos Espíritos* como matriz e colaboram assim para despertar os leitores para a realidade transcendental, despertando neles valores adormecidos. Podemos considerar estas poesias, segundo a Doutrina Espírita, como profilaxia ao combate de atavismos infelizes que acompanham o homem.

3.3 A pré-estreia de *Parnaso de Além-Túmulo*

Vimos que a cada edição, o livro *Parnaso de Além-Túmulo* foi incorporando novas composições e novos poetas, até que se estabilizou com duzentos e cinquenta e nove poemas atribuídos a cinquenta e seis autores, que manifestaram suas características e estilos próprios por meio do médium Chico Xavier.

Houve, desde 1931 com a pré-estreia do livro nas páginas da revista *Reformador*, o início de tumulto no meio literário em torno da autoria dos poemas, que mais tarde tomaria proporções ainda maiores. Em 1931, a FEB iniciou sua propaganda a respeito do médium Chico Xavier, sete meses antes da primeira edição de *Parnaso de Além-Túmulo*. O porta-voz que mobilizou a opinião pública quanto à mediunidade de Chico foi Manoel Quintão, presidente da Federação na ocasião. Na seção *Casos e Coisas* da revista *Reformador*, de novembro de 1931, Quintão expõe um claro interesse em despertar a atenção dos leitores em torno do iniciante médium. Para isso, ele resgata nomes de médiuns já consagrados, a fim de incentivar a filiação da nova promessa da literatura espírita aos quadros da Federação: Chico.

Todos os sabedores que sabem da fenomenologia espírita (...); todos os versados na literatura peculiar conhecem a obra do médium Fernando de Lacerda, inspetor de polícia de Lisboa, homem de medianíssima cultura philosophica, que nos deu paginas posthumas admiráveis e typicas de Eça, Camilo, Herculano, Latino Coelho, etc. Mas, não é só porque há mais e melhor: Hudson Tuttle, camponez vulgar, escreveu Arcanos

da natureza, obra do qual, dizem, muito se valeu Buchner e que Renucci classificou em plano superior ao de todas as mentalidades filosóficas da história. Louis Michel, outro campônio ignorante, escreveu mediunicamente “Clé de la vie” e “Vie Universelle”, repositórios de vastos conhecimentos cosmológicos; James, simples ferreiro mecânico, concluiu o romance Edwin Droed, de Charles Dickens, sem que argos da crítica lhe encontrassem os pontos de sutura (QUINTÃO, 1931, p. 579).

O excerto acima realça que a mediunidade de Chico não teria sido produzida no vácuo, havia personalidades na história do espiritualismo, que tinham sido precursoras dos fenômenos literário-mediúnicos. Em outro momento do artigo, Quintão volta sua atenção agora para o próprio Chico. Vejamos como ele fará a apresentação do médium:

Vamos, porém, ao caso: “Pedro Leopoldo” é um pequeno povoado do rincão mineiro. Nem athenas, nem atheneus, ali. Mas, ali vive o irmão Francisco Xavier, um adolescente, quase creança. Vinte anos em flor. Floração pobre, de economia e trabalho. Muita inteligência, muita modéstia, poucos livros, escasso tempo, precário estudo. Sahido da escola primária aos 13 annos, o médium-poeta trabalha no commercio, local, de sol a sol. E nas horas fugaces de fugaz repouso, estuda a doutrina e faz versos. Versos seus e versos de outros. Elle os distingue perfeitamente e nós também, porque são inconfundíveis. A nós, não precisaria dizer do seu espanto e das suas incertudes, se deve ou não vulgarizar o facto. Nem é preciso ponderar a capacidade intrínseca do seu estro, para encontrar o ascendente mediumnico, que a só variedade da produção em fidelidade de estylos e amplitude de conhecimentos, authentica (QUINTÃO, 1931, p. 579).

Observamos nessas palavras de Quintão sua preocupação em isentar Chico da autoria das poesias “E nas horas fugaces de fugaz repouso, estuda a doutrina e faz versos. Versos seus e versos de outros. Elle os distingue perfeitamente e nós também, porque são inconfundíveis.” Quintão explora também a jovialidade do médium e as condições de vida precária, para afastar qualquer tentativa de associá-lo a autor dos textos: “Mas, ali vive o irmão Francisco Xavier, um adolescente, quase creança. Vinte anos em flor. Floração pobre, de economia e trabalho.” Essa descrição feita por Quintão vai ao encontro das declarações de Chico Xavier no introito de *Parnaso de Além-Túmulo*, já citado no início deste capítulo. Recordemos alguns pontos do prefácio assinado por Chico, a fim de observarmos o esforço para dar às poesias uma conotação espiritual. Conforme observamos, há trechos do introito que procuram despertar no leitor a atenção para as dificuldades materiais às quais Chico estava submetido: a pobreza para aquisição do pão diário, a orfandade aos cinco anos, o enfrentamento do trabalho infantil em

fábrica têxtil, o subemprego na mercearia e a falta de oportunidades de estudo são elementos evocados para contextualizar as condições de produção da obra. É importante notar que Chico não nega seu pendor para a literatura, mas confessa também não ter autor predileto, muito menos saber fazer comparações entre estilos literários “por diferenciar muito pouco essas questões” (XAVIER, 2010, pp. 31-32). Todos esses argumentos nos parecem ser uma defesa antecipada do médium quanto à acusação de *pastiche* pela qual seu livro passaria e da qual trataremos adiante.

Em relação às experiências literárias de Chico e ao seu autodidatismo, a pesquisadora Magali Oliveira Fernandes (2008) destacou questões que ilustram a inclinação do médium para a literatura em seu livro *Chico Xavier: um herói brasileiro no universo das edições populares*, texto originado de sua tese de doutorado defendida na PUC/São Paulo.

Fernandes revela que, em Pedro Leopoldo na casa em que Chico vivia com a família, havia cadernos com fragmentos de textos diversos. Esses escritos traduziram a produção de seu período pré-psicográfico. Os fragmentos eram recortados dos seus livros de origem:

Livros-caixa da mercearia em que o futuro médium trabalhava como atendente, todos com as anotações de compras dos clientes. Chico Xavier se apropriava então desse material usado, e que provavelmente seria descartado, para neles organizar pensamentos díspares, postos a dialogar em um complexo processo de bricolagem. Escritores consagrados foram colocados em interlocução com pensamentos de autores desconhecidos (FERNANDES, 2008, p. 154).

A pesquisadora relaciona nomes de literatos que faziam parte da preferência de Chico: Shakespeare, Jung, Edgar A. Poe, Cervantes, Cecília Meireles, Balzac, Rousseau, Michelet, Victor Hugo, Álvares de Azevedo, Catulo da Paixão Cearense, João de Deus e Eça de Queirós.

Os pendores literários de Chico não eram omitidos. Conforme vimos nas declarações de Quintão, havia um esforço para distinguir versos do médium e aqueles oriundos do plano espiritual: “seus e dos outros”. Salientamos que, nos textos anteriores à publicação de *Parnaso de Além-Túmulo*, a capacidade intelectual do médium sempre foi ressaltada como uma maneira de distinguir o que era produção dele e o que era fruto dos espíritos. Nas futuras críticas ao livro desferidas pela propaganda antiespírita, perceberemos que as habilidades literárias de Chico serão usadas para reforçar a suspeita de pastichador.

As propagandas antecipatórias de estreia de *Parnaso de Além-Túmulo* prosseguiram com publicações de artigos, que reproduziam poesias psicografadas por Chico, o que, segundo

Manuel Quintão, propiciaria uma aproximação dos leitores com o trabalho do jovem médium. Foi o próprio Quintão que se encarregou de anunciar, na seção *Casos e Coisas* da revista *Reformador*, de 16 de abril de 1932, a iminente publicação da obra:

Já entrou para o prelo o “Parnaso de Além-Túmulo”, preciosa colletanea de poesias mediumnicas, cuja excellencia e vigorosa autenticidade já proclamamos nestas colunas. O confrade leitor nos revelará o reincidirmos no assumpto, pelo muito que estimamos, nesta obra, as suas qualidades e aspectos originaes, como elementos de convicção (QUINTÃO, 1932, p. 236).

Ao reiterar a qualidade da obra, percebemos uma provável intenção de Quintão de fomentar a expectativa dos leitores. Porém, essas explícitas propagandas geraram as primeiras acusações sobre a legitimidade autoral. Em resposta à crítica, o presidente da Federação destacou:

De facto, nada menos susceptível de imitação, que o estylo do homem, o que fez corrente a frase – o estylo é o homem. Admitimos que, com tempo, paciência e aptidões especiais, possa alguém apossar-se da technica de um grande escritor, ao ponto de iludir os menos argutos, conhecedores do mister. De um, mas não de muitos escriptores, entenda-se, e isto na prosa, porque, no verso, a empresa se torna quase, se não de todo insuperável. Depois há de convir, na mais optimista das hypotheses, que a quem dispusesse de taes virtudes e habilidades, melhor e mais práctico lhe fora construir obra sua, do que atribui-la a outrem. Assim, para inquinarmos de fraudunas as poesias que ora nos oferece o médium polygrapho Xavier, haveríamos de o supor antes de tudo – um tolo, deslocado do seu tempo e do seu meio – e depois de tudo – um velho faiscador de não menos velhos patrimônios literários. Mineiração passadista, ao demais inútil, porque nem admite proventos pecuniários, de vez que ele tudo cedeu e concedeu a benefício da Federação, com vistas à propaganda (QUINTÃO, 1932, p. 236).

Inferimos diante dos argumentos expostos por Quintão, na defesa das poesias de Chico, que as primeiras acusações da crítica aos poemas incidiam sobre a questão do *pastiche*. Dessa forma, Quintão selecionará duas justificativas consideradas por ele importantes para arrefecer essas acusações: a primeira refere-se à diversidade de autores, pois ninguém seria capaz de reproduzir estilos tão diferentes; a segunda expõe as dificuldades de pastichar o gênero poesia, que seria muito mais complexo imitar do que um texto em prosa. E por que Chico Xavier não assumia a autoria dos textos se, de fato, era habilidoso poeta? Não seria mais fácil assumir-se como autor e estancar as acusações? Esta última inquirição receberia um sim, caso o médium

não tivesse cedido os direitos autorais para a FEB, isentando-se de qualquer lucro financeiro. A ênfase de Quintão, nos direitos autorais da obra cedidos pelo médium, enfraquecia a acusação de farsa, pois sem ganho pecuniário não haveria dolo e sem dolo não haveria crime (CUNHA, 2015, p. 180). Chico Xavier, dessa forma, não poderia ser considerado um literato no sentido profissionalizado do termo, justamente porque não representando para ele uma profissão, não lhe poderia ser imputada a acusação de má-fé – um preço muito alto para exercer sua psicografia em liberdade – uma vez que estamos tratando da vendagem de milhões de exemplares. Os direitos autorais teriam lhe rendido uma fortuna considerável, mas colocaria em xeque a coerência dos seus princípios e representaria um risco à credibilidade de suas obras. Romper com a gratuidade de seu exercício literário peculiar com seu voto de pobreza faria ruir o pacto de leitura estabelecido com seu público leitor (CUNHA, 2015, p. 180).

Manuel Quintão imprime fôlego à campanha de *Parnaso de Além-Túmulo* e confirma com a equipe editorial da revista *Reformador* a data da primeira edição da obra, junho de 1932. Em sua campanha, Quintão reforça a capacidade mediúnica de Chico, listando alguns nomes de escritores consagrados, que renovavam seus dotes literários pelas mãos do médium:

Poesia extrahida do PARNASO DE ALÉM-TÚMULO, magnífica e opulenta coletânea de produções mediumnicas de consagrados vates, quaes Souza Caldas, Casimiro de Abreu, Castro Alves, João de Deus, Augusto dos Anjos e tantos outros, cujos escritos se afirmam inconfundíveis pela mediumnidade de Francisco Candido Xavier, um jovem de relativíssima cultura intelectual isolado de influências literárias num rincão mineiro (QUINTÃO, 1932, p. 236).

Observamos que a relação de nomes ilustres sustentava a credibilidade da coletânea de poesias, psicografadas em diferentes estilos, todas permeadas de temáticas alusivas ao Espiritismo, conforme vimos no item 3.2. A remissão aos dotes intelectuais de Chico na parte final do artigo de Quintão “relativíssima cultura intelectual isolado de influências literárias num rincão mineiro” pode responder a pergunta anterior por nós enunciada: E por que Chico Xavier não assumia a autoria dos textos, se, de fato, era habilidoso poeta? Porque seria “um jovem de relativíssima cultura intelectual” e estaria “isolado de influências literárias num rincão mineiro”, por conseguinte, não poderia ser o autor intelectual das poesias. Estudaremos a seguir, as repercussões do *Parnaso de Além-Túmulo* após sua publicação em 1932 e os discursos sobre Chico e esta obra.

3.4 As polêmicas em torno de *Parnaso de Além-Túmulo*

Os livros não me pertencem. Eu não escrevi nada.
“Eles”, os espíritos, escreveram.

Chico Xavier

Desde o lançamento de *Parnaso de Além-Túmulo*, Chico Xavier sempre repetiu que a obra era lavra dos espíritos. Conforme vimos em trecho escrito na introdução do livro, o médium descreveu seu “ambiente sobrecarregado de trabalho para angariar o pão cotidiano, onde não se pode pensar em letras” (XAVIER, 2010, pp. 31-32). Mas o que de fato incomodou a crítica? Uns acreditavam que Chico era leitor compulsivo, dono de memória prodigiosa, que incorporava o estilo dos poetas inconscientemente. Outros o tratavam por esquizofrênico ou os poemas seriam uma manobra da propaganda espírita para alavancar as vendas.

Em 1932, assim que a obra *Parnaso de Além-Túmulo* foi publicada, instaurou-se uma querela acerca da autoria dos poemas, uma vez que o médium Chico Xavier atribuía a autoria dos textos a alguns poetas mortos. O interesse provocado pelo livro estava condicionado à forma de produção, ou seja, as divergências surgidas foram atreladas ao estranhamento provocado pela escrita psicográfica aceita por um público espírita, mas em contrapartida rejeitada pelo mundo literário-acadêmico.

Vimos, anteriormente no item 1.7, que a faculdade mediúnica psicográfica reproduz uma configuração autoral pouco convencional, formada pela ação simultânea de dois sujeitos: um autor espírito e um autor vivo – o médium. Este não se posiciona como um simples instrumento para a materialização dos textos, seu “protagonismo” corrobora a instauração da autoria do discurso mediúnico e a transmissão da mensagem repassada pelo espírito de maneira clara. Daí advém a instabilidade quanto à crença na autoria dos textos póstumos: o médium psicógrafo reproduziria, de fato, o estilo do autor por meio de sua enunciação póstuma?

Quanto à questão do grau de participação do médium na reprodução do texto psicográfico, Bertolli Filho (2016), em seu artigo anteriormente citado “O quase silêncio da história: a literatura espírita e a crítica literária brasileira”, suscita questões possíveis em relação à atuação do médium no processo psicográfico que poderiam interferir na postura da crítica em relação ao julgamento da autoria de textos póstumos:

A psicografia direta, com a atuação do médium como elemento intercessor entre os espíritos e os homens, é a forma mais comum de produção dos textos kardecistas. O papel vital do médium nas mensagens oriundas do além erige-se como um assunto controverso. A maior parte dos estudiosos kardecistas pontifica que a única qualidade do receptor original das mensagens é servir como uma espécie de robô, um rádio ou uma televisão (comparações frequentemente utilizadas pela comunidade espírita) e que portanto não interfere na qualidade da produção das mensagens, atuando exclusivamente como um ente circunstancialmente destituído de vontade própria que é convocado para redigir as mensagens ditadas pelos espíritos. Fala-se pois em uma “escrita automática”, não sendo necessário nem mesmo que o receptor seja alfabetizado ou que tenha um nível sofisticado de instrução. Sua contribuição para a causa espírita é definida apenas como empréstimo do corpo somático às “forças luminosas” para que possam se expressar aos que vestem o “traje carnal”. Em sentido oposto, outros kardecistas informam a existência de uma comunhão entre o espírito e o receptor encarnado na composição dos textos afinados com a literatura d’além túmulo. Neste caso, o sujeito com poderes mediúnicos reage ao trabalho imposto e até interfere nas mensagens produzidas pelos espíritos (BERTOLLI FILHO, 2016, p. 8).

Bertolli Filho discute a questão do grau de participação do médium no processo de reprodução do estilo literário do poeta morto. Segundo ele, existem pela visão espírita duas maneiras de manifestação da escrita psicográfica: na primeira, teríamos tão somente o “empréstimo do corpo somático” (BERTOLLI FILHO, 2016, p. 8) do médium para a recepção dos textos e, na segunda, “o sujeito com poderes mediúnicos reage ao trabalho imposto e até interfere nas mensagens produzidas pelos espíritos” (idem).

Outro questionamento também surge acerca da materialização das mensagens: como pleitear a confirmação autoral se o estilo dos espíritos dos literatos diverge em muitos aspectos do que eles imprimiram em vida? Não é uma inquirição fácil de responder, uma vez que nela surgem dúvidas sobre a possibilidade ou não da comunicação mediúnica.

A Doutrina Espírita entende que as mudanças do estilo do escritor, bem como a alteração de seu juízo de valor no plano extrafísico são naturais, pois todos os espíritos estão sujeitos à Lei de Evolução e naturalmente adquirem novas ideias e modificam seu modo de pensar e agir ao tempo e espaço em que vivem. Por isso, são legítimas as transformações ocorridas na esfera íntima do espírito. Justificam-se assim, segundo os preceitos espíritas, as possíveis mudanças de estilo e de tema nas diversas produções mediúnicas como romances, mensagens, poemas e em tantos outros gêneros literários.

Parnaso de Além-Túmulo concentrava variados estilos literários assinados por personalidades que em vida foram autores de produções literárias consagradas. Com que critério então os poemas mediúnicos foram julgados? Com que parâmetros foi avaliada a capacidade intelectual de Chico para reproduzir o estilo dos poetas mortos?

A publicação pela FEB do livro *Parnaso de Além-Túmulo* foi vista como um grave desrespeito aos poetas famosos já mortos e Chico vai, durante muito tempo, carregar a pecha de pastichador.

Devido às especulações iniciais, Chico Xavier resolveu se manifestar. No já referido texto, “Palavras minhas”, o médium expõe em relação à psicografia do livro:

Serão [as poesias] das personalidades que as assinam? – é o que não posso afiançar. O que posso afirmar, categoricamente, é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre senti ao escrevê-las era e de que vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, do qual eu as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis. Certas vezes, esse estado atingia o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o meu corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas. É o que experimento, fisicamente, quanto ao fenômeno que se produz frequentemente comigo. Julgo no meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fosse; essas produções chegaram-me sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalhos as provocássemos, e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes, em nossas preces (XAVIER, 2010, pp. 34-35).

O médium ainda reforça como as poesias advêm das diferentes práticas psicográficas. Dos relatos de Chico, depreendemos que ele procura destacar os modos de manifestação da psicografia: na psicografia mecânica, “vigorosa mão impulsionava a minha”; na visual, “parecia ter em mente um volume imaterial, do qual eu as lia e copiava” e, por fim, na psicografia auditiva, “alguém mas ditava aos ouvidos”. As justificativas de Chico pautam-se pelo fato de que ele acreditava possuir a capacidade de apreensão de diferentes procedimentos psicográficos e isso reforçava sua convicção de que não era autor das poesias póstumas.

O fato de a FEB ter dado destaque à publicação da antologia mediúnica abriu espaço para que a imprensa e os literatos, de modo geral, julgassem se a obra era ou não de autoria dos poetas mortos.

Podemos dizer que muitos foram os debates em torno da legitimidade autoral de *Parnaso de Além-Túmulo*. Em 1932, o poeta Humberto de Campos fazia parte do grupo que preconizava a descrença em relação à autoria dos poemas. O “imortal” da Academia Brasileira de Letras, por meio de sua crônica “Poetas do outro mundo”, veiculada no jornal *Diário Carioca*, em 10 de julho de 1932, reconheceu o talento de Chico para escrever *a la manière de*. Inicialmente Humberto de Campos faz algumas referências importantes ao leitor sobre a

situação de pobreza e pouca instrução de Chico, a fim de contrastá-las com o volume de versos do referido livro que lhe chegara às mãos:

E como este mundo não lhe parecesse dos mais amáveis, começou a pensar no outro, aderindo ao espiritismo, com as altas funções e responsabilidades de “médium”. Lidando nesta vida com os espíritos medíocres que frequentam a casa de comércio em que trabalha, resolveu Francisco Cândido Xavier tornar-se mais exigente no reino das sombras, buscando nele, para conversar, inteligências superiores, homens de letras e especialmente poetas que já haviam passado por este mundo. Nessas palestras em que a boca se mantinha em silêncio, transmitiam-lhe os seus novos amigos algumas poesias elaboradas depois de desencarnados, e que o jovem caixeiro de Pedro Leopoldo ia escrevendo mecanicamente, sem esforço do braço ou da imaginação. Esses espíritos eram ordinariamente Guerra Junqueiro, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Casimiro de Abreu, João de Deus, Auta de Souza, Pedro II, Souza Caldas, Julio Diniz, Cruz e Souza e Casimiro Cunha, poeta vassourense. Às vezes aparecia, também, um anônimo, cuja modéstia não desaparecera nem no outro mundo (CAMPOS, *apud* ARANTES, 2002, p. 30).

Em seguida, Humberto de Campos observa ainda com certa ironia:

O primeiro pensamento que assalta o leitor, antes de examinar o merecimento literário da obra, é a idéia de que, nem no outro mundo, estará livre dos poetas. A poesia é uma predestinação de tal modo fatal, irremediável, que a vítima não se livra dessa maldição nem, mesmo, depois da morte. Quem faz sonetos ou redondilhas neste planeta, está condenado a fazê-los em todos os pontos do espaço e da eternidade a que o leve o dedo divino. E sem mudar de estilo. E sem variar de temas. E sem modificação de ritmos, de rimas ou de imaginação.

Admitindo essa verdade, a vida literária no outro mundo deve ser mais variada, embora mais fatigante, do que neste. Lá estarão, ainda, Anchieta, a celebrar a Virgem Maria em língua tupi; Botelho de Oliveira a cantar no estilo da “Ilha da Maré” e da “Música do Parnaso”; Cláudio Manoel da Costa, escrevendo sonetos clássicos; Gonçalves Dias, com a sua lira romântica; e os parnasianos; e os simbolistas, e os futuristas que morreram antes do futurismo morrer. A vantagem apresentada por essa reunião de escolas ficará, todavia, comprometida pela eternidade da produção. A superioridade que esta vida apresenta sobre as outras, está, precisamente, no seu caráter transitório. Quando um indivíduo, entre nós, dizendo-se benquistado dos deuses, empunha a lira, ficamos certos, desde logo, que ele um dia emudecerá. E é esse consolo que não têm os habitantes do Astral, os quais se acham condenados a escutar os maus poetas até à consumação dos séculos (CAMPOS, *apud* ARANTES 2002, pp. 30-31).

Por fim, o poeta confessa:

Eu faltaria, entretanto, ao que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificaram neste planeta. Os temas abordados são os que os preocupavam em vida. O gosto é o mesmo. E o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueira, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos – sente-se, ao ler cada um dos autores que veio do outro mundo para contar neste instante, a inclinação do senhor Francisco Cândido Xavier para escrever “À la manière de...” ou para traduzir o que aqueles altos espíritos soprarem ao seu ouvido” (CAMPOS, *apud* ARANTES, 2002, p. 31).

No final do artigo, a veia irônica do poeta Humberto de Campos vem acompanhada de um alerta aos escritores vivos sobre a “atitude” dos companheiros mortos: “Se eles voltam a nos fazer concorrência com seus versos perante o público e, sobretudo, perante os editores, dispensando-lhes o pagamento dos direitos autorais, que destino terão os vivos que lutam hoje com tantas e tão poderosas dificuldades?” (CAMPOS, *apud* MAIOR, 2010, p. 41). Humberto de Campos morre em 1934 e torna-se ele próprio um “poeta morto”.

As palavras de Humberto de Campos, um dos mais populares literatos da década de 1930, reproduziam o ceticismo do poeta em relação à estagnação da qualidade dos textos dos poetas mortos, que na sua concepção não teriam evoluído literariamente na nova dimensão astral. Na seção *Bibliographia* da revista *Reformador*, de novembro de 1932, registra-se a resposta da FEB à crítica considerada profana pela Federação:

(...) A crítica profana, inicialmente desconhecedora do assumpto, estranhou que os poetas não hajam evolvido, que continuem no além, com as mesmas idéias, os mesmos estylos e, até, as mesmas rimas que preferiram quando no planeta. Em suma, o que para eles se torna reparável no sentido negativo, são, justamente, as características inconfundíveis do estylo, a reprodução fidelíssima, na forma e no fundo, do modo porque, na terra, os vates falecidos faziam as suas poesias. Tal semelhança, porém, não significa que os poetas do além tenham ficado estacionários, acorrentados ao passado, como muitos dos pensadores escriptores e jornalistas vivos. Se eles, nas suas producções posthumas, mantiveram aquellas características é porque quiseram identificar-se de modo a não deixar dúvidas. Mas, para os scepticos, ainda as melhores provas redundam em prejuízo da causa. O leitor, entretanto de espírito isento de preconceitos, não deixará de observar as belezas dessas produções mediúnicas e verificará a intenção de cada um dos poetas de reproduzir inteiramente ali, a feição literária que tiveram na terra (REFORMADOR, 1932, pp. 544-545).

Como observamos na citação, a resposta da FEB procurou desqualificar o olhar leigo do poeta Humberto Campos, em relação às poesias mediúnicas: “Tal semelhança, porém, não

significa que os poetas do além tenham ficado estacionários, acorrentados ao passado, como muitos dos pensadores escriptores e jornalistas vivos”. Podemos dizer que o artigo sugere que, embora o literato fosse qualificado do ponto de vista intelectual, essa qualificação restringia-se ao domínio acadêmico; pois, em relação às questões espíritas, suas observações eram ainda prematuras.

Em sua defesa, Chico no início de 1933, recebe um apoio inusitado do “além- túmulo”: o espírito do escritor português Eça de Queirós, falecido em 1900, assina pelos punhos de Chico uma mensagem intitulada “Piparote ao Futurismo”, cujas observações são uma tentativa de estimular o trabalho psicográfico do médium. Os textos assinados pelo escritor português foram publicados na revista *Reformador*, entre 21/01/1933 e 01/04/1933, sob o título de “Aos Críticos de Parnaso de Além-Túmulo”. A Federação Espírita Brasileira, em 1940, reuniu mensagens do escritor português em um único volume, *Eça de Queirós, Póstumo*. O livro é composto por vinte e cinco mensagens atribuídas ao escritor português Eça de Queirós, psicografadas pelo médium Fernando de Lacerda, e duas mensagens recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier. É dessa fonte bibliográfica febianiana que transcrevemos trechos das mensagens para embasar nossas reflexões. Na mensagem “Piparote ao Futurismo”, o autor espiritual inicialmente parece desejar dar uma resposta à crítica feita por Humberto de Campos às poesias do *Parnaso de Além-Túmulo*:

Meu amigo,

Há mais de um decênio que não me preocupo com as parvoíces da Terra. Nem presumia a possibilidade de enviar novamente para ahi a minha futilíssima correspondência, entregando-me à atividade sem fadigas do trabalho que me foi designado, como abelha dócil e paciente, quando alguém me insinuou a ideia de vir ditar-te as minhas sandices.

Quê! Escrever para ahi! Toda tentativa que eu fizesse redundaria em rematada loucura. Reafirmar todo o meu asco por essa vida materiolona em doses fortes de ironia? Provocar a risibilidade dos estafermos humanos, que copiam fielmente a vida dos patos irracionálíssimos, e refocilarem-se grasnando nos charcos lamacentos? Empresa inútil; todavia apesar dos anos que tenho vivido nesta região de aquém, onde se surpreendem inimagináveis imprevistos, ainda não perdi o gosto de rir gostosamente do meu próximo que se acha metido na veste sebosa da carne nojenta (...) (LACERDA, 1999, p. 224).

Em outro trecho da mensagem, numa tentativa de lançar luz sobre as polêmicas levantadas, o espírito Eça de Queirós procura reatar uma interlocução com o campo literário:

Que é literatura hodierna? Um acervo de bagatelas da mentalidade dos palermas. E como se julgam engrandecidos os nossos extraordinários gigantes liliputianos que, atolados até o pescoço na sua ciência, condenam tudo o que é perfeito! O monumento literário da língua portuguesa, modernamente, não é mais do que uma caleça em cacos empoeirados, onde se aboletam os pobres passadistas enfermos da cabeça.

Os livros nossos, genuinamente nossos, hoje não são mais que repositórios de bolor, de mofo, de sujidades; são letras ordinárias, falhas de beleza, sem a mínima dose de sentimentalidade e poesia e mesmo de patriotismo. Pecam, como arcaicas, por se prenderem a coisas de Portugal e do Brasil. Quem eram Herculano, Camilo, Fialho, Machado de Assis? Nomes que passaram, escrevinhadores de prosa barata para brochuras pífias e reles. Castilho, João de Deus, Antero de Quental? Poetastros e versejadores choramingas, que servem apenas para salientar a beleza imaculada das excelsas produções dos novos príncipes da poesia, imortalizados com os seus altíssimos poemas de cinco palavras. Tudo passou.

Classicismo, estilística, vernaculidade? Só com os senhores puristas da época, iluminados de... idiotia. Esses, sim, com o rótulo de doutores por fora, com a carteira recheada de pergaminhos amarelentos, cheirando a bafio, estigmatizados por dentro com o sinal de patetas, são os grandes literatos futuristas. Transudando superioridade até nas extremidades das unhas, acham-se por aí aos centos, turibulados, incensados, provocando a admiração dos seus contemporâneos, que bem se assemelham àquele pobre quadrúpede resignado e pachorrento, que não sabe senão cornear ruidosamente (LACERDA, 1999, pp. 225-226).

Atentemos para as seguintes observações: a estratégia discursiva da mensagem procura dar o troco com a mesma moeda às críticas que tentavam desqualificar a obra *Parnaso de Além-Túmulo*, depreciando a literatura construída pelos detratores das poesias do além. Como escritor consagrado que fora, “Eça” tinha autoridade literária suficiente para tamanha empreitada. Foi com esse empenho que classificou a literatura daquele momento como “Um acervo de bagatelas da mentalidade dos palermas” e sentenciou que “O monumento literário da língua portuguesa, modernamente, não é mais do que uma caleça em cacos empoeirados, onde se aboletam os pobres passadistas enfermos da cabeça”. “Eça” desqualifica a literatura do seu país. O escritor português termina criticando os leitores que “(...) se assemelham àquele pobre quadrúpede resignado e pachorrento, que não sabe senão cornear ruidosamente”, por eles valorizarem uma literatura que para ele era igual “(...) a pergaminhos amarelentos, cheirando a bafio (...)”. Eça de Queiroz, que há muito não se preocupava com “as parvoíces da Terra”, assume uma postura de aberto enfrentamento pela crítica dura e mordaz que realiza como nos velhos tempos.

Percebe-se, nas mensagens assinadas pelo espírito Eça de Queiroz, a descrição de uma imagem pública do médium que reforça a campanha de negação autoral praticada pelo movimento espírita à época da divulgação do *Parnaso de Além-Túmulo*. Vejamos o texto de “Eça” de 1933, em que ele relata a primeira vez em que se depara com Chico Xavier transitando pelas ruas de Pedro Leopoldo:

Focalizei no meu pensamento a ideia de vir ter contigo e bastou isso para que as minhas raras faculdades de fantasma me conduzissem a esse maravilhoso recanto sertanejo em que vives, esplendor de canto agreste, quase selvagem, trazendo-me reminiscências de uma paisagem minhota, cortada de regatos, aromatizada de frescas verduras, suave e perfumosa, encantadora e alegre, onde apenas faltasse o cheiro caricioso do vinho verde reconfortador. Busquei aproximar-me de tua individualidade.

Vi-te finalmente. Lá surgias ao fim de uma rua bem cuidada, onde se alinhavam casas brancas e arejadas, brasileiríssimas, abarrotadas de ar, de saúde, de sol; vinhas com o passo cansado, pele suarenta a derreter-se dentro de roupas quase enebadas, com os pés metidos em legítimos socos do Porto, obrigando-me a evocar o cais de Lisboa, onde pululam esses typos vulgaríssimos de moços de recado e carregadores, envergando tamancos portuguessímos.

Sem que pudesses observar-me, submeti-te a demorado exame. Procurei a tua bagagem de pensamento, encontrando na tua mocidade tudo quanto a tristeza criou de mais sombrio; em tua alma amargurada, vi apenas porções de sofrimentos, pedaços de angústia esterilizadora, recordações tristonhas, lágrimas cristalizadas (...)

Que não te cause estranheza o meu modo particular de apreciação sobre a tua personalidade. Crê. Nisso não vai a mínima parcela de desconsideração. É que eu próprio me surpreendo com os typos originaes que o espiritualismo moderno apresenta ao mundo. Mãos que se entregam aos rudes trabalhos braçaes fazendo a literatura de além-túmulo, isto é, deste paiz estranho (...)

Vi-te e ri-me. Não de ti. Ri-me da estultice do cérebro desequilibrado do asno humano, com o seu volumoso e pesado arquivo de baboseiras (LACERDA, 1999, pp. 225-227).

A descrição feita por Eça sobre Chico será mais uma argumentação favorável acerca de a impossibilidade da autoria intelectual dos poemas ser atribuída ao próprio médium. Mas vejamos primeiramente que o escritor português, para enfatizar sua identidade espiritual, recorre às lembranças de sua terra “(...) paisagem minhota, cortada de regatos, aromatizada de frescas verduras, suave e perfumosa, encantadora e alegre, onde apenas faltasse o cheiro caricioso do vinho verde reconfortador”, bebida típica da região do Minho em Portugal. Destaca ainda os tamancos usados pelo médium com uma nítida referência aos usados nos cais de Lisboa: “(...) pés metidos em legítimos socos do Porto, obrigando-me a evocar o cais de Lisboa, onde pululam esses typos vulgaríssimos de moços de recado e carregadores, envergando tamancos portuguessímos.” Em seguida, Eça enfatiza a imagem de pobreza material de Chico: “(...) vinhas com o passo cansado, pele suarenta a derreter-se dentro de roupas quase enebadas, com os pés metidos em legítimos socos do Porto (...)”, criando um elo com o sofrimento moral do médium: “Procurei a tua bagagem de pensamento, encontrando na tua mocidade tudo quanto a tristeza criou de mais sombrio; em tua alma amargurada, vi apenas porções de sofrimentos, pedaços de angústia esterilizadora, recordações tristonhas, lágrimas cristalizadas (...)”. Os relatos de Eça permitem ainda associar a imagem de Chico a outros casos do “espiritualismo moderno”.

Eça de Queiroz, mais adiante no texto, desafia Chico a reagir contra as acusações:

Convence-te de que se comete um ato desarrazoado, uma inqualificável imprudência, em chorar totalmente, em derreter-se inutilmente. Abandona essa exótica preocupação aos mais parvos do que tu. Ri-se o mundo de nós? Riamo-nos dele. Achincalhem os seus arremedos aos gorilas, ridicularizemos as suas intuições, onde predominam a bandalheira, os seus pulos de cabra-cega; traduzamos a admiração que tudo isso nos desperta com o riso bom, que sempre apavorou os tímidos e insuficientes (LACERDA, 1999, p. 227).

Percebe-se o esforço de Eça para reanimar Chico e descredenciar os argumentos da crítica em relação ao não reconhecimento da autoria espiritual das poesias de *Parnaso de Além-Túmulo*, adotando “(...) o riso bom, que sempre apavorou os tímidos e insuficientes” (LACERDA, 1999, p. 228).

Na segunda edição de *Parnaso de Além-Túmulo* de 1935, quase três vezes maior que a primeira edição, o espírito do poeta Humberto de Campos reforça a coletânea póstuma e assume no introito da obra sua conversão à nova realidade espiritual.

As dúvidas quanto à autoria dos poemas prosseguiram e fomentaram os debates acerca da questão do *pastiche*. Vários críticos literários, jornalistas e escritores engrossavam as fileiras do ceticismo. A imprensa realmente incitava os debates acerca da legitimidade ou não da coletânea mediúnica. O jornal *O Globo* veiculou, em 12 de abril de 1935, o artigo do colunista literário Eloy Pontes, intitulado “Chronicas de além tumulo”. Pontes comenta a publicação do primeiro texto mediúnico, divulgado onze dias antes pela revista *Reformador*, atribuído a Humberto de Campos por intermédio de Chico Xavier. Esse artigo manifesta a leitura que o colunista tinha sobre os escritos de Chico: ele julgava-os como *pastiches*, simples imitações de estilo:

Há tempos teve enorme voga na França a literatura de “pastiche”. A série de volumes “A’ la manière de...”, em que se macaqueava estilos de prosadores e poetas, revelou formas de inteligência muito curiosas. Os mais notáveis escriptores eram imitados com perfeição desconcertante. Todos os estilos têm estigmas e “tics”, que caracterizam os autores. As “pastiches”, por isso mesmo, exigem longos estudos. Entre nós o gênero passou a ser explorado pelo espiritismo com extraordinária segurança e sucesso muito justo.

Foi o “médiun” portuguez Fernando de Lacerda quem propagou o gênero aqui. Hoje em dia outros “médiuns” seguem os seus passos, alguns com talento digno de nota. Há tempos foi publicado uma volume curíossimo de Guerra Junqueiro, colhido pelas antenas mediumnicas duma mulher, no Pará, que o prefacio afirma ser analfabeta. Os

poemas do volume, pastichados da “Velhice do padre eterno” eram Guerra Junqueiro puro.

Depois tivemos versos de Hermes Fontes, mas já sem o mesmo talento. Mas não fazem mezes ainda apareceu Victor Hugo, psychographado pela Sra. Zilda Gama, escriptora de talento, com perfeição... Os technicos de “A la maniere de...” se vão aperfeiçoando de modo curfóssimo.

Ainda agora aqui temos uma chronica de Humberto de Campos, mandada do além tumulo, por intermédio dum “caixeiro de venda”, psychographo hábil, que a recolheu em transe. O “pastiche” é perfeito. Todas as niquices, todos os “chiqués”, todos os estigmas, todas as características do estilo daquelle escritor se encontram aqui. Narra ele cousas pitorescas de além mundo, com aquella ironia procurada de sempre, não se esquecendo nem mesmo de nos dar conta dum encontro com Emilio de Menezes, que conserva o ventre os hábitos e os sarcasmos. O gênero literário poderá ser explorado com proveito. Veja-se este lance: “Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferenda para a tua grandeza! Não possuo senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas no dia em que te lembrares do misero peccador, que te contempla no teu doce mysterio, como lâmpada de luz eterna, em torno da qual bailam os soes, como pyrilampos accesos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de açucenas. Então, Senhor, como já puzeste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lírio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama”. O livre Sr. José Olympio, que é assim uma espécie de proprietário feroz das glorias póstumas de Humberto de Campos, poderia bem explorar o “caixeiro de venda”, que tão enfronhado se mostra no gênero de imitar estilos mortos (PONTES, 1935, p. 2).

O médium português citado no artigo de Pontes, Fernando de Lacerda, foi também alvo de especulações e polêmicas. Ele veio para o Brasil em virtude das perseguições políticas e também religiosas que se travavam em Portugal. Os textos mediúnicos psicografados por Lacerda, à medida que iam sendo divulgados eram alvos de opiniões que confirmavam ou descredenciavam a autoria espiritual⁹³. Não demorou muito, suas comunicações foram veiculadas nos jornais brasileiros e lhe valeram a pecha de divulgador do pastiche em solo nacional, no dizer do crítico Eloy Pontes. O médium recebeu várias mensagens espirituais de grandes escritores da literatura portuguesa e de vultos estrangeiros universalmente conhecidos como Camilo Castelo Branco, Napoleão, Júlio Dinis, Alexandre Herculano, Emile Zola, Vitor Hugo, João de Deus, Padre Antônio Vieira, Antero de Quental, Allan Kardec, Eça de

⁹³ Conforme mais tarde aconteceria com Chico Xavier, as dúvidas quanto à autoria dos textos mediúnicos recebidos por Fernando de Lacerda foram fomentadas também em virtude de sua inclinação literária. Hermínio Corrêa de Miranda, em crônica intitulada “Fernando de Lacerda, o médium do país de Camões”, veiculada na revista espírita *Reformador*, de janeiro de 1977, diz que o repórter J. S., da *Ilustração Portuguesa*, ficou um tanto “decepcionado” com o acervo literário do médium: “A modesta biblioteca pessoal de Lacerda decepcionou o jornalista, que esperava encontrar talvez, todas as colecções dos grandes mestres da língua. Nada disso! Os autores predilectos de Lacerda eram Paulo de Kock, Ponson Terrail e Xavier de Montepin, então muito populares pelas imaginosas e torrenciais histórias de capa e espada que escreviam. Em entrevista datada do 15 de Agosto de 1908, Lacerda confirma a constatação do jornalista: “Nunca li senão isso” (MIRANDA, 1977, p. 10).

Queirós, Teófilo Braga⁹⁴ entre outros. O espírito Eça de Queirós foi o que mais vezes por ele se comunicou, perfazendo um total de cento e quarenta e sete mensagens. Contudo, as comunicações do escritor português, autor de tantos romances polêmicos, também foram vistas com muitas reservas. Na tentativa de afastar qualquer atribuição de ele ser o autor dos textos, no prefácio do volume III de *Do País da Luz*, Lacerda (2003) referenda os nomes autorais registrados nas mensagens psicografadas e afasta qualquer julgamento de mistificação dos ditados mediúnicos:

Nada tenho a acrescentar ao que tenho dito relativamente aos outros. Creio que as publicações nele contidas, são originais de quem as assina. Serão? Não serão? Minhas é que não são, com certeza, apesar de ser eu quem as escreve.

Não tive, em todas elas, metade do trabalho intelectual que tenho tido a alinhar as palavras que aqui venho deixando.

A despeito dos risinhos e da troça dos grandes talentos da nossa terra, elas algum valor possuem.

Não será igual ao dos trabalhos deles; mas será o bastante para me não envergonharem de eu as poder assinar com orgulho.

Que interesse, pois, terei eu em dizer que não são minhas, e andar, constantemente, a protestar contra esses que me querem fazer um grande, um inimitável cultor das letras portuguesas? (...)

Devo ainda dizer aqui uma coisa indispensável.

Há também vários pedidos para que eu publique comunicações sobre este ou aquele ramo de ciência, de arte ou de política. Creio que alguns destes pedidos eram feitos na crença ingênua de ver se eu mistifico com as que escrevo. Essa experiência é duma grande ingenuidade, e revela inteiro desconhecimento da maneira como as comunicações são produzidas e de como se podem produzir.

Se eu quisesse mistificar podia, por mim ou por outrem, estudar esses assuntos, e escrevê-las, melhores ou piores. Não querendo mistificar, tenho que sujeitar-me ao que quisessem dizer, e então, como por várias vezes já têm dito nos livros, só podem produzir conforme a preparação ou facilidade que eu, como instrumento, posso ter.

Há ainda quem estranhe que eu só comunique com grandes homens. Devo repetir mais uma vez que tenho tido muito mais facilidade em comunicar com desconhecidos e até com grandes desgraçados, do que com grandes homens. É racional, porém, que só publique o que, por qualquer circunstância especial mereça ser publicado. Essa circunstância pode ser da substância das comunicações ou a de identidade de personalidade e semelhança de estilo, relativamente a quando se achavam neste mundo os que dizem escrevê-las (LACERDA, 2003, pp. 14-16).

⁹⁴ Segundo Carlos Bacelli, em artigo publicado na *Folha Espírita*, de São Paulo, em janeiro de 1988, o primeiro volume de *Do País da Luz*, publicado em 1908, teve uma repercussão semelhante ao *Parnaso de Além-Túmulo*, pois trazia mensagens assinadas pelos nomes mais respeitáveis da literatura: Eça de Queiroz (considerado o espírito que lhe supervisionava a tarefa mediúnica), Camilo Castelo Branco, Heliodoro Salgado, Napoleão, Júlio Diniz, Alexandre Herculano, João de Deus, Zola, César Cantú, Fontes, Michelet, Padre Antônio Vieira, Leão XIII, Pinheiro Chagas e Mouzinho d'Albuquerque. Os outros três volumes de *Do País da Luz*, saíram, segundo data de prefácio ou de apresentação, nos anos de 1908 e 1911, respectivamente, sendo que do quarto e último volume da série não nos foi possível descobrir o ano de edição, mas sabemos que veio a lume após a morte de Fernando de Lacerda. Nesses três volumes vários autores espirituais se juntaram aos do primeiro: Antero de Quental, Allan Kardec, Tereza de Jesus, Emile Littré, Frei Bartolomeu dos Mártires, José Duro, Leão Tolstoi, Artur Azevedo e tantos mais. Alguns desses literatos estavam como desbravando o caminho para que, mais tarde, por Chico Xavier, juntando-se a terceiros, continuassem falando à terra (BACELLI, 1988, p. 12).

O nome do médium Fernando de Lacerda foi citado na pré-campanha deflagrada pela FEB a favor de *Parnaso de Além-Túmulo*. Lacerda representou não só uma referência para o próprio Chico como ainda para os leitores do período citado no artigo. O médium era o parâmetro de maior visibilidade na comunidade de leitores espíritas à época.

Foram muitos os críticos literários interrogados sobre a legitimação das comunicações póstumas do *Parnaso de Além-Túmulo*. Agripino Grieco foi um deles. Nas declarações de Grieco ao *Diário da Noite*, de São Paulo, em 26 de junho de 1944 (época do processo movido pela família de Humberto de Campos contra Chico Xavier e a FEB), assunto que discutiremos na sequência, observa-se um crítico nem um pouco propenso a legitimar os livros sob assinatura espiritual de Campos: “Os livros póstumos nada lhe acrescentam à glória, sendo mesmo bastantes inferiores aos escritos em vida” (GRIECO, *apud* KLOPPENBURG, 2002, p. 79). Outro crítico que se manifestou no jornal *Folha da Manhã*, de 19 de abril de 1945, sobre as poesias mediúnicas foi João Dornas Filho. Ele comparou o Olavo Bilac póstumo de Chico Xavier com a obra do poeta vivo: “(...) esse homem que no estágio de imperfeição nunca assinou um verso imperfeito depois de morto ditou ao Sr. Chico Xavier sonetos inteirinhos abaixo de medíocres! Cheios de versos malmedidos, mal-rimados” (DORNAS, *apud* KLOPPENBURG, 2002, p. 79). O jornalista Osório Borba também manifestou-se, escrevendo no jornal *Diário de Minas*, de 10 de agosto de 1958:

Autores de linguagem impecável em vida aparecem 'assinando' coisas imperfeitíssimas como linguagem e técnica poética. (...) Por exemplo, Bilac aparece com sonetos verdadeiramente reles, e incorretos, pensamento primário, péssima linguagem, péssima técnica poética, que qualquer 'Caixa de Malho' recusaria. De Augusto dos Anjos, os poemas 'mediúnicos' repetem assuntos, pensamentos, versos e frases.

As especulações em torno da mediunidade de Chico tomariam um rumo ainda mais polêmico como veremos em seguida.

3.5 Chico e o processo judicial

Em 1944, Chico irá enfrentar o mais duro dos julgamentos quanto à veracidade de sua escrita psicográfica. Movidos pela questão dos direitos autorais da obra de Humberto de Campos, a viúva e os três filhos do escritor iniciam um processo contra Chico e a FEB por publicarem explicitamente o nome do finado escritor como autor dos livros psicografados pelo médium mineiro sem que sequer tivessem sido consultados. Até aquele momento, já havia cinco obras assinadas pelo espírito de Humberto de Campos, entre elas duas já estavam na terceira edição. A família do escritor estava indignada e pediu “provas científicas possíveis” quanto à veracidade dos textos:

A situação da viúva, Catarina Vergolino, era incômoda: não podia assistir quieta à publicação de livros assinados pelo marido, pois ainda mantinha contrato com a editora da obra produzida por ele em vida – a W. M. Jackson. Diante de seu silêncio, os editores poderiam até pensar que ela lucrava com os títulos póstumos de Humberto de Campos. Após expor os motivos para o processo, a herdeira do escritor lançou ao tribunal uma questão delicada.

As cinco obras atribuídas ao espírito do escritor foram mesmo ditadas pelo morto? Catarina era exigente. Pedia “todas as provas científicas possíveis”, exigia demonstrações mediúnicas para “verificação da sobrevivência e operosidade” do espírito de Humberto de Campos, propunha exames gráficos e estilísticos dos textos escritos por Chico Xavier e requisitava depoimentos dos envolvidos, além de provas testemunhais (MAIOR, 2010, p. 107).

O advogado Miguel Timponi usou a mensagem, ditada por Humberto de Campos a Chico no prefácio de *Crônicas de Além-Túmulo*, na defesa do médium e da FEB. No texto, o ex-imortal reflete sobre as questões de um escritor morto assinar um livro e também acerca da isenção de compromissos com as editoras, gerada pela condição póstuma. O autor espiritual com esse desabafo parecia prever que sete anos depois, seu texto seria um argumento fundamental para a absolvição de Chico em um desgastante processo judicial:

Por enquanto, poucos intelectuais, na Terra, são suscetíveis de considerar a possibilidade de escreverem um livro, depois de “mortos”. Eu mesmo, em toda a bagagem de minha produção literária no mundo, nunca deixei transparecer qualquer laivo de crença nesse sentido. (...)

A verdade, porém, é que pude atravessar as águas pesadas e escuras do Aqueronte e voltar do mundo das sombras, testemunhando a grande e consoladora verdade. É incontestável que nem todos me puderam receber, segundo as realidades da

sobrevivência. A visita de um “morto”, na maioria das hipóteses, constitui sempre um fato inconveniente e desagradável. Para os vivos, que pautam a existência pelo pentagrama das convenções sociais, o morto com as suas verdades será invariavelmente um fantasma importuno e temos de acomodar os imperativos da lógica às concepções do tempo em que se vive.

Feitas essas considerações, eis-me diante do leitor, com um livro de crônicas de além-túmulo.

Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literária a determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressaltando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olympio. A lei não cogita mais da minha existência, pois, do contrário, as atividades e os possíveis direitos dos mortos representariam séria ameaça à tranquilidade dos vivos.

Enquanto aí consumia o fosfato do cérebro para acudir aos imperativos do estômago, posso agora dar o volume sem retribuição monetária (XAVIER, 2013, pp. 7-9).

As polêmicas estavam deflagradas. Se de um lado Chico tinha a seu favor uma parte da crítica literária, a mensagem póstuma de Campos e o apoio da mãe do poeta, dona Arma Veras, que o defendia; por outro, Chico era renovadamente chamado de embusteiro pelos críticos.

No decorrer do processo, a mediunidade de Chico foi constantemente atacada. A dupla de repórteres da revista *O Cruzeiro* – David Nasser e Jean Manzon se apresentaram como jornalistas americanos e, com a ajuda de um falso intérprete, conseguiram uma entrevista com o médium, quando colheram provas tendenciosas que sinalizavam um suposto embuste das atividades mediúnicas de Chico.

O imortal Alceu Amoroso Lima⁹⁵, líder do grupo cristão na Academia Brasileira de Letras, rejeitou a autenticidade dos escritos do além de Humberto de Campos e ressaltou, sem mencionar o nome de Chico, que “As manifestações de ordem sobrenatural podem ser explicadas ou como manifestações angélicas ou como manifestações demoníacas, através de meios humanos” (LIMA, *apud* BERTOLLI FILHO, 2016, pp.19-20).

Em relação à nova polêmica sobre a psicografia de Chico, o qual estava agora na berlinda dos tribunais, havia parte da crítica a favor da legitimidade da autoria dos textos atribuídos a Campos. O poeta e dramaturgo Edmundo Lys adotou em seu discurso a desqualificação cultural do médium, para afastar quaisquer dúvidas de ser Chico um pastichador: “ignorante”, “iletrado”, “matuto”, “semi-analfabeto”, “mulatinho analfabeto de pai e mãe”, “caipira bronco”, “caixeirinho bisonho e simplório”, “homem de cultura limitada”, “incapaz de fluência e riqueza de pensamento” e “moço de poucas luzes”. Tais designações foram elaboradas por Lys, com o objetivo de endossar a autenticidade dos textos assinados pelo espírito Humberto de Campos e, ao mesmo tempo, legitimar a escrita mediúnica de Chico.

⁹⁵ Pseudônimo de Tristão de Ataíde.

Em 10 de junho de 1944, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou um artigo do escritor Mário Donato, o qual se referia ao processo contra o médium da seguinte maneira:

Não quero discutir a questão, mas, no meu pobre entender, o Tribunal terá dois caminhos a seguir ou declarar que Humberto de Campos é autor de tais obras, mandando o editor entrar com os direitos para os herdeiros, ou negar a autoria do nosso grande escritor. Nesse último caso, terá de pedir à Academia Brasileira de Letras uma poltrona para o rapaizinho que principiou por onde nem todos acabam, isto é, escrevendo páginas que puderam ser atribuídas a quem tão formosamente escreveu... (DONATO, *apud* BERTOLLI FILHO, 2016, p. 19).

A reflexão do desembargador Mário de Matos diferenciou-se de todas as outras. Matos defendia que não deveria haver demanda entre a família de Humberto e da Federação Espírita:

Penso que não devia haver demanda. Se a família pleiteava, em Juízo, seus direitos autorais, isto pressupõe de sua parte a convicção de que os livros são de autoria de Humberto. Por seu lado, a Federação ou Centro Espírita, por uma questão de fé, por uma questão de honestidade, não tem a menor dúvida quanto à autoria dos livros. Se ambas não divergem, não pode haver litígio. Não há antagonismos de propósitos. Converta-se, pois, em realidade, a certeza de ambos, dando-se aos herdeiros do “Espírito” a percentagem das vendas. Já li que isto mesmo é o que a Federação vai fazer. O contrário seria desmoralizar o seu credo religioso. No domínio jurídico, a questão, segundo pensamos, não pode ser resolvida. Em matéria de direitos autorais, se há autores defuntos, não existem defuntos autores (TIMPONI, 2010, p. 399).

O veredito do juiz João Frederico Mourão Russel foi esclarecedor: “- Nossa legislação protege a propriedade intelectual, em favor dos herdeiros, até certo limite de tempo após a morte, mas o que considera, para esse fim, como propriedade intelectual são as obras produzidas pelo *de cuius* em vida” (RUSSEL, *apud* MAIOR, 2010, p. 115).

A mensagem de Campos usada por Timponi salvara Chico. Em vão, a viúva de Humberto de Campos não aceitou a decisão e quis por ela mesma aferir o valor literário dos textos psicografados, pois os direitos da pessoa acabavam após a morte, conforme a sentença dada pelo juiz Russel e confirmada no Tribunal de Apelação do antigo Distrito Federal. O caso Humberto de Campos, sem dúvida, foi um dos episódios literários que maior celeuma provocou, no Brasil, entre autores e leitores.

Posteriormente, o livro *Lázaro redivivo*, lançado em 1945, um ano após a grande batalha judicial, psicografado por Chico, de autoria de Humberto de Campos, exibiria na capa o pseudônimo Irmão X. Evitar-se-iam, desse modo, novos embates.

Outras inusitadas revelações, após o exaustivo processo, surgiram para abalar a credulidade dos leitores quanto à veracidade ou não dos poemas psicografados. Em 10 de maio de 1953, o jornal espírita *O poder*, de número 392, publicou um artigo de Sousa de Prado⁹⁶, cujo depoimento revelava os bastidores do Espiritismo brasileiro. Prado conta que, ao ser procurado por Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita, revelou que quem corrigia os trabalhos recebidos por Chico Xavier era o ex- presidente da Federação, Manuel Quintão. Prado revela ao jornal que sabia da revisão feita: “Sei, por sinal que, com tais correções, consegue desfigurar quase completamente o estilo dos espíritos que ditam as obras ao médium, enxertando-lhes termos esdrúxulos, que eles nunca usaram enquanto encarnados” (PRADO, *apud* KLOPPENBURG, 2002, pp. 79-80). Disse ainda que Freitas lhe confidenciou:

Ora, como você sabe, O Quintão erra constantemente, principalmente no emprego da crase, e na pontuação; e eu tenho grande empenho em que isso saia correto. Por isso, fiz uma nova revisão, emendando os principais erros que encontrei. Como, porém, eu sou um pouco fraco no português... e posso ter emendado coisas que estivessem certas, queria que você conferisse, comigo, as emendas que fiz (PRADO, *apud* KLOPPENBURG, 2002, p. 80).

Em julho 1958, o polêmico depoimento do sobrinho de Chico, Amauri Pena Xavier, veio fomentar ainda mais as desconfianças acerca da autoria dos textos mediúnicos. Ele procurou o jornal *Diário de Minas* e divulgou que havia mentido sobre sua habilidade mediúnica de psicografar versos do poeta Castro Alves, como ainda confessou nunca ter sido escolhido pela espiritualidade para redigir um novo *Os Lusíadas* e acrescentou que, conforme o tio, possuía facilidade para imitar o estilo de grandes autores:

Aquilo que tenho escrito foi criado pela minha própria imaginação, sem interferência do outro mundo ou de qualquer outro fenômeno miraculoso. Assim como tio Chico, tenho enorme facilidade para fazer versos, imitando qualquer estilo de grandes autores. Como ele, descobri isso muito cedo. Tio Chico é inteligente, lê muito e, com ou sem auxílio do outro mundo, vai continuar escrevendo seus versos e seus livros (XAVIER, *apud* MAIOR, 2010, p. 151).

⁹⁶ Jornalista espírita (Nota da autora).

Amauri mostrou aos jornalistas a versão de *Os Cruzílicas*, poema épico, supostamente psicografado por ele e assinado por Camões, cuja abordagem primava pela história espiritual do descobrimento do Brasil. Na presença da imprensa, isentou a espiritualidade da autoria do poema e a atribuiu a si mesmo. Amauri ainda descreveu a desventura pela qual passou com o Espiritismo:

Passei a viver pressionado pelos adeptos da chamada terceira revelação. A situação torturava-me e, várias vezes, procurando fugir àquele inferno interior, entreguei-me a perigosas aventuras. Diversas vezes, saí de casa, fugindo à convivência de espíritos. Cansado, enfim, cedi, dando os primeiros passos no caminho da farsa constante. Teria 17 anos. Ainda assim, não me vi com forças para continuar o roteiro. Perseguido pelo remorso e atormentado pelo desespero, cometi desatinos. Em algumas oportunidades, tentei recuar, sucumbido, atordoado. Vi-me, então, diante de duas alternativas; mergulhar de vez na mentira e arruinar-me para sempre ou levantar-me corajosamente para penitenciar-me diante do mundo e de mim mesmo, libertando-me definitivamente. Foi o que resolvi fazer, procurando um jornal mineiro e revelando toda a farsa. Sei das reações que minhas declarações causarão. Mas não me importo. O certo é que, enquanto me sacrificava pela propaganda de uma mentira, não me julgavam maluco. Não desmascaro meu tio como homem, mas como médium. Chico Xavier ficou famoso pelo seu livro *Parnaso de Além-túmulo*. Tenho uma obra idêntica e, para fazê-la, não recorri a nenhuma psicografia (XAVIER, *apud* KLOPPENBURG, 2002, p. 82).

Os desdobramentos dessa coletiva obviamente voltaram-se contra Chico que, mais uma vez, foi considerado um mistificador. Em 16 de julho de 1958, *O Globo* veiculou na capa: “Desmacarado Chico Xavier pelo sobrinho e auxiliar” (MAIOR, 2010, p. 151). A notícia era curta, mas taxativa: Depois de se submeter ao papel de mistificador durante anos, o jovem Amauri Pena, sobrinho de Chico Xavier, resolveu, por uma questão de consciência, revelar toda a verdade! Chico Xavier era, desde muito cedo, um devorador de livros. Contudo, a polêmica não durou muito. Desacreditado até mesmo pelo pai por problemas de alcoolismo, Amauri foi internado em um sanatório e sucumbiu logo depois. Chico, mesmo deprimido com a situação, deu seguimento aos trabalhos mediúnicos.

Na época em que foi lançado *Parnaso de Além-Túmulo*, o movimento espírita contribuiu para que muitas especulações surgissem em torno da obra mediúnica de Chico. A propaganda espírita exaltava a perfeição dos vários estilos das escritas psicográficas e era mais categórica do que o próprio Chico. Ele mesmo, conforme vimos no prefácio de *Parnaso de Além-Túmulo*, foi mais reservado ao inquirir: “Serão [as poesias] das personalidades que as assinam? – é o que não posso afiançar”. As declarações de apoio ou de repúdio à esta obra foram, de fato, determinantes para a profusão de muitos estudos sobre a similitude ou não do

estilo literário nas produções mediúnicas de escritores mortos. Até hoje, o interesse pela obra é sempre renovado.

3.6 O olhar da academia sobre *Parnaso de Além-Túmulo*

O ceticismo em relação à autoria dos poemas de *Parnaso de Além-Túmulo* estendeu-se por longos anos e, conforme vimos no item 3.4, foi concebido por críticos de renome como Agripino Grieco, João Dornas Filho e Osório Borba.

Contudo, havia aqueles que acreditavam na veracidade da autoria dos poemas. O escritor Zeferino Brasil escreveu numa crônica pública, no jornal gaúcho *Correio do Povo*, em 15 de novembro de 1941: “Em todas elas (nas poesias) se encontram patentes as belezas, o estilo, os arrojados, as imagens próprias, os defeitos, o ‘selo pessoal’ (...)”. Em entrevista, datada de 12 agosto de 1944, ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o escritor Mário Donato disse: (...) “opto pela explicação sobrenatural, que não satisfaz minha consciência, é verdade, mas apazigua a minha humaníssima vaidade de literato (...)”.

O escritor Raimundo Magalhães Júnior setenciou em entrevista publicada pelo jornal *Noite*, em 04 de agosto de 1944: "Se Chico Xavier é um embusteiro, é um embusteiro de talento. Para um homem que fez apenas o curso primário, sua riqueza vocabular é surpreendente. Quem negar Chico Xavier como médium, estará fazendo o seu elogio como pastichador". Menotti Del Picchia opinou que (...) “ressuscitar espiritualmente os mortos pela vidência psicográfica de inéditos poemas é prodígio que somente pode acontecer na faixa do sobre-humano” (PICCHIA, *apud* RIZZINI, 1992, p. 138).

Em 1964, Monteiro Lobato manifestou suas impressões favoráveis acerca de *Parnaso de Além-Túmulo*: “Se o homem realmente produziu por conta própria tudo o que vem do ‘Parnaso’ então ele pode estar em qualquer Academia, ocupando quantas cadeiras quiser...” (LOBATO, *apud* RIZZINI, 1992, p. 139).

Após quarenta anos do lançamento da primeira publicação de *Parnaso de Além-Túmulo*, o ceticismo em relação à coletânea ressurgiu. O jornalista Hamilton Ribeiro em artigo intitulado “Chico Xavier”, inserido na edição da revista *Realidade* de novembro de 1971, destacou que o trabalho psicográfico de Chico era considerado marginal pela crítica literária. Ele lembrou as impressões do crítico literário Leo Gilson Ribeiro sobre a qualidade estilística dos poemas:

“Uma coisa é clara: quando o ‘espírito’ sobe, sua qualidade desce. É inconcebível que grandes criadores de nossa língua, depois da morte fiquem por aí gargarejando o tatibitate espírita” (RIBEIRO, *apud* RIBEIRO, 1971, p. 9). Em 1971, o entrevistador João de Scantimburgo, no programa de entrevistas “Pinga-Fogo” da TV Tupi de São Paulo, em debate com Chico Xavier, confessou-lhe que acreditava que a escrita psicográfica do médium era “mais o produto do inconsciente do que o produto da mediunidade.” E ainda o questionou se ele conhecia “uma coleção de livros publicados na França com o título genérico *À maneira de...*, em que os autores Paul Rebox e Charles Müller fazem a imitação de vários autores” (SCANTIMBURGO, *apud* GOMES, 2010, p. 79).

Se, de fato, a qualidade literária decai quando o espírito sobe, conforme postulou o jornalista Leo Gilson, se a escrita automática de Chico era produto do seu inconsciente, segundo Scantimburgo, ou ainda se Monteiro Lobato, Mário Donato, Raimundo Magalhães, Menotti Del Picchia tinham razão em legitimarem a autoria espiritual das poesias, não podemos garantir. Contudo podemos elencar pesquisas atuais que debatem a autoralidade das poesias de *Parnaso de Além-Túmulo*, com o propósito de buscarmos estratégias de investigação e medirmos até que ponto há indícios de uma possível materialização do estilo dos escritores vivos. Para a nossa apreciação acerca das controvérsias e adesões em relação à configuração autoral de *Parnaso de Além-Túmulo*, procuramos trazer para o debate estudos acadêmicos que já foram produzidos sobre esta obra. Dessa forma, selecionamos os estudos realizados por Alexandre Caroli Rocha, Benedito Fernando Pereira e Bernardo Lewgoy, com a intenção de construirmos e embasarmos o nosso próprio posicionamento.

Sonetos do espírito Humberto de Campos, manifestos por meio da mediunidade psicográfica de Chico Xavier, que integram o volume *Parnaso de Além-Túmulo* (1932), mereceram abordagem acadêmica de Alexandre Caroli Rocha⁹⁷, em dissertação de mestrado de

⁹⁷ Alexandre Caroli Rocha colabora com a equipe do psiquiatra Alexander Moreira-Almeida, diretor do Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (NUPES) da Universidade Federal de Juiz de Fora que desenvolve estudos em parceria com universidades estrangeiras e nacionais acerca da mediunidade psicográfica. A mais recente pesquisa realizada, em 2014, pelos acadêmicos do NUPES teve como foco as cartas mediúnicas psicografadas por Chico Xavier. Os pesquisadores, em parceria com a Universidade de São Paulo, realizaram um estudo acerca da comprovação da autoria de treze cartas que Jair Presente durante cinco anos, por meio da psicografia de Chico, enviou para a sua família. O rapaz de vinte e quatro anos morreu em 1974, por afogamento. O inconformismo com a tragédia levou seus familiares a buscar alento na mediunidade de Chico. Após quarenta anos da morte de Jair, a veracidade da autoria das cartas está sendo comprovada pelos pesquisadores das referidas universidades. O estudo, resultado de uma pesquisa de pós-doutorado, que foi publicado na revista científica *Explore* da editora Elsevier, é pioneiro de uma série de demandas realizadas pelo grupo sobre a escrita psicográfica do médium mineiro (Nota da autora).

2001, intitulada *A poesia transcendente de Parnaso de Além-Túmulo*, do Programa de Pós-Graduação da UNICAMP de São Paulo.

Na dissertação, Rocha selecionou sonetos da primeira edição do *Parnaso de Além-Túmulo*. Conforme ele explica:

Com intuito de iniciar uma discussão sobre as questões literárias envolvidas pela literatura mediúnica, esta dissertação analisa a antologia *Parnaso de Além-Túmulo* (1a. ed., 1932), de Chico Xavier, o primeiro livro publicado pelo médium. De início, a obra era formada por um conjunto de 60 poemas atribuídos a 14 poetas brasileiros e portugueses. A cada edição, porém, o livro foi incorporando novas composições e novos poetas, até que em sua 6a. edição (1955), estabilizou-se com 259 poemas atribuídos a 56 autores (ROCHA, 2001, p. 15).

A pesquisa de Rocha foi dividida em três capítulos. O primeiro, é composto por quatro partes, que estudam o histórico das edições da obra mediúnica *Parnaso de Além-Túmulo*; os poetas apresentados como os autores espirituais; os conteúdos da antologia e as repercussões da obra no meio espírita e na imprensa em geral. No segundo capítulo, configura-se o estudo da escrita psicográfica dos poetas João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Cruz e Souza e Augusto dos Anjos. Essa abordagem procura verificar, a partir de algumas referências críticas, se existem pontos em comum entre poemas de *Parnaso de Além-Túmulo* e a obra desses autores a quem esses poemas são atribuídos. O terceiro capítulo analisa quatro pontos relevantes: o primeiro, diz respeito a dois pressupostos que permeiam a obra: a questão da imortalidade da alma e a configuração autoral. O segundo tópico estuda a questão da arte espírita sob a égide da inspiração. A laboral trajetória mediúnica de Chico é analisada no terceiro subitem e, no último ponto do capítulo, Rocha discute a relação entre literatura e persuasão, abordando concepções repassadas a Chico por seu mentor Emmanuel acerca da função missionária da poesia mediúnica.

Rocha, em sua pesquisa, elenca e estuda as modificações ocorridas nas edições de *Parnaso de Além-Túmulo*: “Além do grande aumento do volume do livro, apareceram pequenas modificações em alguns poemas” (ROCHA, 2001, p. 17). Enfatiza que as sistemáticas mudanças registradas levantaram suspeitas quanto à autoria espiritual das poesias.

De fato, as mudanças editoriais de *Parnaso de Além-Túmulo* fizeram com que os críticos acusassem a comissão editorial da FEB de ter organizado o livro. O fato é que essas suspeitas nunca foram comprovadas, mas se fortaleceram quando, conforme vimos no item 3.5, o

sobrinho e auxiliar de Chico Xavier, Amaury Pena, em 1958, três anos após a conclusão da edição definitiva, denunciou ter sido forçado a colaborar com a elaboração dos poemas do livro.

Reparos de edição em edição, inclusões ou exclusões polêmicas, ajustes de poemas para aperfeiçoar a linguagem ou a técnica, todos esses aspectos colocavam em xeque a defesa do livro. A crítica dizia que talvez Chico não fosse capaz de, sozinho, imitar os mais diversos estilos literários e poderia ter contado com outros colaboradores e até consultores. Os reparos poéticos, apontados de uma edição a outra e citados por Rocha, indicam a participação de terceiros, ainda que o próprio Chico anotasse os poemas dos autores originais a título de comparação.

As mudanças sucessivas nas edições do livro é um fato que dificilmente se observa na literatura dos vivos, a não ser quando o contexto exige atualização e ampliação, como em edições comemorativas ou em trabalhos ensaísticos e de não-ficção (referentes a dados históricos que se transformam com o tempo), porém raramente uma antologia poética seria incluída nesse rol de reparos. Portanto, *Parnaso de Além-Túmulo*, com sua trajetória turbulenta, para muitos críticos literários não é considerado um livro espiritual autêntico.

A parte inicial do trabalho de Rocha será a base das argumentações que ele trabalhará a fim de discutir a tese do primeiro livro de Chico, conforme ele mesmo esclarece:

A tese do primeiro livro de Chico Xavier está em *como* os conteúdos são veiculados, com que *voz* são expressos. Uma pergunta que pode orientar uma análise literária da antologia, paralelamente a questões de fundo implicadas pela poesia mediúnica, é se existe mesmo uma *voz poética* própria de cada seção, ou melhor, se a *voz poética* dos autores convocados é convincentemente recuperada pelos poemas de *Parnaso*. É por tal parâmetro que a obra obtém êxito ou fracassa (ROCHA, 2001, p. 38).

Rocha (2001) discutirá em seu trabalho questões suscitadas pela literatura mediúnica de interesse da teoria literária, como a autoria, o *pastiche*, o estilo e os limites do literário. Para isso, no capítulo 2 – Estudo de cinco conjuntos de poemas, ele selecionou cinco seções de *Parnaso de Além-Túmulo*, por ordem cronológica, referentes aos poetas João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos. Segundo Rocha, esses cinco poetas foram escolhidos porque, em *Parnaso de Além-Túmulo*, é conferida a eles uma participação mais extensa e também porque existe uma fortuna crítica razoavelmente sólida sobre suas obras produzidas em vida. O pesquisador explicou que, na seleção dos textos críticos, privilegiou as análises estilísticas, os aspectos formais e as interpretações que fossem passíveis

de cotejo com a produção mediúnica. Ele salientou que, devido às particularidades da crítica disponível, o enfoque abordado não foi unânime para as cinco seções, por exemplo, na seção Augusto dos Anjos, privilegiou um tratamento mais formal e na de João de Deus, destacou os conteúdos. Acrescenta que as referências críticas, em alguns casos, permitiram aproximações às vezes não tão seguras; em outros, possibilitaram um estudo mais minucioso.

Seguindo, assim, uma minuciosa comparação, ora privilegiando os aspectos formais, ora as análises estilísticas ou os conteúdos e outras tantas interpretações passíveis de comparação com a obra mediúnica de *Parnaso de Além-Túmulo*, Rocha irá estabelecer sua leitura em torno de possíveis pistas que possam suscitar a legitimidade da autoria espiritual das poesias. Ele irá privilegiar em sua análise comparativa os tipos de acentuação dos versos, as espécies de rimas, a metrificção poética, as manifestações estilísticas como a forma de pontuação, o emprego dos vocativos, dos apostos e das figuras de linguagem. Serão elencadas ainda algumas categorias gramaticais a título de comparação estilística, como as conjunções, preposições e verbos. A temática discutida nos poemas será também alvo do estudo comparativo realizado pelo pesquisador.

Em relação à questão autoral mediúnica, Rocha reforça que:

Um dos aspectos que sobressaem na antologia é o destaque dado às individualidades dos supostos autores dos poemas, o que implica uma concepção autoral de matriz romântica. E esse ponto de partida é peça fundamental para o projeto de *Parnaso*, que pode ser qualificado algo sherlockiano: o problema da vida após a morte – cujo tratamento normalmente esteve circunscrito ao misterioso e ao sobrenatural – e colocado como uma equação a ser resolvida pela reprodução de consagradas vozes poéticas que, de acordo com o pressuposto de que o estilo literário é um índice confiável da personalidade do escritor, poderiam ser identificadas com as originais e, neste caso, ganhariam o estatuto de documento atestando a continuidade da vida dos poetas. Por indução, provariam a imortalidade do espírito (ROCHA, 2001, p. 187).

O pesquisador vai frisar que a importância da antologia encontra-se na “(...) reprodução de consagradas vozes poéticas (...)” que, reeditando seus estilos literários passados, têm a oportunidade de comprovar a existência da vida além-túmulo.

Outro trabalho que também privilegiou uma análise estilístico-discursiva de *Parnaso de Além-Túmulo* foi a monografia de Benedito Fernando Pereira *Psicografia e Autoria: Um estudo estilístico-discursivo em Parnaso de Além-Túmulo*, apresentada ao curso de Letras da Universidade do Vale do Sapucaí, de Pouso Alegre (MG), em 2008, que discute a literatura psicográfica do médium Chico Xavier na obra *Parnaso de Além-Túmulo*. A pesquisa de Pereira

destaca a seguinte questão: seriam efetivamente os poemas dos autores que os assinaram? O pesquisador reforça que essa questão é interessante no âmbito dos estudos literários e discursivos devido aos aspectos éticos, ideológicos e legais que representa:

Atentos a esse fato e ao quase descaso do meio acadêmico pelo assunto, nos propusemos analisar a seção atribuída a Olavo Bilac na referida coletânea, tomando como base estudos críticos da sua obra e conceitos da Análise de Discurso, na busca da configuração autoral dos textos mediúnicos. Primeiramente foi realizado um cotejo entre os 10 sonetos mediúnicos e poemas escritos em vida pelo poeta, no qual procuramos verificar a existência ou não de correspondência estilística entre os textos. Em seguida, fizemos uma análise discursiva dos sonetos, na qual observamos pontos de intertextualidade entre a mediunidade e a obra de Bilac. Os dados obtidos apontam para uma grande proximidade estilística entre os textos, o que sugere identidade autoral. Contudo, verificou-se que o discurso do autor espiritual afasta-se em alguns pontos do discurso de Bilac, o que se deve à ideologia espírita veiculada pelo Parnaso e que faz dele um livro de persuasão (PEREIRA, 2008, p. 6).

A análise de Pereira baseou-se em elementos da Análise do Discurso e da Teoria Literária, em especial da Estilística, aplicados no confronto dos referidos poemas ao fazer a busca da identidade autoral. Entre os nomes consultados pelo pesquisador temos: Roland Barthes, Eni Orlandi, Michel Foucault, Sírio Possenti e Helena Brandão.

O trabalho foi estruturado do seguinte modo: em um primeiro momento, realiza um breve comentário sobre a relevância de se tratar esse tipo de tema em ambiente universitário e traça um pequeno histórico das relações existentes entre a mediunidade psicográfica e a literatura em todos os tempos. Em seguida, mostra como a noção de autor foi-se constituindo ao longo do tempo e ganhou a importância que tem hoje em nossa sociedade. Posteriormente, são analisadas as noções básicas sobre sujeito e autoria, segundo a Análise de Discurso, que alicerçaram teoricamente o estudo. Apresenta a seguir os sujeitos a serem analisados: Chico Xavier e Olavo Bilac. Dando segmento às análises, Pereira dedica-se inteiramente à comparação entre os poemas de Bilac e os póstumos atribuídos a ele por Chico Xavier, na busca de correspondências entre a composição dos sonetos em seus aspectos formais. Faz ainda uma análise dos poemas do ponto de vista discursivo, observando os objetivos do livro *Parnaso de Além-Túmulo* e seu contexto de produção. E, finalmente, realiza a interpretação dos dados das análises realizadas.

No capítulo seis de sua monografia “Análise Constrativa da Forma”, Pereira (2008) destaca o livro de Ernesto Bozzano, *Literatura de Além-Túmulo* (1998), em que o escritor e estudioso da Doutrina ressalta a inconsistência mediúnica de algumas produções literárias:

Há necessidade de notar que grande número dessas produções mediúnicas não resiste a uma análise crítica, mesmo a mais superficial, de tal modo e evidente serem apenas o produto de uma elaboração onírico-subconsciente, de natureza grosseira e mais ou menos incoerente, com personalizações sonambúlicas que se formaram por sugestão ou auto-sugestão. Essas personificações devem, em toda a parte [sic], nesses casos, ter origem nos recursos do talento e da instrução própria às personalidades conscientes de que provêm, com a consequência de que as obras literárias dos supostos espíritos que julgam comunicar-se são, algumas vezes, tão rudimentares, que traem sua origem, sem que se possa ter a menor dúvida a este respeito (BOZZANO, 1998, pp. 10-11).

O pesquisador, a fim de verificar se este seria o caso dos poemas atribuídos a Olavo Bilac no *Parnaso de Além-Túmulo*, cotejou os dez sonetos presentes na obra mediúnica de Chico, atribuídos a Bilac: *Jesus ou Barrabás?*, *Soneto*, *No horto*, *O beijo de Judas*, *A crucificação*, *Aos descrentes*, *Ideal*, *Ressurreição*, *O livro* e *o Brasil* e os comparou com os do poeta em vida. Seus estudos procuraram verificar se havia elementos estilístico-discursivos suficientes na psicografia que sugerisse uma autoria efetiva. Para tanto, buscou identificar as coincidências e divergências de estilo entre os textos, considerando a sua forma e o seu discurso (entendido como condições de produção dos textos e respectivos efeitos de sentido dentro do contexto de *Parnaso de Além-Túmulo*). Destacou em sua análise os tipos de acentuação dos versos, as espécies de rimas e a metrificação poética. As categorias gramaticais, como os substantivos, adjetivos e verbos foram elencadas para embasar a análise comparativa. Pereira quis com essa investigação discernir o grau de credibilidade que se pode atribuir à autoria dos poemas. Os sonetos mediúnicos foram submetidos à análise, tendo como base algumas obras críticas sobre Olavo Bilac. A principal referência usada pelo pesquisador foi o livro *Bilac: o homem, o poeta, o patriota*, de Affonso de Carvalho (1942), que é, segundo Pereira, um estudo detalhado da obra bilaquiana, tanto nos aspectos formais quanto nos de conteúdo.

Pereira (2008), em sua pesquisa, enfatiza como deverá ser vista a maneira pela qual as poesias de *Parnaso de Além-Túmulo* se materializam, levando em conta as condições de produção da coletânea:

De início, não podemos nos esquecer de que o *Parnaso de além-túmulo* é, antes de tudo, um livro espírita. Neste sentido, não se configura como uma simples antologia poética, em que os poemas figuram como obras de arte voltadas apenas para entreter pelo belo: muito mais do que isso, o livro funciona como um veículo ideológico que visa à persuasão do público a que se destina. A expressão artística é utilizada assim, como difusora dos pressupostos básicos da doutrina espírita. A poesia é usada, neste contexto, como meio de expressão do belo e, ao mesmo tempo, como veículo de enunciação discursiva, atuando como elemento educativo entre as massas (PEREIRA, 2008, p. 90).

Ele ainda argumenta que a noção de autor sobre a qual baseia-se o *Parnaso de Além-Túmulo* é de fundamental importância, pois “(...) a autoria, comprovada pela equivalência estilística dos autores “vivos” e “mortos”, é a prova da sobrevivência do espírito após a morte (...)” (PEREIRA, 2008, p. 91). Assim, a continuação da vida após a morte é o tema e o discurso central de *Parnaso de Além-Túmulo*.

Pereira (2008) aponta as seguintes conclusões de sua pesquisa:

Consideramos, todavia, que não é suficiente asseverar ou negar intransigentemente a autoria de textos desta natureza apenas tendo como base análises estilísticas e/ou discursivas. Muito ainda nos falta para atingirmos certezas nestes domínios. Do ponto de vista literário e discursivo, para ser resolvido esse problema, como já dissemos, seria preciso um novo parâmetro de classificação de obras literárias, o que, acreditamos, os críticos ainda não estão nem interessados, nem preparados para estabelecer. Acreditamos, porém, que o assunto mereça ser estudado no âmbito da Literatura, porque se trata de um gênero literário inédito e genuinamente brasileiro: o espiritismo configura-se no Brasil como uma religião de leitores (fenômeno no mínimo estranho em nossa sociedade), e, além de livros puramente doutrinários, produz em abundância uma literatura que poderia ser classificada como fantástica, composta de romances, novelas, contos e poesias, que agrada inclusive aos não espíritas. Essa literatura introduziu um elemento novo na ficção fantástica, na medida em que trouxe para o real o que antes era aceito apenas como ficção sobrenatural: não só muitos dos enredos dos livros são apresentados como fatos verídicos, mas o próprio modo de produção dos textos (a psicografia) já é um elemento do fantástico inserido na realidade e aceito como real (PEREIRA, 2008, p. 111).

O pesquisador reconhece que o estudo sobre a autoria de textos mediúnicos não se sustenta tendo como base apenas análises estilísticas e discursivas, mas acredita ter contribuído para que essa literatura, que goza de grande popularidade no Brasil, não seja ignorada em nosso meio acadêmico.

Acreditamos que as análises de Rocha (2001) e Pereira (2008) dialogam em relação à questão autoral e ao estilo dos poetas; pois, para ambos, as poesias mediúnicas convergem para

o mesmo fim: atestar a sobrevivência da alma. Aliás, tese amplamente disseminada no discurso central da Doutrina Espírita.

Bernardo Lewgoy, em sua tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, defendida em 2000, intitulada *Os Espíritas e as Letras: Um estudo antropológico sobre a cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista*, não analisa estilisticamente as poesias de *Parnaso de Além-Túmulo*. No item 2.2 de seu trabalho “A construção da autoridade textual no Espiritismo: Revelação, Narrativa e Citação”, Lewgoy, para esclarecer o registro autoral nos livros de Chico, expõe a noção de *interautoria*, que atuaria como um regime de autoralidade compartilhada, entre espírito comunicante e médium psicógrafo:

Esta interautoria introduz um corte central no campo literário espírita, ou seja a polaridade *autor espiritual/autor encarnado*. O *autor espiritual* realiza uma obra mediúnica, enquanto o *autor encarnado* realiza ou uma obra própria, ou uma obra psicográfica, em conjunto com o primeiro (LEWGOY, 2000, pp. 142-143).

Segundo Lewgoy (2000), a legitimidade da obra espiritual estaria condicionada ao carisma do médium, ou seja:

(...) é plausível trabalhar com a hipótese de que o leitor associa deliberadamente o *autor espiritual* com o médium. Se um médium pouco conhecido publicasse uma obra psicografada de André Luiz, certamente o meio espírita poria em dúvida sua credibilidade. Da mesma forma, se um *autor espiritual* desconhecido aparecesse recentemente em textos psicografados por Chico Xavier, ele imediatamente tornaria-se reconhecido, alçando o estrelato. A obra espiritual não tem autonomia plena em relação ao médium, é este que empresta o seu carisma de modo a marcar a individualidade, o valor e a notoriedade do *autor espiritual* (LEWGOY, 2000, p. 143).

Lewgoy conclui que a interdependência entre o espírito comunicante e o médium psicógrafo, criada pela escrita psicográfica, sedimentaria a autoralidade compartilhada:

(...) por mais que se idealize um médium inconsciente emprestando o seu corpo para a realização de uma psicografia pelo espírito, o fato é que sempre se concebe uma escrita compartilhada como um limite intransponível da atividade mediúnica, e que se articula igualmente com a percepção de uma participação do médium na composição da obra, como um instrumento que deve estar moral e intelectualmente afinado com o conteúdo de seu trabalho. A interautoria pressupõe uma escrita

compartilhada, com inarredáveis influências de ambos os lados do trabalho mediúnico (LEWGOY, 2000, p. 144).]

De acordo com Lewgoy (2000), na escrita compartilhada, considera-se que o médium psicógrafo e o espírito escritor ocupam respectivamente as posições singulares de autor empírico e autor espiritual como autores de uma mesma obra, “(...) com inarredáveis influências de ambos os lados do trabalho mediúnico”. O psicógrafo é o autor empírico responsável pela repercussão dos trâmites da obra no mundo jurídico e institucional, enquanto o autor espiritual é o responsável pelo trabalho intelectual e moral. Refletindo sobre a questão levantada por Lewgoy sobre a interautoria, podemos atrelar o nome de Chico Xavier à autoria compartilhada com as identidades de seus espíritos-autores, desfrutando ambas as partes de uma autoralidade singular. Não há como pensar uma representação desses “autores espirituais” sem levar em consideração a atuação do médium mineiro, pois são coautores de uma obra de referência, que leva em conta o contexto de recepção formado por leitores de livros espíritas. Mas sabemos que *Parnaso de Além-Túmulo* destina-se aos espíritas e não espíritas e, como todo livro, pode ser lido e aceito ou não pelo leitor. A relação do leitor com o texto é sempre imbuída de embates ideológicos e afetivos. Essa questão é importante, pois acarretará ou não a legitimidade da autoria. Assim, para uns, Chico será autor, consciente ou inconsciente, de *Parnaso de Além-Túmulo*; para outros, a configuração autoral será uma estratégia de *marketing* da Editora Federação Espírita Brasileira, detentora dos direitos autorais.

Buscaremos agora estabelecer a análise da produção poética de Castro Alves, realizada em vida e após a sua morte, por meio da psicografia de Chico Xavier.

Ao analisar os poemas mediúnicos de Castro Alves, no ano em que se completaram cem anos de sua morte (1971), o escritor espírita paulista, Herculano Pires escreveu:

Os condores não vivem só na Terra. Eles também têm alma e podem abrir as asas entre as estrelas. (...) O problema da literatura mediúnica é ainda um mistério para a maioria dos homens de letras e um desafio para os homens de ciência. (...) Só admitimos a poesia mediúnica se pudermos admitir a dualidade relativa de que fala Rhine -, entre espírito e corpo, conseqüentemente entre vida corporal e vida espiritual. Admitida essa dualidade (proposta por Rhine na área parapsicológica) somos levados a compreender que deve haver uma dualidade de situações, de condições e de atitudes do ser nos dois planos de existência: o espiritual e o material (...) (PIRES *apud* MOURA, 2010, p. 87).

Perseguindo a possível “(...) dualidade de situações, de condições, e de atitudes do ser nos dois planos de existência: o espiritual e o material”, iremos analisar duas poesias de Castro Alves, uma produzida em vida intitulada “Navio Negreiro” e a outra póstuma sob o título “Marchemos!”. A poesia mediúnica “Marchemos!” foi recebida por Chico, em Pedro Leopoldo, em 1931, e publicada já na primeira edição de *Parnaso de Além-Túmulo*, em 1932. Procuraremos unir, em nossa análise, a noção de *interautoria* lançada por Lewgoy a fim de chegarmos às conclusões coerentes com o que já foi estudado pelos três pesquisadores. A análise comparativa entre as duas poesias será realizada da seguinte forma: estudaremos a quarta parte do poema “Navio Negreiro” e todo o poema mediúnico “Marchemos!”. Esse procedimento de análise parcial do poema “Navio Negreiro” deve-se ao fato de acreditarmos que há entre o trecho selecionado e o poema mediúnico castroalveano pontos de contato que permitem estabelecer comparações pertinentes quanto ao estilo literário do poeta. Transcrevemos abaixo os textos poéticos:

Navio Negreiro

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
 E após fitando o céu que se desdobra,
 Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 "Vibrai riço o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

(CASTRO ALVES, *apud*, MOURA, 2010, pp. 61-62).

Marchemos!

Há mistérios peregrinos
 No mistério dos destinos
 Que nos mandam renascer:
 Da luz do Criador nascemos,
 Múltiplas vidas vivemos,
 Para à mesma luz volver.

Buscamos na Humanidade
 As verdades da Verdade,
 Sedentos de paz e amor;
 E em meio dos mortos-vivos
 Somos míseros cativos
 Da iniquidade e da dor.

É a luta eterna e bendita,
 Em que o Espírito se agita
 Na trama da evolução;
 Oficina onde a alma presa
 Forja a luz, forja a grandeza
 Da sublime perfeição.

É a gota d'água caindo
 No arbusto que vai subindo,
 Pleno de seiva e verdor;
 O fragmento do estrume,
 Que se transforma em perfume
 Na corola de uma flor.

A flor que, terna, expirando,
 Cai ao solo fecundando
 O chão duro que produz,
 Deixando um aroma leve
 Na aragem que passa breve,
 Nas madrugadas de luz.

É a rija bigorna, o malho,
 Pelas fainas do trabalho,

A enxada fazendo o pão;
 O escopro dos escultores
 Transformando a pedra em flores,
 Em Carraras de eleição.

É a dor que através dos anos,
 Dos algozes, dos tiranos,
 Anjos puríssimos faz,
 Transmutando os Neros rudes
 Em arautos de virtudes,
 Em mensageiros de paz.

Tudo evolui, tudo sonha
 Na imortal ânsia risonha
 De mais subir, mais galgar;
 A vida é luz, esplendor,
 Deus somente é o seu amor,
 O Universo é o seu altar.

Na Terra, às vezes se acendem
 Rádiosos faróis que esplendem
 Dentro das trevas mortais;
 Suas rútilas passagens
 Deixam fulgores, imagens,
 Em reflexos perenais.

É o sofrimento do Cristo,
 Portentoso, jamais visto,
 No sacrifício da cruz,
 Sintetizando a piedade,
 E cujo amor à Verdade
 Nenhuma pena traduz.

É Sócrates e a cicuta,
 É César trazendo a luta,
 Tirânico e lutador;
 É Cellini com sua arte,
 Ou o sabre de Bonaparte,
 O grande conquistador.

É Anchieta dominando,
 A ensinar catequizando
 O selvagem infeliz;
 É a lição da humildade,
 De extremosa caridade
 Do pobrezinho de Assis.

Oh! bendito quem ensina,
 Quem luta, quem ilumina,
 Quem o bem e a luz semeia
 Nas fainas do evoluir:
 Terá a ventura que anseia.
 Nas sendas do progredir.

Uma excelsa voz ressoa,
 No Universo inteiro ecoa:
 “Para a frente caminhai!
 “O amor é a luz que se alcança,

“Tende fé, tende esperança,
 “Para o Infinito marchai!”
 (XAVIER, 2010, pp. 333-336).

A princípio, em “Navio Negreiro”, o mais conhecido poema abolicionista de Castro Alves, há uma tessitura poética que se aproxima de uma cena cinematográfica, isto é, abre-se uma tomada panorâmica no início do poema: “STAMOS em pleno mar...”; em seguida, aproxima-se do alvo na terceira parte: “Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!” e, numa espécie de *zoom*, focaliza o navio na quarta parte. Abordaremos, a partir deste ponto, elementos de contato com a poesia mediúnica “Marchemos!”.

“Marchemos!” vinha com o objetivo de provar a sobrevivência da alma e a individualidade do espírito no além-túmulo, junto com outros poetas brasileiros e portugueses que integram a obra *Parnaso de Além-Túmulo*. Em “Marchemos!”, o tema pulsante é o da reencarnação, o poeta correlaciona-o à imortalidade, à lei de causa e efeito e à evolução do espírito. O fragmento escolhido do poema “Navio Negreiro” expõe, em seus cinco primeiros versos, um “abrir de cortinas” sobre o assunto “escravidão”, enquanto os demais versos servem de reforço literário ao tema. Da mesma forma, também no poema mediúnico “Marchemos!”, verifica-se a apresentação do tema “reencarnação” nos cinco primeiros versos, que será desenvolvido nas estrofes seguintes:

Navio Negreiro

“Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...”

(CASTRO ALVES, *apud* MOURA, 2010, p. 61).

Marchemos

“Há mistérios peregrinos
 No mistério dos destinos
 Que nos mandam renascer:
 Da luz do Criador nascemos,
 Múltiplas vidas vivemos,
 Para à mesma luz volver”

(XAVIER, 2010, p. 333).

Na estrofe escolhida de “Navio Negreiro”, notamos uma característica peculiar à poética de Castro Alves: a linguagem é elaborada com o intuito de chamar a atenção do leitor para o problema que o texto aborda: o tráfico negreiro. Para tanto, o poeta formula metáforas que mostram um mundo em desequilíbrio: “Era um sonho dantesco... o tombadilho”, “E ri-se a orquestra irônica, estridente...” e “...da ronda fantástica a serpente/faz doudas espirais...” Primeiramente, percebemos que o substantivo “sonho” é usado para destacar o aspecto irreal da cena, não no sentido de algo que não aconteceu de fato, mas, sim, como algo que jamais deveria ter acontecido. O adjetivo utilizado para caracterizar esse “sonho” é “dantesco”, portanto a cena era algo medonho, pavoroso. Certamente mais semelhante a um pesadelo do que a um sonho. O poema descreve cenas como a espécie de dança macabra protagonizada pelos escravos. Presos por correntes, eles tentam se esquivar dos golpes do açoite e o sangue que escorre das feridas mancha o tombadilho. As mães sujam com sangue a boca de suas crianças magras e as moças nuas, mais se parecem com espectros, enquanto os captores riem como se fossem uma orquestra irreverente, irônica e estridente. A orquestra representa, metaforicamente, os captores dos escravos, as pessoas que comandam aquela dança macabra. A metáfora explora a ideia de que é a música que acompanha a dança. Então, se os escravos “dançam” no tombadilho do navio negreiro, a música que os faz dançar é controlada pela orquestra, ou seja, por seus torturadores. Quanto à imagem da serpente, podemos dizer que essa é uma metáfora para o açoite do feitor dos escravos. A ideia teria sido aproveitar a semelhança entre o formato do açoite e o corpo de uma serpente, por um lado, e, por outro, utilizar a ideia do ser peçonhento, mau e expandi-la para o objeto utilizado a fim de matizar os escravos.

Outro recurso estilístico usado pelo poeta é o emprego das hipérboles. Elas contribuem para criar uma imagem contundente do que era a “vida” em um navio negreiro: “...O tombadilho (...) em sangue a se banhar” e “Legiões de homens negros”. O exagero enfatiza os sofrimentos dos escravos, tornando a cena mais dramática. Assim, o sangue que escorre das feridas causadas pelo açoite é tanto que “banha o tombadilho”. Os africanos martirizados são apresentados como uma “legião de homens negros”, multiplicando o crime cometido pelo grande número de vítimas e pelo tom sombrio de suas peles.

O uso dos adjetivos – que podem ser encontrados em grande quantidade na poesia arrebatada de Castro Alves – favorece também a visualização das cenas e das personagens, inseridas em um mundo, para elas, instável: “**Negras** mulheres”, “**Magras** crianças”, “bocas **pretas**”, “Moças **nuas e espantadas**”, “homens **negros** como a noite”, “multidão **faminta**”. O uso recorrente de reticências e de exclamações para dar um tom de declamação é recurso

trabalhado pelo poeta para reforçar sua indignação ante esse desequilíbrio social materializado com a escravidão.

Observemos o artigo do escritor Hélio Pólvora sobre Castro Alves para darmos prosseguimento à análise:

Com o subtítulo “Tragédia no mar”, o poema “Navio Negreiro” é o produto direto da escola romântica de conteúdo liberal. É um poema comprometido com uma ideia em movimento, uma ideia-força que ainda perdura. O tema é realista na sua pungente atualidade; a forma que o reveste segue, porém, o modelo romântico calcado no discurso que se dirige mais ao ouvido, sem aquela densidade e simplicidade de efeitos que marcaria algumas peças castroalvinas de sua fase derradeira. Poeta cênico quando seguia o voo do condor, Castro Alves descortinava cenários, descrevia horizontes com uma imaginação plástica.⁹⁸

Consideremos o fragmento do texto de Pólvora quando diz que o poema de Castro Alves é escrito de modo a envolver a audiência em um “discurso que se dirige mais ao ouvido”. Podemos dizer que, o uso dos recursos estilísticos, como as metáforas, hipérboles, adjetivos, reticências e exclamações, possibilita que o poeta faça sua mensagem chegar aos ouvidos dos leitores. Procedimento semelhante registra-se pela voz poética do texto mediúnico “Marchemos!”. Desnudando a possibilidade da reencarnação, o espírito Castro Alves constrói uma série de implícitas metáforas conceituais para exemplificar o valor das provações diante da oportunidade da reencarnação, enfatiza o possível renascimento e a evolução do ser humano, em um mundo que poderá ser diferente do de “Navio Negreiro”, ou seja, um mundo que oferece possibilidades de transformações constantes e de aprimoramento individual e coletivo. Essas implícitas metáforas conceituais parecem dizer que o valor das provações com a reencarnação “É a luta eterna e bendita”, “É a gota d’água caindo”, “É a rija bigorna”, “É a dor que através dos anos”, “É o sofrimento do Cristo”, “É Sócrates e a cicuta”, “É César trazendo a luta”, “É Cellini com sua arte” “É Anchieta dominando”, “É a lição da humildade” (em referência a São Francisco de Assis). Faz uso também dos adjetivos para ilustrar o comportamento do homem frente à procura de sua evolução: “**sedentos** de paz e amor”, “**miseros** cativos”, “**ânsia risonha**”, e ainda das reticências, das exclamações para imprimir o tom de conclamação

⁹⁸ Navio Negreiro – **Jornal de Poesia**. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.com.br/calves30.html#helio>>. Acesso em: 14 maio 2016.

inserido no título do poema “Marchemos!”, com o objetivo de chegar, segundo Pólvora, aos ouvidos dos leitores a coragem para não desistirem de recomeçar sempre.

No poema “Navio Negreiro”, a utilização de sucessivas enumerações presentes nas estrofes dois, três e quatro, produzem um efeito de flashes cinematográficos, através dos quais o poeta acentua o sofrimento físico e moral pelo qual os cativos passavam. Os versos do poema mediúnico “Marchemos!”: “Somos míseros cativos/ Da iniquidade e da dor” revelam igualmente que o sofrimento humano não termina e a voz lírica faz uso também da enumeração para listar uma série de percursos terrenos, pelos quais o ser humano poderá passar, na “trama da evolução”, sem isentar-lhe das agruras terrenas. Percebemos essas enumerações nas estrofes quatro, cinco e seis que revelam as transformações dos elementos da natureza. Notamos também que as enumerações aparecem, como em *flashesbacks*, apontando outros tantos percursos terrenos, pelos quais os vultos históricos passaram a fim de aprimorarem sua evolução, exemplos presentes nas estrofes dez, onze e doze.

No poema “Navio Negreiro”, as seis partes que o compõem têm estruturas diferentes, ilustrando a liberdade formal romântica, e totalizam duzentos e trinta e nove versos. Na quarta parte, especificamente, há seis estrofes de seis versos rimados em AABCCB. O terceiro e o sexto versos de cada estrofe são respectivamente, hexassílabos e os demais decassílabos. Em “Marchemos!”, temos catorze estrofes de seis versos também rimados em AABCCB, totalizando cento e vinte e quatro versos entre hexassílabos e heptassílabos.

Nos dois poemas, os verbos, predominantemente no presente, são também responsáveis pelo acentuado ritmo de transformações e imprimem dinamismo às ações, ou seja, a tessitura dos verbos no presente representam as constantes e ininterruptas mudanças da vida. A estrutura verbal de “Navio Negreiro”, no presente do indicativo, enfatiza o angustioso lamento que permeia o poema do primeiro ao último verso e realça as atitudes tomadas pelo opressor, tornando-o, pela forma brutal como trata o negro, algoz de toda uma raça. Em “Marchemos!”, os verbos no presente mostram que a vida não cessa, as mudanças ocorrem a todo momento. A estrutura verbal do poema, com predomínio dos verbos no presente do indicativo, parece ter a intenção de retirar do ostracismo os pensamentos estagnados, que estão atrelados a uma vida engessada, imóvel. Segundo a voz mediúnica, a estagnação dos pensamentos não permite a percepção da oportunidade de evolução concedida pela reencarnação. Dessa forma, o verbo no presente do indicativo tem função preponderante nas decisões humanas.

Tanto no poema “Navio Negroiro” como na poesia mediúnica “Marchemos!”, a musicalidade deve-se principalmente às anáforas, aos polissíndetos e às repetições que os compõem e favorecem o ritmo melodioso que os assemelham a uma declamação.

Vale a pena ressaltar que o serpentear melódico dos poemas é ritmado também pelas constantes inflexões de natureza emocional do eu poético, marcadas através do uso das exclamações, às quais, conforme já nos referimos, corroboram para desnudar, em “Navio Negroiro”, a indignação do eu-poético ante o sofrimento dos cativos e, em “Marchemos!”, elas reforçam o chamamento para as mudanças inevitáveis e necessárias, advindas da reencarnação. Queremos ressaltar que “Marchemos!” emparelha com o poema “Vozes da África”, também de Castro Alves, em relação ao mesmo tom oratório e profético, à mesma empolgação fraseológica e aos mesmos recursos estilísticos abordados anteriormente.

As conclusões geradas por nossa análise mostram, sem medo de cometermos equívocos, que há sem dúvida pontos de contato entre os dois poemas, no tocante ao estilo autoral de Castro Alves homem e Castro Alves espírito. Estas interseções, porém, podem levar o leitor a legitimar o pacto de leitura e a considerar que Castro Alves é, de fato, autor espiritual de “Marchemos!” ou apenas a admitir que elas são irrelevantes e não sustentam uma atribuição autoral mediúnica ou, no mínimo, a sugerir que Chico tinha muitas habilidades literárias e, por isso, conseguia reproduzir o estilo dos poetas. Observamos assim que a atribuição da autoria do poema “Marchemos!” a Castro Alves pode basear-se na análise estilística que, conforme vimos aponta para isso; já a não aceitação, em convicções ideológicas contrárias à Doutrina Espírita.

Percebemos que os poemas estudados aproximam-se quanto ao estilo; mas, certamente, divergem em alguns aspectos discursivos e estruturais. Isso pode ser justificado pela nova posição do sujeito-autor agora como espírito. Este ponto, aliás, remete-nos ao que Rocha (2001) disse sobre a identidade estilística das vozes poéticas que: “(...) de acordo com o pressuposto de que o estilo literário é um índice confiável da personalidade do escritor, poderiam [as vozes poéticas] ser identificadas com as originais e, neste caso, ganhariam o estatuto de documento atestando a continuidade da vida dos poetas” (p. 187). Concordamos que o eixo discursivo central da antologia que estudamos é veicular a ideia da sobrevivência do espírito por meio da prova da sobrevivência dos poetas, o que se faz pela identidade estilística, conforme postula Rocha. Considerando que o contexto das condições de produção enfatizadas pelo próprio Chico “(...) ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde se não pode pensar em letras” (XAVIER, 2010, pp. 31-32) e ainda sua recorrente afirmação de que não reconhecia como de sua autoria os poemas

induzem-nos a afastar a possibilidade de *pastiche*, pois se Chico não tinha condições materiais para estudar, não poderia ser tão hábil para reproduzir estilos de escritores que ele sequer conhecia. Se o leitor considera esses dados, poderá compreender como Pereira (2008) que *Parnaso de Além-Túmulo* funciona como um veículo ideológico que visa à persuasão do público a que se destina e ainda admitir que, de fato, o poema “Marchemos!” faz parte da obra castroalveana e legitimar a autoria do texto, amparado, sobretudo, na similitude estilística. Assim, ele aceitará como legítimo o discurso de *Parnaso de Além-Túmulo*, que comporta as ideias da sobrevivência do espírito após a morte e da possibilidade de comunicação com os mortos por meio da psicografia e, conseqüentemente, admitirá a intermediação do médium na recepção dos poemas. É aí que entra a posição teórica de Lewgoy que levou em conta a escrita compartilhada, isto é, considera-se o médium psicógrafo e o espírito escritor como autores de uma mesma obra, “(...) com inarredáveis influências de ambos os lados do trabalho mediúnic” (LEWGOY, 2000, p. 144).

Todavia, acreditamos que as análises estilísticas ou discursivas não são suficientes para confirmar ou descender a autoria de textos mediúnicos. As investigações devem, sem dúvida, buscar novos artifícios teóricos, que talvez ainda não tenham sido devidamente elaborados ou por faltar interesse ou talvez por faltar preparo para a classificação de livros dessa natureza, por parte da crítica acadêmica.

Creemos que a literatura mediúnica mereça ser estudada no âmbito acadêmico, uma vez que o Espiritismo produz crescentemente uma literatura que comporta romances, novelas, contos e poesias e que agrada inclusive ao público não espírita. A impressão extraída da análise do poema “Marchemos!” e do estudo mais amplo sobre *Parnaso de Além-Túmulo* e de todos os desdobramentos advindos com a publicação dessa antologia é que ainda há muito o que se discutir.

Conforme retratou Bertolli Filho (2016), o alvoroço despertado com o processo judicial de 1944, enfrentado por Chico Xavier, foi, de acordo com as palavras de um jornalista, um “escândalo sem solução”. Ele constata que “No mais de meio século que nos separa do episódio visitado, algumas coisas mudaram, outras não” (p. 24). O que chama a atenção do crítico é o silêncio que teima em recobrir a divulgação da literatura espírita, apesar do sucesso editorial de velhas e de novas produções do além. Ainda afirma que “Tal silêncio bate à porta da universidade sem que ainda os pesquisadores comovam-se com o seu clamor” (p. 24). Dessa forma, nosso desejo é que surjam novos estudos e que contribuam para dinamizar as pesquisas

sobre a literatura mediúnica, que tem expressiva aceitação dos leitores brasileiros, mas ainda é pouco considerada e explorada nos meios acadêmicos.

3.7 Chico e a Série *Nosso Lar*

Chico teria outra missão tão importante quanto à psicografia de *Parnaso de Além-Túmulo*. Em 1943, inicia a psicografia de um conjunto de obras sobre a vida além-túmulo. Vimos que a crítica à obra *Parnaso de Além-Túmulo* centrou-se na excessiva abordagem dos poetas da antologia sobre as questões terrenas. Nessa nova missão psicográfica, Chico terá um porta-voz que falará sobre a vida no além. Os leitores conhecerão a vida no mundo espiritual por intermédio do espírito André Luiz, o “repórter do além”, como ficou conhecido. Sob sua autoria, somam-se vinte e três títulos. Porém um conjunto de treze obras foi denominada pela FEB como “Coleção A Vida no Mundo Espiritual” ou “Série Nosso Lar”, narrações das experiências de André Luiz no plano espiritual, marcadas pelas dificuldades e lutas íntimas travadas por sua própria consciência diante de uma realidade e situação que sequer sonhara em vida.

De modo geral, o objetivo dos romances dessa “Coleção” é demonstrar que a morte física não é o fim, daí decorrendo a necessidade do esforço próprio, desde já, na luta pelo autoaperfeiçoamento. Os temas presentes nas obras citadas a seguir foram desenvolvidos por meio de linguagem romanceada que favorece a elucidação de aspectos importantes da Doutrina Espírita inerentes à evolução do espírito. O estudo detalhado da reencarnação está presente em *Missionários da Luz* (1980); alimentação dos desencarnados, hereditariedade, evolução e sexo, matrimônio, divórcio, aborto, invasão microbiana em *Evolução em dois Mundos* (1986); Lei da Causa e Efeito em *Ação e Reação* (2001); mediunidade à luz da ciência em *Mecanismos da Mediunidade* (2001); mediunidade em *Nos domínios da Mediunidade* (2002); aborto, mongolismo, epilepsia, esquizofrenia e outras doenças mentais em *No Mundo Maior* (2003); evolução espiritual e obsessão em *Libertação* (2004); esforço íntimo e aprimoramento moral em *Obreiros da Vida Eterna* (2005); processos da morte física e oportunidade de trabalho dos médiuns em *Os Mensageiros* (2007); progresso moral, conflitos da emoção, ciúme, provocações no lar em *Entre a Terra e o Céu* (2007); amor e consciência, liberdade e compromisso, culpa e resgate, lar e reencarnação, infância e velhice em *Sexo e Destino* (2010) e a situação do espírito

face à desencarnação e ao amor entre dois espíritos em *E a Vida Continua...* (2011). Na sinopse exposta acima, não incluímos deliberadamente a obra *Nosso Lar* (1997), por entendermos que, por ter sido a obra inaugural da série, provocou grandes debates, movidos por polêmicas acerca das inusitadas informações trazidas por André Luiz sobre o Além. Em virtude disso, procuramos aprofundar um pouco mais nossa análise em certos traços singulares deste romance. Reiteramos que *Nosso Lar* é pedra angular para a produção das obras supracitadas, transmitidas pelo espírito André Luiz e, dessa forma, merece análise especial.

3.8 *Nosso Lar* – o romance

Outra coisa: em geral esses livros só se reportam a coisas terrestres: não são livros do além, mas simplesmente do aquém, retrospectivos, autobiográficos, de um mundo que já conhecemos miudamente...

Agripino Grieco

Na epígrafe introdutória deste item, observa-se uma avaliação do crítico literário Agripino Grieco sobre os temas veiculados pelas poesias do primeiro livro psicografado por Chico, *Parnaso de Além-Túmulo*. Ele declara que os textos da antologia mediúnica só se reportavam às coisas terrestres, as quais os leitores já conheciam miudamente. Na contramão da crítica de Grieco, temos o romance *Nosso Lar* que vai abordar justamente a vida no mundo espiritual, destacando praticamente a imortalidade e o outro lado da vida. Dessa forma, o que a obra não provocou foi desinteresse. Vejamos a história embrionária do livro.

O médium Chico Xavier, em carta enviada ao então presidente da FEB, Wantuil de Freitas, relata que Emmanuel lhe comunicara que “algumas autoridades espirituais” desejavam “trazer páginas” com o “objetivo de despertamento”. A intenção era possibilitar o conhecimento de certos aspectos “da vida que nos espera no outro lado”. André Luiz, autor espiritual incumbido desse objetivo, apresenta-se ao médium em 1941 com o propósito de sintonizar-se com ele e passa acompanhá-lo em todas as suas atividades, preparando ambos para a realização desta tarefa. Em 1943, inicia-se a psicografia de *Nosso Lar*, cujo lançamento ocorre em 1944.

Desde sua publicação há setenta e dois anos, o romance *Nosso Lar* coleciona variados artigos acerca de sua tese principal, a vida além-túmulo, exemplificada pelas próprias palavras

do autor espiritual André Luiz no texto “Mensagem de André Luiz”, inserido na parte preliminar da obra: “A vida não cessa. A vida é fonte eterna e a morte é o jogo escuro das ilusões” (XAVIER, 1997, p. 13).

Inicialmente, a revista *Reformador* de fevereiro de 1944 estampava a seguinte propaganda sobre o romance mediúnico *Nosso Lar*:

Último trabalho mediúnico de Francisco Cândido Xavier. Livro curioso, original e único, em seu conspecto. O autor, que se apresenta como tendo sido médico patricio, não há muito desencarnado no Rio de Janeiro, relata, sob o pseudônimo de André Luiz, a prova do seu currículo de reajustamento no plano espiritual, precedido de um estágio purgatorial, em zona que êle denomina – *O Umbral*, até internar na colônia – “*Nosso Lar*”.

A organização dessa colônia, suas atividades em função reeducativa, seja para ascender a outros planos ou regressar à Terra, sem quebra de afinidades e compromissos aqui empenhados, eis o que constitui o fundo da obra. O *modus vivendi* dessa vida planetária, por demonstrar que a Natureza não dá saltos e que a simples alienação do corpo não transforma o espírito, eis o que enseja ao leitor, através de paralelismos indispensáveis, relevantes ensinamentos e altas induções filosóficas. Ensinamentos que dizem com a economia orgânica da humanidade, com as inquietações ideológicas contemporâneas, e, finalmente, com as aspirações de cada um no lar, na sociedade, na pátria, até atingir a cidadania divina.

O livro traz magistral prefácio de Emmanuel, que, só êle, vale por todo um programa e dispensa qualquer apologia.

É mais um padrão de boas letras do Além-Túmulo e mais um estalão inconfundível da onímoda mediunidade de Francisco Xavier (REFORMADOR, 1944, p. 27).

O assunto do romance não era novo. Novas eram certas particularidades, principalmente referentes às organizações familiar, econômica e de socorro social que o livro expunha. Mas antes de comentarmos o romance do espírito André Luiz, remetamo-nos sucintamente à história dos primeiros relatos sobre o mundo além-túmulo. Segundo Melchior Carneiro de Mendonça, em seu artigo “O ‘Nosso Lar’ e a lei da Evolução”, da revista *Reformador* de fevereiro de 1945, a matéria sobre outros mundos habitados e seus costumes começou a ser tratada por Dante Alighieri, Emmanuel Swendenborg, Johann Caspar Lavater e outros. Surgiram também, em 1883, os “Ensinos Espiritualistas”, mensagens recebidas, na Inglaterra, pelo Reverendo Stainton Moses, de vários espíritos que narravam a vida além-túmulo. Em 1913, igualmente na Inglaterra, ditados psicográficos materializaram-se aos médiuns Elsa Barker e Reverendo George Vale Owen, respectivamente, intitulados *Cartas do outro mundo* e *A Vida Além do Véu*. Todos os relatos expõem, segundo Mendonça, algumas pontas do véu sobre o dia a dia no mundo espiritual, com as escolas e gabinetes de experiências progressivas, que ensinam e

demonstram como se geram e funcionam o mundo de além-túmulo. Todavia, de acordo com Mendonça (1945), o romance *Nosso Lar* expõe revelações as “(...) mais completas e sistemáticas que já se fizeram até hoje” (p. 19).

Embora, como vimos, já houvesse registros, sobre a vida além-túmulo, inclusive considerações feitas pelo próprio Kardec, em “Quadro da Vida Espírita” na *Revista Espírita* de 1859, o romance *Nosso Lar* abriu portas, efetivamente, para novas reflexões acerca da realidade espiritual, revelando, segundo a Doutrina Espírita, a existência da vida além da morte do corpo físico. Pela psicografia de Chico, surge, no cenário espírita, um novo escritor que é apresentado na revista *Reformador* como

(...) um novo escritor que se revela grande artista das letras e da doutrina. É um médico e escritor brasileiro que se oculta sob o pseudônimo de André Luiz para nos dar um mimoso livro que se lê de um fôlego, com a recuperação suspensa e alma encantada pela arte, o coração palpitando de emoções variadas (REFORMADOR, 1944, p. 19).

Emmanuel, no prefácio da obra, faz a sua apresentação do novo porta-voz do além:

(...) André Luiz vem contar a você, leitor amigo, que a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face a face com a própria consciência, onde edificamos o céu, estacionamos no purgatório, ou nos precipitamos no abismo infernal... (...) Guarde a experiência dele no livro d'alma. Ela diz bem alto que não basta à criatura apegar-se à existência humana, mas precisa saber aproveitá-la dignamente; que os passos do cristão, em qualquer escola religiosa, deve dirigir-se verdadeiramente ao Cristo, e que, em nosso campo doutrinário precisamos em verdade, do Espiritismo e do Espiritualismo, mas, muito mais, de ESPIRITUALIDADE (XAVIER, 1997, p. 11).

Dividida em cinquenta capítulos, a autobiografia espiritual de André Luiz retrata sua caminhada para a ascensão evolutiva, desde a sua passagem pelo Umbral, uma espécie de região purgatória próxima à terra, considerada assim por ele, até sua chegada à cidade espiritual, denominada “Nosso Lar”, localizada em regiões mais altas, para a devida recuperação. O romance levanta duas questões: o sentido do trabalho justo e dignificante e a Lei de Causa e Efeito a que todos os espíritos estariam submetidos. Nas páginas da revista *Reformador* temos a seguinte sinopse da obra:

André Luiz é filho de um negociante rico, faz seus estudos sem conhecer dificuldades, e forma-se em medicina, constitui um lar feliz. Para êle a medicina é ciência, profissão, mas não sacerdócio e fonte de sacrifícios. Abusa um pouco de sua situação de membro das classes favorecidas, quanto à alimentação e às bebidas, e isso lhe encurta a vida. Morre cercado dos melhores médicos e da família carinhosa, após duas operações que não conseguem salvá-lo. É tratado como suicida, nas sombras, e sofre torturas infernais durante oito anos que mais lhe parecem uma eternidade entregue ao desespero. Finalmente, vencido pela dor, faz uma prece implorando a proteção de um Deus, de cuja existência pouco cogitara na prosperidade. É socorrido por um bondoso Espírito e conduzido para uma colônia espiritual de regeneração e educação, nas proximidades da Terra. Essa colônia que funciona como hospital e escola, com mais de um milhão de habitantes, tem o nome de “Nosso Lar” (REFORMADOR, 1944, p. 19).

O romance *Nosso Lar* recebeu inúmeras avaliações à época em que foi lançado e, por muitas décadas, foi matéria principal nos jornais espíritas, sobretudo na revista *Reformador*. O artigo “‘Nosso Lar’: Trinta anos”, de Roque Jacintho, veiculado na revista em outubro de 1973, retrata os trinta anos de impacto da obra, que, segundo o comentarista, veio para desestabilizar as antigas teorias sobre a sobrevivência da alma em um mundo extrafísico:

“NOSSO LAR” FOI UM IMPACTO. Há exatamente trinta anos já tínhamos percorrido as páginas de “O Céu e o Inferno”, de Kardec, gravando noções globais da continuidade da vida além do véu da encarnação.

Iniciou-se aí a desvinculação das idéias tradicionais condicionadas, no curso de milênios, pelas escolas religiosas que criavam departamentos estanques para as almas, suspendendo abruptamente toda a fenomenologia evolutiva das criaturas. Ou céu, ou inferno, ou purgatório.

“O céu e o Inferno”, como seus relatos, a viva voz, daqueles que nos haviam antecedido na viagem inevitável de retorno, já abalara a nossa estrutura mental da sobrevivência. Era contudo, uma síntese. Quase que o tomávamos por inteligentes notas, não emotivas, sem detalhes, da eternidade, embora nos levasse a uma reconceituação ampla e notável.

“Nosso Lar” foi além. Obra de análise, de detalhes, de vivência.

Talvez na estagnação religiosa em que permanecíamos é que poderemos encontrar as causas de ter esse relato de André Luiz provocado tanta celeuma, revolucionando um meio que, por sua origem e natureza, é o mais avançado em nosso mundo.

Na época, colecionamos duelos verbais:

- Não é autêntica.

- É genuína...

- Ora, tudo isso é muito igual à nossa vida.

Avolumavam-se referências e apodos.

Efetivamente, em “Nosso Lar”, André Luiz nos leva a um ângulo dinâmico, em que sobrevive não apenas a nossa alma – nossa alma, aqui, considerada como uma terceira pessoa, um resto informe e impessoal de nós mesmos -, mas sobrevive a nossa personalidade, a individualidade, a vontade, os sentimentos...tudo, enfim, que somos, sem nenhuma mutação.

- Eu existo e continuo sendo! – é a afirmação (JACINTHO, 1973, p. 12).

O comentarista Pedro Franco Barbosa destaca no artigo “40 anos de ‘Nosso Lar’ e suas grandes lições” alguns apontamentos que julga valiosos para o sucesso da obra:

“Nosso Lar” confirma, esclarece, amplia revelações semelhantes feitas através de obras de Swedenborg, o sensitivo sueco, Alphonse Cahagnet, da França (“Arcanos da Vida Futura Desvendados”), G. Vale Owen (“A Vida Além do Véu), Anthony Borgia (“A Vida nos Mundos Invisíveis), Fernando de Lacerda (“Do País da Luz”), etc.

Essa obra, que para os menos conhecedores da Doutrina Espírita pode parecer uma fantasia, na verdade complementa o ensino doutrinário da Codificação de Kardec e com ela não conflita, em absoluto. Do contrário, teríamos que ficar com a Doutrina, repudiando as mensagens de André Luiz.

Seu autor expõe, com objetividade e riqueza de pormenores, o transcórre da vida no Mundo espiritual, habitado pelas Almas que viveram na Terra e cujos destinos continuam entrelaçados com os que permanecem no Planeta, onde todos estagiamos por muitas e muitas vezes, no processo reencarnatório regenerador.

André Luiz, recém-desencarnado, aprende, sofrendo e lutando, vendo, observando, examinando e, o que é sumamente importante, trabalhando muito e servindo. Na verdade, como ele mesmo declarará, em obra futura, a vida continua no pós-túmulo. Ele transmite, através dos comentários das instruções espirituais, preciosas diretrizes para o nosso comportamento cristão na Terra (BARBOSA, 1984, p. 71).

O escritor espírita Richard Simonetti em artigo da revista *Reformador* de abril de 1994, ano do cinquentenário do romance *Nosso Lar*, esclarece que aquilo que Kardec revelou em síntese, André Luiz mostra em detalhes, apresentando uma gloriosa visão do Mundo Espiritual e do relacionamento entre encarnados e desencarnados:

É “Nosso Lar”, psicografia de Francisco Cândido Xavier, autoria do Espírito André Luiz um luminoso marco na literatura espírita. Embora já na Codificação tenhamos notícias do Além, notadamente em “O Céu e o Inferno”, e várias outras obras aborem o assunto, nunca recebemos tão amplo detalhamento sobre o mundo espiritual (SIMONETTI, 1994, p. 14).

Arroladas acima algumas impressões sobre o romance *Nosso Lar*, estabeleceremos nossas próprias conclusões sobre a obra, com base em alguns pormenores da constituição da colônia *Nosso Lar* descrita pelo espírito André Luiz.

A história de André Luiz, como já sabemos, tem como foco seu aprimoramento espiritual na colônia *Nosso Lar*. Segundo a Doutrina Espírita, a colônia espiritual *Nosso Lar* foi fundada por portugueses ilustres, que morreram no Brasil, no século XVI. De acordo com as

informações doutrinárias, nessa localidade há a presença de um Governador Espiritual, assistido por ministros que compõem os seis ministérios, a saber: Ministério da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação, da União Divina. Segundo informações da obra, os quatro primeiros ministérios aproximam a colônia das esferas terrestres e os dois últimos ligam-na ao Plano Superior, pois a colônia é zona de transição. A governadoria está situada no Ministério do Auxílio, conforme descrito no livro: um prédio suntuoso, de torres austeras, edificado em uma praça de contornos arquiteturais, com extensos e floridos jardins. A colônia Nosso Lar não é a última referência em assistência espiritual. Há, segundo a Doutrina Espírita, esferas muito mais elevadas. Essa foi a descrição da colônia relatada pela comissão que recepcionou André Luiz após seu refazimento no pavilhão hospitalar da localidade. André Luiz, quando, pela primeira vez saiu do pavilhão onde se encontrava em tratamento, visto ter passado oito anos no Umbral, constatou que não havia espaço para a inoperância na rotina da colônia.

De acordo com seus relatos, para o Ministério da Regeneração eram encaminhados os recém-chegados da zona do Umbral e instalados nas Câmaras de Retificação pertencentes a esse Ministério. O Ministério do Auxílio também socorria os doentes, mas sua grande função era planejar novas reencarnações. O Ministério da Comunicação e do Auxílio funcionavam como escola preparatória para a missão de novas reponsabilidades planetárias. No Ministério da Elevação, existia o Campo da Música Celestial, onde se ouviam expressões melódicas que contribuía para a sublimidade do lugar. O Ministério da União Divina era o mais elevado da Colônia, pois ele estava atrelado às esferas da mais alta evolução espiritual.

No romance, vários pontos relatados por André Luiz sobre os costumes do lugar serão questionados. Mas antes de discutirmos as polêmicas, traçaremos um panorama dos hábitos da localidade espiritual. Em relação ao transporte, conforme expôs André Luiz, a colônia utilizava os aerobus, carros aéreos suspensos do solo a uma altura de cinco metros, aproximadamente. O bônus-hora funcionava como uma espécie de recibo ou folha de pagamento pelos serviços prestados. Essa espécie de gratificação se dava conforme a acumulação de pontos a cada hora trabalhada. André Luiz assim se expressa em relação ao padrão de remuneração da colônia:

O verdadeiro ganho da criatura é de natureza espiritual e o bônus-hora, em nossa organização modifica-se em valor substancial, segundo a natureza dos nossos serviços. No Ministério da Regeneração, temos o Bônus-hora-Regeneração; no Ministério do Esclarecimento, temos o Bônus-hora-Esclarecimento, e assim por diante. Ora, examinando o provento espiritual, é razoável que a documentação de

trabalho revele a essência do serviço. As aquisições fundamentais constituem-se de experiências: educação, enriquecimento de bênçãos divinas, extensão de possibilidades. Nesse prisma, os fatores assiduidade e dedicação representam, aqui, quase tudo (XAVIER, 1997, p. 123).

Outro traço peculiar dos habitantes da colônia refere-se à alimentação. O autor espiritual diz ser a nutrição em Nosso Lar mais agradável do que a da Terra. Alguns espíritos das zonas do Ministério do Auxílio e da Regeneração alimentam-se de concentrados fluídicos, em virtude da natureza de suas funções; nos Ministérios da Comunicação e do Esclarecimento, alimentam-se de frutos; no Ministério da Elevação, de sucos e concentrados e no Ministério da União Divina os fenômenos da alimentação são inimagináveis. Quanto ao vestuário, os espíritos usufruem de matéria muito sutil. Segundo André Luiz, dos fluidos espirituais se extraem substâncias para os mais diversos fins, inclusive a criação de vestuários, às vezes, semelhantes aos que o espírito usava quando vivo. A questão da moradia é destaque no romance. Um núcleo de trabalhadores que assistem as zonas inferiores residem em casas que possuem postos de alerta, com emissoras radiotelevisoras apropriadas. Foi de uma dessas residências que André Luiz viu e ouviu o locutor da Emissora do Posto Dois, irradiando um apelo pela paz na Terra, por ocasião da última Grande Guerra.

Nosso Lar foi publicado em um contexto de grande relevância histórica: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), época em que o Brasil foi atacado por submarinos alemães, fato que leva o país a selar acordos econômicos e militares com os Estados Unidos e a entrar no conflito. Do capítulo quarenta e um até o de número quarenta e cinco, aborda-se a conjuntura da Segunda Guerra como “pano de fundo” para a abordagem dos conceitos de trevas e de esperança.

No início de setembro de 1939, a Colônia Nosso Lar sofreu, segundo as impressões de André Luiz, choques vibratórios em função da Guerra na Terra, cujas influências eram sentidas nas esferas espirituais. Nosso Lar, assim como outros núcleos espirituais de todo o mundo, preparava-se para as consequências provenientes do confronto bélico. André Luiz relata que em Nosso Lar o clarim de alerta utilizado por entidades de elevada hierarquia era ouvido somente em circunstâncias muito graves. Naquele momento, eram convocados todos os habitantes de Nosso Lar para o trabalho de ajuda à humanidade. Em meio à grande preocupação que tomava conta dos habitantes da Colônia, André Luiz, juntamente com outros companheiros, dirigiram-se então ao Ministério da Comunicação, onde se fariam ouvidas as palavras do Governador. "Irmãos de Nosso Lar, não vos entregueis a distúrbios do pensamento ou da

palavra. A aflição não constrói, a ansiedade não edifica. Saibamos ser dignos do clarim do Senhor, atendendo-Lhe a Vontade Divina no trabalho silencioso, em nossos postos" (XAVIER, 1997, p. 230). O Governador da colônia pediu muito cuidado para que os pensamentos não se tornassem menos dignos no campo do sentimento. Várias providências de vulto foram tomadas. De acordo com a narrativa, os Espíritos superiores não consideravam os países agressores como inimigos, mas sim como desordeiros, cujas atividades criminosas deveriam ser reprimidas. O Governador também lembrou-se dos graves compromissos coletivos que são assumidos durante as guerras e resgatados em tempo oportuno através dos mecanismos da Lei de Causa e Efeito e da reencarnação. Sua exposição esclarecia que as nações agressoras transformaram-se em núcleos de centralização do mal, influenciados por entidades perversas que se afinavam com os objetivos propostos. Assegurava que falanges de bons Espíritos trabalhavam intensamente, movimentando recursos de auxílio aos agredidos e tentando iluminar as consciências e os corações dos agressores. O pronunciamento feito com autoridade restituiu a serenidade habitual à colônia. Percebemos, neste momento da obra, uma clara mensagem doutrinária de esperança, diante dos acontecimentos graves gerados pelo conflito bélico.

Com esse panorama sucinto da colônia Nosso Lar, somos levados a compreender as motivações que geraram as inúmeras polêmicas, que surgiram à época da publicação da obra, as quais veremos mais adiante, e ainda o conseqüente avanço das edições do romance, bem como as adaptações feitas da obra para o teatro, histórias em quadrinhos, cinema, além de inúmeras traduções para diversas línguas. Vejamos, no item a seguir, as adaptações e traduções do romance.

3.9 As versões traduzidas e as edições do romance *Nosso Lar*

A partir da década de 1950 do século XX, a Federação Espírita Brasileira vai fazer uma série de concessões para a divulgação da obra. Em janeiro de 1959, o romance é lançado em esperanto com o título de *Nia Hejmo*. Dessa edição em esperanto, o livro foi traduzido para o japonês. Em artigo da revista *Reformador* de janeiro de 1968, intitulado “Nosso Lar” em japonês, comenta-se a fundação, em Tóquio, da Associação Espírita Nipo-Brasileira (*Hippaku Shinrei Kyokai*) com o objetivo de propagar a Doutrina Espírita por meio de publicações em idioma japonês. Com o propósito de solenizar a fundação dessa Sociedade, foi lançado o

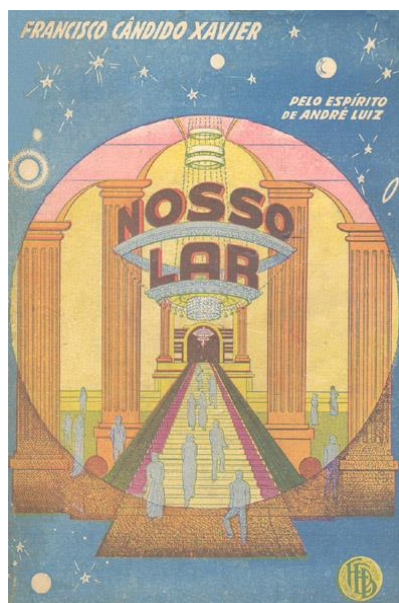
primeiro livro traduzido diretamente do esperanto para o japonês pelo Sr. Noriya Esumi com autorização da FEB: *Nosso Lar*. À tradução foi acrescentado um subtítulo que, em português, pode ser lido como *A História de um grupo de espíritos*.

Mais tarde, na década de 1980, a FEB receberia informações sobre cópias do romance em Tcheco. A tradutora, Elena Stalnova esclarecia, em carta que eram apenas cópias e não tinham sido publicadas, pois a Doutrina Espírita na Tchecoslováquia era proibida. Ainda naquela década, surgem as autorizações da FEB para as traduções do romance em inglês, francês e alemão. O livro também foi publicado, em francês, pelo Centro de Estudos Espíritas (Centre d'Etudes Spiritiques) em Genebra, na Suíça, em 1992. A versão em inglês, segundo a FEB, é bastante procurada por pessoas fora do Brasil.

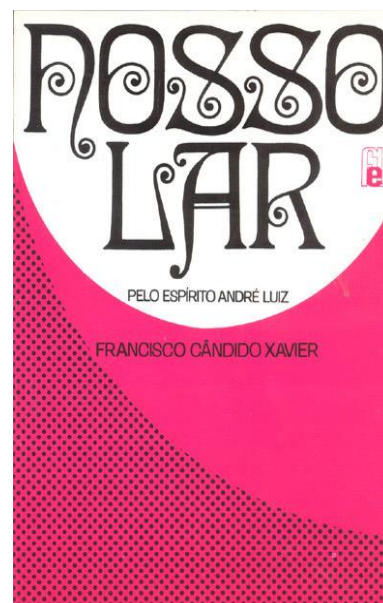
A década de 1990 trouxe uma versão inusitada de *Nosso Lar*. A FEB autorizou a New Age Produções a teatralização do romance e à instituição Legião da Boa Vontade a radiofonização da obra. Outras produtoras adaptaram igualmente o livro para o teatro e outras, posteriormente, o transformariam novamente em novela radiofônica. A história de André Luiz será veiculada em quadrinhos em 2000. Em 2001, a Federação autoriza a produção do filme de curta metragem inspirado no capítulo 16 da obra *Nosso Lar*, “Confidências”. Em 2008, a FEB autoriza o Conselho Internacional Espírita (CEI) a publicar o romance *Nosso Lar* em espanhol. A obra andreluizina⁹⁹ ganha sua versão para o russo em 2009. Segundo o Conselho Espírita Internacional, *Nosso Lar* já se encontra em fase de preparação para os idiomas finlandês e húngaro. O ano de 2010 selou as adaptações do romance com o lançamento do filme *Nosso Lar*, em virtude das comemorações do centenário de nascimento de Chico Xavier. Os detalhes dessa produção serão vistos no item 3.13. Em 2014, A FEB lançou uma versão do livro em *E-book*.

Apresentamos abaixo as capas das inúmeras edições nacionais e estrangeiras do romance *Nosso Lar*, que foram compiladas pela Federação Espírita Brasileira em documento intitulado “Resenha Histórica do Livro *Nosso Lar*”.

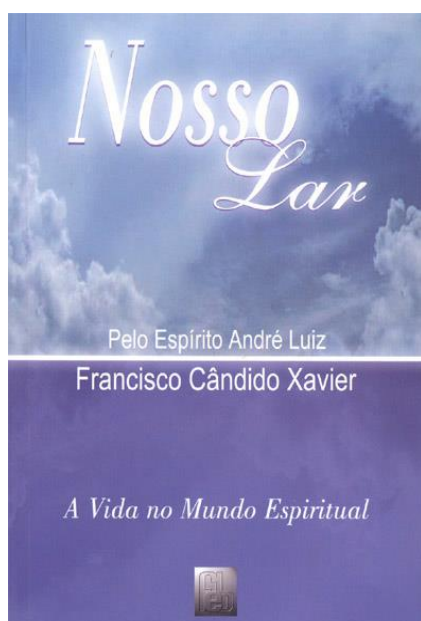
⁹⁹ Este termo é encontrado em diversas publicações espíritas para referir-se às teses discutidas e estudadas pelo espírito André Luiz. Assim, decidimos adotá-lo em nosso trabalho (Nota da autora).



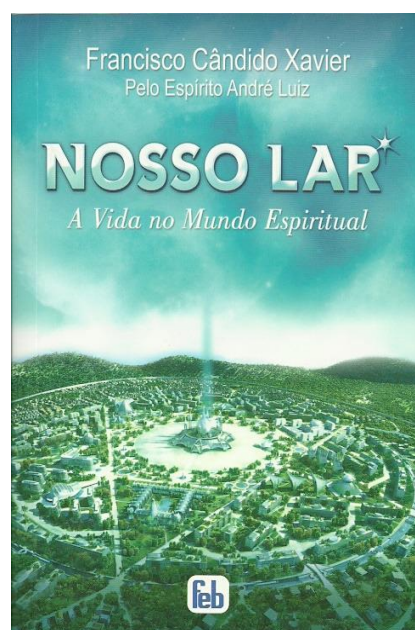
1ª Capa – 1944



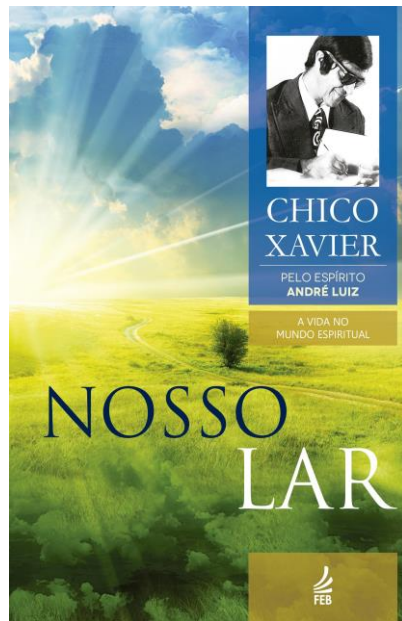
2ª Capa – 1972



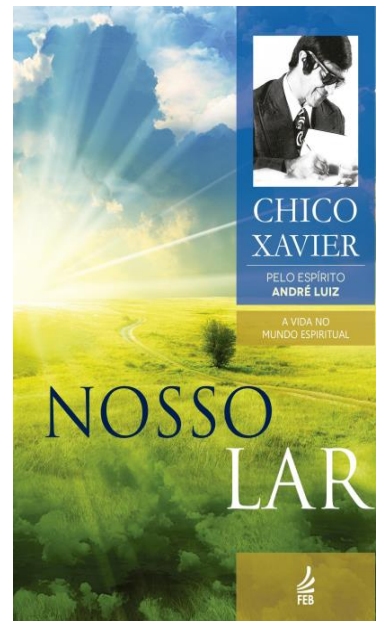
3ª Capa – 2003



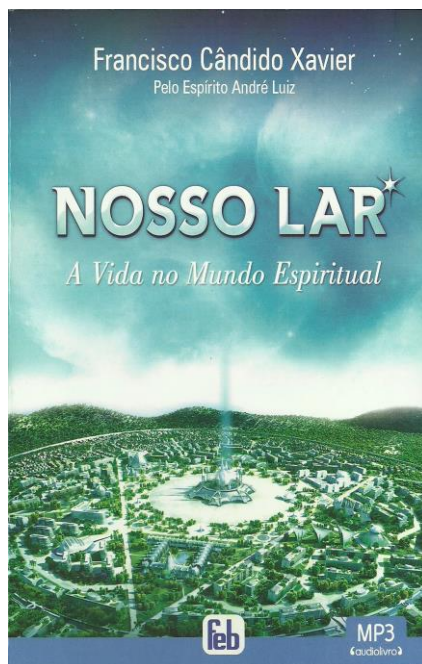
4ª capa – 2010



Capa atual - 2014



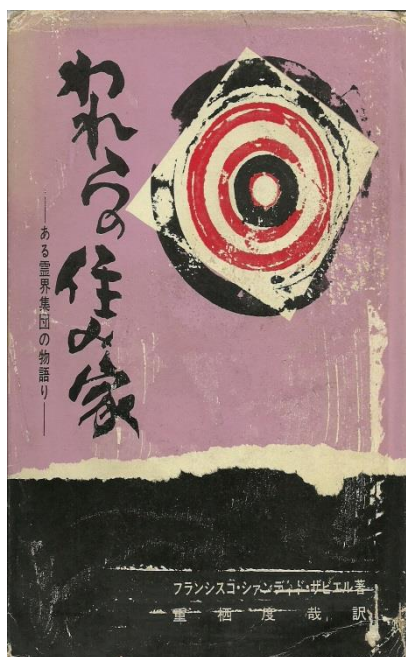
EBOOK -2014



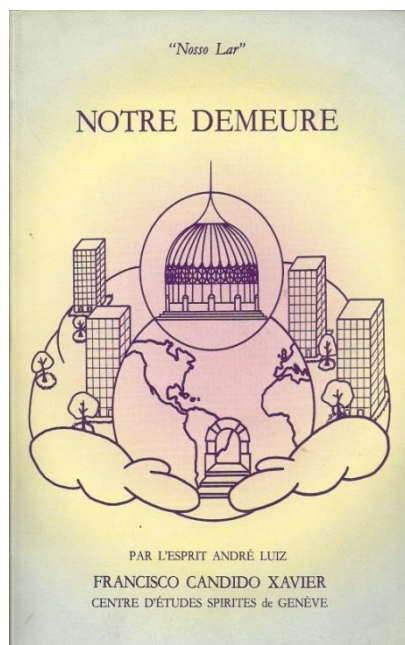
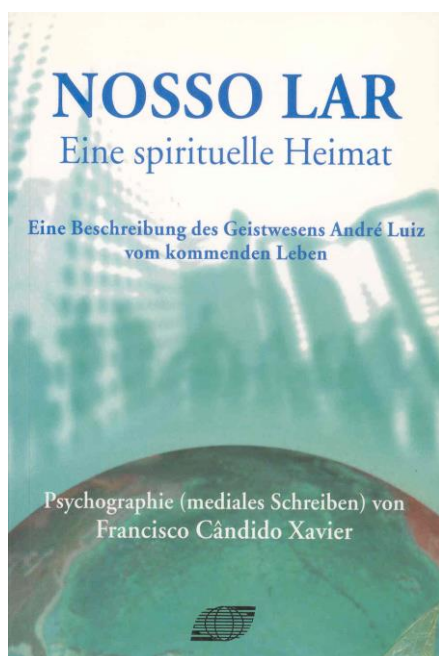
Audiobook-2010



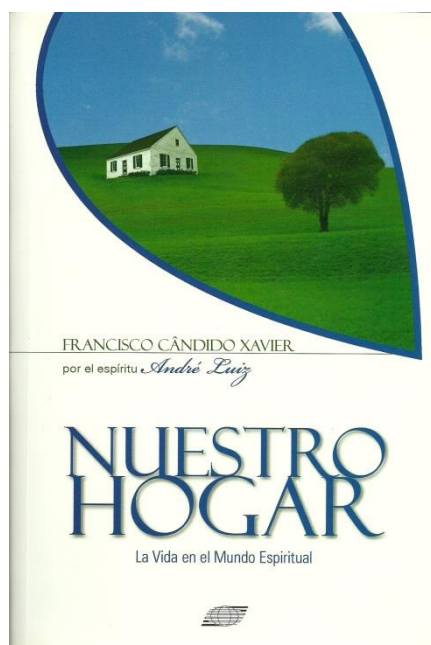
Esperanto-1959



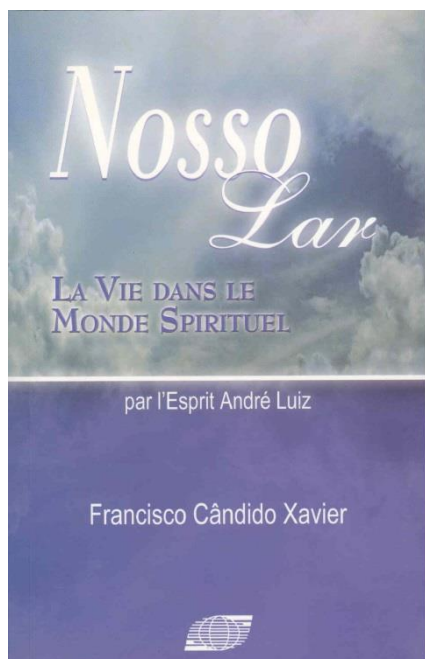
Associação Espírita Nipo-Brasileira – Japão

Centro de Estudos Espíritas de Genebra –
Suíça

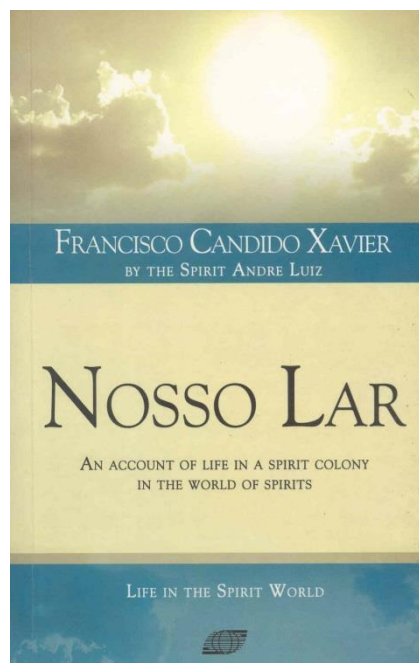
Alemão



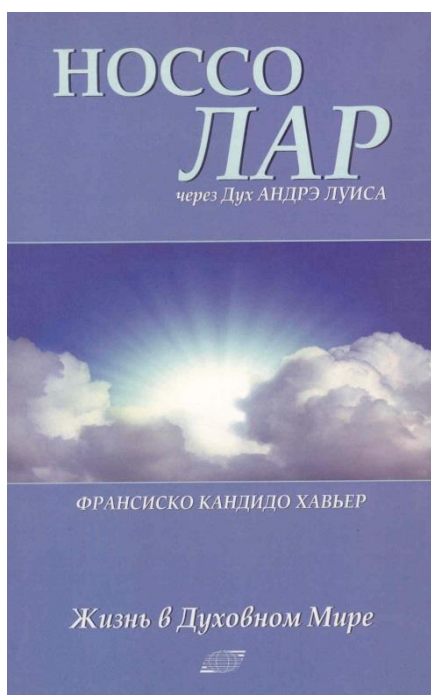
Espanhol



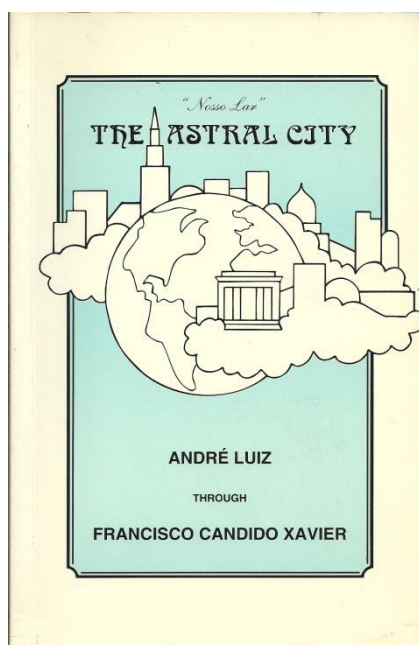
Francês



Inglês

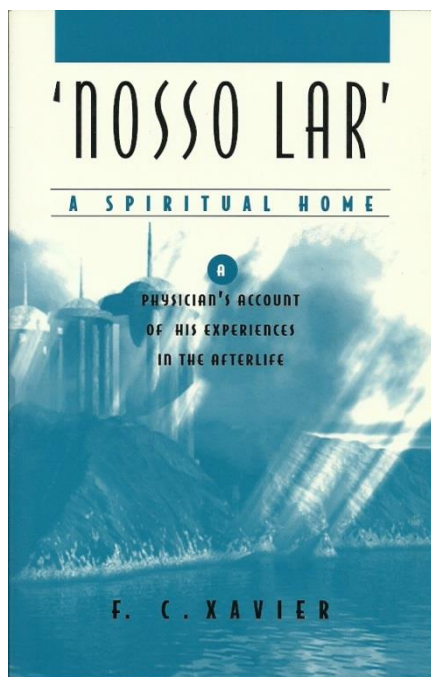


Russo

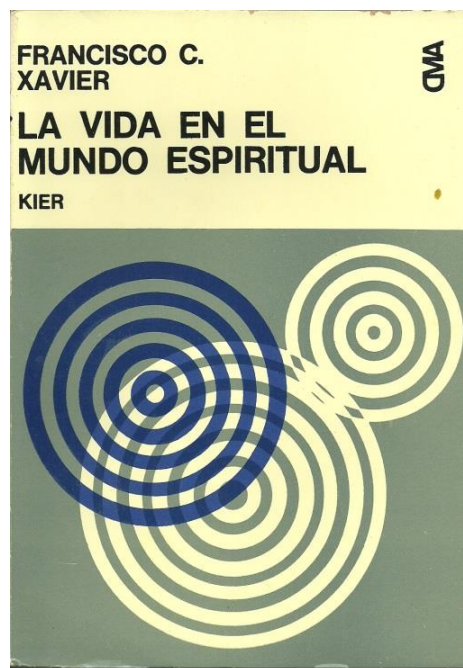


Editora Allan Kardec Publishing LTD –

Inglaterra



Editora AKES – EUA



Editorial Kier – Argentina

A seguir, reproduzimos as informações técnicas do romance *Nosso Lar*, cujas edições alcançaram o número de dois milhões, cento e trinta e cinco mil unidades, com base em dados recentes obtidos no documento “Resenha Histórica do Livro *Nosso Lar*”, a mim enviado pela FEB, por e-mail do dia 18 de maio de 2016.

Nosso Lar - Tabela de edições

EDIÇÃO	IMPRESSÃO	ANO	TIRAGEM	FORMATO
1	1	1944	10.000	12,5X17,5
2	1	1945	5.000	12,5X17,5
3	1	1947	10.000	12,5X17,5
4	1	1949	10.000	12,5X17,5
5	1	1953	10.000	12,5X17,5
6	1	1956	10.000	12,5X17,5
7	1	1958	15.000	12,5X17,5
8	1	1962	10.000	12,5X17,5

9	1	1965	10.000	12,5X17,5
10	1	1968	10.000	12,5X17,5
11	1	1970	10.000	12,5X17,5
12	1	1971	10.000	12,5X17,5
13	1	1972	20.000	12,5X17,5
14	1	1973	20.000	12,5X17,5
15	1	1976	10.000	12,5X17,5
16	1	1976	10.200	12,5X17,5
17	1	1976	10.200	12,5X17,5
18	1	1977	20.200	12,5X17,5
19	1	1978	10.200	12,5X17,5
20	1	1978	20.200	12,5X17,5
21	1	1979	20.200	12,5X17,5
22	1	1980	20.200	12,5X17,5
23	1	1981	30.200	12,5X17,5
24	1	1982	20.200	12,5X17,5
25	1	1982	20.200	12,5X17,5
26	1	1983	20.200	12,5X17,5
27	1	1983	20.200	12,5X17,5
28	1	1984	20.200	12,5X17,5
29	1	1984	50.200	12,5X17,5
30	1	1985	50.200	12,5X17,5
31	1	1987	30.200	12,5X17,5
32	1	1987	10.200	12,5X17,5
33	1	1987	20.200	12,5X17,5
34	1	1987	50.000	12,5X17,5

35	1	1988	30.200	12,5X17,5
36	1	1989	30.200	12,5X17,5
37	1	1989	50.200	12,5X17,5
38	1	1989	30.200	12,5X17,5
39	1	1991	50.000	12,5X17,5
40	1	1992	50.000	12,5X17,5
41	1	1993	50.000	12,5X17,5
42	1	1994	70.000	12,5X17,5
43	1	1995	50.000	12,5X17,5
44	1	1995	50.000	12,5X17,5
45	1	1996	52.000	12,5X17,5
46	1	1997	50.000	12,5X17,5
47	1	1997	25.000	12,5X17,5
48	1	1998	50.000	12,5X17,5
49	1	1999	50.000	12,5X17,5
50	1	2000	20.000	12,5X17,5
51	1	2001	20.000	12,5X17,5
52	1	2002	40.000	12,5X17,5
53	1	2002	40.000	12,5X17,5
54	1	2003	53.000	12,5X17,5
55	1	2005	30.000	12,5X17,5
56	1	2006	30.000	12,5X17,5
57	1	2006	15.000	12,5X17,5
58	1	2006	15.000	12,5X17,5
59	1	2007	45.000	12,5X17,5
60	1	2007	5.000	12,5X17,5

60	2	2008	50.000	12,5X17,5
60	3	2009	50.000	12,5X17,5
60	4	2010	30.000	12,5X17,5
61	1	2010	100.000	12,5X17,5
61	2	2010	100.000	12,5X17,5
62	1	2003	10.000	14x21
62	2	2003	10.000	14x21
62	3	2007	3.000	14x21
62	4	2008	5.000	14x21
62	5	2008	5.000	14x21
62	6	2009	6.000	14x21
62	7	2010	10.000	14x21
62	8	2010	8.000	14x21
63	1	2010	10.000	14x21
63	2	2010	20.000	14x21
63	3	2010	50.000	14x21

3.10 As polêmicas sobre o romance *Nosso Lar*

Em 1944, a FEB editou, pela primeira vez, o livro *Nosso Lar*, ditado pelo Espírito André Luiz e psicografado por Francisco Cândido Xavier. O livro foi recebido com entusiasmo por parte de alguns, com ceticismo por parte de outros e com incredulidade por um terceiro grupo, como era de se esperar.

Editorial da revista *Reformador*

Antes de iniciarmos as análises sobre as polêmicas surgidas pela publicação de *Nosso Lar*, vejamos o que nos fala Emmanuel, prefaciador da obra:

Certamente que numerosos amigos sorrirão ao contacto de determinadas passagens das narrativas. O inabitual, entretanto, causa surpresa em todos os tempos. Quem não sorriria, na Terra, anos atrás, quando se lhe falasse da aviação, da eletricidade, da radiofonia?

A surpresa, a perplexidade e a dúvida são de todos os aprendizes. É mais que natural é justíssimo. Não comentaríamos, desse modo, qualquer impressão alheia. Todo leitor precisa analisar o que lê (XAVIER, 1997, p. 8).

Em outro momento, o mentor de Chico declara que as afirmativas de André Luiz no romance provocarão descontentamento e perplexidade nos partidários do favoritismo, àqueles que, embora sendo crentes, ainda estão jungidos à teia de sonhos irrisórios. Certamente que mais um trabalho de Chico seria questionado quanto à veracidade das informações veiculadas. No romance *Nosso Lar*, as descrições feitas por André Luiz seriam, de fato, legítimas ou puramente ficção próxima a uma narrativa fantástica? Seriam simbolismo no qual atuariam apenas como recurso metafórico ou seriam, na verdade, “realidade palpitante”, que somente causaram estranhamento devido às descrições de “coisas incostumadas”? (AGARILDO, 1947, p. 8). Não faremos aqui a nossa profissão de fé em relação à veracidade dos relatos de André Luiz, mas, certamente, não podemos deixar de registrar que o autor espiritual causou, pela ousadia dos seus ensinamentos, muito descontentamento por não prometer em seu livro um Céu de fácil acesso.

Para alguns leitores, era difícil conceber os relatos de André Luiz e chegar às respostas concretas em relação à obra. À medida que outros livros da série foram sendo lançados, as dúvidas ganharam também novos contornos. A edição de dezembro de 1944 do periódico espírita *O Semeador* traz um comentário de Luiz Monteiro de Barros, médico e espírita ligado à FEESP, sobre as críticas que *Nosso Lar* teria recebido dentro do próprio movimento espírita. Segundo ele, a obra recebera as “(...) mais variadas e pejorativas críticas por vários líderes da doutrina dos espíritos (...)” (BARROS, 1944, p. 3).

Observemos a seguinte exposição do antropólogo Bernardo Lewgoy quanto ao comportamento de leitores de romances espíritas: “O público leitor de romances espíritas busca a continuidade literária de um tipo de experiência ligada à cosmologia própria do kardecismo, que enfatiza a realidade da vida após a morte, a reencarnação e a confirmação da vigência das

leis morais espíritas (...)” (LEWGOY, 2000, p. 148). As palavras de Lewgoy, apesar de serem posteriores à publicação da série *Nosso Lar*, ajudam a entender, relativamente, o estranhamento causado em muitos leitores pelas descrições e vivências pós-morte do autor espiritual André Luiz, ou seja, as narrativas dos romances não estariam no compasso da codificação kardequiana, no tocante às leis da reencarnação, por isso causavam certa rejeição.

Os relatos sobre os hábitos da colônia “Nosso Lar” no romance suscitaram, de fato, comparações inevitáveis entre os adeptos de Kardec e aqueles que defendiam os novos posicionamentos andreluizinos materializados pela psicografia de Chico, cujos trabalhos, segundo a crítica, não apresentavam teoricamente o mesmo grau de autoridade presenciado nas obras do mestre lionês. Observemos o artigo “Doutrinas” assinado por Heitor Luz, veiculado na revista *Reformador*, em março de 1942, dois anos antes da publicação de *Nosso Lar*, para refletirmos sobre a repercussão que as descrições de André Luiz acerca da vida no além causaram no público quando veio a lume o romance *Nosso Lar*. No artigo, o articulista pondera a respeito de a salvação e de a evolução do espírito estarem condicionadas à existência de lugares circunscritos no plano espiritual:

Ora, é claro que a salvação não pode achar-se adstrita a uma modalidade de proceder, ou de considerar superficialmente as coisas, mesmo porque, em realidade, não há salvação, mas evolução, progresso, aperfeiçoamento moral. Salvação somente se poderia aceitar, se o Espírito, no mundo, estivesse adstrito ao esforço por escapar a penas ou condenações futuras, a essas prisões fantásticas a que as religiões dão os nomes de inferno e purgatório.

Como tais prisões não existem, visto que fora da terra, só há inumeráveis outros orbes e o espaço infinito onde todos eles se movem, segue-se que a evolução dos seres se tem de operar ou nos planetas, ou nos espaços que os rodeiam, ou seja; em planos diversos, inferiores e superiores, onde o espírito labora por adquirir a perfeição a que todos se destinam. (...) Não há lugares circunscritos, de penas ou de gozos, quais seriam, se reais, o céu, o purgatório e o inferno das religiões dogmáticas. E não há, porque a pureza e a impureza dos sentimentos, factores dos gozos e dos sofrimentos do espírito, estão em seu íntimo, não no ambiente em que ele vive. (...) Céu, inferno e purgatório são meras invenções dos homens, bem como a salvação unicamente pela fé, sem as obras; são criações humanas contrárias ao que se encontra nos Evangelhos. Esta é a verdade, fora da qual tudo são doutrinas fantasiosas, imaginadas pelos homens que, no seu comodismo, para não se darem ao esforço de trabalhar o seu íntimo, no sentido da evolução espiritual, pretenderam estabelecer um meio fácil de escalar a bemaventurança e entraram a espalhar teorias contrárias às verdades evangélicas (LUZ, 1942, p. 63).

Conforme podemos notar, as considerações de Luz vão ao encontro dos postulados kardecistas. Ele admite a existência de um mundo além-túmulo, porém despojado de fantasias.

Segundo Luz, a evolução do espírito está condicionada à lei reencarnacionista, que lhe proporciona a oportunidade de, gradualmente, atingir a perfeição vivendo “nos planetas ou nos espaços que o rodeiam”. Estas esferas, pela visão do articulista, existem para assegurar o burilamento moral dos espíritos a fim de lhes garantir sua evolução por meio da reencarnação. O texto de Luz, durante algum tempo, foi referência para os leitores espíritas, que buscavam informações do mundo extracorpóreo, mas não detalhava as características desse mundo. Não existia até então na literatura kardecista uma obra que contivesse uma descrição minuciosa da vida do espírito no além-túmulo.

A descrição detalhada que André Luiz faz da colônia para a qual foi encaminhado aguçou a curiosidade dos leitores e favoreceu a instauração de debates acalorados quanto à possibilidade da existência de um cotidiano semelhante ao vivido pelos habitantes da Terra: ministérios, roupas, comidas, transporte coletivo, moradias, bônus-hora, tudo isso soava muito estranho para os leitores. Um dos pontos mais discutidos foi a alimentação no mundo espiritual. Se já era expressiva a polêmica acerca da existência ou não das colônias, as controvérsias tornaram-se mais acirradas em relação ao depoimento de André Luiz no qual afirma que os espíritos se alimentavam semelhantemente aos encarnados. Na descrição que faz de sua passagem pelo Umbral, ele relata que foi “torturado” pelas sensações de fome e sede (XAVIER, 1997, p. 21), tendo se alimentado de verduras e bebido em filetes de água e até de lama (XAVIER, 1997, p. 23). Socorrido por um equipe da colônia, foi conduzido a uma enfermaria em que ele tomou um “caldo reconfortante, seguido de água muito fresca, que me pareceu portadora de fluidos divinos. (...) Não saberia dizer que espécie de sopa era aquela: se alimentação sedativa, se remédio salutar” (XAVIER, 1997, pp. 27-28).

No romance *Nosso Lar*, André Luiz também relata que, ao questionar Lísias, seu instrutor na colônia, sobre a alimentação prescrita ali, foi informado dos desejos que muitos espíritos mantinham na vida extracorpórea pelos hábitos alimentares terrestres, indo de encontro às recomendações da governadoria que os orientava a aprenderem a retirar do próprio organismo fluídico os princípios vitais necessários para a sua saciedade. André Luiz conta que, na própria colônia havia um segmento que achava um absurdo desambientar de repente os desencarnados recém-chegados com exigências desse teor. Os relatos de André Luiz acirraram as descrenças em tais conteúdos, pois, para muitos adeptos do Espiritismo, as necessidades materiais não seriam mais evocadas no mundo dos espíritos. Kardec, na *Revista Espírita* de 1868, posiciona-se sobre a temática das sensações da fome e sede entre os espíritos e confirma

que essas sensações são atribuídas aos espíritos ainda atrelados à matéria, mas quanto ao ato da alimentação em si, Kardec postula tratar-se de uma ilusão impossível de ser saciada.

Desde que o romance *Nosso Lar* veio a público, os debates em torno das colônias espirituais estão sempre em pauta. Na atualidade, segundo expõe Fabiano César de Mendonça Vidal, em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Em torno do Nosso Lar: uma Análise das Controvérsias produzidas no Movimento Espírita*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, em 2014, um dos autores que polemizam essa temática é Sérgio Aleixo que descredencia, em seu livro *O que é o Espiritismo* (2003), a existência das colônias e defende que:

O conceito de mundos transitórios (Kardec assim o batizou) diz que, apesar da ausência de vida na superfície estéril de certos planetas, esses orbes destinados seriam aos espíritos errantes, que os habitariam para repouso, instrução e progresso. Tendo sido esse o caso da Terra durante sua formação, o conceito se vincularia obrigatoriamente à expectativa de que se instale na superfície de tais planetas, ainda inapropriados a ela; apenas em transição para tanto. Desse modo, nada tem ele a ver com as estruturas conhecidas por colônias espirituais; edificações no além. Algumas de séculos, protegidas por muralhas, armas e até animais, onde os habitantes teriam uma fruição de gozos e costumes tipicamente físicos, como nutrição, eventos pagos, empregos remunerados, casamentos, etc.; moradias de todos os tipos, com banheiro e cozinha, inclusive; assim como parques, plantações e fábricas, seja de suco, de roupas, de artefatos, etc.; etc. À luz da codificação espírita, não passam de abusos ficcionais ditados nos interlúdios invigilantes de médiuns sem discernimento, que acreditam lhes baste a boa intenção e a cega confiança em seus guias para o exercício de suas faculdades (ALEIXO, *apud* VIDAL, 2014, p. 81).

De modo geral, o trabalho mediúnico de Chico gerou uma avalanche de debates e críticas iniciadas com os poetas de além-túmulo, inseridos no polêmico *Parnaso de Além-Túmulo* e estendidas à época da publicação das obras de André Luiz. As controvérsias em relação à psicografia do médium mineiro persistem ainda hoje, há quase um século do início de seu mediunato. A descrição da vida pós-morte, no romance *Nosso Lar* e nas outras obras da coleção, injetou mais fôlego à crítica que, inclusive nos dias atuais, como vimos no depoimento de Sérgio Aleixo, revive pontos conflitantes como a existência das colônias, do Umbral e da alimentação entre os espíritos e sinaliza que certas temáticas não foram ainda totalmente esclarecidas e aceitas pelos adeptos do Espiritismo. Aliás, um dos traços conflitantes no romance é a questão do Umbral. Essa região descrita por André Luiz é uma zona escura que, segundo ele, configura-se como uma espécie de zona purgatorial onde queima-se as prestações o material deteriorado das ilusões que os seres humanos adquirem por atacado. No Umbral,

perambulam infindas legiões de almas indecisas e ignorantes. Essa zona mantém traços parecidos com as Trevas. Mas as Trevas, também mencionadas na obra, são consideradas regiões mais inferiores ainda do que a região umbralina. Os seres que moram nesse lugar costumam habitá-lo por tempo indeterminado.

Ainda em relação à obra *Nosso Lar*, Chico Xavier recebeu a acusação de ter plagiado, em certos trechos, a obra psicografada pelo reverendo George Vale Owen¹⁰⁰, *A Vida Além do Véu*. O artigo de Eduardo José Biasetto intitulado “Novas evidências sobre as correlações entre *A Vida Além do Véu* e *Nosso Lar* de Chico Xavier”, inserido no blog “Obras psicografadas”, expõe algumas semelhanças entre os dois livros. Vejamos a exposição de Biasetto em nota explicativa:

Nunca houve de minha parte, a intenção de estar desmerecendo o espiritismo e, em especial, a história e as atividades de Chico Xavier. Muito pelo contrário, sempre tive por ele, sinceras considerações, além de explícita admiração e respeito. Porém, frente às inúmeras evidências, surgidas neste blog, sob a orientação de seu criador, Vitor Moura, indicando a possibilidade de “plágios” realizados pelo citado médium e ícone do espiritismo brasileiro, me vi na condição de, pelo menos, admitir tal possibilidade. Querendo, antes de tudo, responder às minhas próprias indagações, realizei uma análise das obras “A VIDA ALÉM DO VÉU” (suposta psicografia do reverendo G. Vale Owen) e “NOSSO LAR” (suposta psicografia de Chico Xavier), chegando à seguinte conclusão: Chico Xavier leu “A VIDA ALÉM DO VÉU” e se deixou influenciar por esta obra, para elaborar “NOSSO LAR” e, também, outros livros atribuídos ao espírito André Luiz. Assim, entendo como totalmente questionável, a mediunidade do Chico, para não dizer, “totalmente falsa”. Acredito que ele tinha muita facilidade pra aprender, gosto pela leitura, disciplina, muito amor ao próximo e vários conflitos. Descobriu o Espiritismo, participou de algumas sessões, talvez tivesse algum “tipo de mediunidade” (sensitiva, por exemplo). No centro, foi incentivado a “psicografar”, gostou da idéia e não parou mais de escrever. Se ele não tivesse caminhado para a linha da psicografia, talvez pudesse ter dado uma contribuição maior ao Espiritismo, escrevendo como pesquisador e admirador do tema. Talvez tivesse escrito 100 ótimos livros, que seriam respeitados e autênticos. Mas, na condição de “médium/psicógrafo”, acabou se perdendo, cometendo algumas falhas, que estão aparecendo.¹⁰¹

¹⁰⁰ O reverendo Owen nasceu em 1869, em Birmingham, na Inglaterra, e morreu em 09/03/1931. Foi inicialmente um religioso protestante e, em seguida, um médium espiritualista. Owen ordenou-se sacerdote anglicano em Liverpool, aos vinte e quatro anos, passando a trabalhar como religioso profissional; em 1909, após o desencarne de sua mãe, suas alegadas capacidades mediúnicas despertaram, começando a receber comunicações da genitora falecida em 1913; destacou-se como médium na Inglaterra até os primeiros anos da década de 1920 (BIASETTO, José. “Novas evidências sobre as correlações entre *A Vida Além do Véu* e *Nosso Lar* de Chico Xavier”. Disponível em: <<http://obraspsicografadas.org/2011/a-verdadeira-identidade-de-andr-luiz-finalmente-revelada/>>. Acesso em: 20 jun. 2016).

¹⁰¹ BIASETTO, José. “Novas evidências sobre as correlações entre *A Vida Além do Véu* e *Nosso Lar* de Chico Xavier”. Disponível em: <<http://obraspsicografadas.org/2011/a-verdadeira-identidade-de-andr-luiz-finalmente-revelada/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

Neste artigo, Biasetto descreve uma série de pontos por ele considerados semelhantes entre as duas obras, como por exemplo:

Para dar credibilidade à minha conclusão, faço as seguintes colocações:

1º) O livro de G. Vale Owen, se inicia, de fato, na página 16, com uma mensagem recebida em 23 de setembro de 1913, mensagem de sua mãe (já desencarnada) – Há um trecho, logo no início, que me chamou a atenção!

Ela diz: “**Sobre nosso lar.** É muito brilhante e lindo, e nossos companheiros das esferas mais altas têm sempre vindo a nós para nos animarem a seguirmos em nosso caminho para frente”.

– Ela (a mãe de Owen) está se referindo à colônia, cidade espiritual em que vive, também dando a impressão de “nossa morada”, “nossa casa”. Porém, **NOSSO LAR** me soou interessante, pois é o nome da obra do Chico Xavier – e seria o nome de uma colônia espiritual localizada acima da cidade do Rio de Janeiro.

2º) A mãe de Owen, ainda na página 16, faz a seguinte descrição, se referindo à “colônia” em que se encontra: “**A TERRA APERFEIÇOADA.** Mas é claro que existe aqui o que chamam de quarta dimensão, de certa forma, e que nos impede descrevê-la adequadamente. Temos **COLINAS, RIOS E LINDAS FLORESTAS E CASAS** também e todo o trabalho daqueles que vieram para cá antes de nós, para deixarem tudo pronto.”

– Em “**NOSSO LAR**”, na página 45, André Luiz diz: “Deleitava-me, agora, contemplando os horizontes vastos, debruçado às janelas espaçosas. Impressionavam-se, sobretudo, os aspectos da Natureza. Quase tudo, **MELHORADA CÓPIA DA TERRA. Cores mais harmônicas, substâncias mais delicadas. Forrava-se o solo de VEGETAÇÃO. GRANDES ÁRVORES, POMARES FARTOS E JARDINS DELICIOSOS.** (...) A pequena distância, alteavam-se graciosos **EDIFÍCIOS.** [“edifícios”, no lugar de “casas”?”]

DESTAQUE: A TERRA APERFEIÇOADA = MELHORADA CÓPIA DA TERRA.¹⁰²

O articulista contempla também, em suas comparações, temas semelhantes desenvolvidos nos dois livros como as Guerras Mundiais. Vejamos como esse assunto é debatido:

Outro tema presente nos dois livros: A GUERRA – Em “**A VIDA ALÉM DO VÉU**” é citada a **PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL**, na página 181 – “Esta **Grande Guerra** é, nos eternos conselhos, nada mais que um ronco na respiração de um gigante adormecido, sem descanso, porque sobre seu cérebro entorpecido estão sendo impingidos raios de luz que seus olhos não podem ver, e uma música que não pode ouvir está sendo enviada sobre ele (...) e, findo o massacre (...)” [obs.: Esta mensagem é de 8 de set de 1917].

_ Em “**NOSSO LAR**”, na página 131, lê-se: “Negras falanges da ignorância, depois de espalharem os fochos incendiários da guerra na Ásia, cercam as nações européias, impulsionando-as a novos crimes.” [obs.: o tema aqui é a **SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**, o ano é 1939].

– É verdade, que, a princípio, não haveria problema algum, porque o livro do Owen passou a ser “recebido” quando se desenrolava a 1ª Guerra Mundial (1914-1918);

¹⁰² Idem, Ibidem.

enquanto que “Nosso Lar” se desenrola no andamento da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Agora, eu pergunto: não é mais uma “coincidência”, aparecer nos dois livros, o tema “**grande guerra**”, todas as desgraças envolvidas nestas batalhas e tudo mais?¹⁰³

Outro ponto relevante para Biasetto é a descrição do Umbral. Para ele, há semelhanças pertinentes entre a narração de André Luiz e a do Reverendo Owen:

O UMBRAL, narrado por André Luiz em “NOSSO LAR”: “A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de **luz alvacentas**, como que amortalhada em **neblina espessa**, que os raios de Sol aquecessem de muito longe”. (...) De quando em quando, deparavam-se-me **verduras que me pareciam agrestes**, em torno de **HUMILDES FILETES D’ÁGUA** a que me atirava sequioso.

Em “A VIDA ALÉM DO VÉU”, quando se menciona “esferas inferiores”, vemos: “Conforme descíamos nossos olhos acostumavam-se à **escuridão** e podíamos ver sobre nós como **numa noite** alguém pode ver a região fora da cidade pelas chamas avermelhadas nas torres de observação dali. Vimos que havia ali muitas construções em ruínas, algumas agrupadas, outras solitárias. A decadência estava em tudo. (...) Havia árvores também, algumas muito grandes, e estas com **folhas nada graciosas**. (...) Aqui e ali atravessávamos **CURSOS D’ÁGUA COM POUCA ÁGUA** e cheios de pedregulho e pedras afiadas e a água era pegajosa e fedida pelo lodo.” (A descrição continua, fazendo muito lembrar as cenas de umbral, narradas por André Luiz, não só em “Nosso Lar” como em “Ação e Reação”, por exemplo.

DESTAQUE: HUMILDES FILETES D’ÁGUA = CURSOS D’ÁGUA COM POUCA ÁGUA.¹⁰⁴

Muitos outros pontos são abordados por Biasetto em seu artigo. As correlações feitas por ele remetem-nos ao livro do médium Robson Pinheiro, *A Marca da Besta*, no primeiro capítulo em que é dito: “Quando o reverendo Vale Owen escreveu seu livro mediúnico relatando a vida numa colônia espiritual – *A Vida Além do Véu* -, muita gente pensou que ele estava delirando. Décadas mais tarde, quando Chico Xavier publicou *Nosso Lar*, muitos espíritas ortodoxos imaginaram que ele estava copiando ou plagiando a ideia de Vale Owen”.¹⁰⁵ Estariam os espíritas ortodoxos certos? Vimos no artigo de Biasetto pontos que se interceptam

¹⁰³ Idem, *Ibidem*.

¹⁰⁴ Idem, *Ibidem*.

¹⁰⁵ Idem, *Ibidem*.

nas duas narrativas. Porém, os devidos apontamentos do crítico, em relação às correlações temáticas trabalhadas nas duas obras, abrem espaço para estudos mais aprofundados da similaridade narrativa entre os dois livros.

3.11 A configuração da vida no Além no romance *Nosso Lar* com base na literatura espírita anglo-saxônica

Em 1944 aparecia um livro um tanto estranho e de Autor espiritual anônimo, que nos apresentava um mundo espiritual muito material e chocante para muita gente que pensava sobre os outros planos da vida como absolutamente abstratos, imponderáveis. Houve quem lhe fizesse oposição, achando-o em desacordo com a Doutrina de Allan Kardec. No entanto, quem conhecia melhor a literatura espírita no mundo anglo-saxônico sabia muito bem que nas esferas próximas à Terra as coisas efetivamente ocorrem como se acham descritas por André Luiz nessa interessante série de livros iniciada pelo volume “Nosso Lar”.

Reformador

O artigo “Os Livros de André Luiz”, de autor anônimo, possivelmente de autoria do presidente da FEB, Wantuil de Freitas, à época da publicação da coleção “A Vida no Mundo Espiritual”, procura justificar os impasses instalados entre os leitores quanto aos primeiros romances da série. Encontra-se registrado que:

Os que só conhecem literatura espírita francesa acham muito material e concreto o mundo espiritual apresentado por André Luiz (...) os que conhecem literatura espírita inglesa e americana já se acham familiarizados com semelhantes descrições do mundo espiritual próximo da Terra e recebem com imenso entusiasmo os livros de André Luiz, os quais confirmam, no mundo latino, aquelas mesmas situações encontradas na imensa literatura espírita de língua inglesa (Sem autor, 1947, pp. 21-22).

A associação entre os romances de André Luiz e a matriz de tradição literária anglo-saxônica apresentada no artigo suscitou mais dúvidas, uma vez que no Brasil buscou-se perseguir a matriz francesa de Allan Kardec. E por que agora atrelar-se à Escola Espírita Anglo-Saxônica para justificar as informações retratadas na obra *Nosso Lar*?

O jornalista espírita Wandick Freitas, em artigo de 1955, intitulado "André Luiz e Suas Histórias Muito Terrenas", veiculado na revista *Reformador*, defendeu as narrativas de André Luiz com base na "extraordinária mediunidade de Chico" e apoiou a associação dos relatos pormenorizados das paisagens do além inscritos nas obras do médium mineiro com as produções pautadas na matriz anglo-saxônica:

Apesar de toda a prudência, sempre justificável, exageram os espíritas que pretendem ver na obra de André Luiz recebida pela extraordinária mediunidade de Francisco Cândido Xavier, uma fantasia que deve ser posta de 'quarentena', porque acham as histórias "muito terrenas". (...)

Realmente parecem chocantes as descrições que André Luiz faz em seus livros, psicografados pelo nosso Chico Xavier. Mas, geralmente, é a incompreensão de muitos espíritas – incompreensão mesmo a respeito de aspectos elementares do Espiritismo – que os leva à dúvida diante do conteúdo da série iniciada com "Nosso Lar". E, entendendo que se trata de uma "nova revelação", colocam-se em atitude de extrema reserva. (Em alguns já não é reserva, mas desencanto, decepção, ao verificar que o Além não é a espécie de "Campos Elísios" que imaginaram.) Atente-se para o fato de que, além de não contrariarem Kardec, as obras de André Luiz trazem o endosso respeitável de Emmanuel e a confiança que a mediunidade de Chico Xavier nos inspira. Mas não é tudo, nem o mais importante. No prefácio da primeira obra da série – "Nosso Lar" – adverte Emmanuel que André Luiz não vai relatar coisas novas, uma vez que outros, muito antes já haviam trazido ao conhecimento dos homens os fatos relativos à vida do Além (FREITAS, 1955, p. 17).

O jornalista em seu artigo expõe narrativas da matriz anglo-saxônica que anteciparam as observações do além-túmulo inscritas na obra *Nosso Lar*. A primeira obra relatada por Freitas será a já conhecida *A Vida Além do Véu* do Reverendo Owen:

Nos escritos recebidos pela mediunidade do Reverendo G. Vale Owen, da Inglaterra, reunidos em quatro volumes após sua publicação em "Weekly Dispatch" em 1920-21, cuja primeira parte sobre "as regiões inferiores do Céu" foi traduzida por Carlos Imbassahy para o português e enfeixada em volume com o título de "A Vida Além do Véu", encontramos estes trechos:

"Há muitas coisas aqui que se não podem exprimir em nenhuma das linguagens da Terra".

"Pode agora fazer-nos o favor de descrever sua casa, paisagens, etc.?"

"_ É a Terra aperfeiçoada, responde o Espírito. Certo, o que chamais quarta dimensão, até certo ponto existe aqui. Nós temos montes, rios, belas florestas e muitas casas; e tudo foi preparado pelos que nos antecederam."

"Nossa casa é muito bem acabada, interna e externamente. Dentro possui banheiros, um salão de música e aparelhos registradores do nosso trabalho. É um edifício amplo."

"O terreno é muito extenso e todo ele está como que em relação com as casas; há relação em tudo. Assim, por exemplo, as árvores são verdadeiras árvores e crescem como na Terra, porém estão de acordo com os edifícios. As diferentes qualidades de árvores correspondem algumas a determinada casa mais do que a outras e cooperam

para o efeito e para o trabalho a que essa casa é destinada. Assim acontece com o agrupamento de árvores em bosques, com os canteiros que limitam os caminhos, com a disposição dos regatos e cachoeiras que se encontram em diversos recantos dos terrenos.” “Outra coisa que se poderia notar seria o voo dos pássaros...” (FREITAS, 1955, p. 17).

Outra obra avaliada por Freitas é *No Limiar do Etéreo*, do inglês J. Arthur Findlay, que foi traduzida por Guillon Ribeiro:

Não é material o nosso mundo, mas real em tudo; é tangível, mas composto de substâncias em estado muito mais alto de vibrações do que a matéria que constitui o vosso.”

_ Comeis e saboreais o vosso alimento?

“Comemos e bebemos, sim; porém não como entendeis o beber e o comer. Para nós é uma condição mental. Saboreamos mentalmente o que comemos, não corporalmente, como vós.” “Das flores e dos campos aspiramos os aromas, como o fazeis aí. Tudo é tangível, porém num grau mais alto de beleza do que tudo na Terra. Aqui as flores e os campos não deperecem como aí. O vegetal pára de crescer e desaparece. Desmaterializa-se. Aqui há uma coisa similar ao que chamais morte. Chamamo-la transição.”

_ Assemelha-se à nossa a vossa vegetação?

“De certo modo, mas é muito mais linda.”

_ Como são as vossas casas?

“São quais as queremos. As vossas aí são primeiro concebidas na mente, depois do que se junta à matéria física para construí-las de acordo com o que imaginastes. Aqui, temos o poder de moldar a substância etérea, conforme pensamos. Assim, também as nossas casas são produtos de nossas mentes. Pensamos e construímos. É uma questão de vibração do pensamento (FREITAS, 1955, pp. 17-18).

Na conclusão de seu artigo, Freitas cita mais uma obra que aborda a vida no além, *Raymond*, de Oliver Lodge, traduzida por Monteiro Lobato. Lodge conta que Raymond, o filho morto na Guerra de 1914/18, lhe falara da existência de outras esferas.

Finalmente, vamos transcrever alguns trechos de “Raymond”, de Sir Oliver Lodge, tradução de Monteiro Lobato, contendo revelações de Raymond Lodge, jovem morto durante a primeira guerra mundial de 1914, transmitidas a um outro Espírito – Feda – que por sua vez as retransmitia ao médium:

“Há lá obras que ainda não foram publicadas no plano terrestre. Esses livros aparecerão um dia, livros como os que já apareceram.” “Raymond gostou de ver ruas e casas.”

“Tenho visto chegar rapazes cheios de más ideias e vícios. Vão para um lugar em que eu não quero ir – mas não é exatamente o inferno. Mais parecido a um reformatório.”

“Há lugares na minha esfera em que se pode ouvir bela música, quando queremos.”

- Dormis aí?

“Cochilamos.”

- E chove?

“A chuva não atrapalha.”

“Eu vivo numa morada construída de tijolos – e há árvores e flores e o chão é sólido. Se a gente ajoelha-se na lama, aparentemente suja a roupa.” “O que me preocupa é como a coisa é feita, como é composta” (Raymond comunicava-se pouco tempo após a sua morte e não estava ainda ambientado em sua nova situação) (FREITAS, 1955, p. 18).

Todas essas considerações do jornalista vinham estabelecer uma aliança com as descrições inseridas no romance *Nosso Lar* sobre a vida no além. Dessa forma, procuravam confirmar e justificar as minuciosas revelações de André Luiz da vida na colônia como pertinentes já que, conforme expôs Freitas, Emmanuel já admitira que não viria relatar coisas novas, pois outros antecessores já teriam desvelado o mundo além-túmulo. Por esta razão, muitos leitores espíritas pautavam suas crenças nos relatos de André Luiz, com base na matriz anglo-saxônica.

No capítulo 1 desta tese, especificamente no item 1.1, sob o título “Hydesville, nos USA: a explosão da mediunidade e o início do Espiritismo moderno”, estudamos os acontecimentos mediúnicos protagonizados pelas irmãs Fox, nos Estados Unidos, em 1847. A história, conforme vimos, recebeu ampla cobertura dos jornais da época, propagaram-se sessões espíritas por todos os Estados Unidos. Países europeus também foram atingidos pela onda de comunicações do além. Na Inglaterra, a consulta aos mortos já era muito praticada entre as elites sociais. Por esta razão, os médiuns norte-americanos encontraram ali um solo fértil.

Na França, constatamos que Allan Kardec foi a figura principal para os esclarecimentos dos fenômenos desencadeados na casa da família Fox. Um ano depois, após ter publicado *O Livro dos Espíritos*, Kardec iniciou suas excursões de propaganda da nova doutrina por toda a França. Caracterizou-se por introduzir no Espiritismo a ideia da reencarnação, fator, segundo ele, não aceito pela literatura espírita dos Estados Unidos e da Inglaterra.

A codificação realizada por Allan Kardec veio a constituir o cerne da religião espírita no Brasil. As características especiais que assumiu o movimento espírita brasileiro – em contraposição às tendências do Espiritismo anglo-norte-americano – centraram-se no aspecto religioso da obra de Kardec, que se define igualmente como ‘ciência’ e ‘filosofia’, constituindo assim o traço distintivo do Espiritismo brasileiro. As obras de Kardec continuam sendo a base doutrinária do Espiritismo no Brasil. O codificador explica, na *Revista Espírita* de 1864, as

diferenças doutrinárias no antigo e novo continente e as justificativas quanto à rejeição por parte dos espíritas anglo-saxões em relação à reencarnação:

Algumas pessoas perguntam por que a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continentes e em que consiste a diferença. É o que tentaremos explicar.

Como se sabe, as manifestações ocorreram em todos os tempos, tanto na Europa quanto na América, e hoje, que nos damos conta da coisa, lembramos uma porção de fatos que tinham passado despercebidos, muitos dos quais consignados em escritos autênticos. Mas esses fatos eram isolados; nestes últimos tempos eles se produziram nos Estados Unidos numa escala bastante ampla para despertar a atenção geral dos dois lados do Atlântico. A extrema liberdade existente nesse país favoreceu a eclosão das idéias novas, e é por isto que os Espíritos o escolheram para primeiro teatro de seus ensinamentos.

Ora, acontece muitas vezes que uma idéia surge num país e se desenvolve em outro, como se vê nas ciências e na indústria. Sob esse aspecto, o gênio americano deu suas provas e nada tem a invejar à Europa; mas, se excede em tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. Em conseqüência dessa diferença no caráter normal dos povos, o Espiritismo experimental ocupava seu espaço na América, enquanto a teoria e a filosofia encontravam na Europa elementos mais propícios ao seu desenvolvimento. Assim, foi lá que nasceu, conquistando, em poucos anos, o primeiro lugar. Ali os fatos inicialmente despertaram a curiosidade; porém, uma vez constatados e satisfeita a curiosidade, logo se cansaram das experiências materiais sem resultados positivos. Já o mesmo não ocorreu desde que se desdobraram as conseqüências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade. A partir daí o Espiritismo tomou posição entre as ciências filosóficas; marchou a passos de gigante, a despeito dos obstáculos que lhe foram suscitados, porque satisfazia às aspirações das massas, porque prontamente compreenderam que vinha preencher um imenso vazio nas crenças e resolver o que até então parecia insolúvel.

A América foi, pois, o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e fez suas humanidades. (...)

O que particularmente distingue a escola espírita dita americana da escola européia é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, à qual se ligam mais especialmente, e na segunda, a parte filosófica. A filosofia espírita da Europa espalhou-se prontamente, porque ofereceu, desde o princípio, um conjunto completo, mostrando o objetivo e ampliando o horizonte das idéias; incontestavelmente, é a que hoje prevalece no mundo inteiro. Até hoje os Estados Unidos pouco se afastaram de suas idéias primitivas; significará isto que, isolados, ficarão na retaguarda do movimento geral? Seria injuriar a inteligência desse povo. (...) De todos os princípios da doutrina, o que encontrou mais oposição na América – e por América deve entender-se exclusivamente os Estados Unidos – foi o da reencarnação. Pode mesmo dizer-se que é a única divergência capital, prendendo-se as outras mais à forma do que ao fundo. (...) Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, tão profundamente arraigados naquele país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível com o mundo invisível; as questões de detalhe viriam a seu tempo. Ora, é indubitável que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos resultados da guerra civil será o gradativo enfraquecimento de preconceitos, verdadeira anomalia numa nação tão liberal.

Se, de maneira geral, a idéia da reencarnação ainda não é aceita nos Estados Unidos, ela o é individualmente por alguns, se não como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. Quanto aos Espíritos, sem dúvida julgando que o momento é propício, começam a ensinar com cautela em certos lugares e sem rodeios em outros. Uma vez levantada, a questão percorrerá longa distância. Aliás, temos sob os olhos comunicações já antigas obtidas naquele país, nas quais, sem estar

formalmente expressa, a pluralidade das existências é a conseqüência forçada dos princípios emitidos; aí se vê brotar a idéia. Assim, não há que duvidar que, em pouco tempo, o que hoje ainda se chama escola americana fundir-se-á na grande unidade que se estabelece por toda parte (KARDEC, 2004, pp. 200-202).

Como pudemos constatar pelas explicações de Kardec, o Espiritismo Latino distingue-se do anglo-saxão pela doutrina da reencarnação. Segundo os preceitos espíritas, a reencarnação significa a volta da mesma alma humana (também chamada "espírito") a este mundo, onde vai assumindo corpos sucessivos, a fim de evoluir e progredir espiritualmente até chegar à perfeição. Alguns autores espíritas divergem ao explicá-la: uns dizem que o ser humano reencarna constantemente com o mesmo sexo, outros afirmam variação alternativa; alguns asseveram que a reencarnação tem lugar apenas na Terra, outros a admitem também em outros planetas; uns julgam que é lei geral para todos os espíritos, outros a aceitam apenas para os espíritos muito atrasados ou para os perfeitos, que devem cumprir especial missão na Terra. O fato é que somente os espíritas dos países latinos, como os do Brasil, aceitavam a reencarnação; os anglo-saxões a rejeitavam. A razão pela qual os mestres anglo-saxões rejeitavam tal tese incorre na questão do racismo: com efeito, pelas leis reencarnatórias, o espírito de um homem branco poderia encarnar-se em um corpo da raça negra ou indígena - o que é inconcebível aos olhos dos racistas. Dessa maneira, as justificativas a que muitos espíritas se apegaram para endossar a descrição feita por André Luiz em relação ao dia a dia da colônia espiritual Nosso Lar, foram resgatadas do chamado Espiritismo anglo-saxão, que, àquela época, aceitava a continuidade da personalidade e o poder de comunicação após a morte, a pluralidade de vidas em outras esferas, mas não admitiam a reencarnação.

Podemos dizer que, atualmente, ainda persistem alguns traços dessa resistência quanto ao tema no movimento espírita americano, mas com menor fôlego. No artigo "A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial", de Bernardo Lewgoy, verifica-se que "É nos Estados Unidos que mais cresce o "espiritismo kardecista" em relação a outros países da Europa"¹⁰⁶. E esse "novo Espiritismo" concebe atualmente os pilares básicos da religião: a imortalidade do espírito, sua reencarnação e evolução, além da possibilidade de comunicação entre vivos e mortos. Ainda segundo Lewgoy, a FEB apoia a realização de conferências e congressos espíritas em nível local, nacional, continental e em

¹⁰⁶ LEWGOY, Bernardo. **A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872008000100005>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

outras partes do mundo. A presença de Chico Xavier, bem como a de outros médiuns como Divaldo Franco entre as recomendações bibliográficas, é indicador seguro da atual influência brasileira no kardecismo em outros países.

Aliás, um grande incentivo para que tabus fossem superados foi a empreitada assumida por Chico Xavier em 1965. Em sua primeira viagem aos USA, com seu parceiro Waldo Vieira, o médium mineiro colaborou, a princípio, com a fundação de centros espíritas, que por um bom tempo funcionaram como uma extensão do movimento espírita brasileiro. Hoje muitas casas espíritas vêm adquirindo, paulatinamente, características próprias, com o surgimento de novas lideranças. Dentre as organizações do movimento espírita dos USA, destacamos o *United States Spiritist Council* ou Conselho Espírita dos Estados Unidos, que exerce um papel de unificação das casas por meio de publicações, como uma série de estudos sistematizados do Espiritismo, recursos pedagógicos para a evangelização infanto-juvenil, *web sites*, tudo na língua inglesa. Outra organização que exerce um papel importante no movimento espírita dos USA é o Conselho Espírita Internacional, conforme vimos anteriormente. A esta Instituição, entre outras funções, cabe o papel de publicar a *Revista Espírita* na língua inglesa, em colaboração com a FEB e uma equipe de editores e revisores do movimento espírita americano. O CEI também promove periodicamente um encontro com as lideranças espíritas de todo o mundo, trabalhando a unificação do movimento espírita como um todo. Outro trabalho importante realizado pela FEB em parceria com o CEI é a tradução das obras espíritas “clássicas” para o inglês e outras línguas. Uma das lideranças dessa nova fase do movimento espírita dos USA é a *Spiritist Society of Baltimore* ou Sociedade Espírita de Baltimore. Essa organização tornou-se um foco de recursos para o movimento espírita na língua inglesa, como a retomada da edição da *Revista Espírita*, a criação de um programa de estudo sistematizado do Espiritismo, bem como de inovações para adaptar o movimento espírita ao público americano como a criação de eventos ao molde dos simpósios acadêmicos.

3.12 O olhar da academia sobre o romance *Nosso Lar*

Traremos para o debate, estudos acadêmicos, que foram produzidos sobre *Nosso Lar*. Dessa forma, selecionamos os estudos realizados por Fabiano César de Mendonça Vidal e

Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves, com o intuito de construirmos o nosso próprio posicionamento.

A dissertação de Mestrado de Fabiano César de Mendonça Vidal, intitulada *Em torno do Nosso Lar: uma análise das controvérsias produzidas no movimento espírita*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, em 2014, estuda as dicotomias instauradas entre a obra de Allan Kardec e os novos preceitos veiculados no romance *Nosso Lar* sobre a vida além-túmulo. O trabalho, segundo o próprio Vidal, possui

(...) um olhar histórico-antropológico, de caráter essencialmente bibliográfico, e tem por intenção abordar as controvérsias existentes no Movimento Espírita entre a obra de Allan Kardec e *Nosso Lar*, obra de Francisco Cândido Xavier, cujo autor espiritual é André Luiz. (...)

Despertou-me a atenção em *Nosso Lar* teses que não se encontravam nas obras de Kardec. Decidi, então, me aprofundar ainda mais nas leituras acerca do Espiritismo, e encontrei, para minha surpresa, várias controvérsias a respeito de temas que poderiam, ou não, serem aceitas como verdades doutrinárias (VIDAL, 2014, p. 7).

O pesquisador relata que as controvérsias levantadas dentro do próprio movimento espírita sobre a produção psicográfica tomaram impulso a partir do momento em que a Federação Espírita Brasileira apoiou e publicou as obras psicografadas por Chico Xavier. Vidal discute as controvérsias a partir da fundamentação teórica de Bruno Latour, antropólogo, sociólogo e doutor em filosofia do *Institut d'Etudes Politiques de Paris* e da metodologia de análise do discurso de Michel Foucault.

No entendimento deste pesquisador, em virtude do trabalho realizado por Chico, a avalanche de controvérsias proliferou e se acumulou no movimento espírita brasileiro. Em sua pesquisa, ele irá estudar várias concepções já proferidas sobre a vida além-túmulo com base nos discursos de Jean Baptiste Roustang e de Emmanuel Swedenborg:

(...) a descrição feita por André Luiz de uma vida materializada no além como a relatada em *Nosso Lar* indica para uma proximidade desta obra com as teses expostas por Emmanuel Swedenborg, que descreve, com base em suas visões, um céu com correspondências para com a vida na Terra, com jardins, templos, palácios e casas, a exemplo também da obra do reverendo G. Vale Owen, *A vida além do véu*, que, segundo alguns críticos, foi fonte de inspiração para *Nosso Lar*, que recebeu a acusação de ter plagiado a obra de Owen em determinadas passagens (VIDAL, 2014, p. 88).

Vidal admite que as descrições da vida no Além, inscritas em *Nosso Lar*, distanciam-se do conceito de Além estabelecido por Allan Kardec na codificação espírita. Esclarece que “Para os espíritas, *Nosso Lar* possui como objetivo principal apresentar ao mundo a realidade do além-túmulo” (VIDAL, 2014, p. 24), temática pouco explorada pelo codificador do Espiritismo e que causou estranhamento a alguns seguidores de Kardec. Segundo ele, no romance *Nosso Lar* a descrição da vida pós-morte suscitou pontos conflitantes entre os aspectos doutrinários fundados por Allan Kardec e os fundamentos arrolados no romance pelo espírito André Luiz, como a existência das colônias, do umbral e da alimentação feita pelos espíritos, entre outros aspectos.

Para fomentar e reatualizar as discussões acerca das possíveis dicotomias existentes entre as duas fontes doutrinárias, o pesquisador utilizou as edições da revista espírita *Reformador* em que foram discutidas as controvérsias, na época da publicação do romance e também recorreu às redes sociais a fim de salientar as posições transversas nascidas nos discursos contemporâneos disseminados no *Facebook*. Vidal observou que ainda existem temáticas que não estão totalmente consagradas pelos adeptos do Espiritismo:

Dessa forma, me deparo, ao longo deste trabalho, com a produção de um *jogo de vozes* repleto de simbolismos e controvérsias. (...) O estudo das controvérsias existentes no movimento espírita brasileiro se faz necessário com o intuito de nos aproximarmos da compreensão de como se produz o discurso espírita na atualidade, visto que estes debates acerca de determinados pontos significa que ainda existem temáticas que não estão totalmente consagradas pelos adeptos do Espiritismo. (...) É possível, então afirmar que as controvérsias são definidas em momentos de disputa onde o pesquisador poderá observar a formação do social, em uma etapa onde as *verdades doutrinárias* do Espiritismo ainda não estão consolidadas, sendo motivo de conflitos, negociações e inúmeros debates, onde os atores produtores de discurso estão em desacordo entre si (VIDAL, 2014, pp. 88-89).

Selecionamos uma das charges que Vidal usou para discutir os contrapontos doutrinários. É possível perceber como esse exemplo traz implícito o conceito de pureza doutrinária em cuja representação maior se encerra somente a autoridade de Allan Kardec:



Fig. 01 – Do grupo “Fórum Realmente Espírita”, possui por objetivo repetir o que o grupo entende como obras antidoutrinárias, ou seja, que não estão em conformidade com os princípios do Espiritismo tal qual elaborado por Allan Kardec, como o tema das crianças índigo, obras psicografadas por Chico Xavier, Divaldo Franco e Os Quatro Evangelhos de Jean Baptiste Roustaing.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=524545114330802&set=gm.522471747874182&type=1&theater>. Acesso em: 17 mar 2014.



Fig. 02 – Publicação do grupo “Fórum Realmente Espírita” que busca ressaltar a importância de autor espírita de Allan Kardec, cujo trabalho frente à codificação seria a única de destaque produzida até o momento.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=62850942057458&set=gm.54733288538806&type=1&theater>. Acesso em: 05 maio 2014.

(VIDAL, 2014, p. 75)

Em suma, essa dissertação, ao levantar controvérsias surgidas, principalmente com a publicação do romance *Nosso Lar*, possibilitou uma visão mais abrangente de como o Espiritismo está configurado na sociedade brasileira. Conforme Vidal esclarece:

Nesse trabalho, busquei identificar o estabelecimento dos critérios de negociações e formulações do discurso espírita construído por seus seguidores no âmbito do campo religioso brasileiro e entender o processo de construção de conflitos entre os adeptos defensores de uma ortodoxia espírita com outras visões mais discriminadas.

Concluí, com base nos estudos realizados acerca das controvérsias, de que o Espiritismo tal qual é entendido hoje no Brasil e cujos princípios são “ditados” pela visão implantada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), é uma reconstrução do Espiritismo francês elaborado por Allan Kardec. (...) Entendo que as obras da codificação espírita kardecista servem de base doutrinária para este *espiritismo à brasileira*, nos quais os novos processos discursivos e doutrinários implantados pela FEB, a partir das obras de Roustaing, Bezerra de Menezes e Chico Xavier destinam-

se a manter coeso o sistema de crenças e produção de *verdades doutrinárias* conforme os critérios da FEB, que objetiva ter a primazia em poder afirmar o que é, ou não, Espiritismo (VIDAL, 2014, p. 89).

A Tese de Doutorado de Iracilda Cavalcanti de Freitas Gonçalves *Na discursivização de Nosso Lar: as verdades do Espiritismo*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, em 2011, discute a formação discursiva religiosa espírita. Para tanto, recorre aos teóricos da linha francesa da Análise do Discurso como Michel Pêcheux e Michel Foucault e ainda ao teórico russo Mikhail Bakhtin. A pesquisadora esclarece que:

Lançamos mão desse suporte teórico porque entendemos que ele oferece a sustentação necessária à investigação científica que ora nos propomos realizar. Objetivamos compreender como esse campo discursivo materializa e faz circular suas *verdades* por meio da prática discursiva da psicografia. Como corpus analítico usamos o texto psicográfico *Nosso Lar* de André Luiz pela escrita do sujeito-médium-psicógrafo Chico Xavier. Buscamos compreender, na discursivização de *Nosso Lar*, como se dá a materialização e sedimentação das *verdades* do espiritismo (GONÇALVES, 2011, p. 8).

Dessa forma, Gonçalves admite que a escolha do *corpus* foi motivada pela relevância que a obra *Nosso Lar* tem para a Doutrina Espírita, pois configura-se como “modelo exemplar de texto psicográfico” para extrair respostas quanto ao funcionamento da mediunidade psicográfica. A tese está dividida em três capítulos. No primeiro, são discutidas as bases epistemológicas da Análise do Discurso de Pêcheux, Foucault e Bakhtin, com o objetivo de analisar as “verdades” ou “vontades de verdades” na construção das regularidades discursivas. Ela realiza, no capítulo II, um estudo sobre o lugar que a religião ocupou e ocupa no Brasil. Resgata certos aspectos da religiosidade brasileira para compará-los com seus traços contemporâneos. Discute os possíveis reflexos da pluralidade religiosa brasileira na educação e o lugar que o Espiritismo desfruta no cenário religioso da contemporaneidade. Ainda retrata o papel missionário de Allan Kardec e Chico Xavier e estuda a escrita psicográfica como instrumento de materialização do discurso religioso espírita. O capítulo III vai abordar propriamente o romance mediúnico *Nosso Lar* e as marcas de discursivização doutrinária disseminadas na obra: “O livro *Nosso Lar* coloca a discursivização espírita sobre a experiência do processo de morte” (GONÇALVES, 2011, p. 103) e toda a construção discursiva vai girar

em torno dessa experiência. Segundo a pesquisadora: “A temática da comunicabilidade e da imortalidade é colocada pela discursivização de *Nosso Lar* como jogos de verdade que constroem o dizer do espiritismo” (GONÇALVES, 2011, p. 163).

Gonçalves ressalta que o objetivo da pesquisa foi compreender como o campo discursivo espírita materializa e faz circular suas *verdades* por meio da prática discursiva psicográfica: “Buscamos compreender, na discursivização de *Nosso Lar*, como se dá a materialização e sedimentação das *verdades* do Espiritismo” (GONÇALVES, 2011, p. 7). O trabalho da pesquisadora procurou observar a formação discursiva espírita diluída no enredo autobiográfico de *Nosso Lar*. Gonçalves defende também que as verdades espíritas circulem por meio de um conjunto de práticas instituídas pela Federação Espírita Brasileira, fundamentadas nas obras básicas do Espiritismo:

A principal finalidade dessas práticas é o estudo da doutrina; sua divulgação; a unificação dos adeptos em torno do conjunto de princípios que a constitui e o exercício dos seus princípios. Dentre essas práticas, a circulação dos princípios doutrinários por meio do texto/livro psicográfico tem sido um dos processos mais utilizados como procedimento de produção e de difusão das *verdades* que compõem a Doutrina Espírita.

No lugar construído pela/para a doutrina, dois personagens figuram como centrais na história de sua existência: Allan Kardec e Chico Xavier. Ambos assumiram na/para a doutrina a posição de missionários. O primeiro é reconhecido como o missionário “fundador da doutrina”, o responsável pela construção, organização e circulação do conjunto de saberes que constituiu a base do Espiritismo e as instaurou como doutrina religiosa, no cenário religioso francês. O segundo é reconhecido como o personagem que, em sua função-sujeito, materializou, pelo discurso religioso, a doutrina em terras brasileiras, fazendo com que ela se sedimentasse no espaço da Instituição “Igreja” que ordena e outorga os seus dizeres (GONÇALVES, 2011, pp. 158-159).

Podemos perceber que Gonçalves também discute os posicionamentos teóricos doutrinários defendidos por Kardec e por Chico Xavier. Em relação ao médium mineiro, a pesquisadora admite que a psicografia do romance *Nosso Lar* propiciou maior visibilidade à Doutrina Espírita por tratar de relatos sobre a morada e os modos de existência em outro plano: “A mediunidade de psicografia contribui, portanto, para a divulgação e a sedimentação do Espiritismo” (GONÇALVES, 2011, p. 161).

Os temas abordados pelas pesquisas ressaltam que o romance *Nosso Lar* despertou inúmeros olhares em direção à provável existência de uma vida além-túmulo. Muitas foram as críticas e os louros colhidos pelo livro. De nossa parte, podemos dizer que a obra despertou um

grande interesse em relação às descrições feitas por André Luiz. A questão das esferas espirituais é um tema polêmico. Na literatura em língua portuguesa abundam as referências a respeito. Basta-nos citar alguns livros, por ordem de publicação, *Do País da Luz*, recebido por Fernando de Lacerda, as *Cartas de uma morta*, ditadas pela mãe de Chico Xavier e as obras de André Luiz, merecedores de atenção.

As conclusões geradas por nossa análise mostram que não podemos determinar se a vida no mundo espiritual retratada em *Nosso Lar* é verídica, mas podemos dizer que atuam como verdades doutrinárias espíritas. A narrativa de *Nosso Lar*, segundo aponta Gonçalves, “possibilita a veiculação e divulgação dos princípios que constituem o espiritismo” (GONÇALVES, 2011, p. 138), mas também incita polêmicas dentro do próprio meio espírita, conforme aponta Vidal “onde as *verdades doutrinárias* do Espiritismo ainda não estão consolidadas, sendo motivo de conflitos, negociações e inúmeros debates, onde os atores produtores de discurso estão em desacordo entre si” (VIDAL, 2014, p. 89).

O romance *Nosso Lar* insere-se, dessa maneira, no rol das obras mais importantes da psicografia da história do Espiritismo brasileiro, talvez do mundo. Por mais que haja parâmetros para compará-lo a outras produções que sustentam o mesmo tema, as diferenças de ênfase e conteúdo são perceptíveis, pois o enfoque dado por André Luiz delineia um estilo mais emotivo e centrado na comunicação com os espíritos.

É preciso reconhecer que o Espiritismo desenvolvido pelas mãos de Chico Xavier influenciou na mudança dos rumos do movimento espírita nacional. Pela densidade de seu trabalho psicográfico é plausível supor que até hoje o olhar dos leitores esteja aguçado, ainda mais quando o assunto é a vida além da vida. Por este motivo é que persistem os desafios em relação às informações veiculadas pelo romance *Nosso Lar* e por outras produções, que antes e depois dele relataram a vida no Além.

O livro de André Luiz envolve uma gama diversificada de fenômenos e situações que não podem simplesmente sofrer uma redução analítica de caráter geral, carecendo ainda de observações sistemáticas para a exploração das hipóteses em consideração. Muitas questões podem ainda ser levantadas sobre o tema da vida no Além.

Vimos que a FEB trabalhou no sentido da formação de uma comunidade espírita que credencia as abordagens doutrinárias inscritas nas obras de Chico. Em nosso tempo, quando se promulgam as mais diferentes opiniões, seria interessante não deixarmos adormecidas divergências ainda não superadas. Quando o pesquisador Vidal diz que “(...) ainda existem temáticas que não estão totalmente consagradas pelos adeptos do Espiritismo” (VIDAL, 2014,

p. 89), podemos considerar que há muitas perguntas necessitando de respostas coerentes e por mais que, segundo Gonçalves, constatemos que “a circulação dos princípios doutrinários por meio do texto/livro psicográfico tem sido um dos processos mais utilizados como procedimento de produção e de difusão das *verdades* que compõem a Doutrina Espírita”, (GONÇALVES, 2011, p. 158), devemos buscar ponderações para que questionamentos pendentes sejam superados e que posturas arraigadas sejam revistas.

Como entendem os espíritas, o livro *Nosso Lar* apresenta dupla abordagem: a imortalidade como realidade espiritual e a caridade como roteiro de vida. Caso esses e outros desdobramentos apontados na narrativa aproximem-se ou se distanciem dos postulados kardecistas, poderão ou não constituir constatações suficientes para que, dentro do movimento, haja debates pertinentes em torno do impacto das informações veiculadas na obra, possibilitando a maturação literária dos adeptos da Doutrina Espírita.

3.13 *Nosso Lar* – o filme

Entendemos que um filme sempre traz um interesse pelo tema que aborda.

Wagner de Assis

Em agosto de 2010, o editorial da revista *Reformador* anunciava a estreia do filme *Nosso Lar*. Esclarecia que o filme apresentava dupla abordagem – a nossa imortalidade como realidade e a caridade como roteiro de vida, segundo os preceitos espíritas. O filme veio despertar o que talvez jamais tenha ficado adormecido para o homem: qual é a única certeza que o homem tem ao nascer? A de que um dia irá morrer. E essa convicção, quase sempre cercada por temores e curiosidade, o acompanha ao longo da vida. Como será o lado de lá? O que encontraremos? Será que existirá mesmo outra vida? São muitas as perguntas. E justamente por tratar de um tema tão instigante que o filme exigiu um grande investimento. O longa-metragem *Nosso Lar*, baseado no romance anteriormente estudado, foi orçado em vinte milhões de reais, um dos maiores investimentos da indústria do cinema nacional. Seu orçamento foi superior ao de “Lula – O filho do Brasil”, que custou dezesseis milhões de reais (BORGIO, *apud* VIDAL, 2014, p. 41). Na ocasião, em termos de números absolutos, alcançou a segunda melhor estreia do cinema

nacional desde 1995. Em termos de público, perdeu apenas para outro filme de temática espírita, “Chico Xavier”, que alcançou a marca de mais de quinhentos e noventa mil pessoas em seu fim de semana de estreia. “Nosso Lar” conseguiu se tornar o filme brasileiro mais assistido de 2010. Em outubro, mês seguinte à estreia, o filme atingiu um público de três milhões e quatrocentas mil pessoas e arrecadação de trinta e um milhões e quatrocentos mil reais (ROXO, *apud* VIDAL, 2014, p. 41).

Podemos imaginar o desafio enfrentado pela equipe de produção do filme para colocar o romance *Nosso Lar* nas telas do cinema com a dimensão doutrinária que carrega. E os números na produção cinematográfica parecem seguir o sucesso das tiragens do livro: mais de cinco mil pessoas participaram do projeto, com mais de mil figurantes. Os efeitos especiais passaram por noventa profissionais e foram feitos em Toronto, no Canadá, para que a colônia *Nosso Lar* ganhasse as dimensões físicas contadas por André Luiz. Segundo os produtores do filme, a adaptação cumpriu alguns estágios de trabalho bem definidos: primeiro, o estudo minucioso do livro (e de todos os demais livros da Série André Luiz); em seguida, reuniões com leitores de livros espíritas para se inteirarem dos sentimentos e percepções a respeito da história. Depois, tiveram a colaboração intensa da própria Federação Espírita Brasileira, que os ajudou a manter o foco nas questões essenciais do livro. Por fim, o desenvolvimento da história já roteirizada, com o trabalho criativo sempre em busca do melhor para dramatizar, emocionar, entreter e esclarecer o público. Em entrevista para a revista *Reformador*, Wagner de Assis, diretor e responsável pelo roteiro do filme *Nosso Lar* destaca que:

A história de “Nosso Lar” é muito profunda por falar de um tema que interessa a todos: a vida após a vida. Esse é o melhor ponto de encontro de todas as religiões, de todas as pessoas. Trata-se de um paradigma que permite uma mudança na vida de qualquer pessoa que começa a entender, seja pelos atributos da fé raciocinada, ou pela curiosidade simples, ou mesmo pela dor, as realidades da vida espiritual junto à vida material. O filme conta a história de transformação de um homem que acorda no mundo espiritual. Talvez essa seja a principal mensagem – a história em si. A existência de uma outra dimensão, a possibilidade de reajustes, enfim, todas as leis que imperam nessa nova dimensão. E que também são diretamente ligadas à forma de viver o hoje e o agora (ASSIS, 2010, p. 12).

O filme *Nosso Lar* à época do lançamento suscitou muitas controvérsias. Alguns registros expunham o foco tendencioso do longa-metragem, que fazia uma propaganda aberta do Espiritismo. Outros depoimentos esclareciam que o filme faria sucesso somente com o público espírita e também com aqueles interessados pela religião espírita. E ainda houve

comentários sobre o possível didatismo exagerado da produção impresso no filme. No entanto, este foi um longa-metragem que rompeu com os padrões e até com os preconceitos vigentes entre os próprios participantes do meio cinematográfico nacional. O diretor, Wagner de Assis, ao ser questionado a qual público-alvo a produção do filme visou, esclareceu:

Este é um filme para todas as pessoas. Essa foi a primeira ideia que nasceu quando decidimos começar o projeto e viemos à FEB pedir a licença dos direitos autorais. Nunca entendemos cinema senão por sua força ampla e irrestrita com todos os públicos. Nosso Lar é um drama poderoso, com uma temática poderosa, que fala diretamente ao íntimo das pessoas. Vale a pena ver e levar também quem não gosta do tema para ver. Antes de tudo é uma mensagem de esperança que passa na tela (ASSIS, 2010, p. 13).

A crítica recebeu, portanto, a adaptação com certo desdém e reserva. Na revista *Veja* a matéria do jornalista Marcelo Marthe “A Nação dos Espíritos” sobre o filme *Nosso Lar* causou um mal estar no meio espírita. O jornalista reúne uma série de argumentos que embasam sua crítica acerca da produção cinematográfica, que considera como uma produção cuja finalidade não é dramaturgicamente, mas de arrebatamento religioso. Vejamos as considerações de Marthe:

Ao morrer, em 1934, Carlos Chagas era um sanitarista consagrado. Segundo uma teoria espírita, contudo, os feitos do descobridor da doença de Chagas estavam só começando. Depois de "desencarnar", ele teria sido condenado a vagar por oito anos no Umbral – espécie de purgatório das almas desviadas. Mais tarde, conquistou um lugar no equivalente espírita do paraíso: uma colônia onde as almas luminosas completam seu processo de purificação. Fundado no século XVI pelos espíritos de colonizadores portugueses, esse lugar estaria localizado no topo de uma cordilheira de ectoplasma a pairar sobre o Rio de Janeiro. (...)

A fita de Wagner de Assis ostenta uma incrível evolução, digamos, material: ao custo de 20 milhões de reais, é a produção mais cara do cinema nacional. Tal investimento atesta o triunfo do espiritismo como referência cultural brasileira.

(...) O livro em que se baseia o filme inaugurou uma série de treze volumes escritos por Chico Xavier e atribuídos a André Luiz. Como um repórter do além-túmulo, o fantasma descreveu como seria a vida no “lado de lá”. Segundo André, depois de se libertarem da matéria, os espíritos continuam a levar uma rotina parecida com a dos vivos; comem, bebem, trabalham e moram em casas modestas ou melhorzinhas. Os produtores gastaram dinheiro pesado para criar os cenários. (...)

O visual da colônia dos espíritos de luz comprova: o brasileiro pode até se livrar do inferno, mas não escapa nem morto da arquitetura de Oscar Niemeyer. A cidade fantasmática de *Nosso Lar* é a cara de Brasília – uma cidade planejada, em formato de estrela de seis pontas, cada uma das quais abrigando um “ministério” espiritual. A produção aproveitou a deixa e usou como modelos os próprios prédios da capital. O futurismo tecnológico que vigora por lá é igualmente d’antanho. Como meio de transporte coletivo, há um ônibus capaz de voar, o Aérobis – tão improvável quanto o trem-bala brasileiro. Os habitantes usam túnicas brancas e calças soltinhas. E a

canastrice geral confere certo jeito *camp* à fita, sublinhado pela trilha sonora piegas do americano Philip Glass. Mas isso seria mesmo quase inevitável em uma obra cuja finalidade não é dramaturgica, mas de arrebatamento religioso (MARTHE, in *VEJA*, 2010, pp. 177-180).

O escritor espírita Richard Simonetti, em carta enviada ao redator da revista *Veja*, em 1º de setembro de 2010, manifesta sua indignação em relação ao tratamento considerado por ele debochado, dispensado pelo repórter da revista ao filme *Nosso Lar*:

Como espírita e assinante dessa revista há muitos anos, lamento o tom de deboche que caracterizou sua reportagem sobre o filme *Nosso Lar*, o que, diga-se de passagem, também está presente em matérias sobre outras religiões. Nesse aspecto, *VEJA* é uma revista coerentemente debochada. Não respeita a crença de nenhum leitor.

Pior são os erros de apreciação sobre a Doutrina Espírita, revelando ignorância do repórter, uma falha perigosa, porquanto coloca em dúvida outras matérias e informações. Como saber se os responsáveis estavam preparados para escrevê-las, evitando fantasias e especulações?

Para sua apreciação, senhor redator, algumas “escorregadelas” do repórter:

Grafa entre aspas o verbo desencarnar. Só teria sentido se ainda não houvesse sido dicionarizado. Por outro lado, noventa por cento dos brasileiros são espiritualistas, isto é, acreditam na existência e sobrevivência do Espírito. Este ser imortal desencarna, jamais morre. A minoria, materialista, que acredita que tudo termina no túmulo, certamente terá surpresas quando “morrer”.

Fala em cordilheira de ectoplasma onde se situaria *Nosso Lar*. De onde tirou isso? Ectoplasma é um fluido exteriorizado pelos médiuns para trabalhos de materialização. Os físicos, esses visionários cujas “fantasias” acabam confirmadas pela Ciência, falam hoje que há universos paralelos, que se interpenetram, semelhantes ao nosso. A partir daí não é difícil imaginar o mundo espiritual descrito por André Luiz como parte de um universo paralelo com seres e coisas semelhantes à Terra, feitos de matéria num outro estado de vibração, não um mundo “ectoplasmático”, mas de quinta-essência material. Nada de se admirar, portanto, que em cidades desse mundo existam pessoas com “uma rotina parecida com a dos vivos: comem, bebem, trabalham e moram em casas modestas ou melhorzinhas”. Espirituoso esse “melhorzinhas”. Imagina o repórter que o Espírito é uma fumaça sem forma, sem consistência, habitando um nada?

Situa o aérobis, um transporte coletivo que voa, como algo improvável. Menos mal que não tenha escrito impossível. De qualquer forma, ignora, certamente, que pesquisadores estão aperfeiçoando veículos dessa natureza, em alguns países, como solução para os problemas de trânsito e que no universo paralelo, o mundo espiritual, de matéria quintessenciada, é muito mais fácil resolver problemas relacionados com a gravidade. Ou, imagina que tudo flutua por lá?

Diz jocosamente que “o visual da colônia dos espíritos de luz comprova: o brasileiro pode até se livrar do inferno, mas não escapa nem morto da arquitetura de Oscar Niemeyer. A cidade fantasmática de *Nosso Lar* é a cara de Brasília...” Não se deu ao trabalho de comparar datas e não percebeu que, mais apropriadamente, Brasília copiou *Nosso Lar*, visto que a cidade espiritual foi descrita por André Luiz em 1943, enquanto a construção de Brasília foi planejada e ocorreu no governo de Juscelino Kubistchek, de 1956 a 1961, inaugurada em 1960.

Quanto ao mais, seria recomendável aos repórteres de *VEJA* o benefício de um estudo acurado e sem prejulgamento do livro que deu origem ao filme, psicografado por esse atestado vivo de integridade e amor à verdade, que foi o médium Chico Xavier, para

compreenderem qual é o objetivo dessa magistral obra, como resume o Espírito Emmanuel, no prefácio:

"André Luiz vem contar a você, leitor amigo, que a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face a face com a própria consciência, onde edificamos o céu, estacionamos no purgatório ou nos precipitamos no abismo infernal; vem lembrar que a Terra é oficina sagrada, e que ninguém a menosprezará, sem conhecer o preço do terrível engano a que submeteu o próprio coração" (SIMONETTI, 2010).¹⁰⁷

No portal UOL Cinema¹⁰⁸, em 05 de setembro de 2010, o crítico Inácio Araújo expôs suas impressões sobre o filme de Wagner de Assis. Para ele, o longa-metragem expôs muitas arbitrariedades cênicas:

Aviso desde já que sou bem simpático a esses filmes tão facilmente ridicularizáveis, como o do Padre Marcelo, o "Bezerra de Menezes" e tal. Vejo nesses filmes, de que "Nosso Lar" é o mais recente exemplar, uma inocência pelo menos interessante. O cinema é lugar de milagres, onde o impossível se torna possível. (...)

Cada religião responde à sua maneira à angústia da morte. A espírita não me parece pior ou melhor que as outras.

O mundo de "Nosso Lar" é um mundo futurista que ora lembra construções de Niemeyer, ora as do Metrôpolis de Fritz Lang e deixam sempre a impressão muito fortes de maquetes. (...)

À parte maquetes e alguns milagres meio óbvios, como abrir muros com um toque de mãos, nada nos é informado pela imagem. Nada, literalmente. Tudo que existe é uma falação sem fim sobre como é ou deixa de ser o além, suas práticas, sua culinária, as mudanças em relação ao mundo dos vivos. Pode-se discutir tudo, inclusive a aparência dos espíritos, cujos trajes a mim, não raro, lembravam os de personagens de filmes tipo "Star Trek".

Mas são arbitrariedades. Tratando-se de um mundo que ninguém conhece (a rigor), a representação é naturalmente arbitrária. Em Swedenborg essas coisas são mais interessantes, dirão aqueles com mais leitura. Pode ser. Ainda assim, seria viável construir boas sequências a partir da existência terrena da família de André Luiz (que prosseguiu após sua morte, claro).

Com isso, haveria de se tornar poético o momento em que uma de suas filhas toca ao piano uma música que nunca aprendera antes e de que o pai gostava. Assis arruina seu filme ao construí-lo sobre palavras. A dramaticidade escapa pelo ralo. Seja para difundir a fé, seja por oportunismo, seja por qual motivo for, quando se faz um filme as imagens são o princípio e o final. (...)

Mas é preciso que os filmes melhorem dramaticamente. Quero dizer: que o aprimoramento seja muito grande. Este filme é muito insatisfatório, e não senti que o público saísse da sala com aquela espécie de júbilo que saía do "Chico Xavier". Não basta haver vida após a morte. É preciso que haja vida após a tela (ARAÚJO, 2010).

¹⁰⁷ SIMONETTI, Richard. **Carta à revista VEJA**. Disponível em: <<http://www.richardsimonetti.com.br/artigos/exibir/136>>. Acesso em: 25 maio. 2016.

¹⁰⁸ ARAÚJO, Inácio. **“O filme mais caro do Brasil”**. Disponível em: http://inacio-a.blog.uol.com.br/arch-2010-09-05_2010-09-11.html>. Acesso em: 06 abr. 2016.

Edu Fernandes, no portal O Capacitador¹⁰⁹, em 02 de setembro de 2010, registrou que o filme conta uma história simplista:

Com tanta aridez, violência e pobreza nos temas tratados pelo cinema nacional, *Nosso Lar* chega para explorar o recém-consolidado filão das produções brasileiras. Com resultados sólidos em bilheterias, os mais pacíficos filmes espíritas chegaram para ficar definitivamente. A adaptação do romance psicografado por Chico Xavier carrega no roteiro uma característica comum a esse tipo de literatura: o filme conta uma história simplista. A mensagem é bem clara logo no começo, o que não impede que a mesma seja reforçada constantemente. Há inclusive algumas referências ao médium mineiro nos diálogos que os espíritos travam na cidade espiritual. Na parte técnica, **Nosso Lar** traz efeitos visuais diferentes do que se vê em outras produções brasileiras – o que parece bem lógico, já que a maior parte do enredo se passa no mundo espiritual. Para essa área, foram convocados profissionais estrangeiros. Em algumas cenas os elementos criados por computação gráfica integram-se muito bem com os objetos reais. Mesmo sem serem sempre bem realizados pode-se considerar que os efeitos sejam um ganho para o conjunto. Outra colaboração de fora do país está na trilha composta para acompanhar os aprendizados de André Luiz no além-vida. O músico indicado ao Oscar Philip Glass (**As Horas**) deixa sua marca nas músicas e soma emotividade para os interessados no Espiritismo. *Nosso Lar* cumpre sua missão de tocar os corações dos que seguem a fé de Alan Kardec e também daqueles que têm curiosidade em saber mais do assunto. No entanto, quem não se encaixar nesses grupos pode achar o filme viciado em clichês (FERNANDES, 2010).

Outro crítico que desaprovou o filme foi Érico Borgo¹¹⁰. Segundo ele, houve um retrocesso narrativo na montagem do longa-metragem:

É sempre complicado analisar filmes baseados em textos religiosos. Já é difícil criticar obras cinematográficas que têm fãs, então imagine as que têm devotos. Quando os defeitos de um longa-metragem como produto são apontados, corre-se o risco de parecer - erroneamente - preconceituoso, desrespeitoso com a fé alheia. *Nosso Lar* (2010), portanto, é dos mais complexos. Afinal, tem defeitos de monte, mas é baseado em obra fundamental do espiritismo brasileiro, o primeiro volume da série *A Vida no Mundo Espiritual*, escrita em 1944 pelo médium **Chico Xavier** (1910-2002). Entre os integrantes do movimento espírita acredita-se que o texto tenha sido "psicografado", ou ditado, pelo espírito **André Luiz**, que é justamente o personagem principal do longa-metragem. Na história, o protagonista é um médico que, depois de uma vida de excessos, morre e desperta em outra dimensão, uma espécie de purgatório, o **Umbral**. Depois de arrepender-se das falhas de sua existência anterior, André é recolhido e levado à colônia *Nosso Lar*, onde começa seu aprendizado sobre a realidade da vida humana e o funcionamento do universo espiritual - lições essas que ele passa a relatar em cartas enquanto procura mudar seus valores morais. O

¹⁰⁹ FERNANDES, Edu. **Crítica Nosso Lar – Vida Além da Vida**. Disponível em: <http://ocapacitor.uol.com.br/cinema/nota-crica_-_nosso_lar-3124.html>. Acesso em: 06 abr. 2016.

¹¹⁰ BORG, Érico. **Crítica Nosso Lar – Empenho técnico, retrocesso narrativo**. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/criticas/nosso-lar/?key=50190>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

didatismo do texto literário, que esmiuça cada detalhe dessa nova realidade, é mantido pelo diretor **Wagner de Assis** em sua versão audiovisual. O resultado, ainda que deva encantar quem já conhece a obra original, é redundante e cansativo para quem se interessa por *Nosso Lar* apenas como cinema. Por exemplo, enquanto André (**Renato Prieto**) arrasta-se pelo Umbral, com seu olhar de desespero encarando as hostes sem rumo que lamentam seus destinos, a narração em *off* teima em relatar aquilo que nossos próprios olhos já estão vendo. A solução só piora ainda mais quando personagens professorais (Lísias, Clarêncio, Governador Anacleto...) surgem em cena para, essencialmente, explicar. E explicam tudo, o tempo todo.

A dramaticidade, portanto, é mero pano de fundo para um filme de reafirmação e disseminação da doutrina espírita. Assim, entende-se desde o primeiro *frame* o apoio da Federação Espírita Brasileira à produção. O que fica difícil compreender é como um filme de uma doutrina tão positiva (a "Lei de Ação e Reação" é algo com que qualquer um pode se identificar) atrepele a fé alheia em nome do espetáculo. Não me importei em momento algum com as diversas cenas que insistem em como os céticos estão errados sobre o pós-vida (é papel óbvio do filme tentar me convencer do contrário), mas a chegada ao *Nosso Lar* das vítimas do Holocausto, estrelas de Davi costuradas no peito e *peot* no cabelo, é difícil de assistir. Ainda que tente ser respeitosa e solene, a sequência ignora diferenças fundamentais nos conceitos de vida eterna das duas religiões e me pareceu equivocada e invasiva. Não importa o quanto você tenha certeza de suas crenças - elas são suas e não do outro (BORG, 2010).

Dentro do próprio meio espírita, algumas cenas do filme geraram críticas. No portal "Fórum Espírita"¹¹⁰, o articulista Humberto registrou a seguinte observação:

Gostaria de conversar sobre os símbolos que aparecem no filme *Nosso Lar*. Achei estranho o formato da colônia que aparece no filme (uma estrela) que pode representar algumas correntes religiosas, pelo que sei, apesar de não ter feito pesquisa para me aprofundar. Também me surpreenderam os símbolos que aparecem na sala da governadoria. Foi justamente pesquisando sobre isto que tomei conhecimento deste fórum. Espero que outros se interessem por este assunto e debatam, pois me parece que não seria apropriado que estes símbolos fossem utilizados, já que, apesar de a colônia *Nosso Lar* ser destinada a receber espíritos desencarnados de qualquer religião, em nenhum momento André Luiz em seu livro de mesmo nome cita símbolos de nenhuma delas (já li o livro duas vezes), nem nas paredes nem, muito menos, no formato da colônia. O filme foi visto por milhões de pessoas que buscavam nele informações sobre a vida após o desencarne e também sobre o próprio Espiritismo e a aparição destes símbolos que não tem ligação alguma com ele podem criar uma imagem errada.

¹¹⁰ HUMBERTO. **Símbolos que aparecem no filme *Nosso Lar***. Disponível em: <http://www.forum.espirita.net/fe/outros-temas/simbolos-que-aparecem-no-filme-nosso-lar/#.V7RXs_krLIU>. Acesso em: 06 abr. 2016.

Contudo, o filme foi bem recepcionado, como era de se esperar, pelos adeptos da Doutrina Espírita. No *site* “Bahia Espírita”¹¹¹, em 2010, o internauta Goulart Gomes registra suas impressões sobre o longa-metragem:

O filme *Nosso Lar*, que acabo de assistir, não é apenas o de melhor (sic) efeitos especiais e um dos maiores custos de produção cinematográfica já realizado (sic) no Brasil. É um grande tributo aos 20 milhões de espíritas e simpatizantes, de formação kardecista ou não, existentes em nosso país; o mais elaborado meio de divulgação desta filosofia espiritualista e uma grande homenagem a duas das mais importantes personalidades desse universo: ao médium Chico Xavier que psicografou a obra de mesmo nome e ao espírito André Luiz, que a ditou (GOMES, 2010).

A FEB, em seu editorial de agosto de 2010 na revista *Reformador*, registrou seu apoio ao filme:

(...) Esse filme deverá chamar a atenção de todos, não apenas por mostrar, com toda a potencialidade da mídia cinematográfica, como é a vida no mundo espiritual, destacando a nossa própria imortalidade, mas, também, pelas demonstrações da prática do bem, da caridade aplicada no seu sentido mais abrangente.

Essa dupla abordagem que o filme apresenta – a nossa imortalidade como realidade e a caridade como roteiro de vida – deverá, por certo, nos levar a meditar mais profundamente sobre o sentido da nossa existência, a analisar melhor as leis de Deus que regem a nossa vida, a dar mais atenção ao futuro que nos espera, com os nossos desacertos, que reclamam correção, e com os nossos acertos, que proporcionam a nossa evolução espiritual.

Vale a pena ler, reler, ver, rever, ouvir *Nosso Lar*, e com ele conviver, em livro, filme e outras mídias (REFORMADOR, 2010, p. 4).

De modo geral, o grau de aceitação do filme pelos cultores da adaptação da obra literária para o cinema pode ser medido também pela votação realizada no site do Ministério da Cultura (MinC), que solicitava aos internautas que escolhessem qual filme deveria apresentar o Brasil na disputa pelo Oscar de melhor filme estrangeiro. “*Nosso Lar*” obteve 70% da preferência dos internautas (VIDAL, 2014, p. 43). Entretanto, “uma comissão formada por representantes do MinC, da Secretaria do Audiovisual, da Agência Nacional de Cinema e da Academia Brasileira

¹¹¹ GOMES, Goulart. **Sobre *Nosso Lar*, de André Luiz e Chico Xavier: o livro e o filme**. Disponível em: <<http://www.bahiaespirita.com.br/noticias/298-destaques-principal/557-examina-o-tamanho-datua-fe.html>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

de Cinema optou por indicar “Lula, O filho do Brasil” ao posto, (...) o que irritou quem votou na enquete”¹¹².

Conforme vimos, no item 3.10, as repercussões da narrativa de André Luiz sobre o dia a dia da colônia Nosso Lar, geraram uma reação singular para cada leitor, pois a visualização de tamanhas novidades necessitava ser bem assimilada. O filme, dessa forma, procurou explorar essa força narrativa da obra, levando em conta que, em menos de duas horas, a história dos percalços e desafios de André Luiz no mundo espiritual deveria focar nas mais expressivas ações do enredo do romance. Segundo o cineasta Wagner de Assis, em entrevista ao jornal espírita *Correio Fraterno*:

Os desafios foram muitos – fazer as escolhas certas para a história ser bem contada na tela. Há dezenas de histórias diferentes em *Nosso Lar*. Tínhamos que escolher em função do protagonista. Espero que tenhamos acertado. O roteiro buscou a essência do livro – um homem acorda no mundo espiritual. Esse é o *plot* dramático – descobrir um novo mundo. Mas dentro disso há inúmeras questões – que mundo é esse? O que acontece com ele? O que fazer a partir dali? ¹¹³

Assis, questionado se as questões transcendentais que sempre acompanharam a jornada humana tornaram-se mais presentes com o filme, explica:

Acho que o cinema reflete seu tempo. Não sei se é um novo filão. Também não entendo o que são “filmes espíritas” – criando um gênero que não sei muito bem como é. Até agora, houve duas cinebiografias e teremos um drama, que é o *Nosso Lar*. O tema espiritualidade certamente veio para ficar novamente. Ou melhor, retornou ao convívio das pessoas, sem medos, sem problemas em celebrar a espiritualidade. Já ouvi que é uma nova “invasão organizada” da realidade da vida espiritual, assim como houve no século XIX com o Allan Kardec e as próprias Irmãs Fox na América do Norte.¹¹⁴

¹¹² ROXO, Elisângela. “Nosso Lar” supera “Chico Xavier” em público e arrecadação de bilheteria. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/809641-nosso-lar-supera-chico-xavier-em-publico-e-arrecadacao-de-bilheteria-shtml>>. Acesso em: 06 abr. 2013.

¹¹³ ASSIS, Wagner de. **Se seus olhos forem bons...** Correio Fraterno. Disponível em: <<http://seseusolhosforembons.blogspot.com.br/2010/09/entrevista-com-wagner-de-assis-diretor.html>>. Acesso em: 06 maio 2016.

¹¹⁴ Idem, *Ibidem*.

O Secretário Geral do Conselho da Federação Espírita Brasileira à época da divulgação do filme, Antônio César Perri de Carvalho, ressalta a questão do entendimento do público em relação ao destino de André Luiz:

A desencarnação, atendimentos iniciais e adaptações do espírito André Luiz não foram nada fáceis. Imagino que a maioria das desencarnações sejam até mais complicadas. Os que tiveram dúvidas buscarão a leitura dos livros correlatos. Todo filme provoca o estímulo à leitura do livro que gerou e dos similares. Será um bom estímulo inicial à leitura e à reflexão sobre as questões de vida e de morte. Caberá ao Movimento Espírita gerar uma onda de esclarecimentos e de analogias com obras sérias. Infelizmente, a obra “O Céu e o Inferno” é muito pouco estudada e divulgada entre os próprios espíritas e, sem dúvida, será um excelente momento de alavancar sua difusão.¹¹⁵

Uma das preocupações da produção do filme foi repassar uma mensagem positiva, para que o público se interessasse pelo tema. Dessa forma, Assis comunga com a opinião do secretário da FEB, Carvalho, quanto à possibilidade de o filme estimular as pessoas a procurarem, em fontes similares à sua temática, um entendimento maior sobre o destino do homem após a morte. Assis reforça também o cuidado de não deixar que as pessoas “rotulem” o personagem André Luiz, isto é, tomem o destino dele, sobretudo sua passagem pelo Umbral, como regra geral:

O conceito de suicídio inconsciente é muito forte e vemos que impacta muitas pessoas. Mas ele é “autoexplicativo” e esperamos que, nesse quesito, o público possa refletir e ponderar. Claro que sempre há riscos quando se lida com meios de comunicação de massa – variadas interpretações, todos os tipos de entendimentos. Quem quiser se aprofundar nos temas da história, nada melhor que ler *Nosso Lar* e, quem sabe, os demais livros da série André Luiz.¹¹⁶

Segundo Assis pontua, a obra de André Luiz é um guia para o dia a dia, mas o filme tem vida própria e altos investimentos foram feitos para a materialização da qualidade do longa-

¹¹⁵ CARVALHO, Antônio César Perri de Carvalho. **Se seus olhos forem bons...** Correio Fraternal. Disponível em: <<http://seseusolhosforembons.blogspot.com.br/2010/09/entrevista-com-wagner-de-assis-diretor.html>>. Acesso em: 06 maio 2016.

¹¹⁶ Idem, Ibidem.

metragem. Todas as cenas foram pensadas para que a mensagem libertadora da história não se perdesse, acrescenta.

O filme *Nosso Lar* foi lançado em vários continentes. Foi exibido no 7º Festival Cinema Brasil, no Japão, em programa que envolve, em sequência, as cidades de Tóquio, Osaka, Quito e Hamamatsu. Foi distribuído pela Fox Vídeo para o México, Colômbia e América Central. Exibido no Festival de Xangai, na China, já foi disponibilizado também pela *FilmSharks*, para ser exibido em DVD por toda a África. O filme foi também lançado nos Estados Unidos com o nome de “Our Home: The Astral City”, pela produtora cinematográfica Strand Releasing que adquiriu os direitos do longa-metragem da *FilmSharks* Internacional, para os USA. Ainda há programações futuras para outros países.

Em entrevista exclusiva para o *Correio Fraternal* o produtor do filme *Nosso Lar*, Luiz Augusto de Queiroz, afirmou que há um projeto da equipe em lançar o *Nosso Lar – 2*, uma série que abrangeria as demais obras de André Luiz:

Já sabíamos que não conseguiríamos abordar tudo o que gostaríamos da obra do autor espiritual em um único filme; deixamos mesmo um gostinho de quero mais. (...) A demanda pela continuação da história existe até mesmo pelas dúvidas que *Nosso Lar* suscitou sobre reencarnação, umbral e tantos outros assuntos relacionados à espiritualidade, que necessitariam de melhores explicações.¹¹⁷

Segundo ele, persiste por parte de sua equipe uma grande preocupação em se realizar um trabalho que seja fiel a toda a série André Luiz que inclui dezesseis obras, todas psicografadas por Chico Xavier: “Com certeza precisaríamos juntar vários livros em um único filme” (QUEIROZ, 2010, p. 4). Queiroz acrescenta que os investimentos e desafios serão grandes para a produção da série. “Quem sabe se os parceiros que foram convidados inicialmente e que ficaram titubeantes agora possam ser conquistados com maior facilidade” (QUEIROZ, 2010, p. 4).

“Uma religião se faz com cinema e livros”. Dessa forma, essa seria uma paráfrase pertinente da famosa frase de Monteiro Lobato que poderia exemplificar a busca do movimento espírita brasileiro por caminhos que abram possibilidades da multiplicação das ideias espíritas.

¹¹⁷ QUEIROZ, Luiz Augusto de. “**Nosso Lar terá continuação**”. Disponível em: <http://correiofraternal.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=410:nosso-lar-tera-continuacao&catid=60:acontece&Itemid=9>. Acesso em: 16 maio 2016.

3.14 O crescimento da literatura espírita

O estudo das obras de Allan Kardec (pentateuco) é fundamental para o correto conhecimento da doutrina espírita. Os livros da codificação é um conjunto de ensinamentos transmitidos por Espíritos superiores organizados e comentados por Kardec.

Clara Betânia de Souza

Percebemos, no decorrer de nossos estudos, que a literatura mediúnica cresceu à medida que o Espiritismo foi sendo divulgado. O Brasil configurou-se como polo irradiador da Doutrina Espírita, fato que está atrelado como vimos, à liderança do médium Chico Xavier, um dos responsáveis pela divulgação do Espiritismo no país. Além disso, a FEB solidificou-se como celeiro da propagação de obras espíritas em solo nacional. Na esteira destes acontecimentos, vieram várias editoras que se consagraram, em virtude dos vários livros espíritas divulgados em seus catálogos.

Dessa torrente literária materializada pelas mãos de Chico, proliferaram romances mediúnicos, nas estantes das livrarias, cujas edições são, constantemente, atualizadas como as do romance *Nosso Lar*.

As opiniões se dividiram e se dividem, em relação à expansão no mercado livreiro do romance mediúnico. Vimos que a grande preocupação do movimento espírita, desde a época da publicação de *Parnaso de Além-Túmulo* estendendo-se até à última publicação de *Nosso Lar*, é garantir a pureza doutrinária das obras com base no Pentateuco kardequiano.

Os adeptos do Espiritismo mantêm uma relação estreita com o livro espírita, acreditam que a leitura de obras espíritas serve como aquisição de conhecimento doutrinário. Desde o início da codificação do Espiritismo, na França, e sua divulgação, no Brasil, “O processo doutrinal, de controle contínuo e de pedagogia passam pelo livro e pela escrita” (AUBRÈE; LAPLANTINI, 2009, p. 235). Essa proximidade com o texto espírita escrito provém do desenvolvimento e prática mediúnica da psicografia, conexão principal assumida pelos espíritas, entre os planos material e espiritual, que propicia a materialização de vários textos mediúnicos.

Contudo, a literatura espírita é vista com reserva por alguns leitores, que talvez nunca venham a admitir a existência de outros mundos, como o mundo astral espírita, e muito menos

aceitem a escrita psicográfica como forma de intercâmbio com o além-túmulo. É, certamente, a psicografia que robustece as discussões em relação à autenticidade autoral dos textos.

Vimos que a discussão quanto à autoria dos textos espíritas sempre existiu e, certamente, está longe de terminar. Observamos que a questão da legitimidade autoral relaciona-se ao pacto de leitura empreendido pelo leitor. Percebemos que esse pacto não ocorre de forma abrangente, pois muitos repugnam as escritas do além; outros, espíritas ou não, somente dão credibilidade às narrativas se o nome que assina a autoria da psicografia for legitimado pelo cânone espírita. Por isso, verificamos que entre os próprios espíritas há uma precaução com a publicação de certas poesias e romances, cuja autoria é atribuída a um literato canônico qualquer já falecido. Muitos psicógrafos são aconselhados a não divulgar a identidade completa do espírito comunicante ou ainda experimentam questionamentos quanto à veracidade de seu trabalho, em virtude dos textos serem assinados por nomes de escritores consagrados.

Porém, as discussões não arrefecem o crescimento da literatura mediúnica. A busca dos leitores espíritas por obras mediúnicas vai-se ampliando, cada vez mais, no Brasil. Como vimos, esse interesse se acentuou em 1932, a partir da circulação da primeira obra psicografada pelo médium Chico Xavier *Parnaso de Além-Túmulo* e ganhou fôlego com a publicação de *Nosso Lar*. Os livros espíritas, no momento da eclosão da mediunidade de Chico, não ficaram circunscritos ao público espírita, mas canalizaram o interesse de leitores de crenças diversas. Daí por diante, a leitura das obras do médium constituiu-se como elemento fundador da identidade espírita brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada instituição, cada sociedade relega para a posteridade os vestígios que lhe interessam que sejam conservados e, portanto, que sobrevivam para que sejam registrados na memória. Num mesmo sentido de preservação, outros vestígios são apagados, destruídos, calados, extraviados, falsificados. Chega-nos, pois, a marca intencional de quem faz o seu tempo: o fragmento que sobrevive ou aquilo que nos deixaram saber do passado.

Jhon Harley

Ao longo deste trabalho, houve a intenção de contar de forma singular a história da literatura mediúnica, realçando dois gêneros importantes: as poesias e os romances. Buscamos, para esse intento, estudar sobretudo as primeiras produções mediúnicas, desde a época da codificação do Espiritismo por Allan Kardec até a consolidação da Doutrina Espírita no Brasil, a qual contou com a contribuição fundamental do médium Chico Xavier para o seu efetivo desenvolvimento.

Evidentemente que, ao eleger esses dois gêneros literários a fim de resgatar a história da formação e consolidação da literatura mediúnica, tivemos a intenção de proporcionar ao trabalho um formato dinâmico. O que pretendemos foi dar um novo tom a esta história, mas temos consciência de que a “verdade”, na perspectiva aqui assumida, é dinâmica, fluida e inacabada. Acreditamos também que o conhecimento é algo em eterna construção e as “verdades” depositadas em documentos ou mesmo na memória poderão ser sempre revisitadas, pois, às vezes, apresentam-se imperfeitas e incompletas; por esta razão poderão ser revistas e reescritas.

Na perspectiva da análise que aqui fizemos – as origens da literatura mediúnica, por meio das poesias e romances –, tivemos a oportunidade de lembrar a história das primeiras manifestações de mediunidade com as irmãs Fox, que, com suas exposições, propiciaram a expansão de diversos centros espíritas pelo mundo e possibilitaram a formação singular do Espiritismo em terras americanas.

Posteriormente, a codificação do Espiritismo veio por meio de investigações e estudos sistemáticos de Allan Kardec. O mestre de Lion dispendeu esforços para que os princípios da nova doutrina fossem assimilados com mais fluidez pelos adeptos do Espiritismo e por todos aqueles que se interessassem pelo tema. Para a consecução deste objetivo, analisou várias

produções a ele enviadas, entre as quais se encontravam as poesias e os romances para apreciação e posterior divulgação dos princípios da Doutrina Espírita.

Não há dúvida de que toda essa preparação e empenho de Kardec, para ver a expansão dos ideais espíritas, repercutiram em várias partes do mundo. O Brasil também não ficou alheio a essa nova vertente religiosa. Observamos que vários grupos foram sendo formados e as tendências literárias foram aflorando. Com a fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB), em 1895, pudemos constatar que muitos escritores levaram a cabo seus projetos de divulgação da Doutrina Espírita em solo nacional e produziram romances e poemas com temáticas espíritas, outros foram psicografados e ainda muitos foram traduzidos. Tivemos a oportunidade de constatar que alguns literatos adotaram a temática espírita em suas crônicas, contos e romances, conforme fez o escritor Machado de Assis, no intuito de mostrar seu ceticismo pelo Espiritismo. Outros tantos inseriram a temática espírita em suas obras e até mesmo em suas vidas como uma maneira de aplicar e de defender os preceitos kardecistas, segundo observamos nos registros de Augusto dos Anjos e de Monteiro Lobato. No entanto, o surgimento no cenário brasileiro da mediunidade psicográfica de Chico Xavier foi o que fez a literatura espírita alçar grandes voos com poesias e romances de qualidade literária. No bojo desse processo mediúnico, Chico psicografou duas obras que se destacam por terem provocado muitas polêmicas: a antologia poética *Parnaso de Além-Túmulo* e o romance *Nosso Lar*.

Conforme sabemos, *Parnaso de Além-Túmulo* (1932) foi o primeiro livro mediúnico materializado pelas mãos de Chico Xavier. Esta obra inaugurou debates e polêmicas até então inéditos na história da literatura espírita e divulgou a autoria espiritual de cinquenta e cinco poetas canônicos da literatura brasileira e portuguesa, fazendo surgir, no cenário da crítica literária acadêmica, controvérsias quanto à legitimidade autoral dos poemas. Em relação ao romance *Nosso Lar*, publicado em 1944, vimos que a descrição da vida no além-túmulo feita pelo espírito André Luiz também levantou muitas polêmicas e acendeu inúmeros debates em torno do destino e das condições do homem após a morte. No próprio movimento espírita, houve certa desestabilização da convicção doutrinária com a narrativa de André Luiz, pois alguns segmentos do Espiritismo brasileiro, pautados nos preceitos de Kardec, discordavam da descrição feita por André Luiz da vida no mundo espiritual e outros grupos concordavam com a narrativa de *Nosso Lar* amparados nas percepções do mundo transcendental defendidas pelo Espiritismo anglo-saxão. Os desdobramentos da publicação do romance não pararam por aí. Após sessenta e seis anos de estreia, depois de várias edições, vimos que, em 2010, a obra de André Luiz conquistou mais um meio de divulgação, agora, por parte da indústria

cinematográfica. O filme *Nosso Lar*, inspirado na obra psicográfica de Chico, atingiu um público de três milhões e quatrocentas mil pessoas, espíritas e não espíritas.

O trabalho psicográfico de Chico Xavier, sem dúvida, impulsionou o aquecimento do mercado editorial espírita. Desde a publicação de *Parnaso de Além-Túmulo* a indústria de livros espíritas não parou de crescer. O romance *Nosso Lar* que já atingiu dois milhões, cento e trinta e cinco mil exemplares vendidos é um bom exemplo desse crescimento. A literatura mediúnica romanesca recebeu, de fato, uma atenção especial do mercado livreiro. Contudo, a consequente ascensão nas vendas trouxe preocupações em relação à qualidade doutrinária dos enredos. Um dos maiores receios de muitos espíritas, atualmente, é que o interesse comercial pela divulgação de romances faça com que essas obras deixem de ser produtoras de conhecimento espírita para se reduzirem à divulgação rápida de ideias superficiais.

Em nosso trabalho, observamos também que no meio acadêmico a poesia e o romance mediúnicos encontram respaldo para a realização de pesquisa. Porém, ainda não foram sistematicamente estudados.

Assim, esta tese procurou fazer um recorte dessas relevantes questões, das muitas que ainda precisam ser abordadas acerca da configuração da história da literatura mediúnica materializada em poesias e romances. Todas as etapas da pesquisa foram articuladas no intuito de oferecer um panorama do florescimento e consolidação dessa literatura.

Reconhecemos que este é um trabalho embrionário que pretendemos aprimorar e atualizar à medida que formos aprofundando o estudo e recebendo contribuições e críticas. Se nossa pesquisa servir como objeto de reflexão e estímulo à leitura e ao estudo das poesias e dos romances mediúnicos já nos daremos por satisfeitos e realizados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Silvino Canuto. **Bezerra de Menezes** (subsídios para História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895). 6. ed. São Paulo: Edições FEESP, 2001.

AGARILDO, Cristiano. O quinto volume de André Luiz. Reformador, Rio de Janeiro: p. 8, maio 1947.

ALENCAR, José. **Guerra dos Mascates**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

ALVES NETTO, Aureliano. Lira de além-túmulo. **Anuário Allan Kardec**-78, pp. 23-24, s.d.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e Outras Poesias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ARANTES, Hércio Marcos Cintra (Org.). **Notáveis reportagens com Chico Xavier**. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2002.

ARAÚJO, Inácio. O filme mais caro do Brasil. Disponível em: <http://inacio-a.blog.uol.com.br/arch2010-09-05_2010-09-11.html>. Acesso em: 06 abr. 2016.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** – A Doutrina Espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ASSIS, José Maria Machado de. Uma visita de Alcebiades. In: MAGALHÃES JÚNIOR, R. (Org.). **Contos Esparsos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, [s.d.].

_____. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, v. II, 1959.

_____. **Esaú e Jacó**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976.

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1997.

_____. **Histórias Sem Data**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Papéis Avulsos**. São Paulo: Martin Claret LTDA, 2006.

ASSIS, Wagner de. Filme Nosso Lar destaca a renovação espiritual. Reformador, Rio de Janeiro, p. 12, set. 2010.

_____. Nosso Lar é um filme para todas as pessoas. Reformador, Rio de Janeiro, p. 13, set. 2010.

_____. Se seus olhos forem bons... Correio Fraternal. Disponível em: <<http://seseusolhosforembons.blogspot.com.br/2010/09/entrevista-com-wagner-de-assis-diretor.html>>. Acesso em: 06 maio 2016.

ASSIS, Wagner de; BRITZ, Iafa; QUEIROZ, Luiz Augusto de. NOSSO LAR é um filme para todas as pessoas (Entrevista). Reformador, Rio de Janeiro, pp. 12-14, ago. 2010.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

AUDI, Edson. **Vida e Obra de Allan Kardec**. São Paulo: Lachâtre, 2013.

AUTORES Espíritas Clássicos. Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Mediuns/Timoleon%20Jaubert/Timol%C3%A9on%20Jaubert%20.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

AUTORES Espíritas Clássicos. Disponível em: <<http://www.autoresespiritasclassicos.com/.../Vavasseur/L.%20Vavasseur%20-%20Ecos%20P>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

BACELLI, Carlos. Folha Espírita, São Paulo, p. 12, jan. 1988.

BARBOSA, Pedro Barbosa. 40 anos de “Nosso Lar” e suas grandes lições. Reformador. Rio de Janeiro, p. 71, mar. 1984.

BARRETO, Lima. **Vida urbana**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

BARROS, Luiz Monteiro de. Com relação à Nosso Lar. O Semeador. São Paulo, p. 3, dez. 1944.

BEI de Tunes. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bei_de_Tunes>. Acesso em: 05 fev. 2015.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. Material sobre Literatura mediúnica. [mensagem eletrônica pessoal]. Mensagem recebida por denise.vieira@ifsudestemg.edu.br em 6 jan. 2016.

BIASETTO, José. Novas evidências sobre as correlações entre *A Vida Além do Véu e Nosso Lar* de Chico Xavier. Disponível em: <<http://obraspsicografadas.org/2011/a-verdadeira-identidade-de-andr-luiz-finalmente-revelada/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BIBLIOGRAPHIA. Reformador, Rio de Janeiro, p. 123, abr. 1902.

BIBLIOGRAPHIA. Reformador, Rio de Janeiro, pp. 392-393, jul. 1932.

BIBLIOGRAPHIA. Reformador, Rio de Janeiro, pp. 544-545, nov. 1932.

BORG, Érico. Crítica *Nosso Lar* – Empenho técnico, retrocesso narrativo. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/criticas/nosso-lar/?key=50190>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

BOZZANO, Ernesto. **Literatura de Além-Túmulo**. São Paulo: Lachâtre, 2013.

CARDOSO, Glaucio. O Espiritismo como recurso narrativo na obra de Machado de Assis. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/O%20Espiritismo%20como%20recurso%20narrativo%20na%20obra%20de%20Machado%20de%20Assis.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

CARVALHO, Antônio César Perri de. Se seus olhos forem bons... Correio Fraternal. Disponível em: <<http://seseusolhosforembons.blogspot.com.br/2010/09/entrevista-com-wagner-de-assis-diretor.html>>. Acesso em: 06 maio 2016.

CEIA, Carlos. O Pastiche. E-Dicionário de termos literários. Disponível em: <http://edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link...2>. Acesso em: 10 mar. 2014.

CHINELLATTO, Thais Montenegro. **O espírito da paraliteratura**: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester. São Paulo: Rhadu, 1989.

CÓDIGO Penal de 1890. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

CORDEIRO, Tiago. Allan Kardec e o Espiritismo, uma religião bem brasileira. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/allan-kardec-espiritismo-religiao-bem-brasileira-806044.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. **A Vida dos Grandes Brasileiros**. São Paulo: Três, 2003.

CRUZ, João Everton da. **Frei Damião**: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. **A invenção da imagem autoral de Chico Xavier**: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no médium espírita mais famoso do Brasil (1931-1938). 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, 2015.

CURRY, Aziz. **Bezerra de Menezes** - Pesquisa Inédita sobre o Médico, Político, Religioso, Pedagogo e Abolicionista que viveu no século XIX. São Paulo: Elevação, 2007.

DIAS, José Roberto Lima de. **A Evolução (1892-1893)**: uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita. 2006. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) - Universidade Federal do Rio Grande, 2006.

DIONISI, Fábio Alessio Romano. **A História do Espiritismo** – Da França de Kardec ao Brasil de Chico. Ribeirão Pires: Dionisi, 2013.

DO CALVÁRIO ao Apocalipse. Reformador, Rio de Janeiro, p. 347, nov. 1907.

DO CALVÁRIO ao infinito. Reformador, Rio de Janeiro, pp. 460-461, nov. 1922.

DONATO, Mário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 ago. 1944.

DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritualismo** – De Swedenborg ao início do século XX. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2013.

ECHOS e factos. Reformador, Rio de Janeiro, p. 220, jul. 1918.

ECHOS e factos. Reformador, Rio de Janeiro, pp. 381-382, dez. 1918.

EDICEI - Editora do Conselho Espírita Internacional. Disponível em: <<http://www.ediceiofamerica.com>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

FEDERAÇÃO Espírita do Paraná. Jornal Mundo Espírita. Disponível em: <<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=zilda-gama>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

FERNANDES, Edu. Crítica Nosso Lar – Vida Além da Vida. Disponível em: <http://ocapacitor.uol.com.br/cinema/nota-crica_-_nosso_lar-3124.html>. Acesso em: 06 abr. 2016.

FERNANDES, Magali Oliveira. **Chico Xavier**: um herói brasileiro no universo da edição popular. São Paulo: Annablume, 2008.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do espiritismo no Brasil**: razão, cultura e resistência no Brasil de uma experiência (1850-1914). 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FERRARO, Nicolau Gilberto. Os Fundamentos da Física. Disponível em: <http://osfundamentosdafisica.blogspot.com/2012/02/especial-de-sabado_11.html>. Acesso em: 23 maio 2014.

FERREIRA, Carlos; ROSA, Rodrigo. **Kardec**. São Paulo: LeYa, 2011.

FREITAS, Josué de. Jean Baptiste Roustaing, o inimigo de Allan Kardec. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/gebm/roustaing-inimigo.html>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

FREITAS, Wandick. André Luiz e Suas Histórias ‘Muito Terrenas’. Reformador, Rio de Janeiro, p. 17, jul. 1955.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

____. O "baixo Espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832003000100011>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

GOMES, Goulart. Sobre Nosso Lar, de André Luiz e Chico Xavier: o livro e o filme. Disponível em: <<http://www.bahiaespirita.com.br/noticias/298-destaques-principal/557-examina-o-tamanho-datua-fe.html>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

GOMES, Saulo (Org.). **Pinga-fogo com Chico Xavier**. São Paulo: InterVidas, 2010.

GONÇALVES, Iracilda Cavalcanti de Freitas. **Na discursivização de Nosso Lar**: As verdades do Espiritismo. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

HARLEY, Jhon. **O Voo da Garça**. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013.

HESSEN, Jorge. Ismael – Um espírito, Bezerra de Menezes – Um Cristão e a seiva do evangelho na pátria “CORACÃO DO MUNDO”. Disponível em: <<http://aluznamente.com.br/ismael-um-espirito-bezerra-de-menezes-um-cristao-e-a-seiva-do-evangelho-na-patria-coracao-do-mundo/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

HISTÓRIA de alguns médiuns e suas notáveis faculdades. Jornal Ciência Espírita. Disponível em: <<http://jornalcienciaespirita.org/historia-de-alguns-mediuns-e-suas-notaveis-faculdades/>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

HUMBERTO. Símbolos que aparecem no filme Nosso Lar. Disponível em: <http://www.forumespirita.net/fe/outros-temas/simbolos-que-aparecem-no-filme-nosso-lar/#.V7RXs_krLIU>. Acesso em: 06 abr. 2016.

JACINTHO, Roque. ‘Nosso Lar’: Trinta Anos. Reformador, Rio de Janeiro, p. 12, out. 1973.

KARDEC, Alan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. **O Livro dos Médiuns**. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. **O evangelho segundo o espiritismo**. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. **O céu e o inferno**. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. **A gênese**. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. **Obras Póstumas**. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Brasília: FEB, 2009.

_____. **O que é o espiritismo**. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____. **O Principiante Espírita**. São Paulo: Pensamento - Cultrix Ltda, 1955.

_____. **O Espiritismo na sua Expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1858. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1859. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1861. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1862. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1864. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1865. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1866. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1867. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, 1868. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro, 2004.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Espiritismo no Brasil**: orientação para católicos. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

KRIJANOWSKY, Wera. **A vingança do judeu**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1938.

LACERDA, Fernando de. **Eça de Queirós, póstumo**: crônicas mediúnicas do espírito Eça de Queirós. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

_____. **Do país da luz**: v. 3. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

_____. **Mistérios do Além-Túmulo**. Lisboa: Federação Espírita Portuguesa, 2014.

LAÉRCIO, Marietta. Reformador, Rio de Janeiro, p. 4, jan. 1902.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo Kardecista. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872008000100005>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

LEYMARIE, Madame P.-G. **Processo dos Espíritas (Procès des Spirites)**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999.

LIGNANI, Ângela Maria de Oliveira. **Psicografia e Inscrições Discursivas**. A Escrita de Chico Xavier. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

LIMA, Sandra Mara Moraes. "**Conforme compadre meu Quelemém é quem diz**": uma voz espírita em "grande sertão: veredas". 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

LOBATO, Monteiro. **Na Antevéspera**. São Paulo: Brasiliense, 1951.

_____. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1934.

LUZ, Heitor. Doutrinas. Reformador, Rio de Janeiro, p. 63, mar. 1942.

MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Lachâtre, 1997.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. A Noite. Rio de Janeiro, 4 ago. 1944.

MAIOR, Marcel Souto. **As vidas de Chico Xavier**. São Paulo: LeYa, 2010.

_____. **Kardec**: a biografia. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MALDONADO, Elaine Cristina. **Machado de Assis e o Espiritismo**: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896). 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

MARTHE, Marcelo. A Nação dos Espíritos. Veja, São Paulo, Abril, pp. 177-180, set. 2010.

MASSA, Jean-Michel. **A Juventude de Machado de Assis (1839-1870)**: ensaio de biografia intelectual. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MEMÓRIAS do Padre Germano. Reformador, Rio de Janeiro, pp. 268-269, ago. 1918.

MENDONÇA, Melchior Carneiro de. O 'Nosso Lar' e a lei da Evolução. Reformador, Rio de Janeiro, p. 19, fev. 1945.

MENEZES, Adolfo Bezerra de. **A casa assombrada**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

____. **Lázaro, o leproso**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

____. **Casamento e mortalha**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

____. **História de um sonho**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

____. **A pérola negra**. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

____. **Os carneiros de Panúrgio**. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

____. **Evangelho do futuro**. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

____. **Libânio, o louco**. Rio de Janeiro: FEB, 2014.

____. **O banido**. Rio de Janeiro: FEB, 2014.

____. **Os mortos que vivem**. Rio de Janeiro: FEB, 2014.

____. **Segredos da natura**. Rio de Janeiro: FEB, 2014.

MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1996.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

MIRANDA, Hermínio Côrrea de. Fernando de Lacerda, o médium no país de Camões. Reformador, Rio de Janeiro, p. 10, jan. 1977.

MIRÊTTA. Reformador, Rio de Janeiro, p. 3, mar. 1898.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Caminhos das Civilizações**. São Paulo: Atual Editora, 1998.

MOURA, Marta Antunes. **Chico Xavier**, o Obreiro do Senhor. E Castro Alves, o Apóstolo da Liberdade. Brasília: FEB, 2010.

NA SOMBRA e na luz. Reformador, Rio de Janeiro, p. 65, fev. 1919.

NOSSO Lar. Reformador, Rio de Janeiro, p. 27, fev. 1944.

NOSSO Lar. Reformador, Rio de Janeiro, p. 19, abr. 1944.

NOSSO Lar. Reformador, Rio de Janeiro, p. 9, set. 1957.

NOSSO Lar – o filme. Reformador, Rio de Janeiro, p. 4, ago. 2010.

NOTA do Jornal do Commercio, p. 54, 1875.

OBRAS de Chico Xavier publicadas em outro idioma. Reformador, Rio de Janeiro, p. 32, abr. 2010.

O EVANGELHO segundo o Espiritismo. Anuário Espírita. Edição Comemorativa 150 anos. Araras, p. 23, 2006.

O EVANGELHO segundo o Espiritismo. Anuário Espírita. Edição Comemorativa 150 anos. Araras, p. 112, 2014.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. O catolicismo popular no Brasil. Disponível em: <<http://www.universocatolico.com.br/index.php/?o-catolicismo-popular-no-brasil.html>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

OS LIVROS de André Luiz. Reformador, Rio de Janeiro, pp. 21-22, jul. 1947.

OWEN, George Vale. **A vida além do véu**. Tradução de Carlos Imbassahy. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

PARANÁ, Denise. Os avanços da ciência da alma. *Época*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/11/os-avancos-da-ciencia-da-alma.html>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

PEREIRA, Benedito Fernando. **Psicografia e Autoria**: Um estudo estilístico-discursivo em Parnaso de Além-Túmulo. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras) - Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2008.

PEREIRA, Cilene Margarete. Das páginas do jornal ao livro: as versões do conto “Uma visita de Alcibíades” de Machado de Assis. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/reel/article/viewFile/4046/3222>>. Acesso em: out. 2014.

PERES, Júlio Fernando; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; CAIXETA, Leonardo; LEÃO, Frederico; NEWBER, Andrew. Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation. Disponível em: <<http://eletronico:dx.plos.org/10.1371/journal.pone.0049360>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

PÓLVORA, Hélio. Navio Negreiro – Jornal de Poesia. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.com.br/calves30.html#helio>>. Acesso em: 14 maio 2016.

PONTES, Eloy. *Chronicas de além tumulo*. O Globo, Rio de Janeiro, p. 2, 12 abr. 1935.

PONTES, Demóstenes Jesus de L. **Allan Kardec – A Epopeia de uma Vida**. Bauru, CEAC Editora, 2004.

PRANDI, Reginaldo. A ciência e os espíritos. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515243-a-ciencia-e-os-espirtos-entrevista-com-reginaldo-prandi>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

PUGLIESE, Adilton. Luís Olímpio Teles de Menezes. *Reformador*, Rio de Janeiro, pp. 32-34, set. 2010.

QUEIROZ, Luiz Augusto de. Nosso Lar terá continuação. Disponível em: <http://correiofraterno.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=410:nosso-lar-tera-continuacao&catid=60:acontece&Itemid=9>. Acesso em: 16 maio 2016.

QUINTÃO, Manoel. Do Calvário ao Infinito. *Reformador*, Rio de Janeiro, pp. 319-320, ago. 1922.

_____. Casos e Coisas. Reformador, Rio de Janeiro, p. 579, nov. 1931.

_____. Casos e Coisas. Reformador, Rio de Janeiro, p. 236, abr. 1932.

RECORDAÇÕES. Reformador, Rio de Janeiro, p. 89, fev. 1932.

RIBAS, Maria José Sette. **Monteiro Lobato e o Espiritismo**. São Paulo: Lachâtre, 2004.

RIBEIRO, Hamilton. Chico Xavier. Revista Realidade, São Paulo, p. 9, abr. 1971.

RIVAS, Luis Hu. **Allan Kardec para todos**. Brasília: FEB, 2014.

RIZZINI, Jorge. **Escritores e Fantasmas**. São Bernardo do Campo: Edições Correio Fraternal, 1992.

_____. Jorge. **Kardec, Irmãs Fox e outros**. São Paulo: EME Editora, 1995.

ROCHA, Alexandre Caroli. **A poesia transcendente de Parnaso de Além-túmulo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis – Estudo Comparativo de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Laemmbrt & C-Editores, 1897.

ROXO, Elisângela. “Nosso Lar” supera “Chico Xavier” em público e arrecadação de bilheteria. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/809641-nosso-lar-supera-chico-xavier-em-publico-e-arrecadacao-de-bilheteria-shtml>>. Acesso em: 06 abr. 2013.

SALES, Germana Maria Araújo. **Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)**. 2003. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SANTOS, Dalmo Duque dos. **Nova História do Espiritismo – Dos Precusores de Kardec a Chico Xavier**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010.

SCHUBERT, Suely Caldas. **Testemunhos de Chico Xavier**. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

SILVA, Evaneide Araújo da. As faces do realismo: Gil Blas e a tradição realista do século XVIII. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/view/2041/1669>>. Acesso em: 28 maio 2014.

SILVA, José Antônio Ferreira da. **Ethos, Estilo e Autoria nos sonetos mediúnicos de Florbela Espanca**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras) - Instituto Superior de Educação de Pesqueira, Pesqueira, 2011.

SIMONETTI, Richard. Há Cinquenta Anos. Reformador, Rio de Janeiro, p. 14, abr. 1994.

____. Carta à revista VEJA. Disponível em: <<http://www.richardsimonetti.com.br/artigos/exibir/136>>. Acesso em: 25 maio 2016.

SOLER, Amália Domingues. **Memórias do Padre Germano**. Tradução de Manuel J. Quintão. Rio de Janeiro: FEB, 1923.

SOUSA, Francisco Alves de. **A Study of Reincarnation of Poe's "Ligeia" and "Morella"**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

SOUZA, Clara Betânia de. Documentos. [mensagem eletrônica pessoal]. Mensagem recebida por denise.vieira@ifsudestemg.edu.br em 7 abr. 2016.

SPIRITAS. A Gazetinha. Rio de Janeiro, p. 1, fev. 1896.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: EDUSP. 2003.

THIESEN, Francisco. Nos bastidores do Parnaso de Além-Túmulo. Reformador, Rio de Janeiro, pp. 263-264, set. 1973.

TIMPONI, Miguel. **A Psicografia Ante os Tribunais**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

VASCONCELOS, Manuela de. **Fernando de Lacerda, o médium português**. Lisboa: Comunhão Espírita Cristã de Lisboa, 2009.

VAVASSEUR, Louis. **Échos Poétiques D'Outre-Tombe** – Poésis Médiánimiques. Paris: 1867.

VIDAL, Ademar. **O Outro Eu de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

VIDAL, Fabiano César de Mendonça. **Em torno do Nosso Lar: uma Análise das Controvérsias produzidas no Movimento Espírita**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

XAVIER, Francisco Cândido. **Missionários da luz**. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

____. **Evolução em Dois Mundos**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

____. **Nosso Lar**. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

____. **Ação e Reação**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

____. **Mecanismos da mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

____. **Nos domínios da mediunidade**. Rio de Janeiro, FEB, 2002.

____. **No Mundo Maior**. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

____. **Libertação**. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

____. **Obreiros da Vida Eterna**. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

____. **Os Mensageiros**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

____. **Entre a Terra e o Céu**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

____. **Sexo e Destino**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

____. **E a Vida Continua**. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

____. **Parnaso de Além-Túmulo** (poesias mediúnicas). 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

____. **Crônicas de Além-Túmulo**. Pelo Espírito Humberto de Campos. 17. ed. Brasília: FEB, 2013.

____. **Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho**. Pelo Espírito Humberto de Campos. 34. ed. Brasília, 2014.

ZAMITH, Henrique. Na Sombra e na Luz. Reformador, Rio de Janeiro, pp. 28-29, jan. 1919.

ZILDA, Gama. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/zilda_gama>. Acesso em: 25 jun. 2016.